



*“Sempre me limitei a obedecer à minha
natureza e não mereço elogios.
Servi à revolução porque uma necessidade
interna me obrigava a servir à causa da revolução”.*

CLARA ZETKIN

Vida e obra

GILBERT BADIA

CLARA ZETKIN

Vida e obra

EXPRESSÃO
POPULAR

Copyright © 2003, by Expressão Popular

Revisão:

Geraldo Martins de Azevedo Filho

Tradução:

Ana Corbisier e Mário Corbisier

Projeto gráfico, diagramação e capa

ZAP Design

Impressão

Cromosete

Apoio:

Rosa Mirian Ribeiro e Isabele dos Reis (FdH) e Fundação Rosa Luxemburgo

ISBN 85-87394-45-2

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada
ou reproduzida sem a autorização da editora.

1ª edição: novembro de 2003

EDITORA EXPRESSÃO POPULAR LTDA

Rua Bernardo da Veiga, 14

CEP 01252-020 - São Paulo-SP

Fone/Fax: (11) 3105-9500

Correio eletrônico: vendas@expressaopopular.com.br

www.expressaopopular.com.br

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	9
I – INFÂNCIA E ADOLESCÊNCIA	15
II – ANOS DECISIVOS EM PARIS	25
III – ALEMANHA 1890: A QUESTÃO FEMININA E A SOCIALDEMOCRACIA	41
IV – REDATORA-CHEFE DO A IGUALDADE	59
V – FEMINISTA	69
VI – CLARA E LILI	87
VII – A LUTA PELO DIREITO DE VOTO	99
VIII – CLARA ZETKIN E O SPD	107
IX – VIDA PRIVADA (1890-1914)	115
X – CONCEPÇÕES ARTÍSTICAS DE UMA MILITANTE SOCIALISTA	127
XI – EDUCAÇÃO E ENSINO	135
XII – A GUERRA	145
XIII – EXPULSA DO SPD	167
XV – A REVOLUÇÃO DE NOVEMBRO DE 1918	181
XVI – A GRANDE ESCOLHA	195
XVII – PRIMEIRA VIAGEM À RÚSSIA SOVIÉTICA	209
XVIII – ENCARREGADA DE UMA MISSÃO PELA INTERNACIONAL	217
XIX – ENFRENTAMENTOS COM A DIREÇÃO DO KPD E COM A INTERNACIONAL	229
XX – ELOGIADA EM MOSCOU, DESPREZADA EM BERLIM	243
XXI – FEMINISMO E SOLIDARIEDADE REVOLUCIONÁRIA	255
XXII – OPOSITORA DE STALIN, DA INTERNACIONAL, DO KPD	273
XXIII – SOBRE O FASCISMO	295
XXIV – CREPÚSCULO DE UMA VIDA	307
XXV – ELEMENTOS PARA UM RETRATO	319

APRESENTAÇÃO

Clara Zetkin foi, sem dúvida, uma precursora. Quem diria que, ainda no século 19, com vestidos longos e chapéus enormes, uma mulher faria discursos em comícios, enfrentaria o nazismo, a polícia de vários países e os costumes da época?

Chama a atenção, neste livro, o comportamento do autor que, como bom francês, mantém distanciamento do personagem que elegeu como objeto de suas pesquisas. Aponta suas “contradições” políticas – sem, aliás, levar muito em conta o contexto em que Clara Zetkin toma suas posições – seu temperamento apaixonado – que parece incomodar o tradicional racionalismo francês – sua total fidelidade à Revolução Russa. De fato, hoje, ser marxista “ortodoxo”, como dizem eles, ou defender a revolução socialista, está fora de moda entre os intelectuais franceses...

Nós, brasileiros, para quem a paixão não é um escândalo e, sim, condição de vida, e para aqueles dentre nós para quem a primeira revolução socialista conserva ainda toda a força da pri-

meira vitória das majorias sobre as minorias no poder e cujo principal ideólogo, Lenin, é ainda uma referência e um norte, não é difícil compreender o beijo de Clara Zetkin na terra russa, em sua primeira viagem àquele país.

Criticar, observar com distanciamento é tão mais fácil do que fazer acontecer! Clara Zetkin jamais seria, como não foi, uma analista política, ou uma crítica literária. Foi uma mulher de ação, de intervenção, tanto enquanto feminista quanto como revolucionária, ativista política. E, como tal, parece, ao mesmo tempo, atrair e incomodar o seu biógrafo: expõe-se demais, é espontânea, não respeita os usos e costumes de sua época.

No entanto, apesar dessas observações, o livro é fruto de uma pesquisa cuidadosa e vale a pena ler. Remete-nos a uma época de grandes lutas, em que o “assalto aos céus” parecia próximo, na Alemanha, na França, até porque fora possível na Rússia. Época em que o épico fazia parte do cotidiano, dando sentido e direção à vida da esquerda européia.

Clara Zetkin viveu no fim do século 19 e nas primeiras décadas do século 20. Foi, portanto, contemporânea da primeira guerra mundial, do período de unificação do Estado alemão, chamado República de Weimar, entre elas e, principalmente, da vitória da Revolução Russa, em 1917. Pode-se dizer que aproveitou o momento histórico em que nasceu para aderir, da maneira mais total e apaixonada, aos movimentos sociais e políticos de sua época, que, em algumas vezes, conseguiu fazer avançar significativamente. Algumas das teses feministas que defendia são válidas até hoje, mesmo quando muitas das causas pelas quais lutou já sejam vitoriosas.

Quanto a suas análises políticas: amiga muito próxima de Rosa Luxemburgo, Clara Zetkin situou-se sempre, como Rosa, nas posições mais à esquerda do socialismo alemão, tendo, final-

mente, cerrado fileiras junto aos chamados “espartaquistas”, que romperam com os socialdemocratas depois da aliança destes com a direita, para permanecer no poder. Para esta esquerda, e não apenas para Clara Zetkin, a revolução socialista, a exemplo do que ocorrera na Rússia, era possível e estava próxima.

Vale lembrar que, do ponto de vista marxista, a Revolução Russa não foi totalmente “ortodoxa”, visto que ali não estavam dadas as condições objetivas consideradas necessárias por Marx. Então, por que na Alemanha, em que essas condições existiam, visto que já existia naquele país um proletariado industrial etc. etc., a revolução não seria possível? Segundo o autor deste livro, ao considerar que esta vitória dependia das condições subjetivas, ainda não totalmente obtidas, Clara e, como ela, a esquerda alemã avaliaram erroneamente o inimigo.

No entanto, parece, a partir da leitura do livro, que, mais do que um erro de análise, o que houve foi uma derrota dos revolucionários alemães: não lograram vencer a guerra ideológica, desempenhar com êxito a dura tarefa de ganhar para o socialismo as grandes massas, descontentes com a derrota na guerra e com a crise econômica. E, certamente, neste malogro, pesou fundamentalmente a traição da socialdemocracia, que fora, até pouco tempo, o partido marxista alemão, sendo vista como vanguarda pelo povo que nela depositara suas esperanças de uma sociedade mais justa..

“Foi o fracionamento das forças sociais de esquerda, essa fragmentação induzida dos trabalhadores alemães durante a República de Weimar, que permitiu a descrença e o derrotismo que facilitaram a implantação das mentiras de massa do nazismo”.¹

¹ Esta frase, assim como as observações sobre o contexto histórico em que viveu Clara Zetkin, provém da apresentação de Sérgio Carvalho para o romance de Anna Seghers, *Os mortos permanecem jovens*, também publicado pela Editora Expressão Popular, em 2003.

Esclarecendo: a República de Weimar, que marcou a unificação do Estado alemão, foi proclamada por políticos da socialdemocracia após o fim da primeira guerra, quando o imperador Guilherme II fugiu do país. Em janeiro de 1919, os golpistas, que estavam no poder desde novembro de 1918, fizeram um acordo com os militares. Foi um ex-socialista, Friedrich Ebert quem convocou o exército para a manutenção da ordem e quem permitiu o assassinato planejado das duas lideranças de esquerda mais importantes da época, Rosa Luxemburgo e Karl Liebknecht, que, com Clara Zetkin, faziam parte de um movimento que rompera com a socialdemocracia alemã, os espartaquistas.

Os militares, cuja ideologia provinha do império e que tinham terror da possibilidade de uma revolução socialista na Alemanha, como acabara de ocorrer na Rússia, aliaram-se aos socialistas, que preferiram uma república burguesa à república dos soviets. A aliança da socialdemocracia com os militares neutralizou a revolta camponesa e operária, que crescia, sem mudar a velha estrutura burocrática, nem as relações feudais de produção e, portanto, tampouco os valores militaristas do império alemão.

O Tratado de Versalhes, assinado em novembro de 1919, estabelecia, como condição de paz, uma grande perda de recursos econômicos. Assim, contribuiu para aumentar a revolta dos militares com a derrota da Alemanha na primeira guerra mundial.

O terror nazista tem muito a ver com esses militares monarquistas, mantidos armados pelos socialdemocratas durante a República de Weimar, para interromper o ascenso do movimento social e político na Alemanha. Mas tem a ver também com a crise econômica de uma sociedade pressionada pela burguesia internacional e cujas desigualdades haviam se aprofundado. A imen-

sa inflação de 1922 e 1923 – conta-se que os alemães carregavam seus marcos em carrinhos de mão... – contribuiu ainda mais para o enfraquecimento da luta revolucionária. Fortunas surgiram da noite para o dia, enquanto aumentava a miséria das classes populares. A falta de união da esquerda afastava-a dos movimentos sociais.

O Partido Nacional-Socialista, de Hitler, soube manipular as emoções da Alemanha em crise. Os nazistas souberam mobilizar sentimentos socialistas e nacionalistas sem questionar a transformação do capitalismo ou do imperialismo internacional. Os operários menos conscientes, que perderam as esperanças depositadas na socialdemocracia, foram as primeiras vítimas. Acreditaram que, quando, em 1933, Hitler derrubou a República de Weimar e tomou o poder, a igualdade entre as classes seria uma realidade em seu país.

Hoje, a distância, parece que, se o partido socialdemocrata tivesse continuado a defender posições revolucionárias, mantendo-se como vanguarda na luta pela transformação social, política e econômica na Alemanha, a Revolução Socialista poderia ter acontecido. Até porque o clima era propício, com a vitória na vizinha Rússia. No entanto, naquele país, também houve uma esquerda que mudou de lado – os mencheviques – e, mesmo assim, a luta foi vitoriosa. É verdade que, na Alemanha, não havia um Lênin...

Mas, por que Karl Liebknecht, Rosa Luxemburgo, ou mesmo Clara Zetkin não desempenharam esse papel? Esta é uma incógnita que a leitura deste livro não vai esclarecer. No caso de Clara Zetkin, nota-se, pelo menos a partir das informações fornecidas pelo livro, que, ao contrário de Lenin, ela não era uma estrategista.

Se compararmos a situação da Alemanha da época com a do

Brasil de hoje, veremos a dificuldade de uma análise correta e abrangente, que tenha como resultado a definição da estratégia e das táticas para fazer avançar a luta pelo socialismo. Alianças? Qual é o limite para elas? Lutas legais? Enfrentamento do ordenamento jurídico vigente? Luta em todas as frentes? Prioridade para algumas? Como enfrentar a propaganda do imperialismo e da direita? A leitura deste livro, certamente, vai ajudar a pensar sobre estas questões.

Ana Corbisier
23 de outubro de 2003.

I – INFÂNCIA E ADOLESCÊNCIA

CLARA NASCEU EM WIEDERAU, uma cidadezinha da Saxônia, entre Leipzig e Chemnitz, no sopé do monte Erzgebirge, habitada por tecelões cuja vida era quase tão difícil como a dos tecelões silesianos de que fala Henri Heine num poema célebre e Gerhart Hauptmann em sua peça *A tecelã*.

O pai de Clara, Gottfried Eisner, de origem muito modesta, era filho de um diarista. Com a ajuda de um pastor, fez alguns estudos, graças aos quais, com dezesseis anos, exerceu em Wiederau as funções de professor. Ensinava os princípios básicos da língua alemã e de cálculo a uma centena de alunos amontoados em uma pequena sala.

Gottfried casou-se, em segundas núpcias, com Joséphine Vitale, viúva de um médico de Leipzig e filha de um oficial de Napoleão, Jean Dominique Vitale, que se fixara em Leipzig, onde era professor de francês e italiano. A mãe de Clara era uma mulher culta, aberta aos ideais da Revolução Francesa transmitidos

por seu pai, e partilhava das esperanças que a revolução de 1848 suscitara em parte da população.

Leitora de George Sand, Joséphine Eisner fundou em Wiederau uma associação de ginástica feminina, entrando em contato com duas pioneiras do movimento feminista na Alemanha, Louise Otto-Peters, que Ernst Bloch chamou de “democrata vermelha”, e Auguste Schmidt.

Do segundo casamento de Gottfried Eisner nasceram três filhos: Clara, a mais velha, em 5 de julho de 1857; Arthur, que se tornaria professor, como seu pai, e Gertrud, que faria um “belo casamento”, com um pequeno industrial, um fabricante, como se dizia na época. Foi com Arthur que Clara conservou as relações mais próximas.

É sempre difícil determinar com exatidão que impressões e experiências, vividas durante a adolescência ou a infância, nos marcaram; que pessoas e leituras contribuíram para formar nossa personalidade.

Mais que o protestantismo intransigente de seu pai, foi sem dúvida a abertura de espírito, a atividade e a energia de sua mãe que serviram de exemplo a Clara, o qual foi reforçado pelas leituras que fazia: uma história de lutas dos suíços por suas liberdades, uma história da Revolução Francesa, uma crônica das rebeliões cristãs contra o poder do papado...

Durante os quinze anos que passou em Wiederau, Clara Eisner viu o espetáculo cotidiano da miséria: na escola, conviveu com os filhos e as filhas dos tecelões, que ganhavam apenas para alimentar suas famílias numerosas e que temiam perder o seu ganha-pão nas fábricas que se erguiam ao redor da cidadezinha.

Em 1872, para que seus filhos continuassem estudando, os Eisner deixaram Wiederau para se instalar em Leipzig. Não houve dificuldade na matrícula de Arthur na “Thomasschule”. Em

compensação, existiam poucos estabelecimentos que assegurassem a formação profissional de moças (mesmo na Saxônia, onde Ferdinand Lassalle fundou, em 1863, a Associação Geral dos Trabalhadores Alemães e onde foram eleitos os primeiros deputados socialistas do *Reichstag* [Parlamento], August Bebel e Wilhelm Liebknecht), pois a preocupação primeira das jovens burguesas era o casamento e não o aprendizado de uma profissão. Conseqüentemente, as filhas da classe operária não tinham acesso a cursos além do ensino fundamental.

Foi graças às suas relações com as lideranças da corrente feminista que Joséphine Eisner conseguiu matricular Clara na escola de professoras de Leipzig, dirigida por Auguste Schmidt que, em 1865, fundou, juntamente com Louise Otto-Peters, a Associação Geral das Mulheres Alemãs, que editava o boletim *Novos Caminhos*. Em matéria de ensino, a escola de professoras de Leipzig enfatizava a Literatura e a História, mas ensinava também línguas estrangeiras – inglês, francês e italiano.

Sob muitos aspectos, a educação dada às moças pela Instituição Schmidt corria na contra-mão do espírito que então soprava no Império alemão fundado em Versalhes: ali não havia exaltação ao chauvinismo; liam-se as obras clássicas alemãs, mas não se ignorava Shakespeare ou Balzac. Por outro lado, Auguste Schmidt reivindicava, para as professoras que se formavam em seu estabelecimento, igualdade de direitos com os professores.

Para Clara, os anos passados na instituição de Auguste Schmidt foram anos felizes: apreciada pelos professores pelo seu espírito vivo e pela sua sede de saber, os excelentes resultados que obtinha, sua vitalidade e sua petulância haviam-lhe granjeado também o coração das colegas, principalmente o de uma jovem russa, Varvara, filha de um negociante de São Petersburgo: as duas amigas eram inseparáveis.

Em casa, ao contrário, esses anos foram difíceis: a morte do pai, em 1875, reduziu os recursos da família, que passou a viver com dificuldades.

No fim desse primeiro decênio do Império, a Alemanha oferecia o espetáculo de um país em pleno progresso econômico. Graças principalmente ao tributo de cinco bilhões de francos imposto à França, o comércio e a indústria desenvolviam-se rapidamente – na Saxônia, em especial – enquanto se modificava o quadro industrial com a produção artesanal cedendo lugar às fábricas e às sociedades por ações, processo que foi acompanhado de uma especulação desenfreada. O craque de 1873, com a falência de muitas empresas recém-criadas, não interrompeu por muito tempo o desenvolvimento econômico do país.

Tal desenvolvimento ocasionou a formação de um proletariado que sentia a necessidade de se organizar. Em 1875, em Gotha, as duas correntes do movimento operário selaram sua unificação: lassalianos e eisenaquianos fundiram-se e dessa fusão nasceu o Partido Socialdemocrata Alemão [SPD] que, nas eleições de 1877, obteve doze cadeiras, o que fez dele o quarto partido político do país.

Esses progressos do socialismo inquietaram o chanceler do *Reich [Império]*, Bismarck. Lassalle, que ele esperara conquistar para o seu lado, e com quem secretamente tentou se entender, havia morrido num duelo estupidamente provocado. À frente do novo partido se impõem, pouco a pouco, August Bebel e Wilhelm Liebknecht, ambos deputados saxões, próximos das idéias de Marx e Engels, com os quais mantinham assídua correspondência.

Bismarck decidiu então dar um golpe de morte no jovem partido revolucionário. Conseguiu votar leis anti-socialistas, que entraram em vigor em 21 de outubro de 1878. Ainda que essas

leis de exceção não interditassem formalmente o partido, permitiam às autoridades policiais estrangulá-lo, tornando impossível qualquer atividade pública, abafando sua imprensa, ou seja, levando-o a uma clandestinidade de fato. Esses acontecimentos, em particular as leis anti-socialistas, iriam mudar o destino de Clara.

Suas origens e o meio em que vivia haviam tornado a adolescente sensível às desigualdades e às injustiças sociais, que os *Gründerjahre* [anos de prosperidade], os primeiros anos do Império alemão, haviam aumentado consideravelmente. Aos vinte anos – ainda aluna do Instituto dirigido por Auguste Schmidt – sua amiga Varvara a introduziu num círculo de estudantes russos, imigrantes na Alemanha, onde se discutia, às vezes até o amanhecer, o futuro dos homens, das sociedades e do mundo.

Foi então que conheceu Ossip Zetkin, dez anos mais velho, de origem ucraniana, que, como muitos russos de sua geração, havia deixado uma família abastada para viver do próprio trabalho. Influenciado no início por idéias populistas, Ossip foi ganho para o socialismo por seu patrão, o artesão marceneiro Mosermann, com quem trabalhava enquanto continuava seus estudos na universidade.

Possivelmente através de Varvara, Clara conheceu uma outra russa, Sophie Goldfriedrich, esposa de um funcionário alemão, apaixonada pelas teorias socialistas, que exerceu uma influência considerável em sua formação. Por seu lado, Ossip e seu patrão, Mosermann, fizeram com que ela lesse a literatura do SPD e a convidaram para comícios, onde Wilhelm Liebknecht discursava, antes da entrada em vigor das leis de exceção de Bismarck. Ele exaltava a luta do povo parisiense na época da Comuna e insistia na solidariedade entre os operários alemães e franceses.

A evolução da jovem – que não apenas não fazia segredo de suas idéias, mas, ao contrário, as defendia com o ardor e a veemência de uma militante – abalou a simpatia da diretora de sua escola, cuja abertura de espírito e feminismo não eram tão fortes a ponto de permitir que ela aceitasse ou mesmo tolerasse as concepções revolucionárias de sua aluna.

As vitórias de 1870 sobre a França e o evento da Comuna, que a imprensa bem pensante alemã reduzia ao espectro de um bando de incendiários, não deixaram de influenciar a orientação da Associação Feminista Alemã, dirigida agora por Auguste Schmidt. A palavra de ordem lançada por Louise Otto-Peters, quando da fundação da associação: “As mulheres querem tornar-se seres humanos”, foi esquecida. Auguste Schmidt insistia na importância da família e da “boa educação”, destinada a conscientizar as jovens de sua feminilidade e a prepará-las para seu futuro papel de esposas e mães.

Na Páscoa de 1876, Clara foi aprovada no exame no final do curso médio, que permite o ingresso na universidade. Dois anos mais tarde, enfrentou com sucesso, na escola de professoras de Dresden, o exame final que a habilitava a ensinar línguas modernas. No francês, a prova consistia numa dissertação sobre a “Carta à Academia”, de Fenelon. Pedia-se à candidata para precisar a origem do texto, fazer um resumo e apreciar as reflexões do autor sobre a língua francesa. Clara obteve apenas um 2, equivalente a “bastante bem”. É verdade, porém, que era uma das raras candidatas com apenas dois anos de preparação.

Criticando sua aluna por suas idéias e suas amizades políticas, Auguste Schmidt não se empenhou em obter para ela um cargo de professora. Deu-se, então, o rompimento definitivo entre ambos.

Na mesma época e pelos mesmos motivos, as relações de Clara com sua mãe se deterioraram. Preocupada com o futuro da filha, Joséphine Eisner a censurava quando chegava tarde, por temer que as “más companhias” da filha criassem problemas com a polícia. A mãe ficava apreensiva ao ver a filha em companhia de um “joão ninguém” e dificilmente renunciava à esperança, nutrida por muito tempo, de que, terminados seus brilhantes estudos, Clara obteria uma boa colocação, bem remunerada, que lhe permitiria ajudar a família.

“Não se é sério aos dezessete anos”, havia escrito Arthur Rimbaud alguns anos antes. Com vinte anos, Clara recusou-se a ser “séria”. Escolhendo, ou antes, aceitando o rompimento com seus professores e com sua mãe, coerentemente renunciou ao caminho seguro que seus familiares haviam imaginado para ela, para seguir um caminho com percurso e destino totalmente incertos.

Ao considerarmos as opções feitas pela jovem Clara, definem-se e afirmam-se dois traços de sua personalidade: a vontade e a coragem. Vontade de ser sincera consigo mesma, coragem de levar suas posições até o fim, a qualquer preço, rejeitando posturas que implicassem em compromissos considerados inaceitáveis. Aliás, essas qualidades são percebidas numa fotografia da época: uma testa voluntariosa, mal coberta por uma franja, um olhar seguro, a impressão de uma jovem que já sabe o que quer.

Não podendo lecionar em escola pública ou privada, Clara aceitou um emprego precário e mal remunerado de preceptora em casa de um grande proprietário de Wermsdorf, perto de Leipzig. Trabalhou durante um ano, até que seu empregador abriu uma carta que era destinada a ela. Foi despedida no mesmo dia.

De Wermsdorf, Clara foi para Zschopau, onde um industrial saxão, Heinrich Jacob Bodemer, confiou-lhe a educação de seus

filhos. Bodemer era um progressista que apoiara ativamente os revolucionários alemães em 1848.

Convidada por Varvara, Clara foi, no inverno seguinte, a São Petersburgo, onde passou algumas semanas com a família de sua amiga. Foi uma estadia agradável, em ambiente confortável, durante a qual descobriu as belezas da capital russa. Talvez tenha também percebido até que ponto Ossip Zetkin lhe fazia falta.

Há poucas informações sobre os últimos anos que passou na Saxônia. Sempre que possível, Clara ia a Leipzig, reencontrava Ossip, militavam juntos, divulgando a imprensa socialdemocrata semiclandestina, participando de pequenas reuniões nas casas de companheiros alemães ou de discussões que Ossip organizava com o grupo de estudantes eslavos que orientava, na Universidade de Leipzig.

Apesar da repressão, o SPD desenvolvia grande atividade. Não podendo editar livremente seu jornal, *O Socialdemocrata*, na Alemanha, decidiu, em 1879, fazê-lo na Suíça, ao abrigo da censura. De Zurique, contrabandeava alguns milhares de exemplares para a Alemanha. Foi também na Suíça, em Widen, que o partido pôde realizar, em agosto de 1880, seu congresso anual. Na primavera de 1880, os socialdemocratas ganharam duas eleições parciais, uma das quais na Saxônia, na circunscrição de Glauchau.

Esses eventos provocaram aumento da repressão policial. August Bebel foi a Leipzig prestar contas aos militantes do congresso de Widen. A polícia, ciente dessas reuniões, invadiu, numa noite, uma casa onde os socialistas estavam reunidos para ouvir Bebel, prendendo todos eles, inclusive Ossip Zetkin. Com o argumento de que a reunião tinha como único objetivo festejar o aniversário de um deles, os alemães presentes a esta reunião conseguiram ser rapidamente soltos.

No entanto, Ossip Zetkin, por ser estrangeiro, foi expulso e teve de deixar Leipzig sem demora. Avisada, Clara o acompanhou até os limites da cidade. Talvez tenha sido nesse momento que Ossip lhe deu sua fotografia – o retrato de um homem jovem, de olhar profundo, com barba e bigode – no verso da qual escreveu “Para minha querida e amada amiga Clara Eisner, de José (Ossip) Zetkin”. Terão eles, naquele momento, confessado um ao outro que a amizade se transformara em amor? Prometeram, em todo caso, corresponder-se e se encontrar assim que possível. Ossip tinha a intenção de ir para Paris.

Alguns meses depois da partida de Ossip, Clara, por sua vez, deixou a Saxônia e o *Reich*: tinham-lhe oferecido um cargo de preceptora em Traunstein, na casa de um industrial da Baixa Áustria, que se considerava liberal mas se comportava como um tirano doméstico. Sua estadia na Áustria não foi muito longa. Na primavera de 1882, foi para Zurique, convidada por sua amiga Varvara, que lá residia.

O período em Zurique, por breve que tenha sido, não deixou de ser importante para o futuro de Clara. Provavelmente por intermédio de amigos de Varvara, conheceu Eduard Bernstein, correspondente de Marx, amigo de Engels, encarregado da redação do *O Socialdemocrata*. Assistia às conferências que Bernstein realizava, como parte da programação do escritório da socialdemocracia alemã no estrangeiro, e foi, sem dúvida, por recomendação de Bernstein, que Julius Motteler a contratou.

Motteler estava encarregado de despachar e de divulgar clandestinamente na Alemanha *O Socialdemocrata*. Missão delicada, semi-secreta, pois era necessário não atrair em demasia a atenção das autoridades suíças e, sobretudo, esquivar-se das revistas e das investigações da alfândega e da polícia alemãs.

Motteler, que havia organizado e dirigido na Alemanha um dos primeiros sindicatos mistos de trabalhadores e trabalhadoras têxteis, relatou a Clara as primeiras batalhas das trabalhadoras por seus direitos e seus salários. Foi ele ainda quem a fez ler a obra de August Bebel, *A mulher e o socialismo*, cuja primeira edição, imediatamente proibida, apareceu em 1879 e se tornou a obra mais lida nos meios da socialdemocracia alemã. A leitura desse livro não deixou de ter influência na formação de Clara.

Qualquer que fosse o seu interesse naquilo que a segurava em Zurique, Clara estava impaciente em rever Ossip. No outono de 1882, ela deixou Zurique e foi para Paris.

II – ANOS DECISIVOS EM PARIS

POR QUE CLARA DEMOROU a se reunir com Ossip em Paris? Sem dúvida, antes de mais nada, por razões materiais. Era necessário que Ossip se instalasse. Ela mesma queria provavelmente ganhar um pouco de dinheiro para ajudar nos gastos da casa. É possível também que, uma vez separados, tenham confessado seu amor e compreendido que não poderiam viver um sem o outro.

Clara chegou a Paris em outubro de 1882. Não sabemos o dia exato de sua chegada. A polícia francesa, que vigiava os revolucionários russos em geral e Ossip Zetkin em particular, lia sem dúvida sua correspondência e assegura que ela estava em Paris desde setembro (talvez deduzindo a data de sua chegada da impaciência de se reverem que os dois apaixonados demonstravam em sua correspondência).

Ossip alugou um quarto mobiliado no Boulevard Port-Royal, 64. Foi aí que o casal morou, e foi aí que Clara pôs no mundo, em 1º de agosto de 1883, seu primeiro filho, Maxim. Difícil viver

(e trabalhar) com um bebê, morando em um cômodo apenas. O casal mudou-se, então, em outubro, instalando-se não muito longe, na Rua Flatters nº 10, na fronteira entre o XIV e o XV *arrondissement* [território correspondente a cada área administrativa de Paris], em um apartamento de dois cômodos, com cozinha.

Menos de um ano e meio mais tarde, nascia seu segundo filho, Costia, diminutivo de Constantin. O casal decidira não se casar. Em 1914, numa carta à Prefeitura de Leipzig, Clara explica as razões desta decisão: “Por princípio”, diz ela e, também, porque não queria perder sua nacionalidade; mas, sobretudo, porque, tanto quanto Ossip, queria a todo preço evitar que seus filhos se tornassem cidadãos russos. Mas Ossip reconheceu os dois filhos, registrados com o sobrenome Zetkin, no Cartório de Registro Civil, em Paris. Desde sua chegada a Paris, Clara abandonara seu sobrenome de solteira, adotando Zetkin, o que lhe valeu alguns problemas, em sua volta à Alemanha.

Mas como e do que viver em Paris, quando se é estrangeiro? Além do russo, Ossip sabia alemão e inglês. Clara compreendia e falava um pouco de russo, dominava bastante bem o francês, o inglês e o italiano. Assim, os dois viveram – ou melhor, sobreviveram – de traduções e de aulas desses idiomas. Perto de cinco anos após sua chegada a Paris, Clara escreveu a Wilhelm Liebknecht:

“Até hoje, nunca conseguimos achar um trabalho seguro e contínuo. Tivemos de contar sempre com o acaso, excetuando pequenos trabalhos que não conseguem equilibrar nosso modesto orçamento”.

Materialmente, os anos parisienses foram para Clara os mais duros de toda a sua vida. A situação do casal muitas vezes beira-

ra à miséria. O mobiliário era reduzido ao estritamente necessário. Para que os filhos tivessem leite ou frutas, os pais compravam carne de cavalo. Mas, apesar de tudo, as entradas de dinheiro eram tão incertas que, por vezes, não tinham um tostão em casa. Então compravam fiado na mercearia e na padaria, e se convidavam à casa de amigos que estavam, naquele momento, em melhor situação financeira.

Uma amiga de Clara e sua primeira biógrafa, Gertrud Alexander, escreveu mais tarde que, entre os revolucionários russos que então viviam em Paris, existia uma espécie de comunismo. Aquele que tivesse aquecimento ou dinheiro oferecia hospitalidade àqueles que viviam dias difíceis.

Mas essa solidariedade, por mais real e efetiva que fosse, tinha limites. Só o aluguel custava 500 francos por trimestre. “O dinheiro é a merda, mas, infelizmente, a merda não é o dinheiro”, escreveu Clara, em um dia de 1887, a Karl Kautski, o teórico marxista mais conhecido na época.

Em uma manhã de abril de 1887, bateram à porta do pequeno apartamento da Rua Flatters. Não era o leiteiro, mas a polícia. Os Zetkin estavam com vários aluguéis atrasados e o proprietário os expulsava. Naquele instante, Clara dava banho nas crianças. Apenas o tempo para se vestir e toda a família teve de abandonar o local.

“Tomaram-nos tudo, mesmo as cartas e os artigos começados ou acabados. Tudo o que pudemos salvar, exceto as camas, foram alguns livros e a roupa que tínhamos no corpo. E com os nossos dois garotos, impossível achar quarto em hotel. Mas, às 9 horas da noite, quando ainda perambulávamos pelas ruas, encontramos um comterrâneo de Ossip, que nos cedeu um quarto. Por ora, enquanto não temos um apartamento, vamos de um russo a outro.”

Ao fim de algumas semanas de andanças, os Zetkin acharam um imóvel, na Rua de la Glacière, no XIII *arrondissement*.

Durante os anos em que foi preceptora, Clara sentiu o que significava depender da boa (ou má) vontade de um patrão. Em Paris, era, certamente, independente, mas materialmente sua existência era tão difícil, ou mais, quanto a de uma operária. Alguns anos mais tarde, quando, dirigindo-se às operárias alemãs, soube se fazer compreender, talvez tenha sido porque, ao contrário das feministas “burguesas”, com as quais entrará em polêmica, conhecia suas experiências por tê-las vivido.

E, todavia, essa jovem mãe teve a felicidade de ver seus filhos – dois jovens cossacos, como os descreveu – crescerem não só em força, mas também em sabedoria. Durante toda sua vida em Paris, até 1890 – Maxim tinha então sete anos e Costia cinco – não freqüentaram escola. Seus pais se encarregaram de sua educação.

Foi durante esses anos que Clara aprendeu a profissão de jornalista e de tradutora, entrou em contato com os dirigentes do movimento operário francês e alemão, ampliou seu horizonte intelectual, iniciou-se no marxismo. Em sua chegada a Paris, no outono de 1882, freqüentou, sobretudo, os meios revolucionários russos. Trinta e cinco anos mais tarde, em 1917, escreveria, não sem nostalgia: “Em minha juventude, foi no meio dos revolucionários russos que me senti verdadeiramente, pela primeira vez, em casa”.

Por ocasião do septuagésimo aniversário de Clara, Charles Rappoport escreveu:

“Conheci Clara em Paris, por volta de 1888, assim como seu marido, Ossip Zetkin, que encontrei pela primeira vez na Rua du Trésor, no IV *arrondissement*, sob o toldo de um café do mesmo nome, onde todos os sábados se reuniam os operários russos e romenos, em sua maioria judeus. Ossip Zetkin foi o

secretário devotado e assíduo desse primeiro grupo socialista organizado por operários estrangeiros. Piotr Lavrov, Elie Roubanovitch, Riazanov e outros militantes socialistas conhecidos ali faziam pronunciamentos.”

Ossip fazia também parte da direção do grupo russo “Liberção do Trabalho”, ao qual Clara se ligaria depois.

Na casa de todos esses jovens, vindos dos quatro cantos da Europa, que nutriam a esperança de transformar o mundo e de melhorar a condição humana, era grande a sede de saber, tão grande quanto a necessidade de trocar e confrontar suas idéias. Clara e seu marido freqüentavam também as reuniões do Círculo Internacional de Estudos Sociais, presidido de 1883 a 1885 por Adhémar Leclerc, nas quais dirigentes do Partido Operário Francês e do SPD vinham ocasionalmente expor seus pontos de vista.

Foi, sem dúvida, por ocasião de uma manifestação destinada a celebrar a contribuição de Karl Marx ao movimento operário internacional, em março de 1883, que Clara conheceu a filha caçula de Marx, Laura, que se casara com Paul Lafargue em 1868, assim como a família Guesde e Gabriel Deville. Os Zetkin e os Lafargue não tardaram a se tornar amigos. No outono de 1883, Clara acompanhou várias vezes Laura em visita a seu marido e a Jules Guesde, encarcerados na prisão de Sainte-Pélagie.

Esses anos parisienses foram, para Clara, anos de formação ideológica, sua “universidade política”, poder-se-ia dizer. Mas à custa de quantos esforços! Esforços de organização e de vontade, para superar também a fadiga física. As feministas sempre insistem, com razão, na questão da “dupla jornada”, à qual estão sujeitas as mulheres que trabalham. Clara conheceu bem essa situação por tê-la vivido.

“Sou costureira, cozinheira, lavadeira etc., enfim, empregada para qualquer serviço. Além disso, há dois danadinhos que não me dão sossego um só momento. Mal comecei a fazer o estudo de Louise Michel (ela foi encarregada das memórias da célebre participante da Comuna de Paris para a revista que Karl Kautski dirigia, *Os Novos Tempos*), foi necessário limpar o nariz do nº 1; e mal me sentei para escrever, precisei dar a chupeta ao nº 2...”

Clara, que se iniciava no jornalismo, confessa que só pode redigir à noite. Mas, muitas vezes, no fim do dia, estava “fatigada e mole como um cavalo de charrete”. E mais, à noite havia as reuniões às quais não queria faltar, os encontros nas casas dos companheiros. Então, com Ossip, ela levava seus dois garotos, que dormiam num quarto ao lado, e voltavam para casa depois da meia-noite.

Foi durante sua permanência em Paris que Clara estudou seriamente a teoria marxista. Leu o *Manifesto do Partido Comunista*, o primeiro volume de *O capital* e *A origem da família, da propriedade privada e do Estado*, que acabara de ser publicado. Estudou também a história da Revolução Francesa e da Comuna de Paris. É possível que, mais que essas leituras, as discussões cotidianas com Ossip sobre todos os problemas do movimento operário na França, na Alemanha e na Rússia, as freqüentes conversas com os Lafargue, os contatos permanentes com outros dirigentes do Partido Operário Francês, a atividade prática (coletas para grevistas, manifestações) e também a redação de seus primeiros artigos tenham obrigado Clara a definir suas idéias.

Respondendo, quinze anos mais tarde, em 1901, a uma pesquisa de dois sociólogos alemães, Clara acentua a que ponto ficava dividida entre seus deveres de mãe e as obrigações intelectuais que se impunha:

“Eu sentia muita dificuldade de promover, de forma sistemática a minha formação, como eu gostaria, e de me dedicar mais ao movimento socialista”. E acrescenta: “Só mais tarde compreendi que havia adquirido uma grande maturidade durante aquele período. Foi nessa época que comecei a refletir sobre o que eu havia lido ou estudado para elaborar minhas próprias idéias”.

Data desses anos o internacionalismo, que ela nunca abandonará. A esse respeito, assim ela se expressa em 1887 e 1888, em cartas escritas de Paris: “O socialismo não é alemão nem francês, é internacional” e justifica assim sua afirmação: “Porque a exploração é internacional, é preciso que a solidariedade dos trabalhadores seja também internacional”. Bem mais tarde, em 1911, em uma carta a Alexandra Kolontai, extrai nestes termos as lições de sua experiência parisiense:

“A única atitude justa consiste em lutar por nossas idéias, quando a ocasião se apresenta. Foi o que fizemos, eu e Ossip, durante nossos anos de exílio. E ainda hoje estou certa de que ter militado no movimento operário francês muito me enriqueceu.”

* * *

Desde a primavera de 1886, Clara sentia-se anormalmente fatigada. Uma médica russa diagnosticou um começo de tuberculose e a aconselhou a “mudar de ares”. Ela mal acabara de escrever o artigo – *Memórias de Louise Michel* – que Kautski lhe solicitara para sua revista. O editor da *Os Novos Tempos*, Heinrich Dietz, enviou-lhe, no dia 6 de maio, 100 marcos (o que correspondia ao salário de uma operária por entre sete a dez semanas de trabalho). Seu irmão Arthur, convidando-a a ir vê-lo, enviou-lhe, ele também, um pouco de dinheiro. Sem mais esperar, Clara embarcou para Leipzig com seus dois filhos.

Dizer que a estada na Alemanha foi repousante, seria inexato. Mas a troca lhe fez bem: reencontrou com prazer algumas de suas antigas amigas, assim como os antigos companheiros de Ossip.

Ainda estando em vigor as leis anti-socialistas, o SPD continuava obrigado a uma semiclandestinidade, o que não impedia de continuar se fortalecendo. Os membros de Leipzig solicitaram a contribuição da recém-chegada. E foi assim que a “companheira francesa Leslie”, como apresentaram Clara, falou pela primeira vez de sua vida em público: traçou um quadro da situação política na França, enfatizando o estado e as atividades do movimento operário. Interessou tanto seus ouvintes, que todos os grupos socialdemocratas de Leipzig convidaram sucessivamente a “parisiense” para fazer-lhes uma exposição. O que não deixava de ser um risco, porque sua identidade havia sido rapidamente descoberta. Mas desde a expulsão de Ossip, seis anos antes, os socialdemocratas saxões tinham se tornado, sem dúvida, mais vigilantes. Nenhum policial veio perturbar essas reuniões. No começo de agosto, após dois meses em Leipzig, Clara retomou o trem para Paris.

A situação material do casal não melhorou em sua ausência: oito meses depois de sua volta, os Zetkin foram expulsos de seu lar.

Mais grave: Ossip caiu doente, sem que os médicos consultados lograssem, de início, determinar a causa de seu mal. Em certos dias nada parecia interessá-lo, nem mesmo a política; não se sentia bem nem sentado, nem em pé. No início, falou-se em reumatismo. Durante meses seu estado não cessou de piorar.

Mal os Zetkin se instalaram na Rua de la Glacière, Ossip sofreu paralisia nos membros inferiores. O “reumatismo” era na realidade uma infecção da medula, diante da qual a Medicina se

mostrou impotente: os medicamentos mal retardavam a evolução do mal e atenuavam o sofrimento do doente.

Difícil, sem dúvida, compreender a situação dessa jovem, que deve educar seus filhos de quatro e dois anos, cuidar de seu marido – que não suporta outras mãos que não as de sua mulher – preparar as refeições e ganhar algo para a família viver. No dia 25 de março de 1888, ela escreveu a Kautski: “Luto como um homem, mas é duro, tão duro quanto não saberei lhe dizer”.

Quarenta anos mais tarde, Charles Rappoport recorda:

“Cedo fui apresentado à família de Zetkin, que morava em um apartamento pequeno e pobre na Rua de la Glacière. A miséria na qual viviam era grande. Porém, maior era a valentia de Clara, beirando um verdadeiro heroísmo, quando o pobre Ossip ficou preso ao leito por uma paralisia”.

No entanto, naquele final de 1887, Clara ainda esperava o milagre, ou seja, o restabelecimento da saúde de seu companheiro. A doença de Ossip reduziu ainda mais os recursos do casal, aumentando as despesas. A situação não tinha saída. Clara resignou-se então a apelar para a ajuda de seus companheiros: Charles Longuet, o genro de Karl Marx, Kautski, Bernstein, Wilhelm Liebknecht. O apelo foi ouvido: Ossip e Clara tornaram-se correspondentes titulares de três jornais de língua alemã. A entrada regular de dinheiro permitiu-lhes enfim, na primavera de 1888, contratar os serviços de uma empregada, Sra. Robin, antiga militante da Comuna de Paris, que aliviou Clara de uma parte dos trabalhos domésticos, permitindo que ela dedicasse mais tempo a suas correspondências, assim como a Ossip – que, até o verão de 1888, foi quem redigira a maior parte dos artigos – que exigia cada vez mais os cuidados de Clara à medida que sua doença progredia.

Em 12 de novembro, Charles Bonnier, que mantinha uma correspondência assídua com Wilhelm Liebknecht, informava-o:

“Tenho péssimas notícias dos Zetkin. Ele não sabe, mas sua doença é incurável. Graças a um médico de nossa amizade, conseguimos para ele um lugar no hospital Salpêtrière que, ao mesmo tempo em que lhe assegura um bom tratamento, libera sua corajosa mulher do cansaço extremo que dela é exigido para tratá-lo. A Sra. Zetkin sabe bem o que é isso. Quanto a ele, seria perigoso avisá-lo de seu estado. É terrível!”

Nos primeiros dias de 1889, o médico não deu mais esperanças a Clara. As forças de Ossip diminuam dia-a-dia, seu fim estava próximo. Em 1923, a uma amiga russa que acabava de perder um ente querido, descreveu o que foi para ela “esse terrível 29 de janeiro”:

“Eu havia ficado de pé a noite toda, trabalhando, cuidando de Ossip, dando-lhe remédios. Pelas cinco horas da madrugada senti nitidamente que o fim estava próximo. Eu estava só com ele e com meus dois filhos; acordei minha vizinha de andar e pedi-lhe para buscar o médico e avisar nossos amigos da colônia russa. Quando o médico chegou, Ossip desmaiara. O médico me disse que a única coisa que podia tentar era fazê-lo recobrar a consciência, mas que isso significaria impor-lhe um grande sofrimento, físico e moral. Por dever e por amor, renunciei a que ele recobrasse a consciência, o que me custou muito. Estava sentada ao lado da cama, tinha as mãos de Ossip nas minhas; enxugava de quando em quando o suor de sua fronte. Alguns amigos vieram e depois se foram. Eu estava como presa a um pesadelo. Só tinha consciência clara de uma coisa, terrível e inconcebível: Ossip estava morrendo. Quan-

do, depois de oito horas, deixou de respirar e seu coração parou, pareceu-me que minha vida, ela também, ia parar”.

Clara acrescenta que foram seus filhos e a vontade de prosseguir a obra militante de Ossip que a trouxeram de volta à vida. Só a profundidade de seus sentimentos pode, sem dúvida, explicar que trinta e quatro anos depois da morte de Ossip, ela tenha conseguido relatar essa noite terrível com tal sinceridade, o que o testemunho de Charles Rappoport confirma:

“A morte de Ossip Zetkin mergulhou Clara numa dor de que sempre me lembrarei. Durante meses, várias vezes eu a vi ocupada com a leitura de longas cartas de Ossip, com os olhos cheios de lágrimas. Clara lembrava-se não só do companheiro de sua vida, mas também daquele que era seu pai espiritual. Foi através do nobre Ossip Zetkin, marxista convicto, que Clara nasceu para o socialismo marxista e a revolução”.

Ossip Zetkin foi sepultado no cemitério de Ivry em 31 de janeiro: tinha trinta e seis anos. Na frente do cortejo, caminhava Piotr Lavrov. Diante de seu túmulo, depois de Lavrov, Paul Lafargue e muitos socialistas estrangeiros fizeram o elogio do revolucionário que se foi.

Clara, agora sozinha, continuava publicando contribuições no *O Socialista*, órgão do Partido Operário Francês; e enviando artigos para o *A Igualdade* de Viena, órgão da socialdemocracia austríaca, que adotaria em seguida o nome de *Jornal dos Trabalhadores*; ao órgão central do SPD, *O Socialdemocrata*, e ao jornal berlinense *Tribuna do Povo de Berlim*, nos quais, entre dezembro de 1886 e junho de 1890, apareceram mais de trezentos artigos redigidos por Ossip e Clara. Segundo o costume alemão, a maior parte dessas matérias não é assinada; somente o estilo permite atribuir-lhes uma autoria. O alemão de Ossip é

mais despojado, enquanto o texto de Clara é freqüentemente dramático, quase sentimental.

Todavia, até o final de 1888, não se pôde afirmar com absoluta certeza o que pertencia a cada autor, até porque, certamente, cada um revia os artigos do outro. Clara melhora o alemão de Ossip, e enquanto o fazia aproveitava-se de sua experiência política e da documentação que acumulara durante anos.

Nos jornais alemães ou austríacos, Clara relatava as campanhas eleitorais na França, ressaltando o interesse pelas lutas parlamentares, que permitiam defender reivindicações “que são agora realizáveis e de grande importância para os trabalhadores”, como moradias mais saudáveis e menos caras, melhores escolas, menos horas de trabalho; desta maneira o proletariado tinha a possibilidade de intervir, escreve ela, “no processo de desenvolvimento objetivo”.

Tentava fazer com que os leitores alemães compreendessem, concretamente, a complexidade do movimento operário francês, ao mesmo tempo em que os informava sobre suas lutas, as greves, que demonstravam, segundo ela dizia, que “os trabalhadores, enquanto classe, começam a tomar consciência de sua situação e querem assumir a defesa de seus interesses, que são, ao mesmo tempo, os interesses de toda a sociedade”. Sem esquecer os méritos do Partido Operário Francês, não mascarava suas fraquezas:

“No que se refere à organização do proletariado francês, tanto no plano político quanto sindical, essa política é extremamente fraca e medrosa. Como pode subsistir uma organização política se não impõe nenhuma obrigação material a seus membros, se não exige nem mesmo o pagamento de contribuição?” (setembro de 1887).

Em outros artigos, esboçava o retrato de algumas figuras de vanguarda da vida política na França e do movimento operário: Eugène Pottier e Georges Clemenceau, Louise Michel e Paul Lafargue, Benoit Malon e Edouard Vaillant, muitos dos quais conhecia pessoalmente, o que não a impedia de ter um ponto de vista crítico sobre suas atividades políticas. Essas minibiografias foram depois reunidas em livro, assim como alguns de seus artigos, com o título *O socialismo na França desde a Comuna de Paris*, editado em Berlim, em 1889. Em homenagem a Ossip, o livro foi assinado com o seu nome.

O que Clara diz de Louise Michel: “uma das mais nobres, mais puras, mais desinteressadas expressões que a luta pelo direito fez surgir no cenário da história” nos esclarece quanto a suas próprias idéias. Embora esteja “fora de todas as facções socialistas” – Louise está próxima dos anarquistas – “eles utilizam-na muitas vezes, sem o menor pudor”. “Nesses últimos tempos, Louise Michel se esforça também por fazer as mulheres participarem do movimento proletário e para organizar as operárias”. Ela edita um boletim que tenta “com muita vontade, mas com muita confusão também, promover a emancipação das mulheres”. Louise Michel é para ela uma espécie de Garibaldi feminina. É boa oradora, mas não tem nenhum talento organizador. O que lhe falta, principalmente, é uma sólida formação econômica e histórica. Para dar um exemplo da confusão teórica que reina no grupo de Louise Michel, Clara relata que, “no decorrer de uma reunião, uma certa Sra. Huon (sic) recomendou seriamente a não procriação, como meio infalível da libertação feminina. Tese esta pregada, há muito tempo, pelo filósofo socialista Malthus. E o auditório aplaudiu. Nenhuma voz se levantou para protestar!” Em 1913, agora na Alemanha, Clara combaterá vivamente uma proposta análoga.

Esses artigos, essas cartas (em setembro de 1888, expusera longamente a Wilhelm Liebknecht os problemas que suscitava a realização de um congresso internacional em Paris) haviam demonstrado aos dirigentes do SPD alemão não só o ardor militante de Clara, mas também a segurança de seu julgamento. Assim, quando se explicitou o projeto de um congresso internacional operário, confiaram a Clara a tarefa de representar a socialdemocracia alemã no comitê de preparação.

Na primavera de 1889, podia-se perguntar se Paris não iria sediar dois congressos internacionais: um organizado pelo partido operário, que se dizia marxista, e o outro, pelos “Possibilistas”, que rejeitavam qualquer ação em comum com os primeiros. Inúmeros jornais berlinenses – a *Folha do Povo de Berlim* e a *Tribuna do Povo de Berlim* – publicaram artigos em favor do congresso dos “Possibilistas”; Clara, depois de, sem dúvida, ter discutido com os Lafargue e Guesde, escreveu para a *Tribuna do Povo de Berlim*, em 11 de maio, um artigo intitulado “O congresso operário internacional e as divergências que dividem os operários franceses”. A redação do jornal berlinense destacou o interesse do texto, que expunha “com competência as concepções dos meios dirigentes dos partidos operários parisienses, podendo esclarecer muitas questões que haviam permanecido obscuras e modificar muitos pontos de vista”. Em 16 de maio, Friedrich Engels escrevia a Paul Lafargue:

“Clara Zetkin escreveu um artigo excelente na *Tribuna do Povo de Berlim* – se tivéssemos um relato tão preciso dos fatos há três meses, isto nos teria ajudado muito. Bernstein irá amanhã ver Massingham, e fará bom uso dessas informações”.

Foi durante a preparação do congresso que Clara, até então interessada sobretudo no movimento operário em geral e em sua

história, vai começar a estudar a questão feminina, pois foi incumbida de apresentar um texto sobre o assunto.

Ela, que escrevera a Kautski no ano anterior: “O maior obstáculo, quando trabalho, é uma timidez quase insuperável. Nunca estou contente comigo mesma. Quando termino um artigo, sempre sinto escrúpulos. E se, depois de posto no correio, pudesse retê-lo, certamente o faria”, teve de vencer a timidez, pois falou, em 19 de julho de 1889, no congresso, sobre a situação das trabalhadoras no regime capitalista. Sua palestra foi traduzida para o francês e para o inglês pela mais jovem das filhas de Marx, Eleanor.

Essa intervenção foi para Clara o batismo de fogo. Em Leipzig, ela havia falado no máximo para dez ou vinte companheiros. Em Paris, essa jovem ruiva, vestida de negro, falou para quatrocentos delegados e delegadas, militantes credenciados, vindos de toda a Europa.

Só a Alemanha enviou para Paris oitenta e um socialdemocratas, entre os quais August Bebel e Wilhelm Liebknecht.

O trabalho de Clara no congresso não consistia apenas em fazer uma exposição. Sua tarefa principal era a organização. Em função de seu conhecimento do terreno e de sua competência lingüística, era uma das onze secretárias encarregadas de fazer com que o congresso se realizasse sem muitos problemas, para que os congressistas pudessem socializar suas experiências. Quem já participou de reuniões internacionais imaginará facilmente a quantidade de trabalho que isso representava.

Na trajetória de Clara, o congresso de Paris constituiu uma etapa importante. Afirmou publicamente seus conhecimentos no domínio que seria o seu: o das mulheres e, em particular, o das operárias. Mas, sobretudo, conheceu inúmeros militantes operários. Os dirigentes da socialdemocracia alemã apreciaram sua

eficácia e sua competência. Daí em diante, Bebel ou Liebknecht não eram para Clara apenas companheiros, mas amigos.

A mesma Paris em que se realizara o congresso festejava a exposição universal e o centenário da Revolução Francesa. Mas nem essas festividades, nem o congresso fundador da Segunda Internacional recém-terminado conseguiram reter Clara na capital francesa. Sete anos antes, viera a Paris para rever seu amigo; agora, Ossip não existia mais. Na Alemanha, uma nova era parecia se abrir. Em janeiro de 1890, o *Reichstag* aboliu as leis anti-socialistas e, pouco depois, Guilherme II afastou Bismarck. Seria possível trabalhar livremente pelas idéias socialistas, às quais Clara aderira apaixonadamente. Assim, decidiu voltar a seu país.

Sua saúde não era brilhante e o cansaço provocado pela preparação do congresso em nada ajudou. Bonnier escreveu a Wilhelm Liebknecht, em 31 de outubro de 1889: “A Sra. Zetkin ainda não se restabeleceu, assim como seu filho Costia”. Seis meses mais tarde, Deville dava notícias melhores: “A Sra. Zetkin também estava conosco: não faz uma hora eu a vi no cemitério Père Lachaise, onde se festejava o aniversário da Comuna, e ela estava melhor”.

A última imagem de Clara em Paris é a de uma jovem senhora em prantos, levando pela mão duas crianças, de quatro e seis anos, que acaba de pôr flores em um túmulo modesto, no cemitério de Ivry.

III – ALEMANHA 1890: A QUESTÃO FEMININA E A SOCIALDEMOCRACIA

A ALEMANHA, ONDE CLARA viveu e militou, depois de 1890, estava bem diferente, sob vários aspectos, do país que havia deixado dez anos antes. A economia estava em pleno progresso, graças especialmente à indústria que, apesar de breves crises passageiras, não parou de se desenvolver, a ponto de, em muitos setores, alcançar e mesmo ultrapassar a produção da Grã-Bretanha. O número de mulheres empregadas na indústria aumentava regularmente (mais rápido que o da mão-de-obra masculina). De 649.668 em 1892, passou a 1.302.141 em 1908; enquanto, no mesmo período, o número total de assalariados, agricultores à parte, aumentou cerca de dois milhões, passando de 3,6 para 5,4 milhões. Até a guerra de 1914 pelo menos, a maioria das trabalhadoras estava empregada, seja em pequenas unidades de produção, em pequenas fábricas, em oficinas, seja como empregadas domésticas, balconistas ou garçonetes etc., enquanto o número e a proporção de trabalhado-

ras em empresas com mais de cinqüenta assalariados não cessava de aumentar.

Na política, o ano de 1890 marcou o início do reinado de Guilherme II que, por pouco tempo, manifestou veleidades sociais. A despeito da repressão bismarquiiana, a credibilidade do SPD cresceu e continuou crescendo, como provou o resultado das eleições.

Se o congresso de fundação da Segunda Internacional, em Paris, confirmou sua posição de líder do movimento operário europeu, as eleições de 1890 reforçaram seu prestígio junto à classe operária alemã: em relação a 1887, o número de seus votos dobrou, passando de 700 mil para mais de 1,4 milhão. Ao mesmo tempo, constituía-se a Confederação dos Sindicatos Livres que viu, a partir de 1892, o número de seus partidários crescer regularmente, de 237 mil para 2,5 milhões em 1913 (o número de sindicalizados progrediu no mesmo período de 4.355 para 223.676). A taxa de sindicalização das mulheres permaneceu relativamente modesta, pois a adesão aos sindicatos era de apenas uma em trinta operárias.

Em um artigo no jornal que dirigia, *A Igualdade*, em 1º de novembro de 1893, Clara publicou cifras precisas sobre o número de assalariadas e a taxa de sindicalização segundo atividades. Naquela época, em certo número de profissões já existia uma importante presença feminina. As mulheres representavam mais de 50% dos assalariados na indústria de rendas, de confecção, de lingerie e na tecelagem. Essa proporção variava de um terço a 50% dos empregados de restaurantes, hotéis e cafés, na indústria do tabaco, de chapéus e papelaria.

O recorde da sindicalização das mulheres foi na indústria do tabaco, com 23%, que manteve o índice. Mas, mesmo nesse ramo, apenas uma assalariada em quatro era sindicaliz-

zada; 9,5% na indústria têxtil e menos de 7,6% em todos os outros ramos.

Sabe-se bem que os salários femininos são nitidamente inferiores aos de seus colegas masculinos, mas, nem por isso, as estatísticas fornecidas por Clara são menos impressionantes. Nos oito setores pesquisados, os salários semanais masculinos variavam de 9 a 35 marcos (média aproximada de 20) e os salários femininos de 6 a 18 marcos (média aproximada de 9).

Essas cifras, entretanto, não dão idéia da miséria das trabalhadoras na Alemanha dos anos de 1890. As condições de trabalho (sem refeitórios, sem banheiros) são tão horríveis quanto as condições de moradia. Solteiras, elas dividem muitas vezes a exígua moradia de uma família com crianças barulhentas, moradia muitas vezes sem janelas e sempre sem higiene.

Mesmo economizando na comida, as jovens operárias solteiras, as mais mal pagas, nem sempre podiam comprar um vestido. Algumas se prostituíam para completar seu salário. Era, sobretudo, o caso das balconistas e das garçonetes, que os fregueses consideravam prostitutas.

Uma vez casadas, a sorte das trabalhadoras não melhorava. Havia as crianças a educar e o trabalho doméstico. Havia, muitas vezes, um marido bêbado, que preferia, depois do dia de trabalho, ir para o bar em vez de voltar para casa.

A sorte mais penosa era sem dúvida a das operárias que trabalhavam em casa. Naquela última década do século (1890-1900) havia, ainda, na indústria têxtil, um número bastante grande de oficinas, nas quais todos os membros da família, das crianças aos avós, se revessavam de dia e uma parte da noite, diante do tear.

Eis as condições de vida e de trabalho de pelo menos uma parte do público ao qual Clara vai se dirigir: mulheres pouco

instruídas, que deixaram a escola cedo, desorganizadas, a maior parte delas sem formação profissional.

Apesar da revogação das leis anti-socialistas, a atividade política das mulheres encontrava numerosos obstáculos. O mais sério era um dispositivo da lei sobre associações, proibindo que as mulheres – em vários Estados alemães e, notadamente, no mais vasto e populoso dentre eles, a Prússia – aderissem a uma organização política e assistissem a reuniões em que se tratasse de política. Essa proibição, que atingia “as mulheres, os estudantes e os aprendizes”, só seria revogada em 1908. Foi igualmente nessa data que as moças obtiveram – na Prússia – o direito de preparar seu *Abitur* [exame de avaliação após o ensino secundário] e de se inscrever na universidade para prosseguir os estudos superiores. A região de Baden, é bem verdade, abriu o caminho, ao autorizar, em 1900, as estudantes a seguir os cursos das universidades de Freiburg e de Heidelberg. Sem dúvida, a partir de 1895, as universidades de Berlim e de Leipzig aceitavam mulheres, mas somente na qualidade de ouvintes. Na França, a lei Camille Sée, em 1880, instituiu o ensino secundário leigo para moças. Na Alemanha, até 1918, era proibido que as professoras se casassem: aquelas que o fizessem deviam parar de lecionar.

As restrições aos direitos das mulheres eram amplamente aceitas por uma sociedade dominada pelos homens. O imperador Guilherme II, em 1910, afirmou, em discurso público, que “A principal missão da mulher não é participar de reuniões, nem conquistar direitos que lhes permitam ser iguais aos homens, mas desempenhar silenciosamente sua tarefa no lar e na família, educar a nova geração, ensinando-lhe, antes de tudo, o dever de obediência e o respeito aos mais velhos”. O mesmo personagem se opusera à concessão de um prêmio a Käthe Kollwitz, pintora

renomada, com um simples, mas peremptório “Vejam, senhoras, uma mulher!”, dirigido ao júri.

Tal situação da sociedade alemã não deixou de repercutir no surgimento e na natureza do, ou melhor, dos movimentos feministas. Em relação ao que se passava na maior parte dos países europeus, sem falar da Grã-Bretanha e dos Estados Unidos da América, as feministas alemãs são, em sua maioria, tímidas e até conservadoras. Só tardia e debilmente reivindicam o direito de voto e de igualdade cívica. O nacionalismo que se desenvolvia e impregnava a sociedade alemã depois da proclamação do Império, o orgulho de pertencer a um Estado, a Alemanha, considerado moralmente superior, essencialmente sadio, tendo por vocação regenerar um mundo doente – tudo isso não deixou de influenciar um movimento feminista que abandonou as esperanças de emancipação formuladas em 1848 para se apoiar num conservadorismo requintado. Pode-se medir essa evolução comparando as idéias de Louise Otto com as de Auguste Schmidt. Enquanto Louise Otto escolhia como palavra de ordem do jornal publicado em 1849: “Recruto cidadãs para o reino da liberdade”, Auguste Schmidt dizia, em pronunciamento feito quando da constituição da Associação para a Formação das Mulheres, fundada em Leipzig em 1864, estas palavras: “O objetivo do movimento feminista é elevar os valores morais da humanidade”.

É significativo que, quando criou, em 1866, sua Associação para o Desenvolvimento da Atividade Profissional das Mulheres, Adolph Lette tenha escrito: “O que não desejamos, nem hoje, nem nunca, mesmo nos séculos mais distantes, é a emancipação política e a igualdade dos direitos das mulheres”. E citou o adágio da igreja cristã: “Na comunidade, a mulher deve calar-se”, que, segundo ele, valia para todos os tempos.

Certamente, depois de 1866, muita água correu debaixo das pontes do rio Spree, mas os preconceitos antifemininos e antifeministas não haviam desaparecido na Alemanha, como veremos, nem nos meios burgueses, nem na socialdemocracia.

* * *

Era nessa Alemanha que Clara tentaria divulgar suas idéias, dirigindo-se desde o início, prioritariamente, não às burguesas, mas às mulheres que trabalham. Suas idéias? Na verdade, sua preocupação primeira era fundamentá-las teoricamente.

Clara, num primeiro momento, esforçou-se por sistematizar formulações gerais (e por vezes imprecisas) dos teóricos marxistas que a precederam para chegar a uma exposição coerente e explicativa sobre a situação de inferioridade da mulher que trabalha numa sociedade moderna.

Desde 1889, quando de sua intervenção no congresso de fundação da Segunda Internacional, esboçara em grandes linhas uma teoria sobre a emancipação feminina que, em sua essência, não mudará.*

A emancipação da mulher é, primeiro, um problema econômico: suas condições são criadas pela modificação do sistema de produção. Engels formulara a questão de maneira muito genérica:

“Para que a emancipação feminina se torne possível, é necessário em primeiro lugar que a mulher possa participar da produção em larga escala social e que o trabalho doméstico não a

* Encontra-se uma primeira formulação de algumas dessas idéias em dois artigos não assinados, mas provavelmente de autoria de Clara, publicados, em agosto e outubro de 1886, no *O Socialdemocrata*.

ocupe mais, senão numa medida insignificante. E isso não só se tornou possível com a grande indústria moderna que, não somente admite em grande escala o trabalho das mulheres, mas também a requisita formalmente e tende cada vez mais a fazer do trabalho doméstico privado uma indústria pública”.

Clara vai mostrar em que e como a produção industrial substitui a produção familiar, para tirar dessa constatação todas as conseqüências sobre a situação e o futuro das trabalhadoras.

Outrora, a mulher fabricava no seio da família quase todos os objetos de necessidade corrente. “A máquina”, afirma Clara, que antecipa a evolução social real, “pôs fim a essa atividade econômica”.

Por outro lado, o salário do homem, que bastava para assegurar a existência da família, mal sustenta um trabalhador solteiro. O trabalhador casado está, pois, obrigado a contar com o salário de sua mulher.

Antigamente, escrava do homem, a mulher, doravante forçada a trabalhar fora de casa, tornou-se escrava do capital. Mas, ao mesmo tempo, conquistou assim sua independência econômica (mesmo se seu trabalho é pior remunerado que o do homem).

Somente uma revolução, quer dizer, a instauração do socialismo pode libertar a trabalhadora – como liberta o trabalhador – dessa escravidão. Para a operária – a proletária, para utilizar o vocabulário da época – a questão feminina é apenas um aspecto da questão social. Eis porque as operárias devem lutar ao lado dos operários para pôr fim ao sistema capitalista, à opressão que este representa.

A situação das mulheres burguesas é diferente. Não são submetidas pelo capital, mas mantidas numa situação de inferioridade jurídica pelos homens, que temem sua concorrência

profissional. Daí seu combate pela igualdade de direitos públicos e privados. Combate legítimo, aos olhos de Clara, mas que, para as proletárias, é totalmente secundário. As feministas burguesas reivindicam a possibilidade de acesso ao estudo superior... ora, as proletárias não têm nenhuma chance de adquirir uma formação universitária. Sua independência econômica já foi conquistada por seu trabalho: nesse plano, a proletária é igual ao homem.

A partir dessa análise, Clara deduz que, em função de suas diferenças de classe, as mulheres que militam pela emancipação das trabalhadoras não compartilham das mesmas lutas com as feministas burguesas. Com maior ou menor nitidez conforme a época e as circunstâncias, Clara cuidou para distinguir o “feminismo proletário” do “feminismo burguês”. É forçoso constatar que, freqüentemente, este último facilitou sua tarefa. Assim, em 1894, o órgão que abrigava a maior parte das associações femininas, a Associação das Mulheres Alemãs [BDF], recusou a adesão das associações que defendiam os interesses das trabalhadoras. Em 1900, rechaçou uma moção que preconizava a cooperação com o movimento das mulheres socialdemocratas.

Essa posição de Clara será muitas vezes não compreendida e combatida, dentro e fora do partido. A ala progressista das feministas burguesas tentará, por vezes, desenvolver cooperação com as militantes socialdemocratas, colaboração da qual Clara não esperava nada de bom, tanto mais que as feministas burguesas, nas campanhas eleitorais, sustentavam o partido liberal que, paradoxalmente, não queria as reformas desejadas pelas feministas, reformas que a socialdemocracia havia inscrito em seu programa.

Mas, mesmo no SPD, a política de Clara encontrava incompreensões. Em janeiro de 1895, o órgão central do parti-

do, o *Avante*, após alguma hesitação, publica e apóia uma moção das feministas burguesas exigindo uma reforma do direito de associação. Clara protestou. A moção, em seu entender, era inútil: o partido sempre se pronunciara por uma liberalização desse direito. E depois, o texto proposto não situava, no centro de sua argumentação, a situação das mulheres que trabalham. Enfim, o SPD não deve ser conduzido por moções, mas realizar ações e manifestações para apoiar suas reivindicações.

Embora nem Wilhelm Liebknecht, nem August Bebel, os dois dirigentes “históricos” do SPD, tenham tomado o partido de Clara; o *Avante* acabou por publicar seu protesto, fazendo, todavia uma ressalva: “A artilharia pesada da companheira Zetkin não parece apropriada ao combate que ela trava; deveria ser reservada para objetivos mais importantes”.

Nesta questão, Clara contou com o apoio do velho Engels. Ela lhe escrevera em 22 de janeiro de 1895: “Nosso movimento feminista proletário estava, no início, bastante contaminado pelas idéias do feminismo burguês”. O que se explicava, porque muitas militantes socialdemocratas eram oriundas daquele movimento. Mas, sobretudo, porque muitos companheiros (homens e mulheres) estavam ainda “inclinados a unir burguesa e proletária para montar esta mulher-modelo que desempenha um papel tão importante na imaginação das feministas burguesas”.

Seis anos mais tarde, em 1901, Clara afirmava, em carta enviada a Kautsky, que, até seu retorno à Alemanha, ninguém, no partido, pensava que valesse a pena ter idéias claras, no plano da teoria, sobre a questão feminina e tirar as conseqüências, para a tática do SPD, desse necessário esclarecimento.

As duas tarefas a que Clara se propôs – e que realizou em boa parte com êxito – foram justamente, de um lado, definir os pontos teóricos, o que julgava indispensável e, de outro, fazer as tra-

balhadoras tomarem consciência de que sua emancipação depende de seu combate pelo socialismo. Trabalho de esclarecimento de um lado, de organização por outro, mas que deve ser enfrentado.

A condição *sine qua non* do sucesso da luta pelo socialismo é, evidentemente, a de que seja travada por todos os proletários, mulheres e homens, juntos. Quando de sua intervenção no congresso em Paris, em 1889, Clara afirmou:

“Como não queremos absolutamente separar nossa causa da dos trabalhadores em geral, não pedimos nenhuma proteção particular (...) Admitimos apenas uma exceção, em benefício das mulheres grávidas, cujo estado exige cuidados particulares em seu interesse e no de sua prole”.

Os congressistas aplaudiram..., mas não a seguiram. Com efeito, nas suas resoluções, o Congresso reivindicou: 1) a interdição do trabalho noturno para as mulheres; 2) a interdição de trabalhos perigosos para o organismo feminino.

Ainda no ano seguinte, no congresso do SPD, em Halle, as três delegadas presentes (entre as quais Clara) propuseram uma resolução que rejeitava toda proteção especial para o trabalho feminino, resolução que o congresso não acatou.

A atitude de Clara se explica pela vontade de apaziguar os adversários do trabalho feminino – numerosos na época nas fileiras socialistas. Com piores salários, as mulheres eram consideradas concorrentes desleais dos homens.

Quando de sua reunião, em novembro de 1867, em Berlim, a Associação Geral dos Trabalhadores Alemães, fundada por Ferdinand Lassalle, afirmou que o lugar da mulher era em casa e não na fábrica. No ano anterior, o congresso internacional de Genebra condenou o trabalho das mulheres nas manufaturas,

que considerava “uma das causas da degenerescência da raça humana”.

Em 1872, ainda, o congresso sindical reunido em Erfurt se pronunciou pela supressão do trabalho feminino. É sintomático que o programa de Erfurt (1891), que serviria, durante décadas, de referência à socialdemocracia, tenha evitado abordar o assunto.

As resoluções dos congressos são uma coisa; outra, são as necessidades da economia. Os industriais apelavam cada vez mais às mulheres e os lares tinham cada vez mais necessidade do reforço do salário feminino.

Daí a mudança de Clara: a partir de então vai lutar para aumentar a proteção legal das trabalhadoras. Desde 1892, os artigos publicados no *A Igualdade* enfatizavam as tarefas específicas da mulher, da mãe, para concluir que a trabalhadora tinha necessidade de uma legislação protetora particular. Esse jornal, sob a pena de Clara, defendia vigorosamente a resolução do congresso internacional de Zurique (1893) que acrescentava, às reivindicações do congresso de Paris, a exigência da jornada de oito horas para as trabalhadoras e trinta e seis horas de repouso semanal contínuo. A primeira justificativa dessa resolução, apresentada por Louise Kautski (a primeira mulher de Karl) não deixava de ser interessante: “Visto que vários grupos de feministas burguesas repudiavam toda legislação protecionista em favor das trabalhadoras...”

Para obter uma melhoria nas condições das operárias, era indispensável que suas reivindicações fossem apoiadas pelos sindicatos. E era necessário, ainda, que eles fossem convencidos da utilidade dessa iniciativa.

No artigo que publicou em 1º de novembro de 1893, Clara mostrou que as trabalhadoras não eram as únicas vítimas da sua

baixa remuneração: elas afastam os homens do mercado de trabalho ou exercem pressão sobre os salários masculinos.

Segundo ela, só existem dois meios de eliminar essas “conseqüências funestas” do trabalho feminino: a proteção legal das trabalhadoras e sua integração às organizações sindicais. Integração que enfrenta uma dupla dificuldade. Primeiro, por parte das próprias mulheres. Muitas vezes resignadas, tímidas, vítimas de preconceitos de toda sorte, elas temem “o tirano que reina na fábrica”. “Mas – prossegue Clara – o obstáculo maior é a falta de tempo, porque a mulher é escrava da fábrica e do lar e sobre ela pesa o fardo de um duplo trabalho”.

Em seguida, por parte dos homens: “Os trabalhadores devem cessar de ver nas trabalhadoras, em primeiro lugar uma mulher a quem se faz a corte se é jovem, bonita, simpática, alegre e com a qual, quando a ocasião permite, pode-se ter certas intimidades ou grosserias”. Depois de ter mostrado que nenhuma greve seria vitoriosa em inúmeros setores, se as trabalhadoras não estivessem ao lado dos homens, Clara pede aos sindicalizados para tratar as trabalhadoras, antes de tudo, como “companheiras indispensáveis na luta de classe e como suas iguais” e, aos sindicatos, “para trabalhar com energia para integrar as mulheres às organizações sindicais”.

O objetivo dessa sindicalização não se limita à igualdade do salário masculino e feminino. Bebel já dissera que a libertação da humanidade da escravidão capitalista não seria concebível se a metade dela permanecesse privada de seus direitos. Se a emancipação feminina supõe a vitória do socialismo, como acreditava Clara, sem a participação das trabalhadoras, essa vitória é impossível. Daí a necessidade de formá-las, educá-las e ganhá-las para essa luta, impelindo-as a se sindicalizarem e a aderir ao SPD. Foi a essa tarefa que Clara consagrou o melhor de sua atividade.

No congresso de Gotha, em 1896, Clara Zetkin expôs longamente suas teorias. Depois de ter afirmado, como Engels, a partir das obras de Henri Morgan e J. Bachofen, a conexão existente entre o nascimento da propriedade privada e a opressão da mulher, Clara insistiu sobre as diferenças de classe naquela época:

“Engajada na luta de classes, a proletária tem tanta necessidade da igualdade jurídica e política quanto a mulher da pequena e da média burguesia e as intelectuais. A trabalhadora que dispõe de sua autonomia tem tanta necessidade quanto a burguesa de classe alta de dispor livremente de seus rendimentos, de seu salário. Mas, apesar de todos esses pontos de contato no plano das reivindicações jurídicas e políticas, a proletária não tem nada em comum, naquilo que se refere a seus interesses econômicos decisivos, com as mulheres das outras classes. Assim, a emancipação da proletária não será obra das mulheres de todas as classes, será unicamente obra do conjunto do proletariado, sem distinção de sexo.”

A maioria dos congressistas aplaudiu a oradora e decidiu que seu discurso seria publicado.

A partir dos anos de 1870, constituíram-se, em vários Estados alemães, organizações que tinham como objetivo contribuir para elevar o nível de instrução das trabalhadoras. Mas esses organismos tiveram, na maioria das vezes, uma existência breve, seja porque não conseguiram interessar um número suficiente de mulheres, seja porque foram dissolvidos pela polícia que os acusava de se dedicarem a atividades políticas. Muitas de suas líderes estavam próximas do SPD, o que, enquanto estivessem em vigor as leis anti-socialistas, lhes valeu estreita vigilância policial.

Tal foi o caso de Gertrud Guillaume-Schack, que fundou, em 1885, em Hamburgo, com Pauline Staegemann e Emma Ihrer, uma associação para a defesa dos interesses das operárias. Se bem que os regulamentos sobre as associações fossem mais liberais em Hamburgo do que na Prússia, a associação hamburguesa, apesar de seu sucesso (mil membros) não sobreviveu aos efeitos da expulsão de Gertrud Guillaume-Schack da Alemanha, ocorrida em 1884.

Na sua *História do movimento feminista proletário*, Clara relaciona a origem desse movimento à criação, na Saxônia, de uma cooperativa sindical internacional dos trabalhadores no lar e dos trabalhadores na indústria, em 1869, que previa em seus estatutos a eleição de mulheres para todos os postos, nas mesmas condições que os homens. Efetivamente, havia duas mulheres na direção (entre quinze membros); e na assembléia geral de Crimmitshau, em 1870, as trabalhadoras representavam a sexta parte de seis a sete mil associados. Mas essa associação também teve uma existência efêmera, desaparecendo em 1873. Um certo número de seus dirigentes, homens e mulheres, foram obrigados a emigrar para os Estados Unidos.

Quando, depois de 1890, o SPD pôde retomar sua atividade legal e os sindicatos de linha socialdemocrata se desenvolveram, colocou-se, para cada uma dessas organizações, a questão da adesão das mulheres.

Os estatutos do partido, adotados em 1890, previam que as mulheres socialdemocratas poderiam designar delegadas aos congressos anuais do partido, caso nenhuma mulher tivesse sido eleita nas assembléias regionais. Em 1892, de acordo com proposta de Otilie Baader (em nome da total igualdade para os dois sexos), essa cláusula foi suprimida..., sendo restabelecida dois anos mais tarde, por proposta de Clara, quando se constatou que a grande

maioria das assembléias locais recusava-se a delegar uma mulher para o congresso do partido.

As mulheres socialdemocratas obtiveram, em 1892, uma modificação de vocabulário que não deixou de ter importância. A propaganda era até então responsabilidade exclusiva dos homens, os *Vertrauensmänner*, [homens de confiança] termo que foi substituído por *Vertrauenspersonen* [pessoas de confiança] para que mulheres pudessem ser incumbidas dessa função.

A necessidade de confiar a mulheres a propaganda dirigida a elas, na prática, pois, assim como as restrições legais às atividades políticas das mulheres, impuseram ao partido a criação de organismos separados: assim foram fundadas, em Hamburgo e em Berlim, comissões femininas de propaganda. A de Hamburgo seria dissolvida em 1893, enquanto a comissão berlinense não cessou de ganhar autoridade, assumindo e coordenando praticamente toda a atividade política feminina no partido. Dissolvida pela polícia em 1895, essa comissão berlinense continuou a existir clandestinamente. Era composta de sete a doze militantes e a sua grande maioria compartilhava o ponto de vista de Clara.

Sua atividade foi um pouco facilitada quando, em 1900, o novo Código Civil permitiu a organização, em nível nacional, de partidos políticos e, em 1902, quando foi abrandado o regulamento sobre reuniões públicas. As mulheres podiam, a partir de então, participar, desde que ficassem separadas dos homens. Entretanto, o regulamento era aplicado com certo rigor: ou seja, a violência policial continuou, aqui e ali, até 1908.

Como, de modo geral, os congressos do partido consagravam pouco tempo às questões da mulher (exceção feita ao congresso de Gotha, em 1896), as mulheres socialdemocratas organizaram, a partir de 1900, paralelamente ao congresso, uma conferência

feminina que se reunia a cada dois anos e propunha ao congresso um certo número de resoluções. Em todos esses organismos, a influência de Clara não cessou de crescer, a ponto de não tardar a tornar-se a figura de proa do feminismo proletário alemão, tendo um papel preponderante no seu desenvolvimento. Em 1895, foi eleita para a Comissão de Disciplina do Partido. Era a primeira mulher a fazer parte de um órgão dirigente do SPD.

Os números atestavam esse desenvolvimento. O número de delegadas (*Vertrauenspersonen*) passou de vinte e cinco em 1901 a quatrocentas e sete em 1907. O número das participantes nas conferências femininas bienais, de vinte, em 1900, passou para cinqüenta e cinco em 1906; crescia, sobretudo, o número de adesões ao partido e o de assinantes do *A Igualdade*, o jornal redigido por Clara.

Entretanto, em inúmeros congressos do partido o sistema de delegadas femininas foi contestado. No congresso de 1902, foi preciso toda a autoridade de Clara para que fosse adotada uma resolução, apresentada por Luise Zietz, que justificava a existência dessas delegadas, que muitos congressistas propunham suprimir. Foi somente em 1905 que os estatutos do SPD estabeleceram: “A propaganda sistemática no proletariado feminino é realizada por delegadas mulheres, eleitas, se possível, em todas as localidades, de acordo com as instâncias do partido”.

As condições de trabalho eram tão duras no fim do século 19, os salários femininos tão baixos, o sistema escolar tão insuficiente, que o nível intelectual das trabalhadoras tornava difícil a propaganda entre elas e, mais difícil ainda, a transformação das simpatizantes em militantes e das militantes em propagandistas.

Para superar essas dificuldades foram criadas, no modelo destinado à formação dos trabalhadores (*Arbeiterbildungsvereine* – círculo de formação dos trabalhadores), associações para as

trabalhadoras. Em princípio, não infringiam os regulamentos da polícia, pois não abordavam temas políticos.

As simpatizantes eram convidadas, periodicamente, a ouvir uma exposição seguida de debates. Na falta de um número suficiente de conferencistas mulheres, recorria-se, uma em cada duas vezes, em média, a homens. Os temas abordados – o *A Igualdade* anunciava regularmente essas conferências e os assuntos tratados – mostravam como eram evitadas as proibições policiais: a escravidão, o movimento operário, o progresso cultural, a superstição popular, o casamento e o divórcio, a astronomia, o modo de produção capitalista e o movimento feminista, o Estado atual e a sociedade socialista futura, a atividade industrial e a ausência de direitos das mulheres, Wolfgang Goethe, será o socialismo uma utopia?, a prostituição, suas causas e sua eliminação.

A polícia não se enganava com tais subterfúgios. Vários desses círculos de formação foram dissolvidos entre 1895 e 1897, muitas vezes renascendo das cinzas. Uma associação fundada em Berlim, em 1899, que se propunha a agrupar “senhoras e moças da classe operária” para “iniciá-las em todos os domínios do saber, em conferências, para melhorar sua formação pela leitura e desenvolver entre elas uma sociabilidade estimulante”, não tardou a contar com mil participantes. Em 1907, existiam no *Reich* noventa e quatro dessas *Frauenbildungsvereine* [círculo de formação das trabalhadoras], com 10.302 membros.

A luta conduzida pelas feministas alemãs conquistou, entre 1890 e 1914, melhorias notáveis nas condições de trabalho das operárias. Embora seja absurdo atribuir esse mérito somente às feministas, seria injusto não reconhecer que contribuíram e, a meu ver, em muito.

Em 1891, no *Reich*, os regulamentos proibiam o trabalho noturno e aos domingos para as mulheres. A jornada de traba-

lho estava fixada em onze horas (dez horas aos sábados e vésperas de feriados). As trabalhadoras tinham direito a seis semanas de descanso (mal remuneradas, é verdade) quando do nascimento de um filho.

Em 1908, a duração legal da jornada de trabalho foi reduzida para dez horas (oito horas aos sábados e vésperas de feriados). O repouso para as parturientes foi estendido a oito semanas. Aumentou-se o número de inspetoras de fábricas encarregadas de verificar a aplicação dos regulamentos.

Entretanto, esses regulamentos só valiam para uma pequena fração das mulheres que trabalhavam. Nem as trabalhadoras rurais, nem as trabalhadoras a domicílio, nem as empregadas domésticas, nem as balconistas e garçonetes foram beneficiadas.

É preciso notar ainda que a lei foi muitas vezes violada ou ignorada e as sanções, raras. Em 1911, de 7.384 infrações constatadas (desrespeito por parte do empregador dos regulamentos em vigor), somente 15% sofreram sanções irrisórias (na maioria das vezes, o empregador recebia multas que variavam de 5 a 30 marcos).

IV – REDATORA-CHEFE DO A IGUALDADE

QUANDO DECIDIU, NO INICIO do verão de 1890, deixar Paris, Clara Zetkin tinha trinta e três anos. Voltar para a Alemanha sim, mas onde ficar? E, sobretudo, como ganhar sua vida e a de seus dois filhos? No fim de algumas semanas, Clara conseguiu trabalho na Suíça. Mas ela não estava bem de saúde. Os últimos meses em Paris a tinham esgotado. O médico com quem ela se consultou falou em tuberculose.

Foi então que, graças à intervenção de August Bebel, foi acolhida em Nordrach, na Floresta Negra, numa casa de repouso mantida por companheiros. E ali ficou, com suas duas crianças, que seguiam alguns cursos dados no estabelecimento, até janeiro de 1891.

Com a saúde restabelecida, Clara decidiu fixar-se na capital do Württemberg. Por que escolheu Stuttgart? Sem dúvida, em razão da presença, nessa cidade, do editor Dietz, para o qual traduzira um romance futurista inglês, *Visão do ano 2000*, de

Edward Bellami. Dietz publicava também a revista *Os Novos Tempos*, cujo redator-chefe, Karl Kautski, Clara conhecia e admirava. (Este interviera junto ao dirigente socialdemocrata, o austríaco Victor Adler, para obter trabalho para a jovem senhora, sem sucesso). Ainda uma outra consideração: em vários Estados do Sul da Alemanha, as mulheres gozavam de certas liberdades. Diferentemente do que acontecia na Prússia ou na Saxônia, em Württemberg ou na região de Baden as mulheres tinham o direito de assistir a reuniões políticas e de fazer pronunciamentos. Enfim, Clara estava segura que, em Stuttgart, os estabelecimentos escolares aceitariam Maxim e Costia.

Clara Zetkin tornara-se conhecida nos meios socialdemocratas por seus artigos: apreciava-se o rigor de seu pensamento, seu estilo e seu cuidado com a precisão e a clareza; no congresso de Paris, seus talentos de organizadora haviam sido avaliados.

Sem dúvida, essas foram as razões que levaram o editor Dietz a confiar-lhe a responsabilidade do modesto jornal feminino que havia acabado de lançar. Pode-se mesmo chamar de jornal a esse boletim bimensal, com algumas páginas apenas, em pequeno formato, e que custava 10 *pfennigs* (centavos de marco), 55 *pfennigs* por trimestre e 85 para quem o recebesse pelo correio?

O primeiro número do *A Igualdade* circulou em 11 de janeiro de 1892. Continha ainda a menção “Editado por Emma Ihrer, em Velten” (Marcha de Brandeburgo), mas indicava Stuttgart como local da edição e informava que as cartas à redação deviam ser enviadas a Clara Zetkin (Eisner), residente na Rothebühlstrasse nº 147. Ao mesmo tempo, convidava as associações femininas que divulgavam entre seus membros os boletins a que o *A Igualdade* sucedia a fazer imediatamente suas encomendas.

O *A Igualdade* tinha, com efeito, ancestrais ainda mais modestos. Em 1885-1886, Gertrud Guillaume-Schack editou em

Offenbach, um boletim destinado às mulheres: o boletim *A Cidadã*. Cinco anos mais tarde, Emma Ihrer lançou o *A Operária*, cujo primeiro número foi publicado em janeiro de 1891, mas que vendeu muito pouco. Daí a idéia de mudar seu título e seu conteúdo e de confiar a redação a uma recém-chegada.

Os títulos escolhidos traduziam as ambições do editor: o *A Cidadã* dirigia-se inicialmente às mulheres que aspiravam obter mais direitos políticos; o *A Operária*, às trabalhadoras (aliás, Emma Ihrer foi cooptada, em 1891, para a comissão central dos sindicatos). A julgar por seu título, o novo bimensal se destinava a todas as mulheres ansiosas por conquistar a igualdade de direitos, mas o subtítulo, que mostrava bem a filiação ao boletim ao qual sucedia, indicava que o jornal defenderia “os interesses das operárias”.

Pela visão e pela leitura do primeiro número do *A Igualdade* seria impossível prever um futuro glorioso para esse boletim: não era particularmente atraente. Um editorial muito longo (um quarto do jornal) tratava da greve dos gráficos; um segundo artigo, quase tão longo, falava das revolucionárias russas. Em seguida, vinha o folhetim de Minna Kautski, mãe de Karl, célebre autora de romances populares. Enfim, duas colunas de notícias curtas: uma expunha a situação das garçonetes de restaurantes e a outra avaliava as possibilidades de as mulheres estudarem. Sob o título “Movimento das Trabalhadoras” anunciavam-se, em algumas linhas, os encontros organizados em diferentes locais para as mulheres que trabalham. Vinham, enfim, algumas breves notícias do estrangeiro. Jornal de luta, destinava-se quase exclusivamente às trabalhadoras para informá-las, buscando conquistá-las para a luta por seus interesses, não em as agradar.

O julgamento de Engels foi severo. Numa carta a Laura Lafargue, em 20 de janeiro de 1892, considera que o boletim

editado por Emma Ihrer era “muito ruim”, acrescentando: “Agora é a pobre Clara que o redige e os dois primeiros números são muito fracos e cansativos”. O público do jornal aumentou lentamente. Sua divulgação precária reflete a lentidão do avanço do movimento feminista proletário. Um relatório do Ministério do Interior da Prússia constatava, ainda em 1899, o malogro da propaganda socialdemocrata entre as trabalhadoras. “As guardiãs do Capitólio fazem um papel ridículo. Todos os esforços de algumas agitadoras fracassam em razão da apatia do proletariado feminino e da falta de interesse da direção do partido”. Um ano antes, em carta a Victor Adler, em 29 de setembro, Bebel, pouco satisfeito com um artigo de Clara Zetkin a respeito da expulsão de Parvus, felicita-se com a pequena divulgação do *A Igualdade*, e com a pouca atenção de que o jornal era objeto.

Mas o *A Igualdade* logo melhorou, jornalisticamente falando. As novidades e as notícias breves substituiriam, pouco a pouco, os artigos demasiadamente longos.

Desde o início, Clara definiu claramente o público que desejava atingir. O jornal não era destinado às mulheres em geral, mas às militantes mais conscientes. No congresso do SPD de 1898, Clara reconheceu que o jornal não tinha por fim suscitar ou organizar um movimento feminino. Seu objetivo primeiro era “formar e fazer progredir as companheiras que estão nas primeiras filas da luta”, conseguir que “se situem claramente no campo da socialdemocracia” e que não se deixem “contaminar pelo movimento feminista burguês”.

Oito anos mais tarde, o primeiro número do século foi publicado em 3 de janeiro de 1900. O formato, o número de páginas e o preço permaneceram os mesmos. O nome de Emma Ihrer foi suprimido. Basta ler o sumário para ver a que ponto o jornal ganhara em variedade e em riqueza.

Na primeira página, um poema. Depois, um breve editorial: “Diante da luta”. Em seguida um artigo intitulado “A situação das operárias de fábrica em Hamburgo”. Os títulos, bem mais numerosos, foram diversificados: notícias do movimento; notas de Lili Braun e de Clara; direito de voto para as mulheres; movimento feminino; três breves artigos dizendo respeito mais especificamente às trabalhadoras: “Inspetoras de fábrica”, “Legislação social” e “Condições do trabalho das operárias”, este último assinado por Luise Ziets. Os artigos são mais breves, mais precisos, mais concretos. O campo coberto pela informação ampliou-se significativamente. Embora a leitora a que se destinava prioritariamente fosse “a operária”, os títulos abrangiam todas as mulheres, fossem quais fossem suas profissões, assim como as donas de casa.

Um artigo insistia para que as moças fossem autorizadas a cursar estudos médicos (a profissão de médico lhes era proibida na época); um outro especificava a situação jurídica e os direitos das esposas.

Naturalmente as trabalhadoras não são esquecidas: “para que sejam obrigatórios cursos de aperfeiçoamento destinados às jovens operárias”, reivindica que as leis de proteção às operárias sejam estendidas às trabalhadoras em casa; há também dados sobre as discriminações sofridas pelas mulheres em matéria de salário.

O *A Igualdade* reunia também informações sobre o movimento feminino socialdemocrata. Solicitava-se às “companheiras oradoras” que informassem o lugar e a data dos comícios dos quais participariam. Otilie Baader estava encarregada de “coordenar nossa propaganda e de torná-la mais eficaz”. Era ela quem coletava os fundos. “A companheira B. enviou 20 marcos, “de parte das companheiras de Colônia”. Os nomes não eram publicados.

A partir de 1902, os relatórios do Ministério do Interior prussiano, antes tão condescendentes a propósito dos esforços, considerados ridículos, das agitadoras socialdemocratas, mencionam, ao contrário, os constantes progressos do movimento. De fato, foi a partir dessa data que o número de assinantes do *A Igualdade* subiu como uma flecha: 4.000 em 1902, 9.500 em 1903, 12.000 em 1904 e 28.700 em 1905. Deficitário até então, a ponto de o editor considerar a possibilidade de transformá-lo em simples suplemento feminino do *Avante*, o que Clara conseguiu evitar a duras penas, o jornal tornava-se lucrativo.

O crescimento das assinaturas, de 1904 a 1905, explicava-se, até certo ponto, pela anexação de dois suplementos de quatro páginas, publicados alternadamente e intitulados “Para as mães e as donas de casa” e “Para nossos filhos”.

Com os progressos do movimento feminista e da sindicalização das mulheres, as críticas endereçadas ao jornal tornaram-se mais incisivas. Nos congressos do partido, como nos dos sindicatos, vozes se levantavam para reprovar no *A Igualdade* seus artigos teóricos, seu aspecto muito severo, seu nível muito elevado e para exigir a criação de um jornal socialdemocrata “descontraído”. Aliás, este problema voltou sempre à tona, em cada etapa do movimento operário, em todos os países.

Clara foi levada a considerar as críticas, pelo menos em parte. Em 1908, o *A Igualdade* mudou de aspecto mais uma vez. Em alguns meses, dobrou de volume. De oito páginas, passou a ter doze em maio e dezesseis em outubro. No entanto, quando a guerra estourou, o *A Igualdade* voltou a ter oito páginas.

O suplemento do primeiro número de 1908 consagrava duas páginas a problemas de pediatria e de dietética: “A gagueira e o cicciamento nas crianças” e “Alimentos que contêm ferro”. Em seguida, vinha o “folhetim”. Em quase todos esses suplementos

a parte literária era importante. O jornal publicava trechos de obras contemporâneas: um poema de Sulli Proudhon, o resumo de um romance de Else Jerusalem, *Der heilige Skarabäus*, que punha em cena prostitutas e sobre o qual *Os Novos Tempos* publicara uma resenha intitulada *Um romance de bordel*.

A educação das crianças tinha um lugar não desprezível: “O papel de educadora da mãe”, “Saraus para as crianças: o que se propõe aos filhos dos proletários?” Enfim, alguns artigos tentavam popularizar ciências e técnicas novas.

Com a passagem para dezesseis páginas, o conteúdo do jornal diversificou-se ainda mais. Mais artigos foram consagrados às profissões que não pertencem ao quadro da classe operária propriamente dita. No número de 12 de abril de 1909, um longo artigo intitulado “Atrás dos bastidores” tratava da situação das atrizes. Em “Miséria do teatro”, comparavam-se os salários dos homens e das mulheres, das coristas em particular.

No congresso socialdemocrata de 1908, estabelecera-se que dali em diante o jornal não seria mais apenas um “fiel conselheiro tendo por fim incentivar a participação das mulheres na luta pela libertação de sua classe”, mas que desejava contribuir “para a autoformação das mulheres em todos os campos” e se empenharia no sentido de facilitar “a realização de seus deveres de donas de casa e de mães”.

No congresso de 1913, Clara justificou as modificações, explicando: “A situação mudou. Antes, o *A Igualdade* era exclusivamente órgão das companheiras que constituíam a elite do proletariado feminino”. Ora, graças à ação de centenas, de milhares de companheiras, o movimento feminista proletário desenvolveu-se muito. “Hoje, adere às nossas organizações uma multidão de proletárias que ignoram o beabá de nossas concepções”.

O que Clara não disse foi que o jornal teve também de se adaptar a suas leitoras: sociologicamente falando, a massa das leitoras do *A Igualdade* mudou, depois do lançamento do jornal. Entre 1890 e 1905, os salários de certas categorias de operários aumentaram, a ponto de modificar o modo de vida de sua família: o salário do marido era suficiente, em alguns casos, para sustentá-la. Diversos estudos, parciais é verdade, sobre o universo das leitoras do *A Igualdade* parecem demonstrar que mais de um terço delas era constituído por mulheres de socialdemocratas que ficavam em casa e cuidavam dos filhos. Era a esse público que se destinavam, em primeiro lugar, os diversos suplementos.

A despeito das contestações, o sucesso do jornal aumentou até a guerra. Em menos de dez anos, de 1905 a 1914, o número de assinantes quase quintuplicou. Até 1911, havia mesmo mais leitoras, assinantes do *A Igualdade*, do que membros da socialdemocracia; como testemunha o quadro a seguir:

Ano	1905	1906	1907	1908	1909	1910	1911	1912	1913	1914
Membros	—	—	—	29.458	62.259	82.242	107.693	130.371	141.115	174.754
Assinantes	28.700	44.000	75.000	77.000	82.000	85.000	94.500	107.000	112.000	125.000

Se o jornal marcou, desde seu primeiro número, sua posição internacionalista, falando dos revolucionários russos, este aspecto foi mais enfatizado quando Clara foi promovida, em 1907, a secretária internacional das mulheres socialistas e o *A Igualdade* tornou-se órgão dessa organização internacional. Desde então, o número de artigos escritos por socialistas de outros países, além do *Reich*, Alexandra Kolontai, Angélica Balabanov etc., não deixou de aumentar.

Para o leitor de hoje, os méritos do *A Igualdade* são consideráveis. Com o livro de Lili Braun, *A questão da mulher*, constitui

uma fonte de informações precisas e quase inesgotáveis sobre a vida e as condições de trabalho das mulheres assalariadas no fim do século 19 e no começo do século 20.

Mas o jornal teve ainda uma outra função. Contribuiu, de maneira decisiva, para o desenvolvimento e a organização do movimento feminista proletário, de um lado constituindo um elo entre todas as organizações locais, propondo conferências e conferencistas, mas também, de outro, onde as autoridades proibiam as organizações de mulheres, mal estas se formavam, agrupando as militantes simplesmente como assinantes do *A Igualdade*. Estas se reuniam, aparentemente para festejar um aniversário ou tomar juntas uma xícara de café, mas, na realidade, para discutir os objetivos e o futuro do movimento.

Podia-se perguntar por que, quando o SPD desenvolveu, a partir de 1907, seu aparato burocrático e passou a exercer um controle, cada vez mais rígido, sobre toda a imprensa socialdemocrata, o *A Igualdade* pôde, exemplo quase único, continuar a se beneficiar de uma liberdade de expressão quase total. Ainda mais que, a partir de 1905, as edições Dietz, que tinham lançado o jornal, passaram a pertencer ao SPD.

Seria o temor de provocar um conflito, que a direção do partido não tinha certeza de ganhar, uma vez que a maioria das dirigentes femininas socialdemocratas estava solidária com Clara e partilhava seus pontos de vista? É mais provável que o jornal se beneficiasse – ainda uma vez – dos preconceitos antifeministas da maioria dos dirigentes socialistas que tinham tendência a achar que todos os problemas que interessavam apenas às mulheres tinham uma importância menor. Clara dispunha, pois, de uma relativa autonomia, com uma condição: não questionar a linha política do SPD.

Algumas adversárias criticavam Clara por fazer do jornal seu reduto privado, não tolerando posições divergentes. Crítica sem fundamento. Quando, depois do congresso de 1896, Henriette Fürth defendeu, contra a opinião de Clara, uma cooperação entre feministas burguesas e feministas proletárias, seu ponto de vista foi exposto no *A Igualdade*; assim também quando Lili Braun fez sua proposta de cozinha comunitária, ou ainda quando da polêmica com Adelheid Popp sobre o direito de voto e a tática das austríacas. Clara chegou mesmo a publicar resoluções da associação feminista burguesa, a BDF, reivindicando igualdade de direitos para as mulheres. Em compensação, Clara sempre se reservou o direito de responder e de concluir um debate com uma observação de sua autoria.

Clara soube dar ao jornal um estilo, o seu. Os artigos que redigiu sem assinar podem ser identificados pela vivacidade do tom, pelas metáforas, muitas vezes pela ironia ou pela veemência de expressão.

Quando se lê a correspondência de Clara, impressiona a importância que o jornal teve em sua vida. Ela incita todos os seus correspondentes, homens e mulheres, nos quais descobre algum talento, a redigir um artigo para o jornal..., procurando ganhá-los para a causa que defendia, como testemunha Gertrud Alexander, que se tornou sua amiga e publicou, em 1928, o primeiro esboço biográfico sobre Clara. Depois que Gertrud enviou um artigo ao *A Igualdade*, foi convidada a vir a Stuttgart: “Em algumas horas, Clara soube explicar concretamente o essencial do materialismo histórico, os fundamentos e os princípios do método marxista, tão claramente, de maneira tão viva que tive a sensação de um cego que recupera a visão”.

V – FEMINISTA

QUEM PODERIA CONTESTAR que Clara Zetkin, durante toda a sua vida, lutou pela emancipação social das mulheres? Mas, qual é o seu feminismo? Quer dizer, será que ela se interessou pela mulher, por seus problemas específicos?

A bem da verdade, seus biógrafos, sobretudo nos países comunistas – e foi nesses países, principalmente na ex-República Democrática Alemã, que se dedicou o maior número de estudos a Clara Zetkin – exploraram e valorizaram pouco esse aspecto de seu pensamento. Mais freqüentemente, enfatizaram as diferenças que separavam “seu” feminismo, o feminismo proletário, do feminismo “burguês”, contra o qual, de fato, ela polemizou enfaticamente.

No Ocidente, feministas contemporâneas criticam freqüentemente Clara por ter subestimado os problemas específicos do sexo feminino, por ter se mostrado conservadora no que diz respeito às relações entre homem e mulher, por ter defendido uma

concepção superada, patriarcal da família. Revolucionária face à defesa dos direitos das mulheres no trabalho, Clara teria sido muito pouco, ou nada mesmo revolucionária, naquele aspecto. Revolucionária, neste caso, teria sido Alexandra Kolontai, ou mesmo, em menor grau, feministas burguesas ou socialdemocratas, tais como Anita Augspurg, Lida Gustava Heimann ou Lili Braun.

Ora, bem antes de suas conversas com Lenin, no decorrer das quais – pelo menos nos relatos que publicou – ela deixa, sobretudo, seu interlocutor falar e não nos transmite grande coisa a respeito de suas próprias reflexões, Clara expôs suas idéias sobre o sexo feminino, delineando a imagem da mulher que concebia.

Quando Geneviève Fraisse e Michelle Perrot, na *História das mulheres*, evocam “as relações conflitantes (do feminismo) com o socialismo, que pensa classe e não sexo”, a fórmula se aplica muito mais ao SPD do que a Clara Zetkin. Esta nunca pensou unicamente em classe, esquecendo os problemas femininos. Simplesmente, sua dimensão propriamente biológica – sobre a qual não insistia, é verdade – não ocultava nunca o aspecto sociopsicológico, que para ela era o essencial. Para ela, o que as mulheres são hoje, sua maneira de ser e de pensar, decorre menos de sua natureza do que de sua cultura. Como marxista, Clara Zetkin situava sempre a mulher na história das mulheres. Com a mudança de suas condições de vida, resultado de seu lugar na sociedade e principalmente no processo econômico, modificar-se-ão também, ao longo do tempo, comportamentos e mentalidades.

Insistindo no fato de que a mulher é um ser humano, como o homem, ela faz da especificidade feminina uma variante desse ser genérico e não uma totalidade exclusiva. Daí sua recusa de exaltar, por exemplo, a maternidade, a característica essencial da

mulher, o que fazia, em sua época, a maioria dos movimentos feministas, expressando assim a concepção dominante na sociedade “burguesa” e provavelmente também nos meios da socialdemocracia alemã.

A primeira brochura redigida por Clara, então em Paris, intitulava-se *A questão das trabalhadoras e a questão feminina de nossa época*. Título significativo. Os problemas da mulher não são reduzidos aos problemas da trabalhadora. É necessário emancipar uma e outra.

“As transformações sociais” – escreve – “criaram novas relações entre os seres humanos, partindo de novas concepções morais que diferem tanto das antigas quanto as novas condições de produção diferem das velhas. Mas, no caso das mulheres, esse processo está apenas começando. A mulher não adequou ainda suas concepções morais às novas relações sociais. Seu código de valores ainda está relacionado com as concepções engendradas pela situação social anterior.”

Ela pensa que a mulher, encerrada na família, não se interessa suficientemente pela vida social. Encerra a riqueza de seus sentimentos “num dedal ou numa marmita”.

Essas idéias serão desenvolvidas por Clara, que as definirá melhor no curso de uma conferência, publicada em livro, em 1899, com o título *O estudante e a mulher*.

“Para algumas feministas, as mulheres devem apagar tudo o que as separa dos homens; repudiam particularmente, todas as tarefas especificamente femininas, consideradas humilhantes”. Enquanto outros “reduzem toda a especificidade feminina ao elemento sexual, a feminilidade sendo concebida como sexualidade”.

Rejeitando essas duas posições extremas, Clara insiste, ao

mesmo tempo, nas duas características da mulher. São seres sexuados, diferentes dos homens, e são, como os homens, seres humanos. Nada há nela de Madeleine Pelletier, que tinha prazer em se vestir como homem. Está, nesse ponto, próxima das concepções da sueca Ellen Kei. Nem mulher-homem, nem “mulher-amante, apenas amante”.

O objetivo da mulher moderna é, segundo ela, o desenvolvimento simultâneo e harmonioso de sua feminilidade e de sua humanidade. A alteridade da especificidade feminina não é de modo algum sinal de inferioridade intelectual. Ao contrário. Para Clara, é a natureza profunda da mulher que a obriga a exercer uma atividade profissional fora de casa – e o aumento do número de mulheres que trabalham fora, nesses últimos anos, parece dar-lhe razão. Essa atividade profissional feminina generalizada é, aliás, a condição necessária para o aumento quantitativo e qualitativo das riquezas sociais produzidas. Para ela, “o movimento feminino moderno traduz a luta da mulher pelo desabrochar e pela plena expressão de sua individualidade”. O primeiro ato dessa luta é a rebelião contra a família, considerando-se que, até aqui, “a vida das mulheres foi posta sob o signo da submissão à família”. Ora, a mulher “sente-se também em casa fora de seu lar”.

A mulher moderna quer a si própria ao mesmo tempo independente e desempenhando plenamente seu papel na sociedade e na célula familiar. “Abafar sua feminilidade, recusar casamento e filhos não lhe parecem – por uma inversão feminista dos valores que fariam da necessidade uma virtude – condições necessárias ao máximo desabrochar de sua personalidade”. Como muitos autores, Clara critica a concepção de casamento vigente na sociedade burguesa de sua época. A mulher casada era então “uma espécie de belo móvel de luxo: no melhor dos casos, serva obediente, dona de casa e enfermeira fiel e atenta”.

Clara desenvolveu, ao contrário, uma concepção de casal que, para ela, deve ser a união de parceiros iguais em direitos e que se enriquecem mutuamente. Realista, bem sabia que, mesmo concebidas assim, nem todas as uniões estão livres de rupturas e doloridos conflitos. Existe entre os dois parceiros “uma série de relações muito delicadas, de reações imperceptíveis, muito sutis, que, segundo o caso, podem fazer da vida em comum uma felicidade muito profunda e elevada ou um inferno insuportável”. Daí, a aprovação do divórcio “por consentimento mútuo” (que só se tornaria legal, na República Federal Alemã, em 1977). Enquanto tantos autores bem pensantes interpretavam o aumento do número de divórcios, particularmente entre os intelectuais e os artistas, como um declínio da moralidade, esse aumento significava para Clara Zetkin, ao contrário, “o sinal de uma grande exigência moral”.

O amor deve preceder o casamento. Mas, para realizar uma união durável, a atração física não é suficiente. É necessário que seja realizado “esse desejo de harmonia, essa vontade comum de progresso que habita o indivíduo moderno”. Se essas afinidades morais e intelectuais não existem ou deixam de existir, “estão reunidas as condições para a desagregação do casamento”.

Ainda que tenha descrito longamente o que deveria ser, a seu ver, a vida do casal e indicado as condições do casamento (com possibilidade de divórcio), Clara não condenava “o amor livre”. Contra os anátemas do pastor Stoecker, enfatiza a hipocrisia de um casamento (burguês) que implica em prostituição e adultério ou, pelo menos, em acomodação. Afirma que, entre as proletárias, “a virgindade e a fidelidade conjugal da mulher perdem seu preço de mercado enquanto garantia biológica da legitimidade dos herdeiros do marido”. Pensa que a evolução histórica,

ao favorecer a igualdade dos sexos, “garantirá à vida amorosa da mulher mais liberdade antes do casamento”.

Não se encontram, entretanto, na obra de Clara grandes explicações sobre a importância ou a necessidade da liberdade sexual.

Talvez considerasse suficiente o que Bebel disse sobre esse assunto no sétimo capítulo de seu livro *A mulher enquanto ser sexuado*. Bebel concluía esse capítulo notando que “o instinto sexual não é moral nem imoral, é simplesmente natural, como a fome e a sede”. E preconizava a instauração de uma educação sexual séria. “Órgãos e instintos que constituem o elemento essencial da natureza humana (...) não devem ser objeto de mistérios, de falsos pudores ou de uma completa ignorância”. Convém desenvolver o conhecimento da fisiologia e da anatomia dos órgãos masculinos e femininos e de suas funções.

Deve-se notar, entretanto, que quando Lenin se ergue com ardor contra as revolucionárias alemãs que discutiam a questão sexual e a teoria freudiana em vez de trabalhar concretamente pela revolução, Clara objeta que “a questão sexual e a questão do casamento geram toda sorte de problemas, de conflitos e de sofrimentos em todas as classes”, conflitos e sofrimentos que a guerra, “em se tratando justamente das relações sexuais, agravou sensivelmente”.

Afirma que, na atmosfera da revolução, “o antigo mundo dos sentimentos e das idéias começara a desmoronar” e que “novas relações e novas atitudes entre os seres começavam a se esboçar. O interesse manifestado com relação a essas questões mostrava a necessidade de vê-las de maneira clara, a necessidade de novas orientações”. É surpreendente que, sem defender nem a teoria freudiana, nem contestar que, para revolucionários, em 1918-1920, havia prioridades e que os problemas da sexualidade e do casamento não deviam monopolizar a discussão, exprimia e com-

preendia a posição das mulheres para as quais essas questões não eram mais tabus. Lenin, com a sua teoria do copo d'água, situa-se no ponto de vista do homem. “Nem monge, nem Don Juan, e ainda menos o filisteu alemão como estágio intermediário”. Clara, quando intervém, o faz como mulher, não sendo tão categórica quanto seu interlocutor.

Clara era tudo, menos pudica. No *A Igualdade*, ela elogia a liberdade de uma escritora, Klara Müller, que, “sem se perguntar sobre os regulamentos do mundo, empunha com mão ousada a taça transbordante do amor” e cita versos que evocam suas relações com aquele que amava: “Em um só mês conhecemos a felicidade de longos anos”.

Em sua polêmica com Edmund Fischer, emprega a expressão “natureza sexual da mulher”, insiste sobre “o direito da mulher de dispor de si mesma” sobre “sua liberdade de escolha no amor”. Dez anos antes (1896), um artigo no *A Igualdade* descrevia o amor das proletárias “sem padre nem juiz”. Na relação amorosa, as operárias buscavam a satisfação de sua vida sentimental, seu prazer sexual e a segurança econômica. “É imoral? Acharmos que não. É moral, desde que uma ligação desse tipo repouse na estima e no amor recíprocos”.

Toda a energia e a atividade de Clara não eram certamente suficientes para modificar as mentalidades naquilo que se refere à relação entre os sexos. Mas, para retomar uma expressão de Engels, “ela forjou sua própria prática”.

Sua vida, talvez mais que suas teorias sobre o assunto, ilustra suas verdadeiras concepções. Viveu, até a morte deste, com um homem que lhe deu dois filhos e com o qual não julgou necessário casar-se. O que demonstra a que ponto estava pouco presa às regras impostas, pelo menos em seu meio, pela sociedade da época.

Com trinta e nove anos, não hesitou em viver “em união livre” com um jovem, dezoito anos mais moço que ela. E se, em seguida, casou-se, foi sem dúvida mais para não chocar alguns de seus companheiros do que por considerar o casamento uma sanção necessária da vida do casal. Seus filhos também viveram livremente. Maxim casou-se, divorciou-se e viveu depois com uma soviética. Costia foi amante de Rosa Luxemburgo antes de se casar.

Muito avançada para a sociedade e as idéias de sua época, Clara mostra como a igualdade entre mulheres e homens, tanto no plano econômico quanto no intelectual, permitirá ao casal novas relações das quais o homem poderá se beneficiar. “Se a atividade profissional abre o mundo para a mulher, restitui o homem à sua casa”. O enriquecimento da personalidade da mulher, a possibilidade que existe para ela, doravante, de uma existência menos rígida, mais rica, facilitará, em compensação, “o desabrochar do homem, criando para ele a possibilidade de uma vida mais variada”. Conseqüências desse desabrochar dos dois parceiros: “Vida familiar mais elevada e mais harmoniosa; acréscimo do patrimônio material e cultural da comunidade familiar”. Assim, o homem terá tempo e capacidade para participar da vida do lar e da educação dos filhos.

Clara atribuía a maior parte dos obstáculos encontrados pela mulher ao sistema econômico existente. Entretanto, era bastante lúcida para notar que, “mesmo numa sociedade socialista”, a mulher deve travar uma luta feroz para estabelecer com toda clareza a demarcação entre seu trabalho no lar e sua atividade profissional”. Simplesmente reduz essa dificuldade a um “conflito de costumes”, somados, na sociedade capitalista, a “constrangimentos externos”, que a seus olhos são decisivos.

É bem verdade que Clara não dissertou longamente sobre a

“dupla jornada” das mulheres que trabalham, e que conheceu muito bem, assim como não ignorava a recusa dos homens em participar dos trabalhos domésticos. Em 1893, escreveu: “o maior obstáculo” à participação das operárias na vida sindical “é a falta de tempo, porque sobre a mulher pesa o fardo de um duplo trabalho”, na fábrica e em casa. Vinte anos mais tarde, relata e manifestamente aprova estas idéias de Lenin:

“A imensa maioria dos homens – os proletários como os outros – não imaginam que poderiam aliviar e mesmo liberar completamente a mulher de muitas das tarefas e encargos se participassem deste “trabalho de mulher”. Mas não! Isso contraria seu direito e sua dignidade, os quais exigem que desfrute de sua tranqüilidade e de sua comodidade em casa”.

Sua afirmação de que a família proletária constitui uma “comunidade de trabalho e de luta da mulher e do homem”, edificada sobre “valores morais”, era sem dúvida mais um desejo do que uma realidade inscrita nos costumes. O *A Igualdade* publicou, em 1904, um artigo de Hilda Maurenbrecher pedindo aos homens que ajudassem as mulheres na manutenção da casa e na educação dos filhos. Mas a autora, realista, reconhecia que a maior parte dos homens consideraria essa sugestão como uma reivindicação ridícula, ao mesmo tempo em que muitas mulheres não desconfiam que têm direitos, enquanto seres humanos, e não somente deveres, enquanto mulheres. Vale notar que, se as feministas burguesas, na época, exigiam creches e, às vezes, um “salário doméstico ou maternal”, quase nenhuma reivindicava a divisão de tarefas no lar.

Entre parênteses: uma pesquisa recente realizada na Alemanha mostra a que ponto, neste assunto, as mentalidades evoluem lentamente. A divisão das tarefas domésticas entre os cônjuges

ocorre efetivamente em menos de 20% dos casais interrogados. “No caso de 60% dos casais, casados ou não casados, de todas as faixas etárias, a divisão de tarefas é a mesma da época de seus avós”.

Se Clara insistia na necessidade de a mulher lutar por seus direitos mesmo numa sociedade socialista, foi porque pôde constatar que suas idéias nem sempre eram admitidas no SPD.

Em março de 1905, Edmund Fischer publicou nos *CADERNOS Socialistas*, órgão da corrente revisionista, um artigo intitulado “Sobre a questão feminina”. Nele, o autor contrariava um certo número de idéias difundidas pelas feministas. Para sua demonstração, utilizava dois tipos de argumentos, uns relativos à “evolução histórica”, outros, à “natureza humana”. A evolução econômica torna necessário o trabalho das mulheres? Não, afirma Fischer. O trabalho das mulheres é um fenômeno contra a natureza, um mal capitalista que deve obrigatoriamente desaparecer com o fim desse sistema. A natureza da mulher é pôr no mundo e educar seus filhos. O socialismo restabelecerá a família (em sua forma patriarcal) que o capitalismo destruiu. Concluía afirmando: “o que se chama de emancipação feminina contraria a natureza da mulher e mesmo a natureza humana”. Faz apenas uma concessão: as mulheres podem “se interessar”, paralelamente à vida doméstica, pela política, pela arte e pela ciência.

O *A Igualdade* decidiu pela publicação regular de um suplemento destinado às donas de casa e às mães. Na apresentação do suplemento, Bebel explicava que se tratava de ensinar à proletária “como, com os poucos recursos de que dispunha, tornar seu lar agradável, confortável e prático para ela, seu marido e seus filhos”.

Clara contestou Fischer vivamente, que ela chamava de Sr. Joseph Proudhon. Ironiza esses maridos, esses socialistas que

declaram: é *minha* mulher quem educa *meu* filho, na *minha* casa. Desenvolve sua argumentação em dois planos. De uma parte, mostra que a evolução que leva as mulheres a exercer uma atividade profissional é irreversível – e nesse ponto a História lhe deu razão – de outra parte, afirma que, mesmo no sistema capitalista, “esboçam-se linhas de evolução no sentido de uma unificação harmoniosa da tarefa de mãe e do trabalho profissional”. Insiste nos progressos técnicos que aliviarão o trabalho doméstico e sobre o papel (futuro) da sociedade, assumindo parte da educação das crianças.

Qualquer que seja o interesse e a pertinência da argumentação de Clara, “a unificação harmoniosa da tarefa materna e do trabalho profissional” não passa de um desejo piedoso, mesmo que, com o passar dos anos, o trabalho doméstico tenha se tornado efetivamente mais leve. Clara é muito mais convincente quando afirma que a evolução “atenua o jugo da mulher” graças a seu trabalho profissional e quando mostra que o interesse superior da sociedade exige que a mulher desenvolva plenamente seu papel, não somente no lar e na família mas também em todos os campos. Assim o mundo poderá, ao lado dos valores masculinos, beneficiar-se dos “valores materiais, intelectuais, morais” que são, segundo Clara, o apanágio das mulheres.

Clara, na verdade, não detalhou como concebia a evolução ulterior da família que, segundo ela, de unidade econômica que era antes, passaria a ser essa “unidade moral” que Karl Marx já havia evocado. Não esboçou, tampouco, em função de quais evoluções a atual “monogamia, cujo respeito estrito é imposto tão-somente à mulher”, seria transformada em “regra moral livremente consentida pelos dois parceiros”. De um modo geral, Clara obviamente confiava (demais), com prioridade, na evolução das condições de produção dos bens materiais e das

relações econômicas para conduzir a uma modificação de mentalidades.

Sobre o que seria a família futura, uma vez instalado o socialismo, Clara se limita a formulações vagas, tão vagas quanto as dos teóricos marxistas que a precederam.

Nos *Princípios do comunismo*, redigidos em 1847, Engels, frente à questão: “que influência a sociedade comunista exercerá sobre a família?”, respondeu: “Transformará as relações entre os dois sexos em relações puramente privadas, nos quais a sociedade não deve se imiscuir”.

Marx previa uma forma “superior” de família que não definia melhor, dizendo que seria absurdo considerar “absoluta e definitiva a forma germano-cristã de família”.

Quanto a Engels, cita Lewis Henri Morgan: “É impossível prever de que natureza será a família que sucederá” ao tipo de família atual. Era de opinião que viria uma “geração de mulheres que nunca em sua vida terão de se dar a um homem por qualquer outro motivo que não o amor verdadeiro ou de se recusar àquele que elas amam por medo das conseqüências econômicas deste abandono”, acrescentando: “essas pessoas não se preocuparão com o que se pensa hoje que deveriam fazer; forjarão sua própria prática e criarão a opinião pública adequada (...) e ponto”.*

Foi a obra de August Bebel, *A mulher e o socialismo*, seguidamente reformulada e reeditada, que mais contribuiu para formar, quanto a esses problemas, a ideologia dos militantes e das militantes socialdemocratas. Bebel tem o mérito de descrever em

* *A origem da família...*, pp. 162-163. Algumas páginas antes, afirmara que “a família conjugal moderna se baseia na escravidão doméstica aberta ou velada da mulher. (...) Na família, o homem é o burguês, a mulher representa o papel do proletariado”, p. 152.

detalhe a situação das trabalhadoras submetidas a uma dupla escravidão, a do empregador (escravidão salarial) e a do marido (escravidão sexual). Entretanto, se bem Bebel refute longamente as teorias que faziam da mulher um ser biologicamente inferior, não consegue evitar sempre características biológicas negativas (as mulheres seriam facilmente tagarelas, ciumentas, vaidosas etc.) que – mesmo sendo consideradas resultado das relações sociais – fazem referência implicitamente a uma “natureza feminina”.

* * *

Clara foi censurada por ter, às vezes, exaltado o papel da mãe. Alguns (raros) artigos ou poemas, publicados no *A Igualdade*, parecem fazer da maternidade uma mística, a razão de ser da mulher.

Clara, aliás, ao contrário, insistiu no fato de que ser uma boa mãe supunha qualidades que não eram de modo algum inatas. “Celebra-se o papel de mãe como o mais nobre e mais difícil de todos. Entretanto, considera-se digna e capaz de exercê-lo a primeira bobinha que expõe num baile, como num mercado, os encantos de seu “eterno feminino”. E cita um ditado popular: “Não é mágica fazer uma criança, mas é bem mais difícil ser mãe”.

Entre as feministas socialistas, várias puseram no mundo inúmeras crianças: Margarethe Wengels, nove; Henriette Fürth, sete.

É um fenômeno bem conhecido e analisado pelos demógrafos que, nas sociedades industrializadas, o tamanho das famílias, o número de filhos por casal tende a diminuir com o acréscimo das riquezas. A Alemanha tomou bruscamente consciência dessa evolução no primeiro decênio do século 20.

As estatísticas mostram que, na Alemanha, o número de nascimentos por mil habitantes caiu de 42,3 em 1875, para 29,36 em 1911 (e que essa evolução acelerou-se desde o início do século: 36,52 em 1901). Por outro lado, mostram também que essa redução era muito maior nas grandes cidades: em Berlim, os números correspondentes foram respectivamente 45 e 20,84.

Os meios conservadores e os poderes públicos tendiam a atribuir à socialdemocracia a responsabilidade pelo decréscimo dos nascimentos, tido como uma catástrofe nacional, porque as teorias socialistas teriam contribuído para a desagregação das famílias e, mais amplamente, para a destruição dos valores sobre os quais se apoiava a sociedade. (Embora essas acusações fossem destituídas de fundamento, como se viu, isso não era obstáculo nem à sua propagação, nem ao fato de certos meios considerarem-nas verdades estabelecidas).

O SPD foi obrigado a tomar posição sobre o problema do decréscimo dos nascimentos: a maior parte dos autores responsabilizava o capitalismo e as más condições sociais engendradas por ele. De fato, entre os trabalhadores, os salários da maioria das operárias, as condições de moradia e sanitárias não eram favoráveis às famílias numerosas (a mortalidade infantil era muito alta em certos bairros operários), embora as estatísticas mostrassem que, nos bairros pobres, o número de filhos por mulher era três vezes maior que nos bairros ricos.

Contrariamente às afirmações dos conservadores, numerosos socialdemocratas (Lassalle, Wilhelm Liebknecht) pronunciaram-se abertamente contra o uso de anticoncepcionais. Para Henriette Fürth “a sexualidade tinha como único objetivo a reprodução da espécie” e Hellpach (pseudônimo Gistrow), no *Os Novos Tempos*, levanta-se contra os casais que só tinham dois filhos. Considera que a “recusa da maternidade por uma mulher

tem algo de mórbido”; quanto à prática do “amor livre”, levava à prostituição generalizada.

Em 1903, um médico suíço, Brupbacher, publicou, em Zurique, um artigo aconselhando a limitação de filhos nos meios operários, lançando a idéia de uma “greve dos ventres”. Dez anos antes, na França, Marie Huot havia recomendado um movimento análogo.

Na Alemanha, em 1913, dois médicos socialdemocratas berlinenses, Alfred Bernstein e Julius Moses, retomaram a idéia dessa “greve”, em conferências freqüentadas por um numeroso público feminino (4 mil ouvintes no dia 24 de agosto, quase outro tanto oito dias mais tarde). A “greve dos ventres” teria como resultado, no dizer dos oradores, acelerar o fim do capitalismo, privando-o de operários e de soldados. Um outro argumento, mais sério a meu ver, consistia em mostrar que a utilização de anticoncepcionais era preferível, principalmente para a saúde da mulher, ao aborto (é difícil dispor de dados confiáveis sobre estes últimos: os números oscilam entre 100 e 800 mil por ano!).

Nos meios socialistas, o eco dessas reuniões foi considerável. O *Avante* tomou posição. Falaram, nessas duas reuniões públicas, todas as feministas conhecidas e mesmo Rosa Luxemburgo que, como se sabe, nunca se interessou particularmente pela questão feminina.

Com a leitura, hoje, de alguns argumentos produzidos na ocasião por Clara, não se poderia dizer que fossem especialmente convincentes. Ela manifestou-se contra qualquer planejamento dos nascimentos. Tais práticas só podem permitir a alguns ou a algumas viver melhor na sociedade burguesa (as estatísticas mostram que os operários melhor pagos figuravam entre esses “alguns” que preferiam “viver melhor na sociedade burguesa” uma vez que, geralmente, tinham poucos filhos). Essa redução “arti-

ficial” de nascimentos não poderia ser um meio de luta para melhorar a situação da classe operária em seu conjunto. Aliás, a História mostra, concluía Clara, que as classes ascendentes ganham por seu tamanho; é importante, portanto, engrossar as tropas dos futuros revolucionários. Senão, sob o pretexto de privar o capitalismo de soldados, ficarão desfalcadas as fileiras da revolução.

Faltou muito para que as explicações de Clara e das outras oradoras, que combatiam as teses dos dois médicos socialistas, obtivessem a aprovação unânime do auditório. Na segunda reunião, Clara foi menos veemente e concordou que as decisões, nesta matéria, dependem de opções individuais: o controle do número de filhos era perfeitamente legítimo no seio da família, mas essas teses não podiam constar do programa do SPD, ainda que este não tivesse interesse de condenar o trabalhador que, por razões sociais, limitasse o número de seus filhos. Ao mesmo tempo, Clara se pronunciava contra o artigo 218, que punia severamente o aborto. A direção do partido evitou tomar posição oficialmente. (Os conservadores aproveitaram a discussão para afirmar que era de fato o SPD o responsável pelo decréscimo dos nascimentos). Todavia, quando, seis meses mais tarde, o *Zentrum* [Partido], católico, exigiu do *Reichstag* a interdição da venda de preservativos, o SPD se opôs, argumentando que se tratava de um assunto pessoal e que o legislador não tinha que regulamentar o seu uso.

Se a “greve dos ventres” constituiu apenas um episódio relativamente breve, a questão da prostituição, pelo contrário, ocupou por muito tempo as feministas (burguesas e proletárias) nos primeiros anos do século 20. Com os progressos da urbanização, o número de prostitutas havia aumentado muito na Alemanha: 200 mil em 1900 e 330 mil em 1914.

Já em 1898, podia-se ler no *A Igualdade* um ataque aos bordéis que forneciam um teto às prostitutas, “enquanto as operárias não tinham onde morar”. De maneira geral, o jornal de Clara mostrava como os baixos salários obrigavam certas categorias de operárias a se prostituírem: era o caso, especialmente, das balconistas de café. Na sua brochura “O estudante e a mulher”, Clara explicava que, antes de se casar, o estudante faz amor “com a balconista ou com a puta”. Uma estatística da época mostrava que as doenças venéreas são mais frequentes em três grupos da população, pela ordem: prostitutas, estudantes e balconistas.

De fato, os socialdemocratas (e Clara com eles) se ocuparam menos com o problema da prostituição do que as feministas burguesas que, num primeiro momento, propuseram pôr as prostitutas na prisão (a que o SPD se opôs, propondo o estabelecimento de um controle sanitário).

Todas as feministas denunciavam a “dupla moral” que aprovava a liberdade sexual do homem, tolerando suas infidelidades e suas “escapadas”, mas que condenava qualquer desvio da mulher. Se os socialdemocratas utilizaram os escândalos havidos, antes da guerra, nas classes altas do poder (pedofilia de Krupp, homossexualismo de um próximo do imperador etc.), para denunciar a corrupção dos costumes da burguesia e da aristocracia, interessaram-se pouco pela sorte das prostitutas, muitas vezes consideradas parte do lumpemproletariado.

Em uma carta a Alexandra Kolontai, de 3 de janeiro de 1914, Clara pedia-lhe para não relacionar a questão das prostitutas à das mães solteiras. Para evitar que estas sejam vencidas e se prostituam, é necessário ajudá-las materialmente. Mas, sobretudo, deve-se liberá-las “da desonra que pesa sobre elas”, reabilitando-as socialmente. E insistir para, em se tratando de medidas em

favor das mães, que fique bem claro que valem tanto para as mulheres casadas quanto para as mães solteiras.

A originalidade das posições de Clara sobressai melhor quando nos lembramos da posição dominante na sociedade alemã sobre essas questões. A tese da inferioridade da mulher continuava a ser amplamente admitida, amparada por uma argumentação pseudocientífica, base da não aceitação da idéia de igualdade dos dois parceiros no casal e a afirmação de uma natureza feminina que confina a mulher no papel de esposa e mãe. Essa idéia era amplamente difundida nos meios socialdemocratas e permanecerá até a República de Weimar. Mesmo depois da concessão dos direitos políticos, as mulheres ficarão restritas às tarefas sociais para as quais possuíam uma predisposição graças a sua especificidade maternal.

A despeito das lutas que ela desenvolveu em seu próprio partido, os comunistas alemães ficaram, entre 1919 e 1933, muito mais próximos dos socialdemocratas do que das concepções de Clara Zetkin.

VI – CLARA E LILI

DIFÍCIL EXPOR AS RELAÇÕES entre essas duas mulheres – Clara Zetkin e Lili Braun – e a polêmica ou as polêmicas entre elas. Difícil pelos inúmeros elementos que se misturam a essas polêmicas, confundindo-as e complicando-as. No plano da teoria, divergências, oposição mesmo entre feminismo burguês e feminismo proletário, de acordo com a terminologia da época. No plano pessoal, a diferença de origem, de formação, de temperamento das duas mulheres, as duas brilhantes e voluntariosas, suscetíveis, criativas e obstinadas na defesa de suas concepções e de suas posições no seio do SPD.

O pai de Lili von Kretschman Braun era general do exército prussiano. Tendo se oposto a Guilherme II, ele foi para a reserva em 1890 e, nesse mesmo ano, o noivado de Lili com um jovem nobre foi rompido. Em 1893, com vinte e oito anos de idade, ela casou-se – casamento de trabalho e não de amor, dirá ela mais tarde – com Georg von Gizicki, professor na Universidade de

Berlim que editava a revista *Cultura Ética*. Lili pensava ter encontrado seu caminho: a fé religiosa foi substituída pela fé no homem. Ao mesmo tempo, aproxima-se do socialismo. Clara caracterizará suas convicções de então como “um socialismo perfumado para salões de pessoas cultas”. Esse primeiro casamento não durou muito. Seu marido, inválido (era hemiplégico), morreu em março de 1895. Em julho de 1896, Lili casou-se com um socialista, Heinrich Braun, redator-chefe do jornal socialdemocrata *Avante*, que integrará, posteriormente, a corrente revisionista, vindo a escrever nos *Cadernos Socialistas*. Com sua mulher, fundará, em 1905, uma revista, *A Nova Sociedade*.

Em maio de 1895, Lili von Gizicki escreveu a Kautski para explicar-lhe que era mais útil ao SPD ficando onde estava. “Se aderir ao SPD, as pessoas de minha classe vão me abandonar e perderei minha renda”. Considerava que o socialismo devia libertar a humanidade inteira e não somente uma classe: “Os burgueses maus também são seres humanos”.

Sob a influência do seu marido, von Gizicki, Lili se interessa pelas questões sociais, pela situação criada para as mulheres na sociedade alemã de então e pela sorte das operárias. Conhece as feministas burguesas Helene Lange, que presidia a BDF, Minna Cauer, representante da ala esquerda da BDF, que liderava a associação O Bem das Mulheres e organizou, em 2 de dezembro de 1894, em Berlim, um encontro durante o qual Lili falou em público pela primeira vez.

Lili subiu à tribuna com uma rosa vermelha na cintura – e será assim que, doravante, falará em todos os comícios. E, como era bela, elegante, inteligente e falava bem, ela ou seduzia o auditório... ou o escandalizava.

As organizadoras censuraram uma parte de seu discurso, pois suas críticas à sociedade alemã foram consideradas veementes

demais, e as opiniões sobre o SPD, favoráveis demais. Falou dos direitos das mulheres, descreveu a miséria das operárias. Seu texto foi publicado no ano seguinte pelo *Avante*.

Em seguida, Lili expôs suas idéias no jornal da associação *O Bem das Mulheres*, num artigo intitulado “O movimento feminista”, declarando cada vez mais francamente suas simpatias pela socialdemocracia, o que lhe valeu ser tratada como socialista dissimulada.

Em junho de 1895, ela foi a Londres, com Minna Cauer, participar de um congresso dedicado à luta contra o alcoolismo. Aí encontrou os líderes do movimento socialista “Fabiano”, sendo seduzida por sua iniciativa: abrir um escritório para estudar o trabalho das mulheres, pesquisar a situação das operárias e propor medidas para melhorá-la.

A idéia de Lili, à qual permanecerá sempre muito apegada, era de aproximar as feministas burguesas – pelo menos aquelas que se situavam na ala esquerda do movimento, Minna Cauer, Lina Morgenstern, entre outras – das militantes socialdemocratas.

Em 1895, Clara manifestou, em carta a Engels, seus temores de que o movimento socialista feminino fosse contaminado pelas idéias éticas (alusão à revista editada por von Gizicki), e se opôs violentamente a Lili sobre a proposta publicada pelo *Avante*. Em 25 de setembro de 1896, escreveu a Kautski, dizendo que Lili Braun:

“... fez um discurso notável. Estou muito feliz, mesmo de um ponto de vista egoísta. Quando ela abertamente e sem reservas pretende se reaproximar de nós, não tenho mais necessidade de reprimir a simpatia pessoal que sinto por ela, e de conter a crítica a suas posições políticas.”

Enquanto isso, em dezembro de 1895, Lili aderiu ao SPD, o que provocou um enorme escândalo em sua família. Sua mãe

acusou-a de impiedade por escolher um partido “que suja e pisa em tudo que nos é sagrado: Deus, a família, o casamento, o Império, o exército.” (Belo exemplo, diga-se de passagem, sobre o juízo da “alta sociedade” a respeito da socialdemocracia que, no entanto, nunca “havia pisado” nem no casamento, nem na família).

A partir de então, as colunas do *A Igualdade* abriram-se para Lili. Mas o trabalho cotidiano, de base, para ganhar as operárias para o socialismo, não era o seu forte. O que queria era inovar, lançar projetos. Assim, em março de 1897, propôs (no *A Igualdade*) criar em Berlim, a exemplo do que foi por ela admirado dois anos antes em Londres, um centro encarregado de pesquisar as condições de vida das operárias: disporia de uma biblioteca e incluiria um escritório, onde as mulheres poderiam solicitar conselhos jurídicos.

Clara combateu o projeto. O pouco de forças de que dispunham as mulheres socialistas estava plenamente ocupado nas tarefas de propaganda e de organização: semana após semana, essas militantes vão de cidade em cidade, encontram companheiras, sobem escadas, explicam, discutem, fazem reuniões. O objetivo não é formar sociólogas, mas despertar a consciência de classe das operárias para transformá-las em militantes socialistas. O que Lili propunha poderia servir, no máximo, de complemento a essa ação prioritária. Poderia ser a tarefa “das socialistas que vivem como burguesas”, concluía Clara.

Antes de publicar seu projeto, Lili discutiu com Bebel, que o acolheu com simpatia. Temendo sem dúvida que Clara não o aprovasse, Lili remeteu-o ao *A Igualdade*, quando sua redatora-chefe estava em férias. Clara escreveu a Kautski: “Estou muito infeliz por descobrir que Lili Braun é uma intrigante”.

A discussão continuou pelo *A Igualdade*. Emma Ihrer aprovou o projeto, mas a maioria das participantes julgou que o partido não tinha meios para executá-lo.

Talvez em consequência de uma intervenção de Bebel, Clara não rompeu relações com Lili. Ao contrário, em função dos conhecimentos desta sobre legislação social, sobre o movimento feminista e, também, da clareza de suas exposições, o *A Igualdade* propôs-lhe uma colaboração regular. Com Clara, redigiria pequenas notas informativas. Juntas, organizaram as propostas que seriam submetidas ao congresso de Hanover e que enumeravam as medidas imediatas capazes de melhorar as condições de trabalho das mulheres. Essas propostas foram aprovadas pelos delegados.

Em 1901, nova iniciativa de Lili. Em um livro intitulado *Trabalho feminino e economia familiar*, sugeria a criação de uma espécie de cooperativa: cerca de cinquenta apartamentos seriam agrupados em torno de uma cozinha coletiva. As famílias que o desejassem tomariam suas refeições em comum; as outras receberiam em casa pratos preparados; haveria uma lavanderia comum; estaria garantida uma creche para os filhos das mulheres que trabalhavam.

Nova rejeição por parte de Clara. O projeto não poderia interessar senão aos operários com melhores salários (e mesmo estes, com o risco do desemprego, nunca estão seguros com relação ao dia seguinte). Lili previu poucas empregadas: duas cozinheiras e uma encarregada, o que significava que seriam muito exploradas. Acrescentar mais gente, encareceria o projeto. Por outro lado, as esposas dos operários com melhores salários não queriam cozinhas comunitárias, preferindo ocupar-se dos afazeres domésticos, cozinhar, preparar elas mesmas as refeições.

Conclusão: as mulheres a quem o projeto interessava não podiam financiá-lo; as que podiam, não o desejavam. Somente numa sociedade socialista é que...

A argumentação de Clara não deixa de ter seu peso. Entretanto, pode-se perguntar se a incompatibilidade de gênios das duas mulheres não contribuiu para incitá-la a combater o projeto. Anos mais tarde, em sua polêmica com Edmund Fischer, Clara explicaria que “Empresas comunitárias assumirão (no futuro) funções até aqui assumidas pelas donas de casa: cooperativas de habitação, de alimentação, restaurantes cooperativos, cozinhas e lavanderias comunitárias etc. Assim a cidade-jardim, com casas individuais ou para duas famílias poderá se desenvolver tão bem quanto a grande cooperativa de habitações”. Tudo isso, é preciso dizê-lo, não estava muito distante da proposta feita por Lili quatro anos antes. E Clara retomaria, em 1913, no *A Igualdade*, a mesma argumentação.

Um ponto desenvolvido por Clara merece atenção. Consta que os trabalhadores com melhores salários rejeitam uma organização comunitária, preferindo sua casa, seu lar. Ora, as reformas reivindicadas pelos socialistas tendem a melhorar as condições de trabalho, mas, também, os salários dos operários. Se, com o aumento das remunerações, o individualismo se desenvolve, não é todo o projeto revolucionário que está em questão? Esses operários não hesitariam em sacrificar suas casas para que seja implantado um tipo de sociedade em que se desenvolveriam instituições comunitárias? Grave problema sobre o qual Clara, assim como os socialistas de esquerda, os que esperam tudo da revolução, não parecem ter refletido.

Por sua vez, Clara sempre insistiu sobre a necessidade, para a mulher, de assegurar sua independência econômica por meio do trabalho. Enfatizou, com acerto, o crescimento do número de

mulheres empregadas na indústria. Em compensação, não comentou que havia uma tendência – que, no entanto, ela constatou – de uma parte significativa de mulheres abandonar seu trabalho externo para se ocupar de tarefas domésticas e do cuidado dos filhos, assim que o salário do marido tornava-se suficiente para manter a família.

Em 1901, Lili publicou um trabalho importante sobre a questão feminina. Clara reconheceu seu interesse. Achou mesmo que a questão havia sido tratada “do nosso ponto de vista”. No entanto, o nome de Clara não foi mencionado no capítulo dedicado ao desenvolvimento do movimento feminista proletário, do qual foi a principal artífice. Bebel comentou o trabalho no *Os Novos Tempos*. Sua resenha foi elogiosa; uma só crítica, a maneira rápida como são tratados o movimento feminista proletário e suas dirigentes. Clara escreveu a Kautski: “A amabilidade de Lili Braun é tão falsa quanto o tom de sua pele”. De fato, só a aversão crescente que Lili nutria por Clara explica a omissão de seu nome e de sua atuação.

A elevada taxa de mortalidade infantil e o grande número de crianças nascendo defeituosas estimularam Lili a recomendar a implantação de um “seguro materno”, financiado por um imposto direto progressivo. Clara rechaçou o projeto na conferência feminina de 1902. Lili insistiu, mostrando que poderia interessar a toda a sociedade, pois que os altos escalões já começavam a se inquietar com a redução do número de recrutas considerados bons para o serviço militar. Difícil mais uma vez avaliar o que, na atitude de Clara, tem a ver com uma apreciação objetiva do projeto de Lili ou com os sentimentos que nutria em relação a sua autora.

O comportamento de Lili descontentava a maior parte das militantes socialistas. A maioria delas, de origem operária, ficava chocada com a desenvoltura dessa mulher vestida com requin-

te, que queria participar do trabalho de agitação, desde que pudesse escolher o que lhe dava prazer: gostava de falar, mas o trabalho cotidiano de organização a aborrecia.

Durante um certo tempo, assistiu às sessões da comissão de agitação berlinense. Em 1902, Otilie Baader decidiu não mais convocá-la, “considerando que se constatou, uma vez mais, que não se pode contar com ela para executar as tarefas das quais se encarregou”. Na conferência feminina de 1902, inúmeras oradoras manifestaram-se contra a presença dessas mulheres cultas, que só querem exhibir-se, nas reuniões do partido. A ruptura consumou-se. A partir daquele ano, Lili Braun deixou de ser redatora do *A Igualdade*.

Enquanto seu marido ostentava posições revisionistas – condenadas pelo congresso de Dresden em 1903 – Lili se interessava cada vez menos pela política cotidiana das mulheres socialdemocratas e de suas organizações. Faz conferências, escreve artigos na imprensa “burguesa”.

Progressivamente, abandona o debate político para se dedicar a atividades mais propriamente literárias. Em 1910, publica *Memórias*, espécie de romance enigmático, mas facilmente compreensível, no qual acertava contas com seus adversários, entre eles Clara, atribuindo-se, por vezes, o melhor papel.

Em 1907, tendo Clara escrito que não se podia contar com ela, considerou-se caluniada e dirigiu-se a vários dirigentes do partido, solicitando a constituição de uma comissão de ética... Depois, diante da recusa, desistiu. Com efeito, Lili não era constante. Cedia aos impulsos do momento. Depois do nascimento de seu filho, descobriu a importância da maternidade. Tendo-se apaixonado durante uma viagem pela Itália, passou a defender o amor livre. Depois de agosto de 1914, exalta a guerra e o nacionalismo alemão.

O que escreveu vinte e um anos antes para sua prima, Mathilde von Colomb, define bastante bem sua personalidade: “Desde a minha infância ou quase, tenho sido impelida de paixão em paixão, nunca pude dominá-las”. Clara, pelo contrário, desde Paris, consagrou sua vida a uma paixão: o triunfo do socialismo, que devia, segundo ela, melhorar o destino de toda a humanidade. Em 29 de agosto de 1900, escreveu a Lili:

“Vivemos e morremos por nossa causa e, neste caso, não temos vida pessoal – ou, então, situamos nossa vida pessoal em primeiro plano, sem nunca nos entregarmos plenamente à nossa causa”.

As relações conflitantes entre Clara e Lili teriam apenas um interesse limitado, se não revelassem o enfrentamento de duas concepções quanto à emancipação das mulheres e se não levassem a indagar quais as razões da obstinação de Clara em recusar qualquer acordo nacional com as feministas burguesas.

Essa recusa não tinha problema, em se tratando da corrente moderada representada por Helene Lange. Esta só se interessava pela conquista dos direitos cívicos para as jovens e as mulheres da burguesia, recusando qualquer colaboração com as associações de operárias e não se preocupando absolutamente com a sorte dessas últimas. A aversão de Helene pela socialdemocracia era patente, o que não a impediu de afirmar: “Todo movimento feminino deve permanecer politicamente neutro”. Chegava a rejeitar a idéia de modificar o artigo 218, que punia o aborto, porque isso seria “impelir ainda mais o povo alemão para o caminho da regressão e da degenerescência”. Essas feministas aprovavam a sociedade patriarcal alemã de então e a política imperialista da Alemanha.

Mas, no seio da BDF surgiu, na metade dos anos de 1890, uma ala dita “radical”, com a qual Clara e as companheiras que a seguiam

colaboraram em muitas ocasiões. Para conquistar o direito das moças ao ensino superior, para a obtenção do direito de voto, para a proteção das trabalhadoras, Clara fez causa comum com as feministas “radicais”. No entanto, não se desviou de sua linha: golpear junto quando é o caso, mas caminhar separadamente.

Essa atitude decorre logicamente de sua posição de princípio. Só o socialismo pode dar às trabalhadoras uma emancipação real. O socialismo não triunfará senão pela luta de todos os proletários. Ora, as mulheres burguesas, quando buscam melhorar a sorte das proletárias, querem na verdade afastá-las da luta de classes.

Clara insiste na falta de cultura ideológica e política das trabalhadoras. Naquele estágio, o discurso das feministas burguesas só podia semear confusão entre elas. O que era necessário, antes de tudo, era fazê-las tomar consciência de sua situação social, convencê-las de que o triunfo do socialismo é para elas a única saída, fazê-las participar da luta política.

Um Bebel, que não demonstrava rigor quando se tratava dessas questões, achava que Clara, em muitas ocasiões, manifestava demasiada intransigência. Clara enfrentou, além disso, críticas de vários socialistas, pertencentes à tendência revisionista – de Henriette Fürth e Walli Zepler – mas também de Emma Ihrer.

Em 1899, o *A Igualdade* definiu assim a política das feministas burguesas de esquerda:

“Uma mistura de boas intenções, de incompreensão e de perplexidade, de grandes protestos de simpatia dirigidos às proletárias e de tímidas tentativas para empreender pequenas ações de seu interesse”.

Mesmo as que discordavam e tentavam modificar sua atitude, no fundo nunca consideraram as operárias como suas iguais,

mas como infelizes que necessitavam de ajuda. As sucessivas propostas de Lili se inscrevem nessa concepção. Não se tratava, para as feministas burguesas, de mobilizar as operárias, de conseguir que lutassem a seu lado para mudar o lugar da mulher, de todas as mulheres, na sociedade da época.

Uma “radical”, Else Lüders, constatou em 1904: “É necessário acabar, de uma vez por todas, com essa mentalidade benéfica, tutelar, de assistência patriarcal e condescendente”, que é a nossa.

Em maio de 1912, uma dessas feministas, Minna Cauer, escrevia:

“As mulheres burguesas não sabem o que querem; as socialistas jamais me tomarão totalmente a sério. Elas têm razão. É preciso que se reúnam muitas condições para que confiem em nós”.

Em 30 de março de 1912, por ocasião de seu septuagésimo aniversário, Minna recebeu a visita de Clara. Eis o que anotou em seu diário:

“A senhora Zetkin ficou perto de quatro horas em minha casa. Suas demonstrações de amizade foram comoventes. Disse-me que, escrevendo o artigo no *A Igualdade*, por ocasião do meu septuagésimo aniversário, chorara, pensando na minha solidão, no combate solitário que eu sempre travara... Que mulher! Ah! se tivéssemos muitas mulheres como ela entre nós! Fiquei com o coração apertado quando ela se foi. Beijou-me afetuosamente. Como Bebel, ela me disse “Fique onde está! A senhora semeia a perturbação; é uma força, a despeito do pequeno grupo que a segue. A senhora destrói preconceitos. Faz viver o movimento burguês pelo direito de voto. Resista!”

VII – A LUTA PELO DIREITO DE VOTO

NA FRANÇA, FOI NECESSÁRIO esperar até 1945 para que as mulheres participassem em pé de igualdade com os homens das eleições políticas. Na Alemanha, obtiveram esse direito meio século antes, logo após a revolução de novembro de 1918.

Contudo, as mulheres alemãs devem essa reforma menos à revolução que às lutas levadas a cabo pelo movimento feminista antes da guerra. Tampouco os conselhos de operários e de soldados, nascidos da revolução, abriram espaço para as mulheres; de um modo geral, esse problema não foi discutido em novembro de 1918.

Em sua primeira intervenção pública, em 1889, em Paris, Clara Zetkin não deu muita importância à obtenção de direitos políticos pelas mulheres. “O direito de voto sem liberdade econômica é, nem mais nem menos, que um cheque sem fundos. Se a emancipação social dependesse dos direitos políticos, esta não existiria nos países nos quais foi instituído o sufrágio universal”.

Pecado de juventude essa intransigência. Foi necessário esperar uma dezena de anos antes que o problema do voto das mulheres voltasse à ordem do dia em seus textos. É verdade que essa reivindicação figurava com todas as letras no programa de Erfurt. É verdade que, em 1895, no *Reichstag*, os deputados socialdemocratas reivindicaram publicamente a extensão às mulheres do sufrágio universal: era de fato a simples afirmação de um princípio... que não se desejava seriamente ver realizado. Bebel considerava que, se as mulheres votassem, sua escolha recairia nos partidos conservadores. (Era o que acontecia, pelo menos no começo da República de Weimar).

Mas, em 1895, nem os conservadores nem mesmo os liberais pensavam em colocar no seu programa a igualdade política das mulheres. Mesmo as feministas burguesas não pensavam em levar avante essa reivindicação. Foi somente em 1902 que algumas “radicais” fundaram, em Hamburgo, uma associação pelo direito de voto para as mulheres, ao mesmo tempo em que, no mesmo ano, conseguiam, apesar da oposição das moderadas, incluir essa reivindicação no programa da BDF.

Até então, Clara insistia na igualdade política de uma maneira geral. No congresso do partido, em 1895, conseguiu fazer adotar uma resolução obrigando o SPD “a tomar enérgicas iniciativas para que sejam abolidas todas as disposições legais que coloquem as mulheres em desvantagem em relação aos homens”. Ainda em 1902, a conferência feminina de Zurique se, por um lado, insistiu na reivindicação do direito de voto, ao mesmo tempo, por outro lado, acrescentou que esse direito deveria ser posto em primeiro plano “caso não comprometesse a ampliação dos direitos políticos da classe operária”. Timidez, que seria motivo de zombaria, não sem razão, para Lili Braun, nos *Cadernos Socialistas*.

No ano seguinte, desaparecia toda reserva. No congresso de Dresden, Clara pede ao partido para não deixar de lado uma posição de princípio em favor do sufrágio feminino: trata-se de agir para obter a plena igualdade dos dois sexos. “A proletária”, diz ela, “tem tanta necessidade quanto as mulheres da pequena e média burguesia de ser igual ao homem no plano jurídico e político”. A diferença está em que, se as feministas burguesas lutam contra os homens de sua classe, as feministas proletárias lutam junto com os homens proletários.

Clara explicou as razões de sua adesão a esta reivindicação. Em seu entender, o voto das mulheres seria uma boa escola para a formação política das trabalhadoras, e a luta por esse direito contribuiria para sua “educação revolucionária”. Nessa questão, ela via um excelente meio de abrir uma brecha na fortaleza mais difícil de tomar: “A indiferença política e a mentalidade retrógrada de grandes massas do proletariado feminino”.

A partir de então, Clara trava um duplo combate. Contra o “sufrágio das senhoras”, isto é, contra o direito de voto limitado a certas categorias sociais. Isso era o que reivindicavam as feministas burguesas que, só em 1917, vão aderir à idéia de um sufrágio feminino direto e universal, mas que até essa data, só cogitavam da extensão às mulheres das formas de voto existentes. Até 1918, na Prússia, para a eleição ao *Landtag* [Assembléia Legislativa], os eleitores eram divididos em três classes, segundo sua fortuna. Esse sufrágio censitário era desfavorável evidentemente à socialdemocracia, representada apenas por uma dezena de deputados na Dieta [Assembléia Legislativa] prussiana, embora fosse o primeiro partido do *Reichstag*, eleito pela proporcionalidade. Em alguns estados do *Reich*, o direito de voto foi outorgado a algumas categorias de burguesas. Na Baviera, as proprietárias de imóveis votavam, na Saxônia, votavam as mu-

lheres solteiras que possuíssem uma propriedade. Clara não queria evidentemente esse escrutínio para ricas.

Para ela, nessa época, o problema principal não era mais a reivindicação, mas os meios a empregar para obtê-la. Esse foi o tema central da conferência feminina internacional de Stuttgart, em 1907. Madeleine Pelletier fazia parte da delegação francesa. A conferência, que precedia o congresso da Segunda Internacional, realizado no mesmo ano e na mesma cidade, adotou a proposta de Clara por 47 votos a 11, uma resolução que ela foi encarregada de apresentar e defender no congresso internacional: “Os partidos socialistas de todos os países”, dizia ela, “têm o dever de lutar energeticamente pela extensão do sufrágio universal às mulheres, (...) quer se trate de assembleias legislativas ou de câmaras municipais” (Walli Zepler, que pertencia à corrente revisionista, julgava a reivindicação pouco realista e pediu que fosse restrita aos conselhos municipais). “O dever do movimento das mulheres socialistas de todos os países é participar ao máximo das lutas pela democratização do direito de voto, (...) insistindo sobre a importância teórica e o alcance prático do sufrágio universal às mulheres”.

Em sua apresentação da resolução ao congresso, Clara enfatizou que o direito de voto não é uma panacéia, que não suprime o principal obstáculo ao livre desabrochar da mulher proletária, a propriedade privada, raiz da exploração e da opressão. Mas o direito de voto, se ajuda as mulheres burguesas a derubar os privilégios masculinos, arma as mulheres proletárias na luta que empreendem contra a dominação de classe. Permite-lhes participar mais amplamente da conquista do poder político pelo proletariado. Não é uma recompensa atribuída às mulheres por sua maturidade política; é um meio eficaz de organizá-las e fazê-las alcançar essa maturidade.

Na comissão do congresso que discutiu o sufrágio feminino, Clara, apoiada por Madeleine Pelletier, opôs-se a Victor Adler: o líder austríaco queria deixar, a cada partido socialista, o poder de decidir se devia, por razões táticas, fazer constar ou não, em seus objetivos imediatos, a luta pelo sufrágio universal feminino. Ela ganhou por pouco (12 votos contra 9). A resolução final determina “que não é desejável indicar a cada partido o momento em que deve lançar a luta pelo direito de voto” mas, uma vez a luta começada, deve-se reivindicar “o direito de voto para todos, sem restrições”.

Dali em diante, a reivindicação pelo direito de voto torna-se o objetivo prioritário das feministas socialistas alemãs. Em 1908, participaram das manifestações para modificação do modo de escrutínio prussiano. Em Berlim, entre as centenas de detenções que a polícia efetuou em conseqüência dessas manifestações, havia seis mulheres.

Rosa Frölich contou como se tornou uma militante política. Em 1907, por ocasião de uma manifestação pelo direito de voto das mulheres, ofereceram-lhe um panfleto sobre o assunto. Interessada, começou a ler a imprensa socialdemocrata e comprou um livro de Clara Zetkin, *Sobre a questão do direito de voto das mulheres*, passando, em seguida, a acompanhar as conferências de um *Frauenbildungsverein* [círculo de formação das trabalhadoras].

A segunda conferência internacional das mulheres socialistas, em Copenhague, 1910, pôs a questão do sufrágio feminino no centro de suas preocupações. A resolução que determinava, por proposta de Clara, a organização, a cada ano, no mês de março, de um dia internacional das mulheres, deixava claro que “as mulheres socialistas de todos os países devem organizá-lo em acordo com os organismos políticos e sindicais” e que “o objetivo imediato era a obtenção do direito de voto”.

A direção do SPD alemão continuava a aceitar essa reivindicação apenas *pro forma*. De maneira geral, a partir do momento que as mulheres, na Prússia, obtiveram o direito de aderir aos partidos políticos, o partido combatia tudo aquilo que, de perto ou de longe, assemelhava-se a uma ação propriamente feminina. Assim, opôs-se, em 1910, à realização das conferências femininas, que tinham lugar a cada dois anos, desde 1900, às vésperas do congresso do partido. Em compensação, foi-lhe difícil recusar a organização do dia internacional, decidido em Copenhague, tanto mais que Luise Zietz – nesse ínterim, integrada ao Comitê Central – havia consolado as mulheres socialistas – que, em 1910, lamentavam a ausência de sua conferência feminina – convidando-as a se mobilizarem para o dia internacional do ano seguinte.

O sucesso dessa comemoração foi extraordinário. Cinco mil mulheres reunidas em Wedding, cinco mil em Moabit (dois bairros de Berlim). No total, naquele 19 de março de 1911, aconteceram quarenta e uma reuniões, muitas vezes seguidas de passeatas, apenas na capital do *Reich*. Em Hamburgo, as mulheres organizaram dezenove reuniões, obtendo uma participação de quatro mil e quinhentas pessoas, na maioria mulheres. Para o *A Igualdade*, essa mobilização em favor do sufrágio feminino constituía “a manifestação mais ‘massiva’ que o movimento pela emancipação do sexo feminino já conheceu”.

É verdade que o dia havia sido bem preparado. No total, perto de três milhões de panfletos foram distribuídos e o *A Igualdade* – como quase toda a imprensa – que noticiou as comemorações, já as vinha divulgando há muito tempo.

Em 1912, as manifestações foram um pouco menos numerosas, mas assim mesmo impressionantes: mil e duzentas mulheres reuniram-se em Essen, mil em Leipzig, mil em Erfurt. Na

maior parte das vezes, essas mulheres desfilavam, disciplinadas e pacíficas, sem que a polícia interviesse. Às vezes, entretanto, a polícia batia e prendia, como em Dusseldorf e em Berlim. Mesmo cenário em 1913.

A julgar pelas fotografias dessas manifestações, as mulheres que participavam não eram todas proletárias, ao contrário: seus chapéus, sua aparência bem o demonstram. Em um momento em que a associação pelo direito de voto, fundada pelas feministas burguesas, estava se dissolvendo, a participação de mulheres de todos os meios em manifestações públicas demonstrava a popularidade da palavra de ordem lançada por Clara, em Copenhague.

Em alguns Estados do *Reich*, haviam sido outorgados direitos cívicos às mulheres, desde antes da guerra. Foram integradas aos trabalhos dos conselhos municipais, embora sempre lhes confiassem os problemas sociais. Essa “conquista” era, portanto, uma faca de dois gumes, pois, longe de representar um progresso na igualdade dos sexos, confirmava uma discriminação “natural”. Aos homens, os problemas políticos; às mulheres, as questões relacionadas a sua “natureza materna”.

Em 1907, em Stuttgart, Clara anunciou que “as proletárias” – teria sido melhor dizer “as mulheres socialistas” – não repudiariam as mulheres da burguesia se estas, na luta pelo direito de voto das mulheres, lutassem juntas, embora caminhando separadamente”. Em 1911, 1912 e 1913, mulheres socialistas e feministas burguesas progressistas marcharam juntas.

Esta não é, sem dúvida, a única explicação para a obtenção, pelas alemãs, em 1918, do direito de voto. Mas é uma delas, sem dúvida, e não deve ser desprezada.

VIII – CLARA ZETKIN E O SPD

PARA APRECIAR MAIS corretamente os resultados obtidos pelo trabalho de um punhado de militantes socialdemocratas na mobilização das mulheres, convém evocar as reações do partido, visto que o objetivo sempre proclamado era fazer as trabalhadoras aderirem ao sindicato e ao partido, à luta comum do proletariado, homens e mulheres juntos, sendo esta, aos olhos desses militantes, a condição *sine qua non* do êxito.

Ora, é forçoso constatar que o SPD, da base à cúpula, nem sempre trouxe à luta das companheiras mulheres o apoio resolutivo que estas tinham o direito de esperar. Essa atitude se explica por muitas razões.

A socialdemocracia, em seu conjunto, não era impermeável aos ares da época: as mulheres eram consideradas na sociedade alemã de então, talvez mais ainda do que nos outros países europeus, como seres inferiores, impermeáveis ao pensamento lógico e, portanto, pouco aptas a “fazer política”. Lili

Braun conta em suas *Memórias* que, numa noite, na casa dos Bebel, depois do jantar, os homens se retiram para outra sala, para discutir política; as mulheres ficam conversando, trocando receitas de cozinha etc. Em toda a história do SPD, nenhuma esposa de dirigente jamais desempenhou qualquer função.

Na conferência feminina de 1908, relata-se este discurso de um dirigente socialdemocrata de Augsburg, depois da eleição de uma mulher para dirigir a sessão: “Já chegaram ao ponto de ter de colocar uma mulher nesta função? Não havia homens que pudessem ocupar o posto?” Não era uma voz isolada. Houve inúmeros exemplos, em Dusseldorf, Leipzig ou Nuremberg, de militantes para os quais apoiar o movimento das mulheres socialdemocratas era um erro “porque elas barram o caminho dos homens”, ou representava, no mínimo, uma perda de tempo. Os relatórios destinados ao Ministério do Interior prussiano enfatizavam muitas vezes a “resistência passiva” dos homens, no partido, à participação das mulheres. Em suas lembranças, muitas militantes expõem suas dificuldades para vencer essa oposição, quando tentavam falar. Os gracejos e as brincadeiras eram os meios mais utilizados para desencorajá-las. Típico esse trecho de uma intervenção de Ignaz Auer no congresso do partido em 1898, depois de um discurso de Clara Zetkin:

“Aonde vamos, se devemos ouvir tais discursos por parte de representantes de um sexo considerado oprimido? (risos). Não tenho pessoalmente um grande entusiasmo por suas reivindicações, todo mundo sabe (risos), mas quando ouvi ontem a companheira Zetkin bombardear-nos com seus ataques (grandes risadas), eu me disse: é este o sexo oprimido! (grandes risadas) O que acontecerá quando for livre e igual em direitos? (tempestade de risos) Ainda mais que o companheiro Heine (que

atacara Clara Zetkin) é um belo rapaz (tempestade de risos)...
Como seremos tratados, nós, os velhos?”

Poderíamos citar outros exemplos de intervenções desse gênero. Entretanto, Auer não era o pior; sequer era fundamentalmente antifeminista. Quando morreu, o *A Igualdade* prestou-lhe homenagem.

Muitas vezes, o *A Igualdade* foi obrigado a publicar manifestações antifeministas de um ou outro companheiro. No mais das vezes eram seguidas de observações do gênero: foi uma posição individual, não traduz o ponto de vista do partido, que é bem conhecido. Clara estaria enganada? É pouco provável.

No congresso do partido, em 1900, Luise Zietz declarou: “Já somos cidadãs de segunda classe, não queremos ser rebaixadas à categoria de companheiros de segunda classe”, enquanto Emma Ihrer queria que o princípio socialdemocrata da igualdade não permanecesse simples teoria, mas valesse também na prática. Georg von Vollmar aconselhou Lili Braun em 1904: “Não se ocupe das mulheres, elas não têm nenhuma importância”.

Ora, essas pessoas que não têm nenhuma importância constituíam mais da metade da população; o número de trabalhadoras não deixava de aumentar. Além disso, embora não tivessem o direito de assistir a reuniões políticas em tempo normal, a lei lhes permitia participar das campanhas eleitorais. Portanto, nem os sindicatos nem o partido podiam ignorá-las. Aliás, o trabalho de algumas militantes mais ativas começava a dar frutos.

Os dirigentes do partido tinham uma dupla preocupação: recrutar militantes, certamente, mas zelar para que fossem sempre os homens a decidir a orientação política. Dar às mulheres apenas uma possibilidade mínima de decisão sobre as questões gerais, manter, se não confinar, suas atividades a setores “especificamente femininos”.

É um fato que as companheiras mulheres foram sempre sub-representadas nos órgãos dirigentes. O número de delegadas aos congressos oscila entre 1 e 6% do total, até 1906; mas, mesmo depois de 1908, quando a porcentagem de militantes variava entre 15 e 20%, nunca houve mais do que uma mulher em dez homens nos congressos do partido. E essas mulheres, com exceção de Rosa Luxemburgo, Clara Zetkin e Luize Zietz, raramente tomavam a palavra.

Até 1907-1908, as relações da direção do partido com Clara, se não foram isentas de choques, permaneceram, de maneira geral, cordiais. A comissão de Berlim, sob a direção de Otilie Baader, desempenhava um trabalho notável. As poucas oradoras do partido percorriam a Alemanha de norte a sul e de leste a oeste. Clara, a mais conhecida, reunia audiências de 1.500 pessoas. Das 3.500 reuniões públicas organizadas num só ano, por uma dezena de militantes socialdemocratas, Clara sozinha realizou duzentas e sessenta e oito.

Clara criticava o partido por não consagrar tempo bastante às questões femininas. Nos congressos, essas questões eram sempre tratadas rapidamente. Foi preciso toda a insistência e a capacidade de luta de Clara para que o congresso de 1896 lhes dedicasse um meio período. Em geral, a redatora-chefe do *A Igualdade* podia contar com o apoio de Kautski e, sobretudo, de Bebel. As coisas vão mudar em 1907-1908, por diversas razões.

A direção do partido – sem renunciar ao discurso revolucionário – abandona progressivamente seu objetivo anterior, a transformação radical do sistema econômico e político, em favor de uma política de reformas progressivas. Desde então, a prioridade foi reforçar a organização, o aparelho do partido, sua burocracia. Essa mudança de orientação política foi acompanhada (e acentuada) pelo acesso à sua direção de homens como Friedrich

Ebert, que não acreditavam numa possível revolução e nem a desejavam mais.

No congresso internacional de Stuttgart, em 1907, Clara afirmava:

“Não são as urnas mais cheias, não são as massas de eleitores mais numerosas, não são as organizações mais poderosas, por mais importantes que sejam, que permitem manter-se na vanguarda do socialismo internacional; uma outra condição é absolutamente indispensável: adotar a posição mais clara e mais revolucionária possível no grande debate de nosso tempo”.

A autorização, enfim concedida às mulheres, na Prússia, em 1908, para assistir a reuniões políticas, modifica também aos olhos da direção do partido os dados do problema. Se, até aqui, haviam sido toleradas, por necessidade, comissões femininas, delegadas eleitas segundo um procedimento especial, de agora em diante companheiros homens e companheiras mulheres estavam em pé de igualdade; as mulheres tinham apenas de trabalhar como os homens nos organismos existentes.

Desde o congresso de Nuremberg, em setembro de 1908, Ottilie Baader e Clara Zetkin pleiteiam que as mulheres estejam representadas nas direções regionais, que delegadas aos congressos possam ser eleitas por assembléias femininas; preconizam e mantêm associações para formação de mulheres. Sobre todos esses pontos, os debates no congresso foram acalorados. As companheiras mulheres conseguiram que uma das suas fosse eleita para a direção do partido, mas foi Luise Zietz, mais flexível e mais dócil, a eleita; Clara foi descartada. Imagine-se sua amargura.

O conflito com a direção não deixaria, desde então, de se agravar. Esta proibiu, sob pretextos mentirosos, a entrada na redação do *A Igualdade* de Elfriede Gewehr, unicamente porque se trata-

va, segundo parece, de uma proposta de Clara. Esta apelou à comissão de ética para que livrasse Elfriede Gewehr das acusações recebidas. Mas a comissão recusa-se a entrar em conflito com a direção. Clara se confessa “desgostosa até o fundo do coração”.

Em 1909, a propósito da publicação de seu trabalho *O caminho do poder*, Karl Kautski, até então uma das lideranças da corrente revolucionária, submete-se à censura da direção, aceitando “corrigir” seu texto, tornando-o insípido. Clara, assim como sua amiga Rosa Luxemburgo, rompe então com Kautski, que fez suas as orientações políticas do Comitê Central.

A partir de 1910, o conflito tornou-se aberto e permanente. Contra a recusa da direção de reunir a conferência feminina, que tinha lugar de dois em dois anos, o *A Igualdade* publica os protestos de numerosos grupos de mulheres socialistas, mas também o ponto de vista de Luise Zietz:

“Não queremos estar continuamente em luta contra nossos companheiros homens. É certo que não tínhamos necessidade de pedir autorização ao partido antes de empreender qualquer ação, mas nos faltavam os meios financeiros”.

Entrementes, Clara perdera o apoio de Bebel (que morreu em 1913, mas que desde 1910, não ocupava mais a posição dominante que tivera outrora) e não podia mais contar com Kautski. O que Victor Adler, em agosto de 1910, escreveu a Kautski, mostra, ao mesmo tempo, a aversão às mulheres e a hostilidade a Clara que reinavam no partido:

“Imagine Clara com um mandato de deputado no *Reichstag*, ao lado de Rosa. Quantos problemas haveria! Perto deles, os que cria a Baader são brincadeiras”.

Clara, entretanto, replicou, convocando, na sua qualidade de secretária internacional das mulheres socialistas, a conferência de

Copenhague. O antifeminismo, dentro do partido, parecia re-crudescer, a ponto de um delegado, no congresso de Iena em 1913, observar:

“Seria bom que os companheiros não demonstrassem tanta mesquinhaaria quanto os homens da burguesia e que vissem com outros olhos o movimento das mulheres”.

De outra parte, as concepções de Clara sobre a organização das mulheres evoluíam. Se antes insistia sobre a necessidade do combate “comum” de todos os proletários, sem distinção de sexo, enfatiza agora as especificidades psicológicas e culturais das mulheres, o que torna indispensável elaborar, e pôr em prática, métodos de propaganda e de formação diferentes daqueles que se utilizam para convencer e ganhar os trabalhadores.

O movimento feminista socialista tem, pois, necessidade de uma certa autonomia, de uma liberdade de movimentos, que será preciso, se necessário, impor aos companheiros homens. E Clara, em sua carta de 7 de setembro de 1913 a uma amiga holandesa, Heleen Ankersmit, em que desenvolve essas idéias, pensa que a luta será difícil, de tal forma os companheiros desconfiam que as mulheres pretendem constituir uma organização separada, sempre que manifestam qualquer autonomia.

A decepção de Clara não foi somente política. Já por ocasião de seus choques com Lili Braun, questionou a atitude pessoal de vários companheiros, lamentando vivamente o “caráter mentiroso” de suas relações com ela. A seus olhos, o socialismo não é apenas uma doutrina social: “ser socialdemocrata é ser mais humano, mais justo, menos egoísta, é aceitar sacrifícios mais facilmente que os burgueses”, escreveu a Kautski. Mesmo tom numa carta de março de 1910 a sua amiga Marie Geck: “Você não pode imaginar a que ponto as pessoas que estão ‘na cabeça’ são mes-

quinhas e suscetíveis. Toda idéia nova parece-lhes uma crítica a sua suficiência burocrática.

Depois de 1910, Clara se viu diante de um terrível dilema. Só o SPD tinha condições, a seus olhos, de assegurar, com suas lutas, a emancipação das mulheres. No entanto, esse partido era dirigido por homens, nos quais ela identificava tais defeitos e fraquezas no plano humano e cujas orientações políticas ela combatia, porque considerava que as mesmas impediam ou comprometiam a possibilidade de uma mudança da sociedade.

Mas Clara tinha ainda grandes reservas de esperança.

IX – VIDA PRIVADA (1890-1914)

Em Stuttgart, naquele fim da primavera de 1891, a vida não era mais fácil do que em Paris. Alguns artigos para o *Os Novos Tempos* não eram suficientes para sustentar uma família de três pessoas.

O irmão de Clara Zetkin, Arthur, que ela visitou quando deixou a Suíça, adiantou-lhe uma pequena quantia. Foi graças a esse dinheiro que alugou um modesto apartamento no quarto andar da Rothebühlstrasse nº 147, na periferia da cidade, a dois passos de um antigo terreno militar desativado, onde antigamente os recrutas faziam exercícios, magnífico espaço para Maxim e Costia brincarem, junto com as crianças do bairro, com quem fizeram amizade.

Alguns meses mais tarde, Clara viu, enfim, financeiramente falando, o fim do túnel. Em dezembro, o editor Dietz confiou-lhe a redação do jornal feminino que tinha a intenção de lançar. Assegurar a redação de um modesto boletim bimestral seria su-

ficiente para preencher a vida de uma mulher tão ativa como Clara? Na realidade, ela nunca foi somente jornalista, mas, antes de tudo, militante. Ainda era preciso poder ser miitante. Por mais que o Estado de Württemberg fosse mais liberal do que a Prússia e autorizasse as mulheres a participar de reuniões políticas, as autoridades criaram inicialmente algumas dificuldades a essa saxã, antes de dar-lhe a nacionalidade wurtemberguesa. Por fim, cederam: por esse lado, o caminho estava livre.

Clara entrou em contato com as mulheres socialistas que se esforçavam para criar, principalmente em Berlim, um embrião de organização: Emma Ihrer, Margarethe Wengels, um pouco mais tarde Ottilie Baader e Luise Zietz. A comissão de propaganda berlinense tinha a tarefa de suscitar e centralizar as demandas dos grupos de feministas socialistas que se constituíam em várias cidades do *Reich* e propor-lhes conferências e, sobretudo, conferencistas. Estas não eram numerosas. Assim, rapidamente, Clara, cujo talento de oradora se afirmava, percorre a Alemanha, indo de cidade em cidade, dormindo na casa das companheiras e passando mais noites fora do que no apartamento da Rothebühlstrasse. Devia, além disso, suportar as pressões da polícia: “segundo seus documentos, a senhora é Clara Eisner e se faz chamar Clara Zetkin. Com que direito usa esse nome falso?” Clara explicava... e nada feito. Era condenada a pagar uma multa. “E dê-se por feliz em não ser presa por falsa identidade”.

Clara também fez contato com as socialistas de Stuttgart e, muitas vezes, tomou a palavra em suas reuniões. Tanto que seria delegada no congresso do partido. E, como não deixa de intervir, isso supunha um conhecimento dos processos e, portanto, a leitura prévia de jornais, regulamentos, leis, estatísticas etc. Enfim, um enorme trabalho de que Clara dava conta porque sabia se organizar... mas, também, porque dormia pouco.

Numa carta à secretária e amiga de Rosa Luxemburgo, Mathilde Jacob, Clara lembrará, vinte anos mais tarde, com saudades, “daqueles tempos felizes em que suas forças permitiam-lhe trabalhar dia e noite, até dezesseis ou vinte horas seguidas”. O que foi confirmado por Engels, que a encontrou no congresso internacional de Zurique e que, em carta de 21 de agosto de 1893, a Laura Lafargue, explica: lá estava “Clara Zetkin, com sua enorme capacidade de trabalho e seu entusiasmo ligeiramente histérico; mas gosto muito dela. Ela escalou o Glärnisch, uma montanha de gelo, foi um grande esforço para uma mulher com sua constituição”.

Ser militante, dirigir-se às operárias, aos socialistas de Hamburgo ou de Dresden, é bonito, mas e os filhos? O que acontece com Costia e Maxim? Clara conseguira pô-los na escola, mas os dois garotos tiveram inicialmente algumas dificuldades, com seus colegas principalmente. Dominavam mal o alemão e ignoravam quase totalmente a gíria dos colegas. Foi, sobretudo o mais velho, Maxim, apelidado de “o francês” antes de ser “o filho da vermelha”, o alvo das zombarias de seus colegas. Mas Maxim era um menino robusto, que sabia usar os punhos: rapidamente deixaram-no em paz.

Em alguns anos, os dois haviam recuperado seu atraso escolar. Em 1894, Clara conseguiu matricular Maxim no melhor estabelecimento secundário de Stuttgart, o Karl Gimnasium [escola secundária], onde Costia se juntou a ele alguns anos mais tarde. Sua mãe havia solicitado e obtido para eles dispensa do curso de religião.

A disciplina rígida que reinava na escola pesava um pouco: em casa, eles descontavam. Eram muito ligados à mãe, cujo trabalho admiravam. Esta, por sua vez, desde cedo, conseguira inculcar-lhes, sem frases inúteis, o senso de responsabilidade, ao

mesmo tempo em que lhes demonstrava um carinho que nunca se desmentiu.

Seus filhos deram-lhe sempre muita satisfação. No ginásio tinham boas notas. Clara escreveu a seus amigos de Baden, a família Geck, em 1894, “os garotos crescem e se desenvolvem magnificamente de todos os pontos de vista”. E, um pouco mais tarde: “Meus filhos são verdadeiros demônios” mas acrescenta: “Tenho horror a essas crianças educadas para se sobressair num salão”.

Em agosto de 1930, por ocasião do quadragésimo sétimo aniversário de Maxim, que se tornara um cirurgião reconhecido:

“Meus pensamentos voltam para o teu nascimento e revejo toda tua evolução até hoje. Eu te agradeço por todo o amor, todo o bem, todo o belo que me deste, por tantas esperanças realizadas, pela convicção de que continuarás a consagrar teu saber e tua capacidade à construção de um mundo novo, mais justo, que em toda a minha vida tentei ajudar a nascer”.

É verdade que Clara se entregava facilmente aos sentimentos e à emoção. O fato é que seus dois filhos ficaram sempre próximos dela. Nada de ruptura de gerações entre os Zetkin.

Voltemos aos anos de 1895 e 1896: em menos de seis anos, a militante, quase desconhecida que era quando se instalou em Stuttgart, tornara-se a mais conhecida das mulheres socialistas. Foi a única militante a ser delegada, a partir de 1891 e até a guerra, em todos os congressos do partido. No congresso de Gotha (1896), o partido aprovou seu programa de emancipação das trabalhadoras. Nos quatro cantos do *Reich*, solicitam-na como conferencista. Em Hamburgo, cobraram-se seis

pfennigs [centavos de marco] pelo ingresso, o que uma ouvinte achou excessivo.

E não era conhecida só na Alemanha. O escritor Alfred Kerr assim descreveu sua participação no congresso internacional socialista de Londres, em 1896:

“É a heroína do congresso. Traduz os discursos dos franceses com tal ênfase, rapidez e domínio que dá a impressão de um discurso original. (...) Em nenhum momento é possível esquecer que devemos tomá-la a sério quando se tem diante de si uma pessoa com capacidade de trabalho tão extraordinária. Ela domina o assunto como ninguém.

E, como um grupo de franceses discordasse do conteúdo de um discurso em alemão que ela traduzia e protestasse, ela os olhou com olhar severo, exclamando: ‘Cidadãos, se não têm consideração por uma companheira de luta, tenham consideração por uma mulher’, o que lhe valeu longos aplausos dos gauleses e de todo o congresso”.

Foi nesse mesmo ano – decididamente importante para ela – que sua vida tomou um novo rumo, pois conheceu aquele que seria seu marido, Friedrich Zundel.

De origem camponesa, Friedrich Zundel escolheu a profissão de artesão-decorador quando, com vinte e sete anos, em 1892, sentiu nascer em si uma vocação de pintor. Depois de dois anos na Escola de Artes Decorativas de Karlsruhe, ingressou na Escola de Belas Artes de Stuttgart, que obteria, em 1901, o *status* de Academia.

Durante seus estudos, teve ocasião de assistir a um comício de August Bebel, que muito o impressionou. Em 1896, por solidariedade com um estudante castigado pelo diretor, os alunos da escola entraram em greve e foi nessa ocasião que esses

jovens se dirigiram a Clara para que os ajudasse a organizar seu movimento. Diante da posição intransigente do diretor, a greve não tardou a fracassar. A direção se mostrou impiedosa: Friedrich Zundel foi expulso, assim como um de seus colegas, o gravador Felix Hollenberg. Ele, que, na qualidade de *Meisterschüler* [aluno exemplar], dispunha de um atelier na escola e recebia encomendas, viu-se na rua da noite para o dia, sem recursos.

Alguns anos antes, Clara, pouco tempo após sua instalação em Stuttgart, conheceu a família Bosch, que morava na casa ao lado. Robert Bosch havia fundado, em 1886, uma pequena fábrica de mecânica de precisão. Era um patrão “social”, pois havia concedido a seus operários uma jornada de nove horas, em 1894, e de oito horas, em 1906. Clara ficou amiga de Robert Bosch, cujo apelido era “o vermelho”. A invenção da vela para motor de automóveis faria a fortuna de sua empresa.

Bosch se interessava pelas artes e, em particular, pela pintura. Com sua ajuda, Clara conseguiu achar para Friedrich Zundel uma moradia e um atelier e o jovem pintor ficou apaixonado por essa mulher elegante, de trinta e nove anos que, embora não fosse bonita, tinha encanto. Numa foto de 1897, ela aparece com seu porte esguio, numa longa saia preta, o rosto cercado pelos cabelos de corte moderno.

Esta é a Clara pintada por Aragon em *Os sinos de Bâle* (não a Clara “histórica” que, em 1912, clama pela paz, na catedral de Bâle, e que é já uma mulher de cinquenta e cinco anos, com cabelos grisalhos):

“Não muito alta”, escreveu Aragon, “ela surpreende por seus traços. Seus cabelos ainda são louros, e dessa espécie de cabelos pesados que nem pente nem grampo conseguem segurar... Não se pode, numa multidão, deixar de vê-la, mas não são

apenas seu colete listrado ou o casaco mal ajeitado nos ombros que chamam a atenção, que atraem a atenção sobre ela. O que há nela de insólito são os olhos, esses olhos imensos, magníficos, os olhos de toda a Alemanha operária, azuis e agitados, como águas profundas cortadas por correntes”.

Provavelmente, o jovem pintor cedeu, tanto ao prestígio intelectual que aureolava essa mulher, inteligente e voluntariosa, quanto a seu encanto físico.

E Clara? Friedrich era jovem, belo, seu talento de pintor começava a ser reconhecido. Havia escrito, no ano anterior, uma peça de teatro (que permaneceu inédita, mas que, sem dúvida, deu a Clara para ler) em que um jovem engenheiro, generoso e ávido por justiça, e apaixonado pela filha do patrão, assume a causa dos operários, contra um mau proprietário de fábrica. Desde Paris, a vida de Clara havia sido só de trabalho, o que lhe valeu sem dúvida sucessos públicos; mas, apaixonada e sentimental como era, devia, em alguns dias, sentir um vazio no coração. Em suma, Clara cedeu ao amor desse jovem e, ignorando a diferença de idade – dezoito anos – decidiram viver juntos.

Os dirigentes do partido criticaram abertamente essa relação. Felizmente, Clara não era mulher que se deixasse impressionar por esse gênero de crítica. Três anos mais tarde, depois de consultar seus dois filhos, que se entendiam muito bem com esse jovem que parecia seu irmão mais velho, Clara decidiu casar-se com Friedrich Zundel.

Embora continuando a levar uma vida modesta, Clara praticamente não tinha mais problemas materiais. No fim do século 19, seu salário de redatora era de 240 marcos por mês (a título de comparação, uma operária ganhava, segundo as estatísticas publicadas pelo *A Igualdade* em 1893, de 40 a 50 marcos em média).

Entretanto seu salário era apenas suficiente para sustentar o casal – pois, no início de sua vida em comum, Friedrich Zundel não ganhava praticamente nada – e pagar o aluguel do novo apartamento. De fato, o casal mudou para um apartamento um pouco maior, na Blumenstrasse nº 34. Pouco a pouco, entretanto, voltam as encomendas: é Robert Bosch que pede ao pintor para fazer o retrato de suas filhas; é um aristocrata italiano estabelecido em Stuttgart, o marquês della Valle di Casanova, que compra diversos quadros seus, e que o convida para decorar sua vila em Pallanza, à beira do lago Maggiore, na Itália. Friedrich Zundel adquire assim uma certa notoriedade: participa de exposições em Paris, Bruxelas, Viena e Munique, em 1904. Foi depois desta última, que lhe propuseram uma cadeira de professor na Academia de Artes da capital da Baviera, proposta que recusou, provavelmente para não viver longe de Clara, de seus filhos e dos amigos comuns.

Depois de quatro anos de casamento, Clara pôde realizar um sonho: viver no campo. O casal comprou, a oito quilômetros de Stuttgart, uma casa grande, rodeada de um imenso jardim, em Sillenbuch. Foi ali que ela viveu até meados dos anos de 1920. E, mesmo depois, quando fez longas estadias na União Soviética, sonhava sempre em voltar. Foi somente em 1929 que encarregou Costia de vender a casa.

O casamento de Clara e Friedrich coincidiu, mais ou menos, com o surgimento de novas amizades. Clara conheceu Franz Mehring (cujo talento e estilo ela admirava) e, sobretudo, Rosa Luxemburgo, que chegou à Alemanha em 1898 e logo se tornou célebre por sua polêmica com Bernstein: *Reforma social ou revolução?* Clara encontrou-a no congresso do partido e, logo, as duas mulheres ficaram muito próximas. Clara hospedava-se em casa de Rosa, quando ia a Berlim. E, em 1900, Rosa escreveu a Clara, depois que esta esteve gravemente doente:

“Eu estava muito inquieta; todo esse tempo pensei em você, queria tanto estar a seu lado para poder tratá-la... Gostaria tanto de falar de tudo com você e esvaziar meu coração, mas por carta é impossível, preciso ter paciência até o dia em que a tiver comigo outra vez.”

O tratamento cerimonioso logo cedeu lugar ao “tu”. Sempre bem-vinda em Stuttgart, Rosa terá seu quarto em Sillenbuch, para onde irá muitas vezes. Amizade política e pessoal. As duas consultavam-se sobre todos os problemas importantes. Curiosamente, é a mais nova, Rosa, que aconselha Clara nas circunstâncias mais difíceis: por ocasião do conflito com Luise Zietz, ou quando Clara pensa em se demitir da comissão de controle do SPD. Suas evoluções serão paralelas: as duas farão campanha contra o revisionismo de Bernstein. Mas foi sobretudo a partir de 1907 que lutaram juntas no seio da ala esquerda do partido.

Entre 1903 e 1910, Sillenbuch tornou-se o ponto de encontro dos amigos do casal: a sobrinha de Clara, Elisabeth Eisner, filha de seu irmão Arthur, Franz Mehring e sua mulher, Gertrud Alexander, a família Geck, cujos filhos tornaram-se amigos de Maxim e de Costia. Dirigentes do partido, os Bebel, os Kautski, Julian Marchlewski, e mesmo, às vezes, Lenin (em 1907); feministas como Alexandra Kolontai, mas também muitos artistas, o gravador Felix Hollenberg, um músico-advogado, amigo de Hugo Wolff e notável intérprete de suas canções, Hugo Faisst; uma atriz, Gertrud Eisoldt, que representaria no teatro de Max Reinhardt, vinha também. Reuniam-se na grande sala do andar térreo: Maxim, quando estava em casa, tocava violino, Clara o acompanhava ao piano, Hugo Faisst cantava. Mas, na maioria das vezes, discutiam. Sobre tudo. Sobre arte e política, com certeza.

Em uma foto, vê-se Clara em seu jardim, segurando pela coleira um cão enorme. Ela gostava de animais. De gatos e, principalmente, de cães, até três ao mesmo tempo. Em 1907, escreveu a uma amiga que um mendigo tentou três vezes envenená-los: “Troll, um animal magnífico, morreu, Wolf e Grimm estão doentes”.

Esses primeiros anos em Sillenbuch foram, sem dúvida, felizes. Rodeada de jovens, Clara rejuvenescia. Em 1907, Friedrich Zundel decidiu comprar um automóvel. Rosa Luxemburgo, que estava na prisão por ter “ofendido o imperador”, ficou encantada: “Eu me alegro desde já pensando em correr de automóvel, da manhã à noite, pelos campos. Teu poeta (era assim que chamavam Zundel nos círculos de amigos) tem verdadeiramente idéias poéticas (contanto que ele não se arruíne).”

Anos felizes, mas não idílicos. A mais dura prova para Clara foi a doença. De repente, em 1899, por ocasião de seu enfrentamento com Lili Braun, quase perdeu a visão. Novo susto em 1906. Em abril ela confia a uma correspondente: “Sem a ajuda de meu marido, eu não teria podido assumir minhas obrigações”, isto é, antes de mais nada, fazer circular o *A Igualdade*. Alguns meses mais tarde, teve de submeter-se, com intervalo de semanas, a três operações que, sem fazerem-na recobrar a visão anterior, permitiram-lhe continuar a ler e a trabalhar. Mas essas intervenções tinham-na enfraquecido terrivelmente. Para Marie Geck, uma de suas amigas íntimas, escreveu em outubro de 1906: “Sinto que o repouso, cada dia mais, é para mim uma necessidade. Todo acontecimento imprevisto, que me põe em contato com muitas pessoas ou rompe meus hábitos, perturba-me e me deixa doente”. Desprezando os conselhos médicos, ela vai ao congresso de Mannheim em setembro, mas desmaia no meio de sua intervenção.

Às perturbações na visão acrescentam-se perturbações na circulação. Clara está acamada novamente em 1909, no momento de seu confronto com Luise Zietz. Em fevereiro de 1911, escreve que está tão doente que mal pode segurar a pena. No fim de maio de 1912, novas intervenções cirúrgicas. No fim de junho, afirma que tudo correu bem, mas que deve permanecer deitada a maior parte do dia. Em março de 1914, confessa a Marie Geck: “Muito para fazer e, muitas vezes, estou doente”.

Dá em diante, tem-se a impressão de assistir a um combate, que vai durar mais de vinte anos, de uma mulher que – quer assumir a sua parte, toda a sua parte, na luta pela emancipação humana – e sua “carça” que, freqüentemente, cada vez mais, lhe recusa qualquer serviço. Essas doenças irão, em alguns anos, fazer dela uma mulher prematuramente envelhecida. Triste, mas lúcida, escreve a Mathilde Jacob, em junho de 1917: “Tenho sessenta anos, mas pareço mais velha que minha avó com oitenta”. E é por isso que recusa o tecido vaporoso que sua correspondente queria dar-lhe como presente, para que fizesse um vestido.

Clara era muito ligada a seu jovem marido, a quem admirava. E este amor a sustenta. Em março de 1914, fala “do quadro magnífico que o poeta acaba de terminar. É uma obra de arte tão bem acabada, de onde emana uma força tão densa, tão calma, tão refletida que, nos momentos mais duros, seu olhar me sustenta e me exalta”. Mas Clara não devia falar nisso: “Ele não suporta que eu cante seus louvores”. A ruptura será para ela tão mais terrível quanto este amor é mais profundo.

Clara estava feliz também, no decorrer dessa primeira década do século 20, por ver os grandes e belos jovens em que tinham se transformado seus dois filhos. Friedrich Zundel os pintou.

Costia em 1900, um violino na mão; Maxim, dois anos mais tarde, em traje de esgrima.*

Concluído o *Abitur*, Maxim fez o curso de Medicina e tornou-se cirurgião. Quanto a Costia, hesitava. Rosa Luxemburgo, da qual tornou-se secretamente amante em 1907, estimula-o a seguir os estudos de economia política e tenta mesmo, sem sucesso aliás, conseguir para ele cursos na escola do partido. Costia volta a Stuttgart, quando ajuda sua mãe na redação do *A Igualdade*.

Em 1914, quando Clara solicitou às autoridades de Leipzig um passaporte para Costia, estas disseram-lhe que era russa. Ela protestou, afirmando que era esposa de Friedrich Zundel e que nunca se casara com Ossip Zetkin. Iriam obrigar Maxim e Costia a usar o nome Eisner? Talvez porque Stuttgart fosse longe de Leipzig, talvez porque os diretores da escola onde ela inscrevera seus filhos em 1891 não lhe haviam pedido documentos de identidade, Maxim e Costia conservaram o nome Zetkin e foi com este nome que foram chamados a servir, alguns meses mais tarde.

Seus filhos, seu marido, seus amigos eram para Clara sua família. Sem dúvida, manteve relações com seu irmão Arthur. Mas, em suas cartas, não há menção nem a sua irmã caçula, nem a sua mãe. Não menciona nem mesmo a morte desta última, em 1906, e não é certo que tenha assistido ao enterro.

* Estas telas, assim como um outro retrato de Costia datado de 1897, estão expostos, desde 1971, na Kunsthalle de Tübingen. Um retrato de Clara pintado em 1898 figura nos arquivos Clara Zetkin em Birkenwerder, perto de Berlim).

X – CONCEPÇÕES ARTÍSTICAS DE UMA MILITANTE SOCIALISTA

Esposa de um pintor, jornalista que abriu generosamente sua casa para artistas e escritores, não é surpreendente que Clara Zetkin tenha se interessado pelos problemas da arte. Mesmo quando Friedrich Zundel a deixou, manteve relações com o produtor Meierhold e com o pintor Heinrich Vogeler.

Entre os líderes da socialdemocracia, isso não era tão freqüente que chamasse a atenção. Não ficaria bem um Friedrich Ebert, um August Bebel, um Wilhelm Liebknecht expondo suas idéias sobre o papel e o lugar da arte numa sociedade futura. Essas reflexões eram na época privilégio da esquerda socialdemocrata: Rosa Luxemburgo e, sobretudo Franz Mehring, que dirigiu um teatro durante quatro anos, de 1892 a 1896, o *Freie Volksbühne* [Teatro Popular], e escreveu numerosos artigos sobre a arte de hoje e de amanhã.

No fim de 1910, Clara expôs suas idéias sobre as relações entre a arte e o proletariado para os membros da comissão cultural dos

trabalhadores de Stuttgart. Ela dava suficiente importância a essas questões para publicar, em 1911, o texto de sua exposição no *A Igualdade*, enquanto a comissão cultural o editava em brochura no mesmo ano. A propósito desse texto, Clara escreveu a Franz Mehing: “Se o escrevi foi também para dar prazer a meu marido. Em tudo o que se refere ao trabalho e às reflexões sobre a arte e ao prazer que ela proporciona, eu lhe devo muito”.

Clara critica, não sem razão, a arte oficial de seu tempo. Era a época em que Guilherme II glorificava a linhagem dos Hohenzollern, fazendo edificar, ao longo de toda a Avenida Tiergarten, no coração de Berlim, as estátuas de seus antepassados, exemplo perfeito da arte acadêmica oficial. Clara denunciava também o efeito da moda, a submissão do artista ao dinheiro. Um pouco esquematicamente, estabelece um estreito vínculo entre a luta dos trabalhadores e a dos artistas, escritores etc.: “Só quando o trabalho se libertar do jugo do capitalismo e, ao mesmo tempo, forem suprimidas as oposições de classe, é que a liberdade da arte ganhará vida e forma”. Revoltando-se, o proletariado não apenas liberta a arte, mas a influencia e a fecunda.

O que estava em jogo na sua opinião, todavia, não era só o destino de uma classe, mas a possibilidade para todos, homens e mulheres, de realizar plenamente sua “condição humana”.

Reencontra-se aqui a noção de *volles Menschentum* [ser humano completo], que já era uma noção central em sua concepção da emancipação feminina. Trata-se para as mulheres (como para os homens) de se tornarem seres humanos por inteiro, seres cujas potencialidades todas possam desabrochar livremente. E o objetivo da luta do proletariado é criar para todos os seres humanos as condições desse desabrochar. O que implica em que seja o herdeiro de todo o legado cultural da humanidade e que

faça frutificar essa herança. Ao mesmo tempo, o proletariado não se restringirá, escreveu Clara, “a se apropriar da cultura burguesa; será forçado a empreender, para começar, uma inversão de valores”. Ela acusa todos aqueles que, no seio do SPD, têm a pretensão de possuir conhecimentos artísticos, de querer “no plano estético, aburguesar o proletariado em lugar de libertar as novas forças culturais que, historicamente, ele detém e de promover seu desabrochar”.

Ela insiste várias vezes na idéia de que a luta de classe do proletariado contém uma nova concepção do mundo, novos ideais intelectuais e morais: entre os oprimidos, surge a necessidade, o gosto por uma arte que exprima essa concepção do mundo, que será amanhã a de toda a humanidade libertada.

Como Mehring, autor de *A lenda de Lessing*, Clara considerava que o proletariado não devia procurar seus modelos na arte contemporânea, mas que desenvolveria a grande arte clássica, “criação do pensamento progressista”, da época da Revolução Francesa. E cita uma cena do *Fausto*, de Goethe, a *Nona Sinfonia*, de Beethoven e o *Hino à Alegria*, de Schiller. O proletariado é o herdeiro legítimo dessa arte criada por uma burguesia que lutava, na época, por sua emancipação. Num ponto, entretanto, não concorda com Mehring. Para este, luta política e renovação artística se excluem.

No livro *A arte e o proletariado*, Clara acredita que “no proletariado multiplicam-se os sinais indicando que este não deseja se restringir a apreciar a arte, mas deseja ser criador de arte. É o que demonstram em primeiro lugar os cantores proletários e os escritores operários”. E lamenta que os críticos, tão prontos a se extasiar diante da obra dos primitivos, só manifestem condescendência ou sarcasmo diante das obras que os proletários tentam realizar: “com mão muitas vezes ainda inábil, mas com alma ar-

dente e palpitante” e que “entre muitas escórias, escondem-se muitas pepitas de ouro”.

Se, evidentemente, Clara só concebia a arte engajada, nunca a reduziu à propaganda. Condenou resolutamente “os editoriais políticos rimados” e, de maneira geral, toda a obra na qual o autor expõe suas idéias por “meios artísticos insuficientes”.

Na primavera de 1910, apareceram, um em seguida ao outro, dois artigos dedicados a Friedrich Zundel, um num semanário cultural de Stuttgart, *Shwäbische Kunstschau* [Amostra de Arte da Suábia], o outro no suplemento de uma publicação socialdemocrata, *Juventude Operária*. Os dois elogiavam o pintor. O segundo tinha como subtítulo “Um artista socialista”.

Em que ou por que Friedrich Zundel era um pintor socialista? Sem dúvida, aos olhos desses críticos, porque escolhera seus modelos entre os trabalhadores. Pintando, nessa época, quase só retratos, chamou um deles de “Greve”, um outro de “Retrato de um mecânico”, um terceiro de “Operário agrícola”, um quarto de “O ceifeiro”, um quinto de “Velha fiando”. Figuras expressivas, enérgicas muitas vezes. Mas, mesmo considerando que os trabalhadores eram então raramente escolhidos como modelo pelos pintores, podemos certamente indagar o que tem de especificamente socialista uma pintura que parece antecipar certas produções pictóricas do “realismo socialista”.

No entanto, esses artigos confortavam Clara quanto à idéia de que uma “arte proletária” era possível, desde agora que ela já existia, mesmo que seus representantes fossem raros.

De fato, Clara parece hesitar entre as duas teses: possibilidade ou impossibilidade de uma arte proletária em um regime capitalista. Considerava necessário desenvolver entre os explorados um novo senso de arte, mas reconhecia que esta possibilidade era limitada na sociedade da época. “A renascença da arte, à qual

aspiramos ardentemente, só será possível na ilha dos bem-aventurados, na sociedade socialista”.

Ela continua prisioneira – como quase toda a socialdemocracia alemã – de um classicismo que desembocará muitas vezes numa arte acadêmica fria... que ela condena explicitamente. Lamenta, com efeito, que nas salas em que os operários costumam se reunir só haja, muitas vezes, como decoração, “uma alegoria gelada da liberdade.”

Parece que Clara não teve conhecimento – em todo o caso não as menciona nem comenta – das pesquisas formais de uma vanguarda que, na França e na Alemanha, quer se pense em *A ponte*, quer em *O cavaleiro azul* estavam renovando profundamente a arte pictórica.

Durante suas conversas com Lenin, que publicará quinze anos mais tarde, Clara confessa que “não tem o órgão que lhe permitiria compreender” a arte moderna. Menciona “as lutas apaixonadas por um conteúdo novo, por formas novas”, mas não contradiz seu interlocutor quando este lhe diz: “Minha cara, nós dois estamos velhos. A nova arte nos ultrapassa, nós claudicamos atrás dela”.

Mesmo mencionando várias vezes a importância dos problemas da forma, é o conteúdo ideológico da arte que prende sua atenção em primeiro lugar. Conseqüência: um certo número de poemas ou de textos foram publicados no *A Igualdade* porque celebravam – muitas vezes com mais ênfase e grandiloqüência do que talento – a luta dos trabalhadores ou o futuro radioso do socialismo.

Em defesa de Clara – será mesmo necessário defendê-la? – deve-se chamar a atenção para seus esforços obstinados em desenvolver a compreensão e o gosto pela arte, pela literatura, entre mulheres que haviam sido obrigadas a deixar a escola com dez ou doze anos.

No *A Igualdade* publicou extratos da obra de grandes autores alemães e estrangeiros, resenhas de romances de Balzac, novelas de Alphonse Daudet e peças de Ibsen, entre outras.

Entretanto, nessa época, sua concepção da literatura era, antes de tudo, instrumental. Certamente Clara fala muitas vezes do “prazer” que um livro ou uma obra de arte proporciona. Mas, mais importante para ela, é o valor “pedagógico” da obra de arte. Esta deve contribuir para o desenvolvimento das “forças espirituais e morais” que facilitarão e levarão “ao engajamento de toda a personalidade nesse nobre objetivo que é o socialismo”.

Mais moderna é, a meu ver, a concepção de cultura que Clara esboça, sem, todavia desenvolvê-la, depois da guerra. Em 6 de dezembro de 1920, por ocasião de um debate sobre a política educacional comunista, ela alerta os delegados contra a proposta de vários participantes de redigir um “programa cultural”. Segundo ela, todo programa cultural corre o risco de ser minimalista, na medida em que tende a promover só um certo tipo de literatura, de arte, e mesmo de ciência. Sua concepção de cultura é muito mais ampla:

“Nosso programa agrário é também um programa cultural, assim como as resoluções sobre a ajuda aos desempregados, os sindicatos ou o movimento da juventude. Toda nossa atividade não pretende criar uma base sólida para assegurar às massas a mais ampla cultura?”

Em um artigo publicado em 1900, no *A Igualdade*, e sintomaticamente denominado “Para a liberdade da cultura”, Clara se opõe a filisteus e jacobinos, por ocasião da discussão no Parlamento de um projeto de lei, a lei Heinze que, sob o pretexto de defender a moral, pretendia proibir aquilo que “sem ser obsceno, fere grosseiramente o pudor” ou “toda publicidade que pro-

voca escândalo”. Ao contrário, Clara defende, na pintura, “o nu, símbolo da natureza humana viva”, e a literatura moderna, que os obscurantistas atacam, porque é a expressão do “espírito crítico moderno”. De maneira mais geral, Clara se pronuncia pelo “livre desenvolvimento da vida intelectual que se reflete na arte”.

Um ano antes, Clara dedicara uma longa resenha, em *Os Novos Tempos*, ao romance de Alphonse Daudet, *O imortal*, precisamente porque via nele uma crítica “às tendências imobilizadoras, corporativistas e acadêmicas da arte e da ciência”.

Uma vez mais, para apreciar corretamente as posições de Clara, é necessário situá-las em sua época. O que fazia furor na Alemanha entre as leitoras – e não somente entre as burguesas – eram os romances “água com açúcar” de Eugenie Marlitt, de Hedwig Courts-Mahler ou de Ludwig Ganghofer, que o imperador Guilherme II tanto apreciava. Obras constantemente reeditadas e publicadas em folhetins nas revistas “femininas” do tipo “casa e jardim”. Contra essa perversão do gosto, Clara lutou no *A Igualdade* propondo às assinantes textos de autores que não eram de fácil acesso, principalmente para mulheres pouco cultas. Assim fazendo, esperava formar o gosto das leitoras. Quantas críticas lhe valeu essa opção! Mas recusou-se sempre a transigir sobre essas questões.

Clara opôs-se explicitamente à exaltação da cultura nacional, se essa significasse, como era o caso na Alemanha imperial, denegrir as culturas estrangeiras. Por ocasião da discussão da lei escolar no *Reichstag*, em 1922, pleiteou a abertura da escola às produções culturais de outros países:

“A escola deve ser fecundada pela cultura dos outros povos e o desenvolvimento da Alemanha será tanto mais vigoroso e rico na medida em que as melhores obras culturais afluírem de todos os lados e forem mais facilmente acessíveis às crianças alemãs”.

Mais tarde, ela se insurgirá contra a pretensão dos ocidentais de ter o apanágio de toda a cultura. Pregará uma cooperação Leste-Oeste, “cada um sendo, ao mesmo tempo, aquele que dá e aquele que recebe”. Belo sonho que a realidade vai desmentir: em lugar de cooperação cultural entre Leste e Oeste, foi, na maioria das vezes, a guerra ideológica e a ignorância recíproca que prevaleceram.

XI – EDUCAÇÃO E ENSINO

Como explicar a pertinência das observações de Clara Zetkin sobre o sistema escolar e a surpreendente modernidade de suas propostas? Por que ela mesma, ao freqüentar a escola de professoras de Auguste Schmidt e, mais tarde, durante os anos em que exerceu a profissão de preceptora, se defrontou concretamente com os problemas da educação? Por que acompanhou de perto, em Stuttgart, o aprendizado escolar de seus dois filhos e verificou as deficiências da escola da época de Guilherme II? Por que, de todos os membros de sua família, estava mais ligada a seu irmão Arthur, que era professor, e que tinha, por seu intermédio, informações em primeira mão sobre as condições dos professores e as dificuldades que encontravam no exercício de sua função de educadores? Ou por que suas convicções a levavam a atribuir a maior importância à formação da nova geração, aquela que, como ela esperava, teria a responsabilidade da transformação fundamental da sociedade?

O fato é que, quando se lê, com oitenta e nove anos de distância, o relatório que Clara fez, na conferência das mulheres socialdemocratas, realizada em Bremen, em 18 de setembro de 1904, às vésperas do congresso do partido, duas constatações parecem se impor. De uma parte, que seria possível encontrar, no discurso dos professores, hoje, na Alemanha e na França, até mesmo certas fórmulas empregadas por Clara; de outra parte, que, a despeito de progressos inegáveis, algumas de suas reivindicações ainda não foram atendidas; e, no entanto, ninguém, sem dúvida, pensaria em contestar o quanto eram bem fundamentadas.

Clara retoma para seu uso a finalidade que Comenius, pedagogo tcheco do século 17, atribuía à educação: “formar todos os seres humanos em tudo o que é humano”. Essa é a tarefa da sociedade. O Estado deve, ou antes, deveria, destinar para isso os recursos necessários.

Ora, constata Clara, a educação não é absolutamente a preocupação prioritária da Alemanha imperial. E citava as quantias gastas com a escola primária no começo do século 20, nos diferentes Estados que constituem o *Reich*. Eram, sobretudo, as prefeituras que assumiam dois terços das despesas, sendo que os Estados, contribuía com apenas um terço (na Alemanha, ontem como hoje, a educação é competência dos *Länder* [Estados da Federação], e não depende do poder central). E comparava o orçamento global da escola com as despesas militares: 341 milhões de marcos no total, para as 59,3 mil escolas primárias, que atendem a 8,66 milhões de alunos, e um pouco mais de um bilhão de marcos, três vezes mais, portanto, para o Exército e a Marinha.

Clara se preocupava com as condições materiais: “É necessário”, dizia ela, “que os estabelecimentos escolares sejam belos

prédios saudáveis”. Às vezes, na zona rural, as salas de aula são tão pequenas que nem todos os alunos podem sentar-se.

A média de alunos por professor oscilava então, segundo os Estados e os municípios, entre sessenta e oitenta. “Esta enorme sobrecarga nas classes põe o professor na total impossibilidade de dar a atenção necessária ao desenvolvimento físico, intelectual e moral de cada criança”. E mostrava ainda, com o auxílio de números, que os soldados recebiam mais atenção do que os estudantes.

Outra reivindicação que não envelheceu: os salários dos professores são muito baixos (na Prússia, eram inferiores ao salário médio dos operários de fábrica; em Württemberg, o piso salarial era um pouco mais alto, 1,2 mil marcos por ano, mas ainda assim insuficiente). “Os baixos salários dos professores implicam em condições de vida que não lhes permitem compensar a energia dispendida (...); impedem o professor de terminar sua formação”.

Mal pagos, os professores buscam rendas complementares, e envenenam sua vida, dando aulas particulares. E tudo isso é ainda mais verdadeiro para as professoras, em situação pior do que a dos professores.

“Eis porque nossos professores e professoras de escola, cheios de preocupações, pressionados, não podem ter a força e o entusiasmo necessários para fazer das crianças do povo personalidades harmoniosamente desenvolvidas. Como a sociedade burguesa valoriza pouco a mais digna e a mais importante de todas as atividades humanas, a educação dos homens! Compare-se o valor de um professor com o de um capitão na ‘bolsa’ dos casamentos burgueses!”.

A reforma preconizada por Clara se articula em torno de três elementos: a escola deve ser gratuita, leiga, unificada, isto é, de-

veria haver um mesmo tipo de escola do maternal à universidade, acessível a todas as crianças, seja qual for sua origem social. Ela defende um sistema escolar nacional, isto é, idêntico nos diversos Estados que compõem o *Reich*.

Em 1904, havia na Alemanha “escolas de todos os tipos: umas baratas e ruins – as que acolhem os filhos do povo trabalhador – outras melhores, porém caras”. Não é o talento ou o interesse do aluno que lhe dá acesso aos cursos superiores, “mas a previdência que demonstrou ao escolher seus pais”, escreve Clara, não sem humor.

Gratuidade do ensino, mas gratuidade também do material pedagógico e das refeições na escola. Raros eram, em 1904, os municípios alemães que forneciam aos alunos material escolar e que dispunham de cantinas. Clara reivindica a generalização dessa prática, solicitando que as refeições dos alunos não sejam financiadas por coletas de dinheiro ou por instituições de caridade, mas com recursos públicos. Propunha que as crianças fossem preparadas para acompanhar as classes do curso primário em jardins da infância e que os estudantes fossem cuidados, vigiados e educados em uma instituição especial, após as aulas e durante as férias escolares (considerando-se que na época não existiam férias anuais para os trabalhadores).

Em 1904, muitas crianças só frequentavam a escola primária. Clara desejava que, graças à cultura geral e aos conhecimentos adquiridos, os alunos estivessem melhor preparados, no fim desse ciclo, para escolher uma profissão, mas que também pudessem completar sua formação, seguindo cursos em uma escola de aperfeiçoamento, que também seria obrigatória.

A escola primária deveria se articular com uma escola de nível médio, que fornecesse formação profissional aos alunos que não tivessem capacidade para empreender estudos superiores, ou

que não o desejassem. O tipo de formação profissional determinaria “a natureza e a distribuição das matérias ensinadas, enfatizando-se, conforme o caso, as técnicas, as ciências, ou as disciplinas artísticas”.

Outra reivindicação, revolucionária: escolas mistas. Mistas quanto aos alunos e quanto aos professores. Homens e mulheres deveriam participar do ensino “em pé de igualdade, inclusive quanto aos salários”, o que implica, “necessariamente, em nomear também mulheres para os mais altos postos, no ensino e na administração escolar”.

Relações de companheirismo entre meninos e meninas, mais informação sobre as questões sexuais “constituiriam uma excelente proteção contra os numerosos perigos e vícios que espreitam os rapazes em consequência da dupla moral tradicional”.

Sabe-se que hoje, ainda, na Alemanha, a religião é matéria de ensino e de exame, tanto quanto as línguas ou a matemática. Em todas as suas intervenções, Clara lutou pelo ensino laico. Reconhece que as religiões contribuíram para os progressos culturais da humanidade. Respeita o sentimento religioso, “experiência profunda e inteiramente pessoal”, mas considera que “não é possível adquiri-lo no ritmo do calendário escolar e das horas de aula”. Ora, o que se ensina às crianças “mecanicamente e a golpes de régua nos dedos”, são dogmas, uma mixórdia de fórmulas mortas. Em 1904, ficou estabelecido que, “na Prússia, seriam ensinados às crianças ‘apenas’ 110 versículos do “Novo Testamento”, de 20 a 40 do “Antigo” e 20 cantos do “Livro dos Cânticos”. Na Saxônia, evidentemente, acrescenta Clara, as pessoas são mais piedosas”.

Em seu entender, o curso de religião é um contra-senso pedagógico na medida em que sobrecarrega a memória, em lugar de incitar à reflexão. Além do mais, esses cursos de religião são estritamente confessionais “e longe de ensinar aos alunos o res-

peito e a tolerância para com outras crenças, levam-nos, ao contrário, a ver em toda pessoa que pensa diferentemente um herético que devem menosprezar”. “A sociedade tem como único dever tornar as crianças capazes de fazer o que lhes é útil para a vida aqui embaixo. A preocupação com o além, escreve Clara, é assunto dos pais”.

De passagem, observa que na França e nos Países Baixos o ensino é laico. Por que não substituir o curso de religião por um ensino de moral, que deveria ser completado por um curso de legislação e de instrução cívica?

1922. Mudança de cenário. A tribuna do *Reichstag* substituiu a das conferências do partido. O tema é o mesmo: a escola. Os oradores também são os mesmos: Heinrich Schulz e Clara Zetkin. No entanto, enquanto antes da guerra defendiam quase sempre as mesmas teses, hoje se contrapõem.

Heinrich Schulz é membro de um governo de coalizão no qual o SPD aliou-se ao *Zentrum* católico. O preço que a socialdemocracia aceitou pagar foi a renúncia a suas opções em matéria escolar. O partido católico refuta o laicismo e os socialistas submeteram-se. Na República de Weimar, na grande maioria dos estabelecimentos, o ensino será religioso. O apelo de Clara, lembrando as posições socialistas de outrora, por mais eloqüente que fosse, nada pôde contra isso. O laicismo foi sacrificado no altar da coalizão governamental.

Muitas vezes, Clara pleiteou uma reforma profunda do ensino de História. Na Alemanha, sobretudo antes da guerra, mas ainda freqüentemente também na República de Weimar, o curso de História era uma oportunidade para uma exaltação chauvinista do *Reich*.

Enfim, Clara preconiza a introdução do esporte na escola (todos os estabelecimentos escolares deveriam ter uma área para

esportes, outra para jogos e uma horta que os alunos cultivariam). A escola deveria ainda, “desenvolver os dons e capacidades artísticas da criança”; daí a importância que ela atribui à arquitetura dos prédios escolares, à decoração das salas de aula, à qualidade do material pedagógico. “É necessário, escreve ela, iniciar os alunos, visualmente, nas belezas da arte e da natureza”.

Em 1904, só a Noruega generalizara a medicina escolar. Clara deseja que o *Reich* siga esse exemplo e que haja mais preocupação com a saúde dos alunos, não somente instalando chuveiros nos estabelecimentos escolares, mas cuidando para que a ventilação, a luminosidade e o mobiliário respondam às normas de higiene.

Sem dúvida, no que se refere às matérias de ensino, a inovação mais importante a seus olhos – pelo menos aquela em que mais insiste – é o ensino técnico, a iniciação em uma profissão, ao mesmo tempo atividade prática e também ensino das condições de trabalho, da legislação em vigor nesse campo. Assim fazendo, ela responde e desenvolve uma sugestão de Marx.

Em 1908, pediu a um de seus correspondentes (Richard Woldt) que redigisse para o *A Igualdade* artigos sobre as técnicas modernas. “A técnica, dizia ela, apaixona as crianças”. Ele lhe propôs um artigo sobre uma metalúrgica; porém, ela preferiu um texto sobre locomotivas. E como, num artigo de ficção científica, ele fazia voar num balão um policial saxão no ano 2000, ela sugeriu datar o episódio de 1930 a 1950, porque “no ano 2000 não haverá mais polícia real na Saxônia”.

Se, em suas primeiras tomadas de posição, Clara tendia a reduzir o papel dos pais enquanto educadores, afirmando que o Estado, no futuro, assumiria cada vez mais a educação das crianças – e pode-se imaginar as polêmicas que tal posição provocava – em seu relatório de 1904 não há nada sobre isso.

“É necessário que a influência dos pais seja mantida, até aprofundada. A educação familiar e a educação pública não se substituem uma à outra, completam-se. Não podemos dispensar a educação dos pais em casa, se quisermos que os filhos, ao crescer, tenham uma personalidade forte”.

Ela apenas pensava que os pais não são sempre, por natureza, bons educadores. Revoltava-se, particularmente, contra os discursos moralizadores e insistia na virtude do exemplo que os pais devem dar com sua conduta. Em 5 de dezembro de 1913, escreveu a Anna Blois: “Nada aborrece mais as crianças e desvaloriza mais qualquer exigência moral que as eternas advertências moralizadoras dos pais”.

Clara sabia que a socialização das crianças começa muito cedo, em casa, antes que freqüentem a escola; por isso, tentava determinar preceitos de educação válidos para os socialistas.

Os pais devem facilitar para a criança a passagem do brinco para o trabalho produtivo porque “esta não conhece prazer maior do que o de dedicar-se livremente a uma atividade criadora que produza qualquer coisa útil”.

Mas é importante que a educação seja obra dos dois pais:

“O caráter específico do pai e da mãe devem unir-se harmoniosamente para educar – o que constitui o segundo ato da criação e muitas vezes o mais importante (...) Quanto mais as condições sociais deixam o campo livre para as diferenças dos sexos, mais é importante que a educação não seja mais somente obra da mãe, mas obra comum do pai e da mãe”.

Clara pensa que os pais têm o dever de prevenir seus filhos contra “os preconceitos, segundo os quais existiriam trabalhos indignos do homem, mas que conviriam à mulher. É preciso que meninos e meninas possam desempenhar todas as tarefas do lar

com a mesma habilidade e o mesmo prazer”. Certamente pode existir uma divisão do trabalho profissional entre homens e mulheres, ainda que se trate em boa parte de diferenças historicamente adquiridas (e não fundadas numa pretensa natureza feminina). Dizendo isso, Clara tenta lutar também “contra o velho preconceito segundo o qual o trabalho da mulher teria menor valor do que o trabalho do homem”.

Evidentemente, para que os dois pais possam exercer seu papel de educadores, supõe-se que disponham de mais tempo, não só para educar bem seus filhos, mas também para se formarem eles próprios. Daí a reivindicação pela redução da jornada de trabalho para oito horas, por melhores salários, por habitações mais confortáveis, por uma melhor proteção à saúde etc.

Enquanto isso, o papel do partido consiste, por meio de suas explicações, de suas publicações e de sua imprensa, em “preparar melhor os pais para seus deveres de educadores”. De passagem, Clara observa que, até o presente, a socialdemocracia reúne em suas organizações “as camadas do proletariado cuja situação é relativamente a melhor” e constata que, nesses meios, “os pais poderiam fazer infinitamente mais para educar seus filhos no espírito do socialismo”.

A escola pública, com efeito, no Império ou na República, deformava, segundo Clara, o espírito das crianças, ao desenvolver o espírito de submissão às autoridades constituídas e, perigo maior ainda, ao transmitir concepções chauvinistas.

Os pais devem se mobilizar contra tal politização da escola. Esse deve ser, especialmente, o papel dos conselhos de pais, sobre cuja importância Clara insiste para o pós-guerra.

A essa “educação perniciosa”, Clara contrapôs inúmeras vezes uma “educação socialista”. Mas em que consiste essa “educação socialista”?

Os pais, escreve Clara, devem suscitar e desenvolver em seus filhos “os sentimentos de fraternidade, o amor à verdade, à justiça, à liberdade e à beleza”. Quem não subscreveria um tal programa? Mas o que tem ele de especificamente socialista?

Em outro trecho, define: o objetivo é “dar às crianças o senso de solidariedade, fazê-las tomar consciência dos laços que unem cada membro da sociedade, grande ou pequeno, privilegiado ou não, a todos os outros membros. Mas é importante também considerar a individualidade de cada um”.

Clara aplicava os princípios que enunciava. Esforçava-se por desenvolver a personalidade de seus dois filhos. Maxim conta como ela “sempre escolhera com cuidado suas leituras (...) com uma nítida preferência por Heine e Börne, Hauptmann, Wedekind”, e autores estrangeiros: Tolstoi, Ibsen, Shakespeare, Aristófanes, Zola. Sobretudo, prossegue, “ela nos ensinou a organizar nossas leituras, a não ler qualquer coisa”.

Essa educação frutificou. Seus dois filhos, ao mesmo tempo em que adquiriram conhecimentos sólidos, permaneceram, os dois, fiéis a seu ideal.

XII – A GUERRA

Como Jacques Thibault, o herói de *Verão 14*, de Roger Martin du Gard, Clara Zetkin acreditava que a Internacional seria bastante forte para impedir a guerra. Esta guerra que todos sentem se aproximar. Depois de Agadir, as crises se sucedem, os Estados europeus se armam cada vez mais e prolongam o serviço militar.

Entretanto, o SPD nunca foi tão poderoso. Nas eleições gerais de 1912, mais de um eleitor sobre três votou no SPD: 4,250 milhões de sufrágios sobre 12,2 milhões de votantes. No *Reichstag*, era o partido majoritário.

A esquerda do partido denunciava a passividade da direção, que beirava a inseqüência: os deputados socialdemocratas não votaram, em 30 de junho de 1913, os créditos destinados a pôr em prática uma lei militar que tinham rejeitado? Clara punha suas esperanças nas “massas”.

Talvez os revolucionários se iludissem, pensando na emenda que Rosa Luxemburgo, Lenin e Martov – contra a opinião da

maioria da delegação alemã – conseguiram aprovar no congresso socialista internacional de Stuttgart, em 1907.

“Contudo, se a guerra eclodir, o dever da socialdemocracia é agir para fazê-la cessar prontamente e se empenhar, com todas as forças, para explorar a crise econômica e política, provocada pela guerra, para pôr o povo em movimento e apressar assim a abolição da dominação capitalista”.

Este texto será publicado por Clara, com destaque, no número do *A Igualdade* redigido imediatamente antes de a guerra explodir.

Em novembro de 1912, diante do perigo crescente, a Internacional convocou um congresso na Basileia. Clara, a quem foram concedidos apenas cinco minutos para o uso da palavra, na qualidade de secretária do movimento internacional das mulheres socialistas, pronunciou discurso apaixonado, que Aragon recorda em seu romance *Os sinos de Bâle*.

“Tudo aquilo que vive em nós, e que é a expressão pessoal da evolução da humanidade, de seus ideais culturais, indigna-se e estremece de horror ao pensar nas destruições em massa, no aniquilamento de tantas vidas humanas numa guerra moderna. Acaso não são os filhos das classes trabalhadoras enganados, excitados, ofuscados e lançados uns contra os outros para que se massacrem?

Porque somos mulheres e mães, erguemo-nos contra esse crime. Não pensamos apenas nos corpos dilacerados de nossos próximos, pensamos também no assassinato de almas, consequência inevitável da guerra, que ameaça tudo quanto semeamos no espírito de nossos filhos, tudo o que lhes transmitimos e que constitui a herança mais preciosa da cultura da humanidade. É a consciência da solidariedade internacional, da fraternidade dos povos.

Se nós, mulheres e mães, levantamo-nos contra o massacre, não é porque, por egoísmo e fraqueza, não sejamos incapazes de grandes sacrifícios por um grande ideal. Passamos pela dura escola da vida na sociedade capitalista e, nessa escola, tornamo-nos combatentes. Adquirimos a força de aceitar sacrifícios que custam mais do que verter o próprio sangue. Podemos ver os nossos se baterem e perecerem, se se trata da causa da liberdade...”

Palavras, palavras? Uma retórica que pode parecer irrisória a quem, hoje, a confronta com os resultados dessa revolução, desse socialismo no qual Clara e seus amigos punham todas as suas esperanças. A situação em 1912 era totalmente diferente.

A guerra que explodiria dois anos mais tarde seria a hecatombe mais sangrenta que a humanidade conhecera até então. A disputa, segundo a fórmula de Rosa Luxemburgo, era ou socialismo ou barbárie (e o desvio sangrento do socialismo, quinze anos mais tarde, na Rússia estalinista, não torna menos bárbaro o massacre que se prolongou por quatro anos).

No decorrer dos anos precedentes, em muitas ocasiões, Clara combateu, no partido, os que se pronunciavam por uma pretensa defesa nacional e se mostravam prontos a votar os créditos militares. Assim, opôs-se vivamente, em 1907, no congresso de Essen, a Gustav Noske, que se declarava pronto a lutar em defesa da pátria ameaçada.

Em 1910, em Copenhague, conseguiu aprovar uma resolução determinando que “todas as companheiras têm o dever de fazer valer as resoluções contra a guerra, votadas no congresso internacional de Stuttgart, e de zelar pela educação de seus filhos, no sentido da paz”.

Clara denominou o editorial que escreveu por ocasião do 1º de maio de 1913 de “Somos a força” e o primeiro objetivo da

manifestação foi denunciar “a corrida armamentista e a propaganda bélica”. O “Dia Internacional da Mulher” de março de 1914 foi dedicado ao mesmo fim. Em abril, Clara participou da organização de uma manifestação de mulheres contra a guerra, em Berlim.

Durante os últimos meses, as últimas semanas que precederam agosto de 1914, Clara e seus amigos da ala esquerda socialdemocrata desenvolveram uma atividade febril... e, para quem julga *a posteriori*, um pouco inútil, tão grande era o poder da ideologia nacionalista sobre o povo alemão, inclusive sobre a classe operária, como pôde ser constatado no dia seguinte à declaração de guerra.

Em 25 de julho, Clara faz votar, pelos socialdemocratas de Stuttgart, uma resolução na qual se comprometem a opor-se à guerra “por todos os meios disponíveis”. Depois, vai para Bruxelas, onde está reunido o secretariado socialista internacional, para tentar convencer os delegados presentes a tomar alguma iniciativa de grande impacto. Em vão. Volta à Alemanha. Organiza um comício em Hamburgo. Corre para Berlim onde se articula com seus amigos políticos. No dia em que volta para Stuttgart, 1º de agosto, fica sabendo que o imperador Guilherme II decretara a mobilização geral.

No último número do *A Igualdade* redigido antes da eclosão do conflito, pode-se ler: “Não percamos um minuto. A guerra está às nossas portas. (...) É preciso que o poderoso compromisso das classes trabalhadoras com a paz reduza ao silêncio, nas ruas, os clamores patrióticos assassinos”. Isto é perigoso e exigirá sacrifícios? “Que importa. Há momentos na vida dos indivíduos e dos povos em que não se ganha tudo se não se arrisca tudo”. Quando as assinantes leram essas linhas, as tropas alemãs haviam invadido a Bélgica.

Com a declaração de guerra, as multidões alemãs, nas grandes cidades, pareciam tomadas de uma loucura histórica, que Rosa Luxemburgo descreveu notavelmente, na primeira página do texto *A crise da socialdemocracia*.

“A euforia. A algazarra patriótica nas ruas, a perseguição aos automóveis de luxo, a enxurrada de telegramas falsos: fala-se de fontes envenenadas por bacilos da cólera, de estudantes russos, com uma bomba na mão, prestes a explodir as pontes das estradas de ferro; de franceses sobrevoando Nuremberg. Excessos de uma multidão que via espíões por toda a parte. Nos cafés, os cantos e as músicas patriotas ensurdeciam. A população de cidades inteiras transformada em turba, prestes a denunciar qualquer pessoa; um clima de crime ritual, uma atmosfera de perseguição em massa, na qual o único representante da dignidade humana era o policial da esquina”. [Rosa Luxemburgo, *Textos*, Ed. Sociales, 1982, p.179-180.]

Em Stuttgart, em agosto de 1914, o cenário não era diferente. E Sillenbuch não era mais aquele porto de tranqüilidade que havia sido até então. Quando Clara voltava para casa, os vizinhos com quem cruzava viravam-lhe a cara ou a olhavam com ar hostil. Sem saber, ela empregaria a mesma expressão que sua amiga: “Parecia a véspera de uma perseguição em massa”. Teria sido ela vítima de uma denúncia? O fato é que, na madrugada de 2 de agosto, por volta das cinco horas, antes pois da passagem do leiteiro, foi tirada da cama. Policiais vasculharam sua casa. Era acusada de abrigar emissários russos, de conspirar contra a Alemanha. “É tudo isso, escreve ela, apesar de não haver na Alemanha, ninguém que tenha publicamente e com tanta obstinação quanto eu, combatido o tsarismo durante trinta anos”.

A origem dos rumores que provocaram essa busca foi, quem sabe, uma das funções de que Clara havia se encarregado: com Karl Kaustki, por solicitação de diversas facções do Partido Socialdemocrata russo (bolcheviques, mencheviques), aceitou ser depositária dos fundos do partido, sobre cuja divisão os interessados não haviam conseguido se entender. Daí uma correspondência, visitas, que com o clima daqueles dias loucos...

Mas recebeu o golpe mais duro em 4 de agosto, quando soube, por telefone, que o grupo parlamentar socialdemocrata havia acabado de votar os créditos de guerra. “Pensei ficar louca e em me suicidar. Durante um mês fiquei gravemente doente e, ainda hoje, não estou bem”, escreveu ela quatro meses mais tarde.

Então começam para Clara, como para seus companheiros da ala esquerda, tempos difíceis de semiclandestinidade, uma situação que ela descreve longamente a sua amiga holandesa, Heleen Ankersmit, em 3 de dezembro de 1914, numa carta confidencial.

“Por causa de minhas idéias e de minha atitude, as autoridades estão de olho em mim. Não resta dúvida de que, pelo menos durante algum tempo, fui vigiada e que minha correspondência foi submetida a um cuidadoso controle”.

Em seguida, analisa a mudança de posição do SPD:

“O que há de mais terrível na situação atual é que o imperialismo pôs a serviço de seus próprios objetivos todas as forças do proletariado, todas as organizações e as armas que sua vanguarda militante havia forjado para seu combate libertador. E pôde fazê-lo devido ao erro capital da socialdemocracia, que é, diante da Internacional e da História, a principal responsável (...) A maioria da socialdemocracia alemã não é mais hoje um partido proletário, um partido socialista de luta de clas-

ses, mas um partido reformista, um partido nacionalista que se entusiasma com as anexações e as conquistas coloniais”.

Mesmo nas reuniões internas só se tem o direito de tratar de assuntos permitidos pelas autoridades.

“Dos 91 jornais de nossa imprensa, dos numerosos jornais sindicais, a maioria esmagadora é completamente nacionalista e mesmo chauvinista. Muitos cedem ao patriotismo assassino a ponto de superar os jornais burgueses, mais discretos e decentes. Órgãos socialistas e sindicais aprovaram, desprezando o direito dos povos, a invasão da Bélgica, a execução de todos os suspeitos de serem franco-atiradores, de suas mulheres e de seus filhos, o incêndio de suas casas. Esses mesmos jornais reivindicam a anexação de todo o território de Anvers a Calais, da Lorraine inteira etc (...) A oposição está amordaçada. O estado de sítio a impede de se expressar na imprensa e nos órgãos do partido”.

Restava o *A Igualdade*. Clara quer continuar a fazer dele um jornal socialista “livre de toda sujeira nacionalista, pois é também o órgão internacional das companheiras mulheres”. As autoridades se irritam ao ver que esse jornal, único da imprensa socialdemocrata, recusa-se a unir sua voz “ao coro dos bardos teutões, tanto mais que o *A Igualdade* tem alguma reputação e algum prestígio”. O número 23 foi recolhido, embora tivesse sido redigido e impresso antes da declaração de guerra. A divulgação só foi autorizada depois de várias semanas. O reaparecimento e a divulgação não foram fáceis, porque as autoridades tinham confiscado os livros e os arquivos. Em cada número, a censura cortava aquilo que lhe desagradava. Inicialmente, Clara tentou remendar mais ou menos as passagens censuradas com frases que não chocassem os censores. “Trabalho difícil, explica ela, que me

forçava a engolir muitos sapos. Por isso, no fim de alguns números, recusei, por princípio, qualquer modificação e deixei em branco as passagens censuradas”. Esperava que os leitores pudessem, a partir do conteúdo do artigo e de sua lógica interna, restabelecer as passagens faltantes. “Aliás, disse ela, os vazios são eloqüentes à sua maneira”.

Repetidas vezes, as autoridades militares cogitaram interditar pura e simplesmente o jornal. Uma nota do serviço central da censura explica por que não o fizeram: A interdição do nº 13 (março de 1916), “teria provavelmente grande repercussão na Alemanha e no estrangeiro”.

Clara explicava em seguida a suas correspondentes os meios de que poderiam lançar mão para evitar que suas cartas fossem abertas, dando-lhes um endereço seguro em Stuttgart e lhes propondo utilizar uma escrita semicodificada. Os “parentes próximos” seriam os partidos socialistas dos países vizinhos; quando se falasse de “concertos” ou “casamentos”, isso significaria encontros ou reuniões.

Clara tinha, efetivamente, a preocupação de manter o contato com as mulheres socialistas dos outros países. Com Rosa Luxemburgo, Franz Mehring, Karl Liebknecht, enviou uma nota a diversos jornais socialistas estrangeiros, dando-lhes a conhecer seus desacordos com a direção do partido: “Esta guerra não é uma guerra de defesa nacional, mas uma guerra imperialista”.

Dos quatro signatários, era ainda Clara quem gozava de maior liberdade. Liebknecht não tardaria a ser convocado. Rosa seria presa. Mehring estava bem velho. Mas, sobretudo, Clara se sentia investida de uma missão, aquela de que foi encarregada na Conferência Internacional das Mulheres Socialistas, em Stuttgart, em 1907.

“Estava claro para mim, escreve ela a Heleen Ankersmit, que, em minha qualidade de secretária internacional, devia esforçar-me por restabelecer tão logo quanto possível os contatos, por reunir as companheiras e mobilizá-las. Aliás, eu duvidava que, agora, pudesse haver outra tarefa comum a não ser trabalhar, lutar pela paz e por uma paz que correspondesse aos princípios socialistas. Nós, as mulheres socialistas de todos os países, devíamos agir nesse sentido, usando todos os meios disponíveis. Na minha opinião, é privilégio e dever de honra de a Conferência Internacional das Mulheres Socialista marchar agora à frente das mulheres de todas as classes e de todos os países, conduzindo-as para esse combate pela paz”.

Desde o início da guerra, Clara pensava em realizar uma conferência internacional. Na Alemanha, impossível. Somente um país não beligerante poderia acolhê-la. Para as francesas, a Holanda, onde Clara estivera em fevereiro de 1915, era sem dúvida de difícil acesso, porque a Bélgica estava ocupada pelo exército alemão. Daí a escolha da Suíça.

Por canais secretos, graças à ajuda de amigas estrangeiras, holandesas principalmente, Clara dirigiu às mulheres socialistas de vários países sucessivas mensagens para preparar o encontro. No começo de março, com outras seis alemãs que viajavam separadamente, atravessou a fronteira suíça e, em Berna, encontrou delegadas vindas da França, da Grã-Bretanha, da Itália, da Polônia, da Rússia e, naturalmente, da Suíça. A delegação alemã contava, além de Clara, com sua colaboradora Käte Duncker, Margarethe Wengels, militante berlinense de longa data e feministas mais jovens, Martha Arendsee, Bertha Thalheimer (que se tornarão comunistas), Lore Agnes, de Dusseldorf e Toni Sender, de Frankfurt, as duas, futuras deputadas socialistas. Da França vieram três delegadas, entre elas Louise Saumoneau. As socialis-

tas russas foram representadas por duas delegações, uma enviada pelo partido menchevique, a outra pelos bolcheviques, da qual fazia parte a própria mulher de Lenin, Krupskaja, e sua amiga, Inês Armand.

Nos arquivos da polícia de Paris, existe um longo relatório, datado de outubro de 1915, sobre a ação das feministas em favor da paz. Nele se lê que, em janeiro de 1915, “uma campanha foi realizada por grupos de mulheres estrangeiras por iniciativa e sob o comando da célebre socialista alemã Clara Zetkin e de algumas de suas adeptas holandesas (... e que) o feminismo alemão busca arrastar para sua órbita as personalidades marcantes dos grupos feministas de outros países”. De Louise Saumoneau, o autor do relatório diz “que é uma fervorosa admiradora de Clara Zetkin, cujo papel deseja representar, ou pelo menos, igualar”.

Em Berna, a discussão foi acalorada. Se todas as delegadas estavam de acordo para tentar mobilizar mais as mulheres dos países beligerantes contra a guerra, bolcheviques e poloneses queriam ir mais longe. Os primeiros afirmavam que era necessário romper decisivamente com os “socialchauvinistas” e os centristas, como Kautski, isto é, os partidos socialistas que, na Alemanha como na França, apoiavam a política de seus respectivos governos; constatar a morte da Segunda Internacional e tentar dar ao conflito um desdobramento revolucionário, conforme a emenda que Lenin e Rosa Luxemburgo haviam feito aprovar em Stuttgart, em 1907.

Clara pensava que, uma vez removidos os escombros, poder-se-ia ainda reconstruir a Internacional. Em 16 de janeiro de 1915, escreveu a sua amiga holandesa que era necessário começar “por criticar implacavelmente o comportamento dos partidos socialdemocratas dos países beligerantes”. Ela sabia, por outro lado, que romper abertamente com a direção do SPD, pregando o

“derrotismo revolucionário”, tirar-lhe-ia na Alemanha toda possibilidade de ação, privá-la-ia dessa tribuna – por mais modesta que fosse, pois o número de assinantes havia caído de 124 mil em julho de 1914 para 46,5 mil em 1915 – que era o *A Igualdade*, significando imediatamente perseguições e, sem dúvida, a prisão.

A maioria das delegadas partilhava seu ponto de vista. Assim, foi adotada, contra a opinião das delegadas bolcheviques e polonesas, uma resolução, redigida por Käte Duncker e Angelica Balabanov, que condenava a guerra sem condenar explicitamente os partidos socialistas que a apoiavam. Ao mesmo tempo, um apelo de Clara às mulheres de todos os países foi aprovado por unanimidade.

“O objetivo desta guerra não é a defesa da pátria, mas a conquista de territórios (...) Os homens dos países beligerantes estão calados. A guerra perturbou sua consciência, paralisou sua vontade, corrompeu todo seu ser. Mas vocês, mulheres, que tanto se preocupam com os que lhes são caros e que estão na frente de batalha e que, em casa, conhecem a necessidade e a miséria, o que esperam para manifestar seu desejo de paz, para levantar seu protesto contra a guerra? Até aqui, vocês suportaram; agora, é necessário agir. Abaixo o capitalismo e suas hecatombes de seres humanos sacrificados à riqueza e ao poder dos que possuem. Abaixo a guerra! Avante pelo socialismo!”

Esse apelo foi divulgado clandestinamente em todos os países europeus. Clara voltou à Alemanha no fim de março. Em 22 de maio de 1915, informava a Alfred Henke, um militante de Bremen, que 100 mil exemplares do apelo haviam sido distribuídos em quarenta localidades, 30 mil somente na região de Berlim.

Com seu otimismo antecipando talvez um pouco a realidade, ela explicava que numerosas reuniões, cujo tema era a conferência de Berna, haviam ocorrido em toda a Alemanha.

“Nas reuniões partidárias, são quase sempre as companheiras mulheres que pedem ao partido para lançar uma ação pela paz. (...) Numerosas resoluções convidam o Comitê Central a agir, enfim, energicamente pela paz. Sem dúvida nenhuma, o Comitê Central foi forçado, assim, a avançar um pouco”.

Os meios dirigentes da socialdemocracia sabiam das iniciativas de Clara, que não apreciavam absolutamente. Em 20 de março de 1915, Victor Adler escrevia a Kautski “Clara Zetkin tenta criar para nós dificuldades insuperáveis, mas esperamos que sua tentativa malogre”.

Por seu lado, Friedrich Ebert, um dos dois presidentes do SPD, acusou Clara de ter violado os estatutos do partido ao não informar a direção sobre seus projetos. Clara replicou que prevenira verbalmente Luise Zietz de suas intenções, no começo de fevereiro, pedindo-lhe para defender o projeto de conferência junto ao Comitê Central, do qual fazia parte. Luise Zietz confirmou que realmente foi informada, mas que depois não ouvira mais falar no assunto.

Não era verdade. Em 23 de março, na antevéspera da conferência, escrevera a Clara para dar-lhe seu apoio, e essa carta foi publicada depois em um jornal socialista suíço, o *Apelo de Berna*.

Não resta dúvida de que a conferência de Berna, a primeira que reuniu socialistas dos países beligerantes, encorajou os partidários da paz a se tornarem mais ativos. Também outras pacifistas alemãs, Anita Augspurg e Lida Gustava Heimann, haviam planejado convocar uma conferência feminina internacional, que se realizou em Haia, em abril de 1915. Clara até pensou em

participar, mas renunciou ao tomar conhecimento da ordem do dia. Queriam refletir sobre uma série de medidas: “que um dia, num belo futuro, poderiam impedir a guerra”. Essas discussões eram obra, pensava ela, de pessoas de bem, mas “maus músicos políticos”. O ABC de qualquer política é reunir todas as forças para obter o fim, mais rápido possível, desta guerra. Uma vez a paz obtida, ter-se-ia todo o tempo “para discutir uma dezena de belas receitas para o desarmamento, a fundação dos Estados Unidos da Europa etc.”. Por sua vez, o relatório da polícia parisiense de outubro de 1915 explica que a conferência de Haia foi obra de feministas “geralmente recrutadas nas classes médias que desejam melhorar a sorte da mulher, aumentar seus direitos na sociedade (...), ao mesmo tempo em que evitam confrontar as concepções patrióticas de seus membros”.

Descrever o estado de alma, as motivações, a atividade de Clara é relativamente cômodo. Sua correspondência e inúmeros testemunhos nos ajudam. Mas, como medir o alcance de sua ação? Quando escreve, no fim de julho, que 300 mil exemplares do *Apelo de Berna* foram distribuídos numa centena de localidades, como aquilatar essa indicação, supondo-se que seja exata? Trezentas mil pessoas informadas, numa população de mais de sessenta milhões, é pouco. E, mesmo que se registre um crescimento da corrente pacifista – sem dúvida mais importante que na França – que parte atribuir à ação das mulheres socialistas que Clara influenciava?

O certo é que, em 1915, na Alemanha, o belo entusiasmo dos primeiros dias de agosto de 1914 decrescera. O espetáculo das mães, das noivas e das esposas acompanhando, com buquês nas mãos, os soldados, até o trem em cujos vagões, uma mão desconhecida escrevera com giz *Nach Paris* [Para Paris], este espetáculo parecia ter-se perdido na noite dos tempos.

Na retaguarda, milhões de mulheres, privadas do salário do marido convocado, produzem obuses nas fábricas, isto é, conhecem a dura vida das operárias. Os efeitos do bloco aliado começam a se fazer sentir. Em março de 1915, foram distribuídos tíquetes de pão, o racionamento tornou-se mais severo, o preço dos produtos racionados aumentava e, mais ainda, aumentava o número de produtos que era necessário procurar no mercado negro.

Paralelamente, a esquerda socialdemocrata se recuperava e se organizava. Em 2 de dezembro de 1914, pela primeira vez, um deputado recusou-se a votar os créditos militares; era Karl Liebknecht que, segundo o testemunho de Kautski, logo iria se tornar o homem mais popular entre os soldados.

Rosa Luxemburgo e seus amigos conseguiram editar uma revista, *A Internacional*, na qual Clara colaborou e cujo primeiro número apareceu em julho de 1915: cinco mil exemplares distribuídos em alguns dias. (Número único, pois a revista foi imediatamente proibida, confiscada, e seus redatores perseguidos por alta traição).

Foram as mulheres que fizeram as primeiras manifestações de rua. Em 18 de março de 1915, quinhentas berlinenses se reuniram diante do *Reichstag* para protestar contra a guerra e o custo de vida. Nova reunião, no mesmo lugar, no dia 28 de maio: desta vez o número de manifestantes triplicou e, entre as mil e quinhentas pessoas presentes, nota-se que a maioria eram mulheres. Tem-se a impressão de que a guerra, as novas responsabilidades assumidas com a ausência dos homens, fizeram com que certo número de alemãs tomasse consciência, ao mesmo tempo, de sua falta de direitos e de seus deveres. Como se descobrissem que o que lhes acontecia, seus novos sofrimentos, deviam-se em parte aos erros, quase à omissão, dos companheiros homens.

Nota-se, em todo o caso, em vários textos divulgados por Clara, após a declaração de guerra, ênfases feministas muito mais acentuadas que no passado. Em novembro de 1914, já se podia ler em uma mensagem às mulheres socialistas dos países estrangeiros: “Quando os homens matam, cabe a nós, mulheres, lutar para manter a vida; quando os homens se calam, é nosso dever, em nome de nosso ideal, levantar a voz”.

Em 1º de agosto de 1915, numa conferência de mulheres socialistas da Grande Berlim, o representante da direção, Hermann Molkenbuhr, provocou assobios e vaias quando tentou justificar a política do partido. As mulheres assumiram então a direção do comício. Todas as oradoras criticaram a fraqueza do Comitê Central e sua atitude frente à conferência de Berna. Fizeram aprovar uma resolução exigindo a libertação de Clara, que acabava de ser presa. Berlim, é verdade, era um reduto da oposição.

Em 29 de outubro, duzentas mulheres irromperam na sala em que se reunia o Comitê Central do SPD e deram seu recado, sem rodeios, aos dirigentes.

Walli Zepler observa que “uma certa corrente organiza no partido uma grande agitação em favor de manifestações pacifistas: freqüentemente são mulheres que estão na origem dessa agitação e, em todo caso, é entre as mulheres que elas encontram a maior ressonância”.

Apreensiva com essa agitação, a direção do SPD se esforçava por todos os meios para impedi-la. O departamento feminino solicitou, em 1916, que fosse convocada uma conferência feminina nacional sobre o tema: “Propaganda dirigida às mulheres durante a guerra”. O Comitê Central recusou. Então as mulheres socialistas da Grande Berlim organizaram, por sua conta, uma reunião da qual participaram delegadas de dez grandes cidades.

A resolução votada solicitava ao partido agir por uma paz rápida e felicitava o *A Igualdade* por sua atitude “exemplar” desde o começo da guerra.

O conflito entre as pacifistas e a direção do partido se aguça no decorrer do inverno. Em 15 de fevereiro, Luise Zietz é demitida: não faz mais parte do Comitê Central. O departamento feminino está praticamente dissolvido: Otilie Baader, transferida para um posto sem importância. Cinco dias mais tarde, as mulheres socialistas de Hamburgo saúdam “a ação resoluta das companheiras Luise e Clara, pelo socialismo internacionalista”, confirmam seu apoio à orientação do *A Igualdade* e esperam que as mulheres socialistas continuem a dispor deste jornal, à frente do qual permanecerá Clara Zetkin.

As mulheres socialistas de Hamburgo tinham alguma razão ao se inquietarem com a sobrevivência de seu jornal. Desde o começo da guerra, a direção do partido direcionou aos membros que aprovavam sua política de união sagrada, ou, pelo menos, desaprovavam qualquer oposição aberta, uma campanha para o cancelamento de assinaturas que produziu seus frutos. De 1915 a 1916, o jornal perdeu perto de um quarto de seus assinantes, cujo número caiu para 35.500. A direção dos sindicatos agia no mesmo sentido. No começo de 1916, num acordo com os dirigentes do SPD, ela executa a ameaça muitas vezes feita ao *A Igualdade*, e publica seu próprio jornal destinado às mulheres. O primeiro número apareceu no início de 1916. Tratava essencialmente dos problemas cotidianos das mulheres, evitando cuidadosamente os temas políticos.

Se o partido mantinha uma certa prudência frente aos opositores, o poder agia mais brutalmente. Em 18 de fevereiro de 1915, Rosa Luxemburgo foi encarcerada. Karl Liebknecht havia sido convocado, mas a unidade à qual foi destinado estava

ainda acantonada na capital. Clara foi a Berlim. Embora tenha conseguido encontrar Liebknecht, apenas pôde conversar com Rosa através de uma grade e na presença de uma carcereira.

Entretanto, a divulgação do “Apelo de Berna” continuava. Vários comandantes de regiões militares proibiram as reuniões públicas durante as quais as mulheres socialistas faziam sua distribuição. Militantes organizaram então reuniões “familiares”, “noites de leitura”. Era preciso ter imaginação.

“Recentemente, tive direito a uma busca minuciosa em minha casa. Imaginam que ali se encontra a “central” de toda a literatura de oposição. Não levaram nada, a não ser um número da correspondência oficial editada pelo Comitê Central do partido. Obviamente, esperavam encontrar mais coisas, porque um automóvel ficou estacionado perto da floresta, para levar-me”, escreveu Clara, em 23 de julho de 1915, a Heleen Ankersmit.

Dessa vez, Clara conseguiu se desembaraçar a tempo de panfletos comprometedores. Mas o carro voltou uma semana mais tarde. E, desta vez, não partiu vazio. Na noite de 29 de julho, essa mulher de cinquenta e oito anos foi encarcerada na prisão de Karlsruhe, sob a acusação de “tentativa de alta traição”.

O juiz interrogou-a longamente sobre o “Apelo de Berna” e sua divulgação. No decorrer do primeiro interrogatório, Clara negou ser responsável pelo texto, embora reconhecendo que seu conteúdo correspondia a suas idéias. Explicou que nunca fez questão de distribuir esse manifesto aos soldados e que, em Berna, havia se oposto à proposta da delegação russa, ou seja, empregar meios revolucionários para obter a paz. O “Apelo de Berna” era destinado apenas às mulheres socialistas. De passagem, manifestou a esperança de que as “feministas burguesas” que haviam

estado reunidas em Haia, sem que as autoridades se incomodassem, pudessem se unir às mulheres socialistas para constituírem, juntas, um grande movimento pacifista.

No dia seguinte, 30 de julho, Clara modificou um pouco seu método de defesa. Continuando a negar que fosse a autora do texto, estava pronta a assumir a responsabilidade por sua divulgação. Esperava, disse ela, que as mulheres se manifestassem pacificamente na rua. Explicou que não se tratava de revolução. Para fazer uma revolução era necessário uma força que as mulheres não tinham. E os homens estavam na frente de batalha.

A prisão de Clara suscitou protestos em várias cidades do *Reich*. A direção do partido, que se encontrava em posição desconfortável, encarregou Hugo Haase, um dos dois presidentes do partido, de assegurar a defesa da acusada. Clara não gostou dessa indicação porque julgava muito fracas as posições de Haase, ainda que este estivesse longe de partilhar as concepções de um Ebert.

Haase veio vê-la na prisão em 23 de setembro, para discutir sua defesa. Encontrou-a com “a saúde bastante boa”. Ela mesma observa, em 5 de outubro, que “sua saúde estava melhor, até então, do que se teria podido esperar”. Contudo, foi por razões de saúde que Clara foi libertada, em 12 de outubro, depois que o editor Dietz depositou uma considerável fiança.

Clara suspeitou que o assunto havia sido resolvido entre a direção do partido e os poderes públicos, porque o SPD temia que os protestos das mulheres socialistas contra sua prisão se intensificassem. A hipótese não é absolutamente descabida.

Nem por isso cessou a vigilância policial sobre Clara. Em julho de 1917, ela informava a Mehring: “Há três semanas, por um feliz acaso, tive a prova, preto no branco, de que a polícia lê

minhas cartas”. De tempos em tempos era “vigiada de manhã à noite por espíões que a seguem por toda a cidade”.

Se ela luta com tanta energia para pôr fim à guerra, isso se deve certamente a suas convicções socialistas, mas também ao temor pela vida de seus familiares.

Em 1914, Maxim tinha trinta e um anos. Em sua qualidade de cirurgião foi imediatamente convocado para o serviço de saúde e engajado numa unidade que participou da invasão da Bélgica. Em dezembro, foi enviado para a frente russa. Em 6 de abril de 1915, uma carta de sua mãe a sua amiga Marie Geck nos conta que “Maxim foi condecorado com a ‘Cruz de Ferro’, embora seja o filho de Clara Zetkin”. Em setembro de 1914, Costia, que ainda não havia terminado seus estudos de medicina, foi declarado apto para o serviço militar. Depois de algumas semanas de preparação, foi nomeado aspirante e enviado para a frente de batalha.

Quando se sabe o amor que Clara tinha por seus dois filhos, imagina-se o que sentia ao ficar semanas sem notícias, enquanto a unidade em que servia um deles participava de uma ofensiva assassina. Assim Costia, em dezembro de 1916, estava na linha de frente na região de Somme. Ele também, ao término dos combates, foi condecorado com a “Cruz de Ferro”.

No início da guerra, seu marido, Friedrich Zundel, alistou-se e, porque sabia dirigir, ficou a serviço da Cruz Vermelha alemã, como motorista de ambulância. Trabalho duro. Clara escreveu em dezembro de 1916 que ele estava quase paralisado de um lado e que sacrificava sua saúde. Se ela conseguia vê-lo mais vezes que aos filhos, ele não arriscava menos a vida quando partia em missão para a zona de combate.

A guerra, na Alemanha, mais ainda que na França, significou privações, dificuldades de abastecimento. Zundel, quando em licença, fazia longas caminhadas pelo campo para comprar

dos camponeses um pouco de manteiga, alguns ovos e, com muita sorte, uma galinha ou um coelho. Em dezembro de 1916, Clara pediu a uma amiga um “bônus têxtil” para comprar alguns metros de tecido. Em maio de 1917, contava a Mathilde Jacob que Maxim “havia enviado açúcar de verdade” que ela honestamente dividiu, a conselho de seu marido, enviando uma parte a Karl Liebknecht, à época, na prisão.

Foi durante a guerra que Clara sofreu a prova – sentimental – mais penosa de sua vida. O casal se separou. Por que, em que condições? Estamos, neste ponto, reduzidos a conjecturas.

O certo é que o artista Friedrich Zundel sofreu, na segunda década do século 20, uma crise moral profunda. Desistiu de expor seus quadros. Não se satisfazia mais com os retratos e as paisagens que havia pintado até então. Esboçava grandes quadros impregnados de misticismo e de religiosidade, feitos de uma maneira totalmente diferente. É possível que o espetáculo cotidiano dos “desastres da guerra” o tenha levado também a se interrogar sobre o futuro da humanidade. Ao que parece, não acreditava mais que o socialismo pudesse assegurar a emancipação de todos os seres humanos. O fato é que, sem romper de uma vez a relação com Clara, não vivia mais com ela.

Para Clara, envelhecida, a ruptura foi um golpe terrível. Mais dolorosa que a morte de Ossip. Dirá mais tarde, em uma carta a sua amiga russa Stassova “que foi obrigada a enterrar Zundel vivo”.

Parece que fez tudo para retê-lo, o que sua amiga Rosa Luxemburgo não admitia. Em 7 de janeiro de 1917, Rosa escreve a seu jovem amigo, o doutor Hans Diefenbach (que seria morto na frente de batalha alguns meses mais tarde):

“A tragédia de Sillenbuch me causou um golpe mais duro do que você pode imaginar, um golpe que atinge a tranqüilidade da minha alma e minha amizade. Você vai me incentivar a ser pie-

dosa (...) mas por que não deveria, neste caso, ter piedade do “outro”, queimado vivo e obrigado a percorrer cada dia os sete círculos do Inferno de Dante? (...) Manifestar publicamente princípios grandiloqüentes sobre “a liberdade do indivíduo” e, na vida íntima, manter uma alma humana na escravidão em função de uma louca paixão, eis o que não compreendo nem desculpo”.

Clara acabva de fazer sessenta anos e, por já se sentir velha, agarrava-se com mais força a essa felicidade passada. Em setembro de 1919, escreveu a uma amiga: “A vida me impôs mais que a minha parte de sofrimentos, trabalho e lutas” e não sem uma resignação nostálgica, acrescentou: “Deseja-se fazer grandes coisas, tanto que não resta nada para essa pessoinha”, antes de concluir: “É bom que seja assim. Se fosse de outra forma, não seria possível viver”.

Aos sofrimentos morais somam-se, cada vez mais frequentemente, as dores físicas. Quando sai da prisão, no outono de 1915, cai seriamente doente. Os médicos lhe proibem qualquer atividade política. Em abril de 1916, escreveu: “na opinião do meu médico, ir a Berlim seria arriscar minha vida”. Consola-se dizendo “que pensa arriscar sua vida por uma causa maior” do que ir a Berlim: “deixar explodir sua indignação contra o Comitê Central, que viola os estatutos, abusa de seu poder e se esconde atrás de regulamentos”. Em janeiro de 1917, tenta um curto passeio. Foi necessário trazê-la de volta para casa: febre alta, dores agudas em todo o lado esquerdo.

Seu restabelecimento foi mais difícil por causa da penúria que reinava em todo o país. Em agosto de 1918, ela observa: “Ainda não recuperei minhas forças. Na situação atual é impossível. Impossível também é obter os alimentos que os médicos me prescrevem”.

E, entretanto, a despeito de tudo, consegue, quinzena após quinzena, publicar o seu jornal.

XIII – EXPULSA DO SPD

SERIAM AS MULHERES socialdemocratas mais pacifistas que seus companheiros? Não vamos simplificar. Um certo número de feministas alinhou-se, em agosto de 1914, deliberadamente, à direção do SPD e ao governo imperial. Lili Braun gabava os efeitos purificadores da guerra que dissipariam “os desejos e as ambições das mulheres, seu pacifismo sentimental, seu sonho louco que transformava num povo de irmãs todos os seres do sexo feminino”. Criticava nas pacifistas “sua estreiteza fanática”, pois que elas “só vêem na guerra seus horrores, despojando-a de tudo quanto tem de grande, no plano das idéias e no da ação”. Henriette Fürth deixou-se levar também pela onda chauvinista de agosto de 1914 e clamou seu amor pela pátria, pátria que se tornou “para nós o um e o todo, povo e local de sacrifício, bem supremo que apaga o que tínhamos até aqui de mais caro: amigos, família, nós mesmos”. Walli Zepler descobriu “a unidade viva da nação”; quanto a Anna Blos, futura deputada socialista, “mal

pode acreditar”, quando Liebknecht recusa, pela primeira vez, os créditos de guerra, em dezembro de 1914, “que alemães possam experimentar sentimentos tão pouco alemães” e explica o fato constatando que ele era “de origem semita”.

Pelo fato de várias feministas socialistas, cujas declarações acabamos de ler, pertencerem à corrente revisionista, certos autores apressadamente concluíram que a divisão entre pacifistas e partidários da “união sagrada” reproduzia aquela que, no início do século, havia oposto os revisionistas aos marxistas ortodoxos. A realidade, mais uma vez, era mais complexa. Eduard Bernstein fez parte de um grupo de deputados que, a partir de 1916, desaprovava o radicalismo do Comitê Central que, antes, havia sustentado o combate das mulheres socialistas por sua emancipação.

A guerra acentuou as divergências. Uma parte, ao menos, da esquerda do partido se opôs à política adotada pelo Comitê Central, opondo à “união sagrada” os grandes princípios socialistas: internacionalismo, rejeição da guerra, recusa em cooperar com a burguesia, exaltação da luta de classes que deveria levar à erradicação do capitalismo.

Em 1º de janeiro de 1916, uma conferência nacional discutiu uma plataforma elaborada por Rosa Luxemburgo. Mais uma vez, Clara estava tão doente que não pôde ir a Berlim para debater com seus companheiros. Nessa reunião, decidiu-se editar um boletim, as *Cartas de Spartacus* – daí o nome que designará doravante os membros desse movimento, os espartaquistas.

Por mais profundo, por mais completo que fosse o desacordo, ele não levou Clara Zetkin nem Rosa Luxemburgo a romperem com o SPD.

À medida que a guerra se prolongava, que aumentava a lista dos mortos, que aumentavam na retaguarda a penúria e o custo de vida, um número cada vez maior de deputados (mas que eram

sempre a minoria) havia se distanciado da direção do partido, que aprovava todos os vaivéns da política governamental, o sangrento e inútil ataque a Verdun, a guerra submarina a qualquer preço, a recusa em encarar uma paz sem anexação.

Entretanto, em nenhum momento, tampouco esses deputados pensaram em deixar o SPD. Na realidade foi a maioria que forçou a situação, provocando deliberadamente a cisão. No começo de 1917, a direção excluiu os opositores que tinham constituído uma Comunidade de Trabalho Socialista [SAG]. Desde então, a oposição não tinha mais escolha: resignou-se a criar, em Gotha, entre 6 e 8 de abril, um partido distinto: o Partido Socialdemocrata Independente Alemão [USPD]; Luise Zietz foi indicada para fazer parte do secretariado desta nova agremiação.

Foi a ocasião para Clara reconciliar-se com ela. “Estendo-lhe a mão”, escreveu em 28 de abril de 1917, “pode confiar em mim”. E, sem dúvida, foi tão sincera quanto, sete anos antes, dizia a Conrad Haenisch a propósito da mesma mulher: “Eu me sujearia se mantivesse com esse lixo ainda que apenas uma aparência de laços pessoais”. Clara era passional. Em 1910, considerou traição a submissão de Luise Zietz à política da direção do partido.

Embora seu estado de saúde a impedisse de participar da reunião de Gotha, Clara aderiu logo ao novo partido, o que fizeram também todas as delegadas alemãs à Conferência de Berne.

O passo de Clara não era uma decisão individual. Quando foi fundado o USPD, os espartaquistas decidiram aderir. Certamente não tinham ilusões sobre a firmeza ideológica dos dirigentes do USPD. Acaso não estavam no novo partido Kautski, cujo conluio com a direção do partido os espartaquistas haviam denunciado, além de Bernstein, que não abrisse mão de suas idéias revisionistas? O que levava os espartaquistas a se unir a esses so-

cialistas era o medo de se isolarem das massas. E depois os espartaquistas tinham a esperança de estimular os socialistas independentes, de forçá-los a afirmar sem rodeios os princípios socialistas. Na mensagem que enviou ao congresso de Gotha, Clara escreveu:

“Podem contar comigo se forem em frente, se adotarem uma tática resoluto, se, animados pelo espírito do socialismo internacionalista, tomarem posições claras e rigorosas”.

A direção do antigo partido – seus membros seriam designados, daí por diante, como majoritários – usou a adesão de Clara ao USPD como pretexto para acabar com essa opositora que havia sido poupada até então. Seis semanas depois da fundação do novo partido, Clara foi demitida sem aviso prévio de seu posto de redatora do *A Igualdade*. Com esse golpe, os espartaquistas perdiam o meio de tornarem conhecidas suas posições a alguns milhares de socialistas.

Fraco consolo: o USPD ofereceu a Clara uma pequena tribuna: foi encarregada de redigir o suplemento feminino do *Jornal do Povo de Leipzig*, um jornal que dispunha de uma audiência nacional. Mas o redator-chefe pediu-lhe para evitar que algo em seus artigos desse motivo às autoridades para confiscar ou, até, interditar o jornal.

Seu primeiro artigo, de 29 de junho, intitulado “Adeus ao *A Igualdade*”, enfatizava o caráter internacional do jornal que havia redigido durante vinte e sete anos e que havia se esforçado em dar a suas leitoras “uma visão de conjunto do movimento socialista feminino”. Em sua qualidade de secretária internacional, não quis negar seus princípios internacionalistas para não se sentir indigna da função que as mulheres socialistas de todos os países haviam-lhe confiado em 1907.

O prestígio de Clara era tal que, no número do *A Igualdade* redigido depois de seu desligamento, fizeram-lhe uma significativa homenagem. De tal forma que as leitoras deviam se perguntar como demitiram uma mulher “excepcionalmente dotada, pronta a todos os sacrifícios”, cujos méritos no movimento feminista “permaneceriam inolvidáveis”. A paixão na luta, seu apego a suas convicções, que eram acompanhados por uma grande inteligência e um ardor no trabalho sem paralelo, tantas qualidades, dizia o artigo, postas a serviço do feminismo, contribuindo assim para fazer de um movimento, que havia começado modestamente, uma organização grande e poderosa. Em suma, Clara Zetkin “permaneceria para sempre um exemplo para as mulheres socialistas alemãs”.

Os majoritários haviam confiado a redação do *A Igualdade* a Marie Juchacz, que Friedrich Ebert, doravante o único presidente do partido, uma vez que Haase havia se unido ao USPD, trouxe para o Comitê Central para substituir Luise Zietz. A tiragem do jornal, que caiu para 19 mil em 1917, aumentou (28 mil em 1918, 33 mil em 1919), mas sem chegar aos números de 1916. Com efeito, a demissão de Clara significava o declínio do *A Igualdade*. O jornal deixaria de circular alguns anos mais tarde. Na República de Weimar, nenhum jornal feminino conseguirá uma audiência comparável à do *A Igualdade* de antes da guerra.

Esta não seria a prova de que, durante anos, Clara havia sido submetida a um falso processo, quando acusada de redigir um jornal “muito difícil, muito teórico”? Um pequeno número de assinantes recusou o novo *A Igualdade* e seguiu sua antiga redatora. Todavia, o suplemento feminino do *Jornal do Povo de Leipzig* não fez aumentar sensivelmente a tiragem do jornal.

As mulheres alemãs tinham então preocupações mais prementes do que assinar um jornal. Segundo um historiador da

Alemanha Ocidental, Jürgen Kocka, a situação das operárias lembrava a que se conheceu nos primeiros tempos da industrialização. Em diversas cidades, houve saques em mercados. Grandes greves foram deflagradas em janeiro de 1918.

XIV – CLARA E A REVOLUÇÃO NA RÚSSIA

DIFERENTEMENTE DE SUA amiga Rosa Luxemburgo, então presa, Clara Zekin aprovou e defendeu quase sem reservas, desde o começo, a política e a ação dos bolcheviques quando, em outubro de 1917, tomaram o poder na Rússia. Como explicar essa atitude? Tratava-se de uma adesão sentimental, impulsiva, ou da aprovação refletida de uma tática e de uma estratégia políticas? Em nossos dias, quando o desmoronamento do sistema comunista na Rússia suscita ou faz ressurgir interrogações sobre o acerto ou o erro da Revolução de Outubro, é sem dúvida interessante indagar o porquê dessas posições.

No dia seguinte à revolução de fevereiro de 1917, que pôs fim ao regime tsarista, Clara escreveu a Mathilde Jacob:

“Tudo me atrai na Rússia. Em minha juventude, foi no meio dos russos que me senti em casa: politicamente, humanamente. É entre eles que eu gostaria de trabalhar, de lutar até o fim”.

Saudades de sua adolescência, de sua amizade com Varvara, lembrança, sobretudo, dos oito anos – felizes, apesar das dificuldades materiais – vividos com Ossip em Paris, talvez transfigurados pela lembrança, trinta ou quarenta anos depois? O fato é que essa saudade, essas lembranças de juventude sem dúvida pesaram, em parte, nas escolhas políticas da militante sexagenária.

Em fevereiro de 1917, Clara celebrou o evento em seu estilo tão facilmente emocionado. É verdade que, para uma socialista, como não se alegrar com o fim do Império russo, essa “prisão dos povos”, como não comemorar, em plena guerra, essa mudança de regime na qual os socialistas russos haviam tomado parte determinante? Foi o que Clara fez em sua mensagem ao congresso de fundação do USPD.

“Esta conferência se realiza sob o signo flamejante da poderosa ação popular na Rússia – uma ação cujo motor, a alma ardente é o jovem proletariado, guiado por uma socialdemocracia que, mesmo em tempo de guerra, levantou diante das massas a bandeira sem mancha do socialismo internacionalista”.

Concluiu desejando que as discussões e resoluções do congresso “sejam dignas desse grandioso acontecimento”.

Admiração entusiasta, mas nenhum comentário sobre os objetivos ou as perspectivas de uma ação que Clara ainda não havia decidido qualificar de “revolução”. É bem verdade que, só três meses mais tarde um socialdemocrata, Kerenski, assumiu a direção do governo provisório e que, em abril de 1917, o mundo inteiro se interrogava sobre a política dos novos dirigentes russos. Clara tampouco fazia distinções entre as tendências opostas – mencheviques e bolcheviques – da socialdemocracia russa.

O vocabulário mudou em novembro. Uma semana apenas depois da conquista do poder pelos bolcheviques, ela escreveu

no *Jornal do Povo de Leipzig*: “A vitória da revolução é o triunfo das concepções fundamentais que os bolcheviques defenderam e realizaram com método”. Nunca “pactuaram com os partidos da esquerda burguesa” – crítica direta aos socialdemocratas alemães – mas afirmaram desde o início que “a revolução só poderia ser garantida pela ditadura do proletariado e pela tomada do poder governamental pelos conselhos de operários e de soldados”. Estava-se ainda em guerra. Milhares de soldados caíam, ainda, todo dia, na frente Ocidental. Assim, Clara saúda em primeiro lugar “o trabalho pela paz da Revolução Russa”, que “criou para os povos uma nova situação, de grandes possibilidades”. Se, a propósito da revolução de fevereiro, a opinião de Clara coincide com a que se pode ler nas cartas espartaquistas, em compensação, a propósito da proposta de oferecimento de paz de Lenin “a todos” os beligerantes, Clara não concorda com sua amiga. Rosa Luxemburgo, com efeito, ainda que compreendendo a tática dos bolcheviques, chegava à conclusão que seu cálculo estava errado, pois, segundo ela, o imperialismo alemão aproveitaria a paz para “fazer triunfar a contra-revolução na Finlândia, nos países bálticos, na Ucrânia e no Cáucaso”. “O enorme reforço da posição militar da Alemanha”, resultado e consequência da paz de Brest-Litovski, levaria no final das contas “a um prolongamento do massacre dos povos”.

Nenhuma reserva desse tipo por parte de Clara. Seu artigo de 16 de novembro terminava com esta frase: “A paz está ao alcance da mão, se o ardente desejo dos povos se condensar em uma vontade de paz consciente que fará história”. Em julho de 1918, numa longa carta à conferência nacional das mulheres do USPD, explicava que os bolcheviques foram forçados a assinar a paz, “não tendo nenhuma responsabilidade quanto a seu caráter, seu conteúdo e suas consequências”.

Três semanas depois da Revolução de Outubro, Clara tentou refutar a argumentação daqueles socialistas – que eram numerosos, mesmo nas fileiras do USPD – que pensavam, como Karl Kautski, que uma revolução socialista não era possível num país atrasado e predominantemente agrícola. Depois de expor honestamente a situação da Rússia, avalia que “o materialismo histórico não é uma coleção de receitas para médicos sociais (...), mas a melhor ferramenta de que dispomos até o presente para explorar e compreender o curso do desenvolvimento da humanidade”. E conclui:

“Os proletários e os camponeses russos estão maduros para a revolução, para a conquista do poder de Estado, porque querem a revolução, querem o poder de Estado e não têm medo da luta”.

É preciso reconhecer que semelhante voluntarismo parece desprezar os ensinamentos da História e da Geografia. Seria suficiente querer, para transformar o mundo?

Em sua carta, Clara defende, sem restrição alguma, todas as ações dos bolcheviques, porque vê nelas “a vontade de orientar conscientemente, metodicamente, o desenvolvimento de todo um grande povo, pelo caminho mais curto, pela via que conduz à ordem socialista”. Seu mérito era tanto maior quanto “nos países que haviam sido até aqui de uma importância decisiva para a Internacional – o proletariado e sua vanguarda socialista demonstraram que faltava vontade de lutar até o fim por seu ideal”.

Os bolcheviques tratavam “com mão de ferro” as outras tendências socialistas? Não podiam fazer de outra forma. Essas outras tendências agravavam as dificuldades e levavam água ao moinho da contra-revolução. Dissolveram a Constituinte? Não poderiam se curvar diante de uma instituição pseudodemocrática

e permitir que ela se apossasse do poder. Privaram do direito de voto grupos inteiros da população? Poderiam eles outorgar, aos detentores do poder econômico, direitos políticos que estes usariam contra o poder revolucionário, quando soasse a hora da “expropriação dos expropriadores”? A revolução na Rússia contrariava o que Marx e Engels escreveram? O capitalismo de hoje não é mais aquele que Marx conheceu. Em nova situação, métodos novos.

A obra dos revolucionários russos deve ser apreciada como um todo. E a questão que se coloca hoje para os socialistas do mundo inteiro é saber se a luta dos bolcheviques deve ser para eles um exemplo que os leve a rever os princípios e a tática de seus respectivos partidos.

Entretanto, Clara, ao mesmo tempo em que refuta os argumentos de Kautski e de seus pares, manifesta-se “contra toda restrição da crítica do bolchevismo”.

Com Mehring, Clara foi sem dúvida, de todos os dirigentes espartaquistas, a que aprovou mais claramente tudo que os bolcheviques fizeram. Segundo ela, é o socialismo que Lenin e Trotski tentam com obstinação implantar na Rússia. Daí a necessidade de defender sua obra contra todos os detratores.

Na Rússia revolucionária, não vira ela, desde 11 de janeiro de 1918, “uma grande e livre federação de povos livres” que permitiria dinamitar a reação e desembaraçar-se em toda a parte de uma ordem social caduca e ultrapassada?

Não foi sem dúvida por acaso que esta tomada de posição de Clara coincide, cronologicamente, com o início de sua correspondência com Lenin, que ela conhecia desde os primeiros anos do século, mas cujas sugestões não havia aceitado na conferência de Berna, em 1915.

Em 27 de junho de 1918, Clara enviou-lhe uma carta por uma companheira. A resposta de Lenin não se fez esperar:

“Todos aqui estamos realmente muito felizes porque você, o companheiro Mehring e outros companheiros espartaquistas estejam do nosso lado, ‘com a cabeça e o coração’. Isso nos dá a certeza de que os melhores elementos da classe operária do Oeste europeu virão nos ajudar, a despeito de todas as dificuldades”.

Em agosto, nova carta de Clara, na qual exprime todo o seu entusiasmo, a ponto de lastimar não poder trocar sua sorte com o portador da missiva, um russo “que tem a felicidade de poder lutar pelo socialismo na Rússia, esse país que, graças à audácia dos bolcheviques, marcha na vanguarda do proletariado internacional, mostrando-lhe o caminho”.

“Com um interesse apaixonado, retendo a respiração”, continua Clara, “leio as notícias da Rússia. Lá, passam-se grandes coisas que dizem respeito à humanidade; lá, a vida vale a pena ser vivida. Possa sua vitória estar à altura de sua audácia e de seus sacrifícios, possam os proletários de todos os países se mostrarem, enfim, dignos de vocês, dos proletários e das massas russas!”

Em 24 de agosto, Clara escreveu no mesmo tom a sua amiga holandesa Heleen Ankersmit: “Minha esperança se nutre do que se passa no Leste. Vivo em pensamento com meus amigos de lá. Estou com eles, apesar de tudo e contra todos”.

Esta total adesão à Revolução Russa e à obra dos bolcheviques se baseia, sem dúvida, em primeiro lugar, em motivos políticos. Mas razões bem pessoais explicam também, ao menos em parte, a exaltação de Clara. O ano de 1917 foi o da ruptura definitiva com seu marido, ainda que continue a mencionar o “poeta” e “seu marido” nas cartas do início de 1920. Friedrich Zundel não tardaria em deixar Sillenbuch para viver com Paula Bosch, filha do industrial Robert Bosch, cujo retrato pintara em 1907 e com

quem se casaria bem mais tarde, em 1928, quando o divórcio com Clara foi homologado.

Em 1923, ela escreveu a Helena Stassova: “O que a Revolução Russa foi para mim, na época mais negra da minha vida, não é possível dizer”.

A aurora do socialismo que Clara acreditava ver surgir na Rússia não seria uma compensação? A esperança política permitiu-lhe superar seu desespero pessoal. De onde essa insistência em defender sem reservas essa revolução que, como sabia muito bem – mencionou-o em sua carta às mulheres do USPD – eclodiu num país, num terreno pouco propício à realização do socialismo?

Entretanto, não nos enganemos. O entusiasmo pela Revolução Russa não foi, naquela época, privilégio de Clara Zetkin. Todos os espartaquistas partilhavam dele. E, além da extrema-esquerda alemã, no mundo inteiro, milhares de homens e mulheres, depois de uma guerra que fez milhões de mortos, esperavam que um mundo novo nascesse no Leste, um mundo sem guerra, um mundo de justiça e de liberdade.

Naquele momento, a direção do USPD estava dividida sobre a Revolução Russa. Kautski predizia o fim próximo dos soviets, enquanto Haase e Breitscheid assistiam, em 1º de maio de 1918, a uma recepção dada pela embaixada russa em Berlim, onde, na presença de Bukharin, brindaram ao êxito do governo soviético.

XV – A REVOLUÇÃO DE NOVEMBRO DE 1918

TERÁ CLARA ZETKIN VISTO chegar a revolução alemã de novembro de 1918, que varreu o imperador e os príncipes até então à frente dos diferentes Estados do *Reich*? Provavelmente não, apesar de esperá-la com todo o seu coração. O *A Igualdade*, depois o suplemento feminino do *Jornal do Povo de Leipzig* informam – apesar da censura – o agravamento da situação das mulheres alemãs; o processo movido contra Karl Liebknecht, por ter gritado, no 1º de maio de 1916, na praça Potsdamer, de Berlim, “Abaixo a guerra”, contrapondo a atitude do Parlamento inglês, na época de Cromwell, à do *Reichstag*, “que entregou Liebknecht”, suspendendo sua imunidade parlamentar; e criticando a frieza dos dirigentes do USPD e sua hesitação em traduzir em atos suas declarações. Mas o ponto central continua sendo a denúncia da guerra imperialista, a reivindicação da paz. Que outra coisa poderia fazer Clara, a quem a doença mantinha tão freqüentemente prisioneira de Sillenbuch?

Pois esta é a impressão dominante: a de um crescente isolamento. Os amigos mais próximos, Karl Liebknecht e Rosa Luxemburgo, estão presos. A vigilância policial a que estava sujeita impedia-a de abordar os problemas políticos, em sua correspondência com a amiga e secretária de Rosa, Mathilde Jacob, senão por alusões. Clara só tem contatos diretos com os socialdemocratas de Stuttgart. Sabe, depois do anúncio da revolução na Rússia, depois das greves de janeiro de 1918 e depois da entrada dos socialistas majoritários no governo de Max em Baden, em 3 de outubro de 1918, que a agitação não havia cessado de crescer na população.

Em 3 de novembro de 1918, em Munique, Kurt Eisner, dirigindo-se a milhares de pessoas reunidas no coração da cidade, fez aprovar uma resolução pedindo “uma paz imediata de povo para povo” e a substituição da dinastia da Bavária por um governo verdadeiramente popular”. Depois disso, enquanto em Kiel a frota se revoltava e os marinheiros começavam a fazer aglomerações pelo *Reich*, desencadeando a revolução em cada cidade a que chegavam, em Stuttgart, por iniciativa dos espartaquistas, 30 mil operários entram em greve, constituindo um conselho operário, e adotam um programa de 13 pontos que previa o fim das hostilidades, a demissão imediata do rei de Württemberg, a dissolução do Landtag e do *Reichstag*, a formação de um governo eleito por delegados de operários, de soldados e de pequenos camponeses.

No sábado seguinte, 9 de novembro, seus companheiros de Stuttgart vêm buscar Clara em Sillenbuch e a conduzem à cidade para que fale aos soldados que deixaram seus quartéis e se manifestam nas ruas com os operários. O domingo se passa em intermináveis discussões e reuniões que ela considerou “sem interesse e sem resultado”. No dia seguinte, foi para Ulm, a um

imenso campo de prisioneiros de guerra, para explicar aos soldados de todas as nações beligerantes ali internados o que se passa na Alemanha, pedindo que tenham calma. Temia-se, em consequência, que eles tentassem escapar, pois militares alemães estavam prontos a acabar com os “motins” a bala.

“Fiz cinco discursos ao ar livre, dirigindo-me aos franceses, aos italianos, aos romenos, aos sérvios; aos russos assim como aos alemães que guardavam o campo (...) Naquele dia, ainda, fiz dois pronunciamentos em Ulm, na praça da catedral, e em Göppingen, na rua, no meio das barracas da feira. Quando voltei para casa, estava rouca e morta de cansaço”.

Em 16 de novembro, Clara vai novamente a Stuttgart para participar de um grande comício de mulheres, convocado por dezessete organizações femininas, “algumas das quais totalmente reacionárias. Público burguês, em sua maioria. Expus minhas idéias, a assistência manifestou seu acordo, mas aprendi a não contar com esse apoio de momento. Infelizmente”, prossegue Clara, “nossos amigos pouco fizeram para mobilizar as mulheres e para lhes explicar a situação, ainda que elas devam participar da eleição dos conselhos operários. Temo que o resultado seja lastimável”.

Foi lastimável, na medida em que as mulheres ficaram quase ausentes dos conselhos que sugiram em toda a Alemanha no fim de 1918 e em 1919. Finda a guerra, as mulheres, que haviam, aos milhares, tomado o lugar dos homens nas manufaturas e nas fábricas, foram induzidas a se ocupar de seus afazeres domésticos, sendo os operários e os soldados, quase em toda a parte, os que decidem e comandam. Dir-se-ia que, uma vez obtida a paz, as mulheres, que haviam se manifestado com tanta veemência contra a guerra, o custo de vida e o abastecimento insuficiente,

não tinham mais uma palavra a dizer. Sindicatos e partidos estavam de acordo em enviá-las para casa, para que dessem lugar aos homens, aos soldados desmobilizados. Era impressionante que no congresso dos conselhos, reunido em Berlim em dezembro de 1918, o número das delegadas era ínfimo. Nem Rosa Luxemburgo conseguiu ser indicada.

Se o Conselho dos Comissários do Povo concedeu a elas, no programa tornado público em 30 de novembro, o direito de votar e de serem eleitas, foi menos em função de sua ação recente do que devido à vasta campanha pelo direito de voto que Clara, especialmente, havia estimulado em 1907.

Um dos primeiros efeitos dos acontecimentos revolucionários de que o *Reich* foi palco, a partir do começo de novembro, foi a desorganização dos transportes e dos meios de comunicação. Em 11 de novembro, Rosa Luxemburgo deixou, enfim, a prisão de Breslau e foi para Berlim onde assumiu a direção do jornal espartaquista, *A Bandeira vermelha*, cujo primeiro número apareceu em 9 de novembro.

Clara tentou, primeiro sem sucesso, falar com sua amiga pelo telefone. Só conseguiu no dia 16 de novembro. Mas a comunicação era muito ruim. Impossível explicarem-se a contento. Daí, no dia seguinte, uma longa carta de Clara, que nos informa sobre seu estado de espírito e suas opções políticas (que podem ter sido influenciadas, é verdade, pelo que Rosa lhe havia dito na véspera).

Essa carta só foi publicada em 1969, no *Avante*, na República Federal da Alemanha. Um oficial da unidade que assassinou Rosa na noite de 15 para 16 de janeiro de 1919, pegou-a na bolsa da vítima e a conservou “como recordação”.

Descobre-se, nessa carta, uma Clara pouco segura de si com relação à conduta a seguir. Pensa partir para Berlim. “Não serei

mais útil em Berlim do que aqui? Sinto que Stuttgart não é absolutamente o terreno propício para minha ação e gostaria de fazer um pouco mais do que apenas redigir o pequeno boletim de Leipzig (o suplemento feminino do *Jornal do Povo de Leipzig*).

“Eis como vejo as coisas: o ponto de partida da revolução alemã foi um movimento de soldados em favor de reivindicações que interessam aos militares. Mas, nas condições em que ocorreu, transformou-se em uma luta política, revolucionária, contra o militarismo, o poder pessoal, pela democracia política. Essa luta, pela natureza das coisas, deveria ser travada pelas massas proletárias (...), mas de uma só vez ultrapassou os limites da simples democracia política para desembocar numa revolução burguesa. (...) A guerra revelou a falência do imperialismo internacional, o desabamento catastrófico do mundo burguês (...) Então surgiu a necessidade da transformação econômica e o ruído da luta de classes cobriu a fábula da harmonia das classes, essa história que se conta às crianças para adormecê-las. Por toda a parte, a burguesia sai de seus covis e se une para derrotar a revolução. Sua máscara é a Assembléia Nacional Constituinte”.

Clara aborda em seguida uma questão que dividia os espartaquistas: a adesão ao USPD.

“A tarefa dos espartaquistas é estimular as massas para frente. Com o USPD, enquanto agir como um partido revolucionário, sem ele ou contra ele se a isso ele renunciar. A questão é saber como poderemos realizar essa tarefa da maneira mais eficaz: permanecendo incorporados ao USPD ou como partido independente. Uma separação clara corresponderia a meu sentimento, mas a visão que tenho da situação faz-me rejeitar esta solução, no momento. É possível, é mesmo verossímil que

esta cisão torne-se inevitável. Mas então será necessário realizá-la em condições que aumentem nossa influência junto às massas. Condições que fariam da cisão um problema das massas proletárias e não uma questão que diz respeito apenas às duas organizações. Tais condições não estão reunidas atualmente. A cisão seria um acontecimento que mal se notaria, sem eco junto às massas, que não a compreenderiam. E, considerando nossa debilidade notória quanto a dirigentes e meios, seria para nós, depois, nitidamente mais difícil atingir as massas. Assim, sugiro que, ao mesmo tempo que devemos manter resolutamente nossa atitude crítica, permaneçamos no momento no USPD. Thalheimer e Rück (dois dirigentes espartaquistas de Stuttgart) são partidários de uma cisão imediata. Querem, desde já, criar um partido independente. Tive com eles uma discussão acalorada sem conseguir modificar suas concepções. Disse-lhes que minhas convicções me impediam de deixar atualmente o USPD, mas que – para evitar falsas interpretações e não ficar em situação equivocada – pedirei demissão da redação do suplemento feminino (do *Jornal do Povo de Leipzig*)”.

Clara se disse profundamente aliviada quando soube, pelo telefone, que Rosa partilhava seu ponto de vista. Prometeu-se tomar parte mais ativamente nos debates do grupo espartaquista de Stuttgart, “desde que suas forças o permitam”.

Ao mesmo tempo, fez inúmeras sugestões aos berlinenses. Redigir panfletos dirigidos às mulheres. Fundar um jornal feminino que tratasse das conseqüências da desmobilização, do desemprego a que se achavam reduzidas, das dificuldades de abastecimento.

Depois disso, Rosa lhe telegrafa: “Envie-me imediatamente para o *A Bandeira Vermelha* pequeno artigo assinado. Assunto de

sua escolha. Desejaríamos sobre as mulheres”. No mesmo dia, seguia uma carta.

“Espero impacientemente seu artigo. Muito breve! Que não dê muito trabalho. Queremos ter seu nome imediatamente no jornal. Poderia, quem sabe, escrever sobre as mulheres, é tão importante atualmente e, aqui, nenhuma de nós entende disso”.

A carta confirma o prestígio de que Clara gozava: era necessário que sua assinatura aparecesse no jornal. O artigo desejado chega a Berlim, por via expressa, três dias mais tarde e, no dia seguinte, é publicado sob o título “A Revolução e as mulheres”. Na realidade, Clara tratava de uma questão de política geral e se opunha à convocação imediata de uma Assembléia Constituinte.

“Divisão do poder político entre todas as classes do povo, que palavra de ordem inocente e idealista, e como soa democrática e justa! Mas a pele do cordeiro serve de camuflagem ao lobo. Uma divisão do poder entre a classe operária e a burguesia tende sempre à dominação desta última e permanece uma ditadura de classe camuflada, apenas atenuada, dos possuidores e dos exploradores. As ruínas da ordem capitalista, provocadas pela guerra mundial, requerem imperiosamente a construção da sociedade sobre uma base socialista”.

No dia 24, nova carta de Rosa Luxemburgo. Ela havia proposto à direção espartaquista, que aceitou, editar um jornal feminino. Semanário, quinzenal, ou suplemento diário do *A Bandeira Vermelha*? O que pensa Clara? A coisa era urgentíssima: “Cada dia perdido é um pecado!”. Mas será preciso discutir:

“Pode vir a Berlim? Podemos impor-lhe uma tal aventura? Hoje, fazer uma viagem de Stuttgart a Berlim é quase arriscar a vida. Responda-nos francamente. Sua saúde é mais impor-

tante do que qualquer outra consideração. Os trens não circulam...”

No dia 29, a decisão foi tomada. Clara foi encarregada de redigir um suplemento feminino de oito páginas que será anexoado, uma vez por semana, ao *A Bandeira Vermelha*. Rosa sugeriu um jornal popular, sem exposições teóricas como as que Clara publicava no suplemento do *Jornal do Povo de Leipzig*, muitas informações tiradas da imprensa alemã e estrangeira ou de outros jornais femininos, notícias econômicas etc.

Se Clara sentir necessidade de colaboradoras, que o diga. Mas não mulheres como Luise Zietz ou Mathilde Wurm, que não aprovam a linha espartaquista.

O projeto de publicação proposto por Clara foi aceito por toda a equipe. Que o redija assim que for possível. Mas que seja breve; o *A Bandeira Vermelha* carece de papel. A correspondência entre Berlim e Stuttgart era lenta, difícil. Assim, Rosa recorria freqüentemente ao telégrafo. Em 30 de novembro: “Por favor, envie-nos imediatamente um panfleto para as mulheres, breve, popular, sobre as tarefas delas na revolução”.

A viagem a Berlim que Clara projetava teve de ser adiada de semana em semana. E Rosa, “presa à redação do *A Bandeira Vermelha*”, não podia deixar Berlim. A situação se agravava. “De fonte oficial”, escrevia Rosa, “dizem-nos que assassinos nos espreitam, Karl e eu, tanto que a cada noite devemos procurar refúgio em um lugar diferente”.

Os espartaquistas pediam à direção do USPD a realização de um congresso, no decorrer do qual as posições de uns e de outros, no seio dessa formação heterogênea, seriam explicitadas. Três independentes eram, desde novembro, teoricamente responsáveis, em pé de igualdade com seus três colegas majoritários, pelas decisões da Executiva: o Conselho dos Comissários do Povo.

Na prática, os independentes aceitavam a política imposta pelos majoritários; de fato, Friedrich Ebert tinha como principal objetivo “restabelecer a ordem”, o mais depressa possível, ainda que esmagando os revolucionários.

Tendo a direção do USPD recusado realizar o congresso, os espartaquistas decidiram convocar, para o dia 29 de dezembro, uma conferência nacional: no decorrer dessa reunião foi criado o Partido Comunista Alemão [KPD].

Impossível para Clara, por mais que o desejasse, ir a Berlim e expor seu ponto de vista na conferência. Dois companheiros de Stuttgart, que participaram, relataram-lhe o desenrolar dos trabalhos e lhe trouxeram um exemplar do programa adotado pelo novo partido e que era obra de Rosa Luxemburgo: o objetivo proclamado era a fundação de uma república socialista; as medidas imediatas: o desarmamento das forças contra-revolucionárias e o armamento da classe operária, a expropriação dos *junkers* [latifundiários prussianos] e dos monopólios etc. Nada nesse programa poderia incomodar uma mulher que, como Clara, sempre sustentara que a emancipação feminina só poderia ser realizada numa sociedade socialista.

Em compensação, o que a inquietava eram as posições defendidas por uma maioria de jovens delegados, cujo entusiasmo revolucionário turvava a vista e falseava o julgamento. Contra a opinião de Rosa Luxemburgo e da direção espartaquista, rejeitaram qualquer idéia de entrar em sindicatos com direção reformista e se recusaram a participar das eleições gerais fixadas para 19 de janeiro, portanto menos de três semanas depois. Um deles não declarou no congresso que seria suficiente uma metralhadora para dispersar a Constituinte, que era fruto das eleições?

Clara tinha uma visão mais realista da situação. Conhecia a “fraqueza notória” dos espartaquistas. Temendo, como ela, “iso-

lar-se das massas”, Rosa hesitou até o fim quanto à criação de um novo partido. Clara colocou Rosa a par de suas inquietações e de sua condenação a um extremismo que arriscava levar o jovem partido a uma catástrofe. Se essa carta não tivesse sido encontrada, a resposta de Rosa deixaria no vazio as questões que ela continha.

“Primeiramente, a questão da não participação nas eleições (...) Nossa ‘derrota’ não foi a vitória de um extremismo um pouco pueril, em plena fermentação, sem nuances. (...) Não esqueça que os espartaquistas são, em boa parte, uma geração nova sobre a qual não pesam as tradições embrutecedoras do “velho” partido e é necessário aceitar a coisa com suas luzes e suas sombras. (...) Você tem sobre a questão (quero dizer, sobre o caráter trágico dessa resolução) um julgamento totalmente diferente do nosso, porque não tem da situação uma impressão direta”.

Essa carta, datada de 11 de janeiro de 1919, foi escrita em plena “Semana Sangrenta”. “Viver nesse turbilhão”, escreve Rosa Luxemburgo a sua amiga, “nesse perigo de cada hora, com essas mudanças de domicílio, essa caça e essas perseguições, não seria nada bom para você”. De fato, mesmo Rosa, que se esforçava por ter a cabeça fria, era vítima “dessa situação” que vivia diretamente. Com efeito, escreveu: “parece duvidoso que haja eleições e uma Assembléia Nacional”. Clara, que não estava no centro desse turbilhão berlinense, tinha uma visão mais exata do estado de espírito da população alemã. O interior não é a capital. Uma vez esmagada a revolta berlinense, oito dias depois votou-se maciçamente em toda a Alemanha. E a não participação de algumas dezenas de milhares de espartaquistas não prejudicou, de modo algum, aos olhos de trinta e um milhões de eleitores (83% dos

inscritos, a maior participação até as eleições de 1932) a representatividade dessa Constituinte. Estou tentado a escrever: ao contrário.

Em sua carta, Rosa Luxemburgo justifica a cisão com o USPD, “que havia se tornado absolutamente necessária por razões políticas”. Clara, por sua vez, teme a integração ao novo partido dos “comunistas internacionalistas”, um grupo implantado sobretudo em Bremen e em Hamburgo, cujas posições esquerdistas ela provavelmente receava. Rosa Luxemburgo pensava que a situação se esclareceria em uma semana. Então Clara poderia empreender a viagem a Berlim. “Sua vinda seria o começo de uma colaboração sistemática de onde nasceriam naturalmente trocas de pontos de vista e acordos”.

Menos de uma semana depois, Rosa Luxemburgo e Karl Liebknecht foram selvagemmente assassinados pelas forças contrarrevolucionárias. Ignorando o drama, impotente, Clara sentia crescer sua angústia em seu refúgio de Sillenbuch à medida que chegavam as notícias sobre os combates que se travavam em Berlim, enquanto toda a imprensa caricaturava os espartaquistas, como o fizera a imprensa francesa em 1871 em relação aos membros da Comuna. Só tinham mudado os adjetivos: a imagem de incendiárias foi substituída por outra, igualmente falsa e inepta, de uma “Rosa sanguinária”.

Em Stuttgart também, nessa segunda semana de janeiro de 1919, prenderam espartaquistas, dos quais não se tinha notícia. Na segunda-feira, 13, Clara decide escrever a Berlim uma carta que enviou, por precaução, a dois endereços diferentes:

“Minha querida, minha única! Será que esta carta e que meu amor poderão ainda alcançá-la? ... Escrevo apesar de tudo... Ah! Rosa, que dias! Diante da minha razão ergue-se a grandeza histórica e a importância de seus atos! Mas saber disso não

consegue calar a voz de meu coração, nem apaziguar o meu tormento e minhas angústias a teu respeito... O sentimento doloroso de não estar ao teu lado, a vergonha de não partilhar teu combate... Ontem, os jornais anunciaram que os bandidos governamentais a prenderam. Fiquei arrasada. De noite a notícia foi desmentida. Respirei e me agarrei a migalhas de esperança... Abraço-a apertada contra o meu coração. Sempre sua, Clara.”

Rosa nunca leu essa carta. No dia 16, os jornais anunciaram sua prisão e a de Karl Liebknecht. Clara telegrafou em seguida aos dirigentes do USPD, Luise Zietz e Hugo Haase, para pedir-lhes que movessem céu e terra para assegurar proteção a ambos. No dia seguinte, soube por telefone do assassinato dos dois revolucionários. Alguns jornais da manhã estamparam: “Abatidos no decorrer de uma tentativa de fuga”; outros afirmavam que Rosa e Karl haviam sido linchados pela multidão.

Em 18 de janeiro, Clara escreveu a Mathilde Jacob:

“Não compreendo que a vida possa seguir seu curso sem Karl e Rosa (...) Mathilde, Mathilde, poderemos nós suportar viver sem eles, sem Rosa? Tentar, para mim, só tem um sentido: trabalhar e lutar no meio das massas e com as massas, cuidando para que o espírito dos mártires as guie. Para mim, esse é o testamento de Rosa. Isso implica também que seus trabalhos sejam reunidos e publicados (...) Quero empregar todas as minhas forças para que seja edificado esse monumento a Rosa e a Karl, o único digno deles na literatura socialista e na história proletária”.

O assassinato dos dois revolucionários, os mais conhecidos, provocou nos meios operários de toda a Alemanha uma onda de estupor e de reprovação. Os comunistas – ainda que persegui-

dos – e a ala esquerda do USPD organizaram em toda Alemanha atos públicos de protesto. No fim do mês, Clara falou em Esslingen, para mil ouvintes. Na sala, havia tanta gente que uma mulher desmaiou. Depois disso, em cerimônia de lembrança, em Stuttgart, foi ainda Clara que ocupou a tribuna.

Em menos de dois anos, Clara perdeu os dois seres que, com exceção de seus filhos, lhe eram mais próximos: seu marido e sua melhor amiga. Seu rosto, cercado de cabelos brancos, é o que aparecerá, doravante, em todas as fotografias: uma mulher velha que continua a lutar por seu ideal até o fim.

XVI – A GRANDE ESCOLHA

EM UMA FOTO DE 1920, vê-se Clara Zetkin segurando uma bengala e usando um desses imensos chapéus que muitas mulheres usavam antes da guerra. Duas mulheres mais jovens cercam-na, dando-lhe o braço. À sua direita, Lore Agnes, que fazia parte da delegação das socialistas alemãs na conferência de Berna; à esquerda, Marthilde Wurm, amiga e correspondente de Rosa Luxemburgo.

As três mulheres são deputadas no *Reichstag*. Lore Agnes e Mathilde Wurm fazem parte do grupo socialdemocrata independente, Clara representa o partido comunista.

Como explicar a escolha de Clara? Ela que, em 16 de fevereiro de 1917, em um artigo publicado no *A Igualdade*, sob o título “Que fazer?”, se alarmava porque os debates no seio da socialdemocracia alemã, “abalam gravemente a coesão do partido, este edifício sólido, legítimo orgulho da classe operária alemã, ao qual centenas de milhares de pessoas consa-

graram suas melhores forças, cimentando-o com seu sangue” e concluía: “Coragem, nós que assumimos parte nesse trabalho”. Por que ela aceitou o racha e escolheu o Partido Comunista, quando a maioria de suas companheiras de luta dos anos heróicos escolheram o USPD (Luise Zietz, Lore Agnes, Margarethe Wengels, Mathilde Wurm etc), antes de reunir-se, em 1921, ao SPD?

Vale a pena levantar a questão principal porque, durante toda a sua vida, Clara trabalhou pela reconstituição da unidade operária, ao mesmo tempo em que combatia sem concessões a política do SPD. Em setembro de 1923, perguntando-se onde estaria o seu lugar, interrogando-se sobre onde sua ação seria mais eficaz, Moscou ou Berlim, escreveu a sua amiga Stassova:

“Penso que, melhor que outros, eu poderia reunir sob uma mesma bandeira as amplas massas proletárias e, em particular, também os trabalhadores “reformistas”; que eu poderia, igualmente, sensibilizar, com minha propaganda, os funcionários, os intelectuais”.

Durante toda a sua vida, ela combateu o sectarismo. Ora, o KPD era dominado por jovens que não pensavam um instante em uma militância ao lado dos reformistas, dos funcionários, dos intelectuais etc. Queriam se separar deles, acreditando somente na virtude da ação violenta. Em sua carta de janeiro a Rosa Luxemburgo, Clara falava de sua apreensão ao ver um Otto Rühle, futuro dirigente do KAPD, dominar o jovem Partido Comunista. E haveria muitas outras razões que aparentemente poderiam fazer Clara Zetkin hesitar em dar aquele passo.

Além da constatação da debilidade dos dirigentes do USPD, de suas oscilações entre uma oposição radical e o apoio à ação

dos majoritários no seio do Conselho dos Comissários do Povo, além de suas divergências teóricas com um Kautski, a atitude hesitante do USPD face à revolução na Rússia, tudo isso, sem dúvida, pesou muito. Mas, sobretudo, depois do assassinato de Rosa Luxemburgo, de Karl Liebknecht, de Leo Jogiches (morto por sua vez na prisão, em 10 de março de 1919), Clara sentiu-se investida de uma missão: prolongar a ação de seus amigos massacrados, salvaguardar sua memória. Desde então, por mais reservas que tivesse a militante quanto à linha política do novo partido, a amiga não tinha mais escolha. Aderiu ao partido de Rosa, de Karl, de Leo.*

Daí uma situação muitas vezes desconfortável, até paradoxal, pelo menos na aparência. Na socialdemocracia alemã de antes da guerra, sobretudo a partir de 1907-1908, Clara se situava à esquerda; por essa razão, o *A Igualdade* era criticado incessantemente e foi por essa razão que a direção do SPD acabou por demiti-la.

No KPDO da República de Weimar, Clara seria acusada de “direitista” e, por esta razão, várias vezes excluída da Central ou do Comitê Central. Somente seu prestígio internacional, a amizade que lhe dedicava Lenin, suas funções nos organismos dirigentes da Internacional Comunista impediam que fosse totalmente afastada.

Em 1919, era evidente que a socialdemocracia alemã no poder havia escolhido não a derrubada da ordem existente, mas o seu aperfeiçoamento, não a revolução, mas a reforma. O único partido revolucionário sendo, aos olhos de Clara, o KPD, era em suas fileiras que era preciso ser militante.

* Ela afirmará mais tarde, todavia, que Leo Jogiches, como ela própria, era contrário ao racha. Parece, entretanto, que se tratava de uma afirmação polêmica.

O ANO DE 1919

A “Semana Sangrenta” em Berlim no começo de janeiro, a repressão que se seguiu, em todo o *Reich*, constituíram uma grave derrota para os revolucionários alemães. Mas, em janeiro de 1919, ninguém, nem em um campo, nem em outro, imaginava que a via revolucionária estaria barrada daí em diante. Cada qual pensava, não sem razão, que outros enfrentamentos iriam ocorrer.

Longe de abatê-la, a derrota sangrenta dos revolucionários berlinenses, a perda de sua amiga mais querida, todas essas desgraças parecem redobrar a energia de Clara. Não existe mais doença. Na brochura que publicou em janeiro de 1920, em memória de Karl Liebknecht, Rosa Luxemburgo, Leo Jogiches, Eugen Leviné, Franz Mehring e de milhares de proletários alemães, caídos em combate durante aquele ano, é a palavra *Kampf* [Luta], que volta com mais freqüência. “Nossa oração fúnebre é um juramento: continuar nossa luta; nosso luto é nos armarmos para o combate”.

Este discurso, nos dias de hoje, pode surpreender. Para compreendê-lo, é necessário lembrar a situação da Europa e da Alemanha. A Baviera tornou-se por algumas semanas e a Hungria, por alguns meses, uma república de soviets; na Rússia, apesar dos assaltos das forças da contra-revolução, os bolcheviques se mantinham; na Alemanha, em março de 1919, combates violentos, em numerosas cidades, opuseram os revolucionários às forças da repressão que, em Berlim, foram obrigadas a utilizar aviação e armas pesadas – cuja devolução o governo francês não exigiu, justamente para facilitar o esmagamento da revolução alemã. Calcula-se que foram 1,5 mil os mortos nos combates de março, em Berlim.

Nos dias 8 e 30 de abril de 1919, Clara escreve para Lenin duas longas cartas nas quais expõe a situação na Alemanha. Afir-

ma que as massas proletárias, a despeito da repressão, têm cada vez mais confiança em sua força, que ganharam em combatividade “e que se aproximam cada vez mais do partido comunista. Este recebe uma onda de membros. Para suas reuniões, em toda a parte, as salas são pequenas demais, suas organizações se fortalecem. Além do mais, são as massas despertando para a vida política que vêm a nós, assim como a juventude”.

Semelhante julgamento certamente tem a ver, em parte, com a auto-sugestão. O que é indiscutível é que, em cada eleição sindical, o SPD recua e os independentes e os comunistas crescem. Nas eleições de 1920, os majoritários perdem perto da metade dos votos obtidos em janeiro de 1919, enquanto o USPD, cuja maioria tende para a esquerda, multiplica os seus votos por 2,5, recebendo 5.046.800 sufrágios.

Clara não se enganava quando dizia no congresso do USPD, no início de março de 1919: “O futuro imediato será dominado pelo fluxo e o refluxo da onda revolucionária”. Ela acreditava que a situação na Alemanha era objetivamente favorável e que a escolha que considerava decisiva entre socialismo e capitalismo seria determinada pelo “fator subjetivo”, isto é, o engajamento de cada proletário. A partir daí, o êxito da revolução na Alemanha dependeria da força de convicção de cada militante comunista. Explicar a situação, mostrar a saída possível, convencer: eis as tarefas que Clara se atribuiu e às quais vai se dedicar.

Ela está por toda a parte, luta em todas as frentes, fala, discute, escreve, publica. Fica-se confuso quando se mede a atividade prodigiosa que desenvolve essa mulher, frágil e já não mais jovem. Em 25 de março, escreve a Mathilde Jacob:

“Todos esses dias, trabalhei até o esgotamento. Um panfleto para o nosso pessoal de Stuttgart. Longas diretrizes sobre a

socialização.* Muitas conferências. Estou rouca. E os que estão próximos sacodem a cabeça quando apareço diante deles. Pouco durmo...”

Solicitam-na em toda a parte. Não é ela a única sobrevivente desse grupo de mosqueteiros espartaquistas, cujo assassinato fez mártires da causa comunista? Na noite de 31 de maio, encontrou-se o cadáver irreconhecível de Rosa, boiando na água de um canal de Berlim. No dia 13 de junho, mais de cem mil berlinenses acompanham seu féretro ao cemitério de Friedrichsfelde. E de novo, nas semanas seguintes, Clara evoca a lembrança de sua amiga.**

Dirige-se a todos os públicos: no decorrer do verão, uma conferência foi organizada na Universidade de Tübingen. Mil e duzentos estudantes ouvem sua palestra. Cinco professores também estão na sala e discutem seus argumentos. O debate, acalorado, mas cortês, dura até as duas horas da madrugada.

Ao trabalho de propaganda somava-se o trabalho parlamentar. Em 12 de janeiro, foi eleita deputada no *Landtag* de Württemberg (pelo USPD). Em maio, relata um de seus dias a Mathilde Jacob: “Ao meio dia, estive no purgatório, quer dizer, no Parlamento, e aí cumpri meu dever, defendendo os companheiros presos”, mas o *Landtag* se opõe a pôr em pauta sua reivindicação.

* Toda a esquerda alemã, majoritários e independentes, falam agora em socializar – nós diríamos hoje nacionalizar – a grande indústria, em particular as minas de carvão e a siderurgia. Ficarão nos discursos e nas proclamações.

** Com Mathilde Jacob, Clara Zetkin se empenhou, desde janeiro de 1919, em recuperar, reunir todos os manuscritos, os artigos etc. de Rosa Luxemburgo. Desde a primavera, pensa escrever uma biografia de sua amiga. Em maio, redige um prefácio para a reedição do texto *A crise da socialdemocracia*.

“À noite, um grande comício do KPD em Esslingen, o que no total representou para mim cinco horas de caminhada a pé. Sábado, nova sessão parlamentar e, para variar, conferência em que tive que enfrentar os antroposóficos, que começam a se-mear a discórdia entre os operários”.

Nessa carta, Clara não menciona os perigos que corre. Matava-se muito na Alemanha de 1919.

Seu filho Maxim contou que um dia um bando de contrarrevolucionários armados cercaram sua casa de Sillenbuch. Um deles chegou a escalar o muro alto que cercava a casa. Então Clara alertou por telefone os companheiros de Stuttgart. Quando os assaltantes viram os reforços, preferiram fugir. (Um ano mais tarde, no momento do golpe de Kapp, em março de 1920, a situação era igualmente crítica. Desta vez, foram estudantes de Tübingen que, prevenidos, levaram Clara e a esconderam durante uma semana).

Durante esses meses de agitação revolucionária, as mulheres estavam pouco presentes. Tanto mais que, depois da revolução de novembro, dispunham do direito de voto e faziam uso dele. Nas eleições gerais, sua participação ultrapassou a dos homens. Daí a preocupação constante de Clara de informá-las e, se possível, ganhá-las para a causa revolucionária.

O único meio, então, além dos discursos, era a imprensa. Clara queria publicar um jornal, por ocasião do “Dia Internacional da Mulher” – que se chamaria *A Combatente*. Mas como o USPD decidiu, por seu lado, publicar uma folha com o mesmo título, Clara mudou o seu para *A Socialista*. Tratou-se de um boletim de oito páginas, que circulou no dia 6 de abril, por ocasião do “Dia Internacional da Mulher”, atrasado um mês naquele ano.

A direção do USPD havia acabado de convocar aquele congresso extraordinário que Rosa Luxemburgo em vão solicitou em

dezembro de 1918, que aconteceu em Berlim, de 2 a 6 de março de 1919. Clara participou e, no dia 4, concluindo o discurso no qual havia atacado duramente a direção do partido, declarou solenemente que se achava “diante da escolha mais difícil e amarga de sua vida. Para mim”, prosseguiu ela, “continuar a cooperar com a direita do USPD é coisa impossível”.

Desde a fundação do Partido Comunista, ela manteve relações com seus dirigentes, forçados à clandestinidade depois da “Semana Sangrenta” de janeiro (o partido e seu jornal haviam sido interditados). Em Berlim, no dia seguinte ao congresso do USPD, Clara reencontrou alguns comunistas, entre eles Leo Jogiches, que seria preso e assassinado quarenta e oito horas mais tarde, para discutir a linha política do partido ao qual iria aderir publicamente.

Apenas voltou a Stuttgart, escreveu aos comunistas berlinenses para demarcar sua posição e fazer sugestões: não negligenciar as classes médias (na Suábia, os pequenos camponeses e os assalariados rurais), criar uma imprensa local (estava disposta a participar da criação de um jornal comunista em Stuttgart, mas queria poder opinar em todas as questões importantes, administrativas ou de redação). Naturalmente, insistia na necessidade do trabalho dirigido às mulheres.

Aliás, vieram consultá-la:

“Entrementes, dois amigos de Berlim vieram me ver e eu lhes disse como via as coisas. Temos de demonstrar que o partido está vivo. Antes de tudo, é necessário que apareça o órgão central, não importa onde, a fim de estabelecer a ligação intelectual entre os militantes e as organizações de base. Em seguida, é necessário completar, a título provisório, a direção. E, finalmente, preparar bem uma conferência nacional. O secretariado feminino deve começar a trabalhar assim que possível.

Assegurar uma boa preparação dos encontros de 6 de abril, por ocasião do dia das mulheres. Informar os membros que estou editando um jornal e convidá-los a fazer suas encomendas à editora, em Stuttgart” (a Mathilde Jacob, 24 de março).

As coisas aconteciam rapidamente. Cinco dias após essa carta, a conferência nacional, sugerida por Clara, realizou-se em Frankfurt. Ela participou, foi eleita para o Comitê Central e recebeu, oficialmente, a incumbência de editar o jornal feminino, cuja forma e conteúdo havia discutido com Leo Jogiches.

Por fim o jornal chamou-se *A Comunista*. Mas seu aparecimento não ocorreu sem dificuldades. Em seguida à repressão que se intensificou em Berlim, uma greve geral aconteceu em Württemberg, no começo de abril de 1919, estimulada por delegados dos três partidos de esquerda: SPD, USPD e KPD. O governo usou a força, os mentores foram perseguidos, a imprensa do partido ocupada. (Clara só não foi presa devido a sua imunidade parlamentar).

Foi necessário achar outra tipografia. O *A Comunista* pôde, enfim, ser impresso e distribuído em 1º de maio. Se esse jornal pretendia ser a continuação do *A Igualdade* e do suplemento do *Jornal do Povo de Leipzig*, era, na realidade, muito diferente dos jornais femininos de antes da revolução. Sem dúvida retomava as reivindicações “clássicas” das mulheres: igualdade de salários, medidas de ajuda às mães e às crianças, defesa dos desempregados, adaptando-as à situação. Assim, propunha requisitar palácios e mansões dos ricos para atenuar a carência de moradias, ou reivindicava uma distribuição mais justa do abastecimento de gêneros alimentícios e do setor têxtil.

Porém, mais ainda que o *A Igualdade*, o *A Comunista* pretendia ser um jornal internacional. Esforçava-se por tornar conhecidas as conquistas das mulheres soviéticas e abriu suas colunas

para Nadejna Krupskaja, Inês Armand, Alexandra Kolontai. Abordava prioritariamente problemas de política geral.

Em seu segundo número (11 de maio de 1919), Clara, sob o título “A paz pela revolução”, tomou posição sobre o projeto de tratado, do qual a *Entente** tornou públicas as principais disposições. Condenava o *Diktat* [o texto acordado] do “Tratado de Versalhes” devido ao tributo que impunha ao povo alemão, às restrições ao desenvolvimento da economia, aos limites à autonomia dos povos.

Mas essa condenação era acompanhada de uma acusação ao imperialismo e ao militarismo alemão, responsáveis, senão pela guerra, ao menos pela perseguição e pelos métodos empregados. Daí sua denúncia das teses dos “revanchistas” que reivindicavam as colônias, um exército mais numeroso e se recusavam a entregar os militares que a *Entente* havia incluído em uma lista de “criminosos de guerra”.

Clara não via outra saída senão a luta pela revolução até a vitória, a solidariedade com os trabalhadores do mundo inteiro, a aliança com o povo soviético.

A guerra, as revoluções russa e alemã, tanto quanto suas opções pessoais, deram a Clara uma nova estatura política. Certamente, desde sua volta à Alemanha, em 1890, nas colunas do *A Igualdade*, como na tribuna dos congressos do SPD, não se limitou às questões femininas. Contudo, essas questões eram o centro de seu interesse. Foi sua ação nesse campo que consagrou a sua fama.

A partir de 1919, “todos os problemas” sociais e políticos são de sua atribuição. Se suas preocupações fundamentais permane-

* O grupo de países aliados que enfrentou a Alemanha na guerra de 1914-1918 (N. da T.)

ceram as mesmas, seu horizonte político e seu campo de intervenção se ampliaram.

As greves e os combates mortais que opunham, durante todo o ano, as forças revolucionárias aos franco-atiradores e às tropas de Gustav Noske, tudo isso não era suficiente para persuadir os jovens membros do KPD de que seria necessário aceitar, ainda que provisoriamente, as regras da “democracia burguesa”, quer dizer, participar das eleições e aderir aos sindicatos.

Para eles, o Parlamento não é mais do que um lugar onde se fala. Desejavam tornar sua a fórmula: o poder está na boca do fuzil. Resultado: sobre a tática a seguir, o jovem partido estava profundamente dividido. A clandestinidade que lhe era imposta em nada facilitava o esclarecimento das questões políticas.

No congresso de Heidelberg, reunido em outubro, esses “comunistas de esquerda” manifestaram-se contra as teses da direção... que não encontra outra solução, no terceiro congresso do KPD, em fevereiro de 1920, senão a exclusão dos opositores. Esses, que representavam, de fato, a maioria dos membros, irão, em abril, fundar um novo partido, o KAPD.

Totalmente contrária a essa política “esquerdista”, Clara tenta, por todos os meios, convencer os comunistas de que poderia sensibilizá-los. Uma jovem membro de Ulm, operária da indústria de tabaco, contou que, no decorrer de uma reunião na qual se discutia precisamente a participação nas eleições, Clara, que não conseguia ganhar a maioria da assembléia para suas posições, no cúmulo da irritação, pegou seu chapéu e seu casaco e deixou a sala, vermelha de raiva.

Em março de 1920, um grupo de golpistas, tendo à frente oficiais e um alto funcionário, Wolfgang Kapp, tentam derrubar a República. Os partidos operários responderam com uma greve geral, tão eficaz que paralisou toda a capital e obrigou os

autores do *golpe* a fugir. Pela primeira vez, SPD, USPD e KPD agiram em conjunto. Clara viu nesse sucesso a prova de que a união dos trabalhadores devia e podia abrir para eles o caminho do poder.

Depois da proclamação da Constituição de Weimar, a Constituinte foi dissolvida e novas eleições gerais, sempre com voto proporcional, foram marcadas para junho de 1920. O KPD inscreveu Clara em primeiro lugar na lista dos candidatos... e ela se lançou à campanha eleitoral, percorrendo todo o *Reich*, como na época em que, trinta anos antes, tentava ganhar as operárias para a luta por sua emancipação e pelo socialismo.

O resultado da votação traduziu bem a debilidade do jovem KPD (desmentindo o otimismo manifestado por Clara em sua carta a Lenin, em abril de 1919). Mesmo supondo razoavelmente que a maioria dos membros alinhados às teses esquerdistas tenha se recusado a ir às urnas, 589.000 votos significavam cerca de um décimo dos sufrágios obtidos por cada um dos partidos socialdemocratas. (Com relação às eleições de janeiro de 1919, o número de abstenções aumentara em dez milhões).

Em 2 de julho de 1920, Clara, eleita juntamente com Paul Levi, usou pela primeira vez a tribuna no *Reichstag*, para expor o programa e os objetivos do KPD. Como estava às vésperas de importantes negociações com as potências da *Entente* (Conferência de Spa), Clara se esforçou por dissipar as ilusões de que as condições de paz infligidas à Alemanha seriam amenizadas: “São as massas trabalhadoras que pagarão o preço da guerra”. De passagem, qualifica a futura Sociedade das Nações “de internacional dos capitalistas para a exploração dos trabalhadores do mundo inteiro”. Único meio para a Alemanha romper seu isolamento diplomático: concluir uma bela e boa aliança com a Rússia soviética. Como acabava de eclodir a guerra russo-polonesa, Clara

convida os trabalhadores alemães a seguir o exemplo de seus companheiros austríacos e italianos: impedir que o material de guerra seja encaminhado à Polônia pelas estradas de ferro da Alemanha.

Uma grande parte do discurso é naturalmente dedicado a evocar a miséria que reina na Alemanha, a deterioração do sistema escolar e dos serviços de saúde, e a solicitar ajuda às vítimas da guerra, aos inválidos, às viúvas, e a todos os deixados à própria sorte que podem ser vistos nos quadros de George Grosz, de Käthe Kollwitz ou de Nolde.

Quatro semanas mais tarde, Clara, na tribuna do *Reichstag*, condenou o militarismo alemão e lembrou as atrocidades cometidas pelo exército alemão em 1914, quando da invasão da Bélgica e do Norte da França, o que desencadeou um belo tumulto: “O estrangeiro lhe agradecerá”, gritou um deputado da direita. Ao que ela replicou “É a Alemanha que deve me agradecer quando digo a verdade. Não se ganha nada negando fatos históricos”.

Por ocasião da lei sobre o desarmamento da população, ela mostrou que esse texto permitiria tirar do trabalhador o fuzil que ele guardara em sua casa, mas não preocuparia os *junkers* da Pomerânia e do Mecklemburg, que tinham feito depósitos de munição em seus domínios. A questão do *Reichswehr* [exército] negro provaria a que ponto Clara tinha razão.

De 4 a 7 de dezembro, a maioria do USPD decidiu fundir-se com o KPD. Decisão que vinha ao encontro dos desejos de Clara e para a qual, certamente, não foi pequena sua contribuição.

O congresso de unificação, que se realizou imediatamente depois, encarregou-a de redigir um manifesto no qual ela fazia da unificação dos dois partidos uma vitória “dos operários revolucionários da Alemanha”. Clara tomou igualmente parte na ela-

boração do programa do novo partido, sendo eleita para o secretariado e para o Comitê Central.

O congresso foi realizado sob o signo da amizade com o jovem poder soviético. Clara expôs, várias vezes, em termos apaixonados, o heroísmo, os sofrimentos dos militantes bolcheviques, das mulheres soviéticas. É que ela acabava justamente de voltar de uma viagem de dois meses à União Soviética. Seus relatos, transbordantes de entusiasmo, levantavam os ouvintes diante de tanta sinceridade, de tanto ardor e convicção que a oradora transmitia.

XVII – PRIMEIRA VIAGEM À RÚSSIA SOVIÉTICA

“COMPANHEIROS, NÃO TENHO vergonha de lhes confessar que, à vista dessa vontade revolucionária das massas soviéticas, emocionei-me a ponto de dizer a mim mesma: tire os sapatos, o solo que você pisa é um solo sagrado, um solo revolucionário”. Semelhante declaração de Clara Zetkin, no congresso de unificação do USPD e do KPD, em dezembro de 1920, pode sem dúvida surpreender por parte de uma marxista.

A atitude de Clara, quando, em outubro de 1920, esteve pela primeira vez na Rússia soviética, não pode, entretanto, ser explicada nem por seu sentimentalismo nem pela frase emocionada. Hoje, depois do desmoronamento da URSS, após a revelação de seus crimes, quantas leitoras e leitores não estariam pasmos e talvez chocados com as palavras de Clara Zetkin! Em dezembro de 1920, todos os congressistas, ao ouvirem essas palavras, levantaram-se e aplaudiram. Aliás, o entusiasmo da grande maioria dos alemães que iam naquela época à União Soviética

ou que escreviam a Lenin – o “chefe da revolução mundial” – não era menor que o de Clara, excetuando-se algumas nuances de vocabulário.

Dezembro de 1920 foi o momento em que o Exército Vermelho acabava de vencer as tropas do general Wrangel, o que significara a derrota da contra-revolução, a consolidação do poder soviético. Em novembro de 1918, Rosa Luxemburgo pensava que os bolcheviques não poderiam manter-se no poder na Rússia “porque a socialdemocracia, em nosso Ocidente altamente desenvolvido, compõe-se de miseráveis covardes”. Ora, dois anos mais tarde, os bolcheviques ainda estavam no poder. Certamente, os revolucionários do mundo inteiro – e os bolcheviques em primeiro lugar – continuavam pensando que a ação dos proletários russos estava destinada ao malogro, “se uma revolução proletária internacional não assegurasse em tempo sua retaguarda”.

Ora, em 1920, nem a maioria dos socialistas independentes nem os comunistas haviam perdido a esperança de ver triunfar a revolução na Alemanha. De outro lado, ainda estava viva nos corações a lembrança da guerra que havia acabado. Numerosos eram os que, mesmo fora dos partidos revolucionários, pensavam que um mundo novo devia nascer para que, nunca mais, milhões de homens fossem sacrificados. Para eles, a experiência russa talvez fosse – e para os revolucionários certamente era – a solução.

No congresso de Tours, Marcel Cachin, que antecedeu Clara em alguns meses na Rússia soviética, escreveu:

“A Rússia soviética está na miséria, (...), mas a fé, o entusiasmo, a esperança no futuro permanecem admiráveis e comovedores. E assistimos a um espetáculo que devia tocar até nossas fibras mais íntimas de velhos socialistas. (É o do maior país da Europa), radicalmente livre de toda a burguesia, de todo o

capitalismo, dirigido unicamente pelos representantes da classe operária e da classe camponesa. Esse feito, companheiros, o primeiro na História do mundo, peça a todos que se esforcem por realizá-lo e para perceber todas as suas conseqüências”.

Foi esse país e esse povo que Clara descobriu quando, em outubro de 1920, a convite do poder soviético, foi à Rússia. Tal viagem não ocorria, na época, sem dificuldades e mesmo sem perigo. De navio, chegou a Riga e daí, por trem, a Petrogrado (atravessando uma Letônia profundamente hostil ao novo poder soviético).

A cidade que descobriu, então, era muito diferente daquela São Petersburgo onde esteve com sua amiga Varvara, mais de quarenta anos antes. Os belos palácios da Avenida Nevski continuavam lá, ainda que alguns tivessem sofrido com a guerra civil. Mas faltava tudo. Gás e eletricidade. Lojas vazias. Ruas sujas e cinzentas. O abastecimento era difícil. As pessoas que se cruzavam nas ruas estavam magras e muitas delas tinham as roupas rasgadas: faltava linha e agulha para consertá-las.

Clara via tudo isso. Mas para ela, Petrogrado era, antes de mais nada, o berço da revolução. Por trás das pessoas em farrapos, Clara via, como descreveu num artigo publicado no *A Bandeira Vermelha*, “um proletariado que não quer mais ser objeto passivo da história, mas o poder histórico decisivo... Tal é na Rússia soviética a impressão que deixa todo o resto em segundo plano”.

Eis a explicação da penúria que ela põe na boca das mulheres, dos operários, das jovens que encontra:

“Se não temos pão, se nos faltam botas, é porque Koltchak e Denikin nos roubaram cereais, carvão, petróleo, sabotaram nossas estradas de ferro e quebraram nossas máquinas. Se não temos ferramentas, máquinas novas, é porque ingleses e france-

ses organizaram o bloqueio, não deixando entrar nada no país, porque querem que trabalhemos para patrões e não para nós”.

E continua descrevendo o heroísmo desses proletários, prontos, apesar de todas as privações, a defender a Rússia soviética contra muitos inimigos. Relata o trabalho voluntário dos habitantes de Petrogrado, que fizeram do Campo de Marte um imenso parque, plantando 60 mil árvores e arbustos, ou esse espetáculo em Moscou, no teatro Bolchói, para o qual foram convidados oito mil delegados das fábricas da capital, aos quais foi exposta a situação na Ásia Central, e aí a platéia, quando soube da presença de hóspedes estrangeiros, levantou-se ao mesmo tempo, pedindo a Clara que transmitisse os cumprimentos dos operários russos à classe operária alemã em luta.

Múltiplos encontros com mulheres soviéticas foram organizados: nas fábricas, nos hospitais, nos bairros, nos campos na periferia de Moscou, com mulheres que serviam no Exército Vermelho. Voltando a Berlim, Clara exaltou, diante das comunistas alemãs, o devotamento dessas enfermeiras, dessas médicas, dessas mulheres-soldado, tanto mais notáveis a seus olhos quanto na frente de luta, onde, às vezes, tudo faltava: abastecimento, roupas, medicamentos, enquanto o tifo se espalhava. Mas as vitórias militares não teriam bastado se as mulheres não tivessem combatido também “nas trincheiras da economia e da administração”. Clara conta o seu encontro com operárias que não tinham sapatos naquele começo de inverno e falavam de sua vontade de trabalhar, mas desejavam receber uma alimentação melhor e, sobretudo, botas. Ao mesmo tempo, não esconde que essas mulheres não tinham, em sua maioria, experiência profissional, que ignoravam a disciplina imposta pelo trabalho em uma grande empresa e que a subalimentação e as privações reduziam sua produtividade.

Explicava também o ardor no trabalho das mulheres soviéticas pelas reformas do Estado em seu favor. A igualdade total dos dois sexos foi proclamada e o poder soviético se esforçava por colocá-la em prática. “Em todos os setores há empenho”, dizia ela, “em ajudar as mulheres a se formar e, primeiro, a aprender a ler e a escrever, pois 80% delas eram analfabetas.”

Enfim, na Rússia soviética, numa proporção bem mais elevada que nos países ocidentais, as mulheres ocupam postos de direção. Em inúmeros Comissariados do Povo, o equivalente a nossos ministérios, em particular nos da Saúde, da Assistência Social e da Educação, numerosas são as mulheres à frente de órgãos.

Discursos de propaganda? Sem dúvida. Clara enfeitava a realidade ou não via as sombras? Mais provavelmente, sem mascarar o atraso da Rússia soviética, ficou impressionada com o entusiasmo e o voluntarismo das pessoas que a fizeram encontrar. Não viu os adversários do regime. Os erros dos bolcheviques, a brutalidade desta ou daquela medida, ela omite ou desculpa: a Rússia está em plena revolução... e milhares de revolucionários sacrificam a vida por seu ideal.

Mas o que terá para Clara maiores conseqüências foram seus encontros com Lenin. Teve com ele, no decorrer dessa viagem, três conversas. A primeira, entre 23 e 27 de setembro, a segunda em 23 de outubro. Entrementes, como havia adoecido, Lenin e Krupskaia foram visitá-la. Última entrevista em 4 de dezembro. Alguns dias depois do primeiro encontro, Lenin enviou-lhe algumas frutas, “verdadeiro conto de fadas nas circunstâncias atuais”, escreveu Clara em sua carta de agradecimento.

Nas lembranças que publicaria alguns anos mais tarde, Clara achou Lenin o mesmo, só um pouco mais velho: “Teria jurado que vestia o mesmo casaco bem escovado, que já usava nos

ombros num dia de 1907, quando o encontrei por ocasião do congresso da Internacional em Stuttgart”. Foi em seguida convidada para ir à casa dele no Kremlin: “Seu apartamento era de uma simplicidade extrema. Conheci muitos apartamentos de operários que eram bem melhor mobiliados que o domicílio do ‘todo-poderoso ditador’ moscovita. Era hora do jantar, que ela foi convidada a partilhar. Jantar simples como o exigia a dureza dos tempos: chá, pão preto, manteiga, queijo”. Em seguida, pediram à irmã de Lenin, que morava com eles, para ver se, “em honra da nossa hóspede”, não poderia desencavar algum doce e “ela teve a sorte de encontrar um vidro pequeno de compota de uvas”.

Lenin pediu-lhe para expor seu ponto de vista sobre os problemas da educação. Quando se preparava para deixar a Rússia e voltar à Alemanha, escreveu-lhe, em 17 de novembro:

“Vi aqui muitas coisas, aprendi muito e também trabalhei. Minha exposição sobre as questões da educação aumentou tanto que está a ponto de se tornar um livro razoavelmente grosso. Infelizmente, não encontrei ninguém para copiar meu manuscrito, de modo que só poderei enviar o texto da Alemanha. Gostaria de poder discutir esse trabalho com a companheira Krupskaja. Não estou certa de ter encontrado as soluções necessárias para a Rússia”.

Durante sua permanência em Moscou, Clara encontrou Bukharin e muito o admirou. Daí sua estranha solicitação a Lenin: que “emprestasse” por algum tempo Bukharin ao jovem KPD.

“Sua juventude, sua capacidade de intervenção rápida, sua experiência, em suma toda a sua personalidade, que esconde um combatente muito sério sob a máscara do *gamin de la*

révolution [garoto da revolução] faria entre nós muito bem.(...) Tudo está preparado para que Bukharin, em sua ‘impetuosidade’, não leve as coisas ‘muito para a esquerda’. Entre nós, a indolência ou a capacidade de imobilismo são leis físicas muito desenvolvidas. Existiria, portanto, um contrapeso suficiente a sua necessidade de ação. Sei que dificilmente pode passar sem ele. Contudo, estão bem mais ricos que nós, em matéria de pessoas experimentadas... Eu lhe rogo, eu lhe rogo, considere esta possibilidade. Necessitamos de 3 ou 4 propagandistas cheios de energia, que dominem a língua alemã”.

Essa viagem à Rússia foi a primeira de uma longa série. Aconteceu-lhe hospedar-se no Kremlin, a dois passos do apartamento de Lenin. Algumas vezes, foi ele que veio vê-la: gostava de discutir com ela, de se informar sobre a situação na Alemanha, mas também de perguntar-lhe como se dirigir às mulheres para ganhá-las para a causa revolucionária. Ele queria beneficiar-se de sua experiência neste assunto e, também, apreciava sua firmeza de caráter, sua sinceridade. Assim, desenvolveu-se entre eles uma amizade que não cessou de se aprofundar até a morte de Lenin.

Essa relação tão familiar com Lenin não deixou de ter consequências para a atividade política posterior de Clara. Era a confiança de que ela gozava junto a Lenin que explica, sem dúvida, porque a Internacional lhe confiou a tarefa de levar a boa palavra revolucionária ao congresso de Tours e ao congresso dos socialistas italianos, em Milão. Certamente, as responsabilidades que a Internacional lhe confiou depois foram também consequência de sua longa experiência e dos êxitos alcançados pelo movimento feminista socialista na Alemanha de antes da guerra.

Mas sua participação nos congressos da Internacional e, sobretudo, sua permanência no Comitê Executivo, mesmo quando se demitiu ou foi afastada da direção do KPD, explicam-se

inicialmente pelo prestígio que lhe traz, na Alemanha como na URSS, sua amizade com Lenin. E esse prestígio, longe de diminuir, aumentou depois da morte do líder bolchevique, à medida que este se torna o objeto de um verdadeiro culto, estimulado e praticado por todos os dirigentes soviéticos, Stalin em primeiro lugar.

No KPD ela era a única, com Willi Münzenberg, que havia conhecido bem Lenin. O livro em que relatou seus encontros com o dirigente bolchevique teve grande divulgação na Alemanha e foi traduzido para várias línguas. Lenin morto tornou-se o paladino de Clara Zetkin.

XVIII – ENCARREGADA DE UMA MISSÃO PELA INTERNACIONAL

NO DECORRER DE SUA ESTADIA na Rússia soviética, Clara Zetkin não encontrou apenas Lenin. Fez contato, sem dúvida alguma, com outros dirigentes bolcheviques e, em particular, com Zinoviev, encarregado mais especificamente dos destinos da jovem Internacional Comunista e, portanto, das relações com os partidos comunistas ocidentais. O certo é que o Comitê Executivo da Internacional pediu-lhe para fazer parte do Secretariado da Europa Ocidental, encarregado de acompanhar os partidos franceses, italianos etc. Zinoviev havia assistido ao congresso de Halle do USPD (12-17 de outubro de 1920), no decorrer do qual manifestou-se, com veemência, a favor da adesão do partido à Terceira Internacional. O congresso, por 236 votos contra 156, pronunciou-se pela adesão; Kautski e Hilferding faziam parte da minoria.

O fato de Clara, quando da fundação do USPD, em 1917, ter desejado que o partido fosse “revolucionário por suas idéias e

atos” fizera dela uma “missionária”, indicada junto aos partidos francês e italiano, no momento em que a situação na Alemanha estava mais calma. Por outro lado, seu prestígio internacional poderia, como se pensava em Moscou, trazer para esses dois partidos os que hesitavam em optar, contra os centristas, pela adesão à Terceira Internacional. Trunfo suplementar: Clara sabia francês e compreendia o italiano.

Nos processos referentes ao congresso de Tours, a intervenção de Clara parece um filme de suspense. Frossard interrompeu seu discurso. A sala ficou bruscamente no escuro. Quando a luz voltou, Clara estava na tribuna pronunciando – em francês, evidentemente – um discurso comovente que concluiu com “Viva a Revolução proletária que irá destruir o mundo capitalista e dar livre acesso à vinda do nosso comunismo”. Todo o congresso, em pé, ovacionou-a demoradamente cantando a “Internacional”, depois do que Clara desapareceu furtivamente, tal como havia aparecido... e o congresso continuou seus trabalhos.

Hoje – porque Clara contou – sabemos como conseguiu chegar a Tours... um pouco atrasada, é verdade. É Henri Barbusse, que a visitou em Archangelsk, em 1928, que relata suas palavras: “Ela me contou as peripécias dessa sua última viagem clandestina à França e como, quase por milagre, conseguiu chegar ao congresso de Tours. Não tomou nenhum cuidado com disfarces. Desembarcou em Paris, na estação do Leste, sem se preocupar com os policiais que lá estavam para segui-la, pois se soubera de sua vinda”. Agora, é Clara quem fala:

“Eu não estava disfarçada; usava o vestido e o chapéu habituais e com os quais poderiam reconhecer-me. Atravessei o pátio da estação tranqüilamente, como boa burguesa, e tomei um táxi. Infelizmente, os companheiros que procurei não estavam lá. Isso complicou a situação, que piorou quando se tratou de ir

a Tours e voltar de lá. Fiquei escondida na casa de um companheiro em Paris e fui embora sem problemas, para fúria da segurança”.

Soube-se, mais tarde, o nome dos socialistas que asseguraram a vinda de Clara a Tours: René Reinaud, André Le Troquer, com a ajuda de A. Mongeot.

Até o último momento, em Tours, perguntava-se se a delegada da Internacional Comunista conseguiria chegar a tempo. Na manhã do dia 28, Antonio Coen leu na tribuna uma carta de Clara: “O governo do Sr. Millerand, que se diz republicano e democrata, fechou-me a fronteira, recusando-me o visto. O governo dos imperialistas da França não deu nenhuma razão para essa medida policial e mesquinha. O Estado capitalista (francês) seria abalado e posto em perigo pela palavra de uma velha militante revolucionária? Ora, ora. Basta enunciar esta idéia absurda para mostrar todo o seu ridículo. É a outra coisa, maior, que o governo quer causar dano: a idéia sublime, vitoriosa do comunismo”.

E depois, surpresa! Frossard anuncia que Clara havia chegado a Tours na véspera, segunda-feira, 27 de dezembro, com Amédée Dunois e que viria ao congresso.

Quando chegou à tribuna, as frases que o presidente da sessão pronunciou para saudá-la estavam certamente impregnadas com a retórica política da época. Não poupou hipérboles e qualificativos enfáticos. No entanto, elas evidenciam o imenso prestígio de que gozava Clara Zetkin.

“Saúdo Clara Zetkin que há quarenta anos trava, da maneira mais ardente e corajosa, a luta socialista ao lado dos gloriosos chefes revolucionários de outro país. Clara Zetkin que, com Rosa Luxemburgo, sua amiga íntima, foi a primeira a protes-

tar na Alemanha contra a monstruosa guerra que arruinou a velha Europa, depositando em seu solo os cadáveres de dezoto milhões de jovens. Saúdo Clara Zetkin: esta nobre, grande e gloriosa mulher foi, se bem que já idosa naquele momento,* com seus gloriosos amigos Karl Liebknecht e Rosa Luxemburgo, a alma ardente e magnífica da Revolução alemã iniciada e que continuará amanhã.

Diante desta nobre e grande mulher, inclino-me respeitosamente, expressando-lhe a mais profunda admiração de todos os socialistas franceses”.

O discurso de Clara adquire todo o seu interesse, quando comparado ao telegrama do Comitê Executivo da Internacional, que havia sido lido na mesma manhã. Nele, Zinoviev acusava Longuet – o neto de Karl Marx – de praticar “diplomacia mesquinha e trapaceira”. A maioria dos congressistas ficou tão chocada, ao ouvir o julgamento sem retoques sobre “Longuet e seu grupo”: “Foram e continuam sendo agentes determinados da influência burguesa sobre o proletariado”, que Frossard – o qual, no entanto, viria a optar por um campo diferente de Longuet – exclamou, no fim do congresso: “Não estou de acordo com Zinoviev. Para mim, vocês não são serviços da influência burguesa”.

Clara se bateu, como Zinoviev, por uma adesão explícita à Terceira Internacional; como ele, considerava a cisão “absolutamente necessária, apesar das dores que lhes causa”. Afirmou que “é necessário chegar à luta revolucionária para conquistar o poder político”, lembrando que foi pela luta que a burguesia francesa, em 1789, tomou o poder, “foram os exércitos dos *sans-culottes*

* A expressão pode parecer descortês. Mas só reproduzia o que Clara disse dela mesma, em sua carta ao congresso, lida na mesma manhã.

[‘sem calças’] (...) que fundaram a liberdade política na França e o poder da burguesia”. Ela lembrou da ajuda do capitalismo francês ao capitalismo alemão, que “esperava liquidar a revolução proletária, fazendo a paz com o imperialismo francês e as forças contra-revolucionárias”.

Com o mesmo tom, Clara condenou os “crimes da invasão alemã na Bélgica e no Norte da França” e declarou que “os operários alemães estão prontos” para participar da reconstrução dessas regiões “devastadas por barbáries sem nome”.

Evocando os sofrimentos atrozes da Rússia revolucionária pelos quais os governantes franceses são responsáveis, afirmou que “a fé na revolução mundial é para o povo russo uma nova religião” e se sente envergonhada “ao pensar que os operários na Alemanha, na França, na Inglaterra não fizeram até agora seu dever revolucionário”, enquanto “os imperialistas franceses preparam uma série de guerras contra a Rússia”.

Esse discurso que faz tão freqüentemente apelos à moral, ao dever, à solidariedade, a sentimentos de humanidade e de justiça, era o oposto das invectivas secas e brutais do telegrama de Zinoviev.

Duas séries de argumentos podem, hoje surpreender. Primeiro, o ataque contra a democracia, “a forma mais perfeita da dominação das classes burguesas”; e, sobretudo, a condenação do trabalho parlamentar: “Todos os nossos esforços no Parlamento serão sempre aniquilados pelas balas e metralhadoras a serviço da burguesia”. Certamente, Clara queria convencer seus interlocutores de que os revolucionários não podiam renunciar à ação violenta. Isso não impede que ela pareça desvalorizar assim, completamente, o trabalho parlamentar, ao qual defendia na Alemanha, na mesma época, contra os esquerdistas de seu próprio partido.

Em sua carta a Lenin, de 25 de janeiro de 1921, que acompanha seu relatório para o Comitê Executivo da Internacional sobre o congresso de Tours, Clara critica vivamente o texto do telegrama de Zinoviev.

“Queria pedir-lhe encarecidamente que use sua influência para que o Comitê Executivo seja mais discreto em suas cartas e manifestações. Estas têm, por vezes, as características de uma intervenção brutal, autoritária, faltando conhecimento exato das circunstâncias reais que devem ser levadas em conta”.

Nota-se que Clara retoma aqui – sem o saber provavelmente, porque não deve ter ouvido sua intervenção – a argumentação central de Longuet: “Nossos companheiros russos não levam em conta nenhuma das circunstâncias de tempo e lugar, ignoram-nas, vivendo na hipnose de sua revolução”. E prossegue Clara:

“Por pouco a carta, ou antes, o telegrama ao congresso de Tours não comprometeu o êxito da conferência e não ocasionou seu malogro. Teve o efeito de perturbar intensamente todas as almas sentimentais, de ferir todos os espíritos sensíveis, pondo-os do lado de Longuet. Isso, sem dúvida, poderia ter sido uma vantagem, ainda que muitos fossem de opinião que não devemos, pela violência, impelir esses elementos para as fileiras de nossos adversários. Entretanto, nas condições existentes na França – de evolução do partido e das pessoas – foi uma desvantagem. Os radicais e os centristas utilizaram bem o conteúdo e o tom da carta, não somente para retomar a lastimável cantilena totalmente mentirosa e, no fundo, nacionalista e contra-revolucionária, da ditadura de Moscou etc..., mas sobretudo para deslocar o ponto de enfrentamento, para passar da defensiva à ofensiva, transferindo a questão do campo po-

lítico objetivo para o campo pessoal. Mas a pior consequência foi que nossos partidários, os antigos comunistas, tanto quanto os novos, sob o efeito da situação assim criada, perderam a coragem e começaram a baixar os braços. ‘Por que criam em Moscou, obstáculos em nosso caminho, em lugar de nos facilitar a luta? Por que insultos, em vez do convencimento com razões válidas?’ Eis o que podíamos ouvir por todo lado. Mesmo companheiros tão decididos e fiéis como Rappoport e Abramowitch-Zaleski se assustaram com o efeito da manifestação (do Comitê Executivo) e a lamentaram. Quanto a isso, não foi verdadeiramente inútil que eu viesse a T., que tenha discutido com nossos velhos e novos amigos* e que tenha tomado a palavra no congresso”.

Certamente, Clara quer justificar sua presença e sua ação em Tours. Entretanto, não exagerou em nada o efeito deplorável produzido e a emoção suscitada pelo telegrama de Zinoviev. Tenta, em seguida, explicar o passo em falso do Comitê Executivo e enfrenta os dois delegados da Internacional.

“Antigos e novos comunistas pediram-me para transmitir-lhe uma outra queixa. Uns e outros atribuem a responsabilidade da intervenção inábil do Comitê Executivo a relatórios que não davam uma idéia exata da situação. Disseram-me que, se não pode enviar à França ninguém que domine os acontecimentos, que ao menos esteja em condições de avaliá-los do ponto de vista histórico e político, e de levar em conta, na exata medida, as circunstâncias e os homens, melhor seria renunciar a enviar os companheiros. Tomei a defesa de Abram, contes-

* Comitê da Terceira Internacional de um lado, grupo comandado por Cachin-Frossard de outro.

tando as acusações contra ele. Em minha opinião, comportou-se corretamente na situação precedente à unificação realizada em P(aris). Mas não acreditam que ele seja capaz de informar corretamente. Apesar de tudo, foi preciso concordar que executa fielmente suas instruções, que demonstra devotamento e coragem. Em compensação, de Vanini disseram que é pusilânime e mesmo covarde, que se enfurna em seu quarto e sofre de ‘espionite’ doentia. Se é sem dúvida mais inteligente e politicamente mais preparado que Abram, sua atividade se reduz a criar intrigas contra este. O que é particularmente desagradável, ao que se diz, é que ambos dispõem de meios financeiros consideráveis que lhes servem para ajudar os elementos que os adulam ou dizem o que lhes convém, em vez de fazer desse dinheiro um uso objetivamente útil. Manifestou-se o desejo de que você os chame de volta. Insisto em recomendar-lhe que discuta essa questão com Rosmer, que deve estar bem informado, mas, sobretudo com sua mulher, que volta brevemente a Moscou.”

Como se vê, Clara não fez em Tours apenas um aparecimento no estilo dos romances de aventura. Frequentou os corredores do congresso, discutiu com companheiros, formou uma opinião a ponto de ter sobre um certo número “de atores” um julgamento que não deixará de interessar os historiadores. Foi a Sra. Rosmer – seria ela sua principal informante? – quem mais a impressionou:

“Durante minha estadia, pude apreciar a Sra. Rosmer como um dos ‘homens’ mais lúcidos, mais fiéis, mais cheios de energia e politicamente mais perspicazes do movimento francês. Ela o compreende e tem sobre os acontecimentos e os homens um julgamento sadio. Entre parênteses: não conte muito com

Frossard. É um político à moda antiga, que tem apenas um verniz revolucionário devido à opinião das massas. Sem dúvida alguma, pode se contar mais com Cachin, cuja própria coragem ainda o assusta um pouco, pois ainda não se livrou do fantasma de seu próprio passado. É Vaillant-Couturier que me parece o mais enérgico, o mais cheio de energia e com personalidade mais forte”.

* * *

Em outubro de 1921, Clara foi encarregada pela Internacional de uma nova missão no estrangeiro, desta vez na Itália. A situação do movimento operário não era fundamentalmente diferente da existente na França. Simplificando, era possível distinguir três grupos políticos, dirigidos respectivamente por Bordiga, minoritário, na extrema-esquerda; Serrati, majoritário, no centro, e Turati, à direita, que não representava mais que um décimo dos membros.

Contrariamente ao que se passou em Tours em dezembro de 1920, no congresso de Livorno, em janeiro de 1921, o racha do Partido Socialista Italiano [PSI] levou à criação de um partido comunista que representava apenas um terço dos membros. Em sua carta a Lenin, Clara fazia severas críticas ao Comitê Executivo por ter contribuído para excluir do Partido Comunista Italiano [PCI] o grosso dos membros do socialismo italiano e seus dirigentes mais experimentados (Serrati), fazendo com que o Partido saído do congresso de Livorno, como disse ela, “fosse uma mescla de todas as confusões, ilusões e asneiras possíveis”.

Em outubro de 1921, no congresso de Milão, Clara e Walecki, ambos delegados da Internacional, tinham a missão de tentar reeditar o que havia se passado na Alemanha e na França.

Mas, entretanto, a situação internacional havia mudado muito. A onda revolucionária refluiu em toda a Europa ocidental e a Rússia soviética, depois do malogro do Exército Vermelho em Varsóvia, vivia um período difícil: fome, revoltas agrárias, lutas internas etc.

Ir a Milão mostrou-se mais arriscado do que ir à França. Era necessário evitar, ao mesmo tempo, a polícia e os bandos fascistas. Clara morreu de rir quando se viu, num espelho, com a tralha com que a tinham disfarçado: usava óculos, peruca e uma estola de plumas em torno do pescoço. Seus documentos de identidade faziam dela uma atriz especializada em papéis de alcoviteira.

Chegou sem embaraços a Milão. Mas, no congresso, toda a sua eloquência não conseguiu convencer os socialistas de Serrati a romper sua aliança com a ala direita de Turati (o rompimento acabou acontecendo, um ano mais tarde, em outubro de 1922). Serrati-Turati chegaram até a fechar um acordo de não agressão com o movimento fascista, em agosto de 1921. Não teria Clara se adiantado muito quando, em sua carta a Lenin, de 25 de janeiro de 1921, criticou a tática do Comitê Executivo no congresso de Livorno? Difícil julgar. O que teria sido possível em janeiro não era, sem dúvida, tão fácil em outubro. Por outro lado, a política sectária de Bordiga e de seus correligionários não facilitava um entendimento entre eles.

Em seu discurso, Clara criticou o “pacto concluído com as tropas da contra-revolução, os bandos de assassinos fascistas; um acordo que desarma os trabalhadores, mas que dá aos fascistas o poder de matar e de incendiar as casas do povo”, um pacto que tem a bênção do Estado burguês, ele, que é incapaz de resolver um só problema social herdado da guerra. O que deveria ser o congresso? A ocasião de preparar o recrudescimento da luta revolucionária contra o capitalismo, contra a ordem burguesa. Em

lugar disso, o centro das discussões era a colaboração entre o PSI e os partidos burgueses. “E, para coroar tudo, debateu-se a cooperação entre socialistas e burgueses no seio do governo”.

E lembrava o exemplo de Millerand antes da guerra, de Guesde durante, ou de Noske, na Alemanha, onde o fruto dessa “colaboração”, em 1919, foi o massacre de 15 mil proletários.

A posição de Clara era difícil. Incitava os socialistas de Serrati a separar-se da direita. “Conheço os sacrifícios, os sofrimentos, os perigos de um rompimento. Por duas vezes, vivi essa amargura. Mas não recuaria diante de uma terceira, se a luta da classe proletária a tornasse imperiosamente necessária”. Para os socialistas de Serrati, “o rompimento com a direita é a condição prévia para a unidade interna”.

Não podendo opor-se às diretrizes da Internacional, concluiu: “Se o congresso recusar separar-se desses ‘colaboradores’, terá posto, deliberadamente, o PSI fora da Internacional”.

Por outro lado, Clara não ignorava o espírito que dominava o PCI, muito próximo do espírito que reinava no partido alemão e ao qual precisamente ela se opunha. Assim, condenou “o golpismo e o romantismo da revolução”.

No clima que reinava então na Itália, deixar o congresso e o país foi para Clara bem mais difícil do que entrar. Ostensivamente, na entrada principal da sala onde se realizava o congresso, uma senhora de cabelos brancos subiu penosamente num automóvel que se dirigiu à fronteira suíça; uma viatura da polícia seguiu-a pouco depois. Quando a alcançou e abriu a porta, uma jovem italiana apresentou seus documentos perfeitamente em ordem, enquanto que, no assento traseiro, havia, bem evidente, uma peruca.

A verdadeira Clara deixou o congresso por uma saída de emergência, chegando a um refúgio que os companheiros ita-

lianos lhe ofereceram. Ficou ali vários dias, o tempo necessário para que a polícia abandonasse suas buscas. “Vivo atualmente como se estivesse na Trapa”^{*}, escreveu ela a seu filho mais velho. “Espero com impaciência o dia que deixarei esta ratoeira”. Em 10 de novembro, de volta à Alemanha, escreveu:

“A Itália me fez bem. Vivi numa aldeia; não havia eletricidade, nem mesmo lamparina a querosene, somente umas velas, cuja luz não era suficiente para ler, nem escrever. Em compensação, tomava bastante leite e comia manteiga. Os camponeses não sabiam quem eu era: tomavam-me por uma velha senhora e rezaram dois terços em minha intenção”.

Se a ida para a Itália foi fácil, a volta foi arriscada e muito penosa. Não a passagem da Itália para a Suíça, um simples passeio. Mas a passagem pela fronteira suíço-alemã. Devido à inflação alemã, o que determinou um aumento do contrabando, os controles das alfândegas estavam muito rigorosos. Depois de ter tentado sem sucesso atravessar a fronteira de dia, quase legalmente, Clara teve de andar, à noite, durante uma hora e meia, por campos cultivados e pastagens inundadas, transpor valetas, arrastar-se sob arame farpado e, para finalizar, atravessar a pé um riacho com água até os joelhos. “Apesar de minhas meias molhadas, experimentei uma sensação de bem-estar quando me sentei em um vagão alemão. (...) E, vinte e quatro horas depois dessa aventura, estava numa tribuna e me dirigia a 4 mil trabalhadores”.

Duro trabalho esse, de militante comunista.

* Ordem religiosa com voto de pobreza. (N. da T.)

XIX – ENFRENTAMENTOS COM A DIREÇÃO DO KPD E COM A INTERNACIONAL

ACABAMOS DE VER COM que ênfase, a propósito da França e da Itália, Clara Zetkin critica as tentativas e intervenções da Internacional nos congressos dos socialistas franceses e italianos. Principal crítica: em Moscou, os companheiros tomavam decisões sem conhecimento exato do terreno e dos homens. Em várias cartas a Lenin – que conhecia bem melhor a Alemanha que Zinoviev, mas ignorava as novas relações de classe e a evolução das mentalidades depois da guerra – Clara expôs algumas das diferenças sociológicas que distinguiam, em 1919, a Alemanha e a Rússia.

“Para o proletariado revolucionário, a situação não é a mesma, sendo mais desfavorável que na Rússia. Na Rússia, a camada burguesa é pequena, recente e ainda mal organizada. (...) Diferente da Alemanha, onde a burguesia é apoiada por uma média e pequena burguesia numerosa, relativamente culta, com história e tradição. O imperialismo forneceu a essa camada

social, particularmente à *intelligentsia* que faz parte dela, uma ideologia nova, sedutora... Essa pequena e média burguesia, sob a direção dos democratas socialpatriotas* e do *Zentrum*, constitui a guarda e o escudo da burguesia propriamente dita. É ela que fornece o grosso dos contra-revolucionários em armas. É o partido dos fanáticos da ordem, da calma, da segurança, da retomada da produção a qualquer preço e sob qualquer regime.”

Se esta análise da situação alemã em 1919 estivesse correta – e, em minha opinião, Clara via bastante bem as coisas – a conclusão não seria de que, na Alemanha, uma revolução no estilo russo não teria a menor chance de êxito? Em 30 de abril de 1919, Clara recusou-se a tirar esta conclusão de sua análise. Primeiro, porque, psicologicamente, não podia renunciar à esperança da revolução; depois, porque, há apenas seis meses do movimento de novembro de 1918, as coisas estavam mudando muito depressa, como vão demonstrar, entre outros fatos, as eleições gerais de 1920 e a fusão do USPD e do KPD.

Clara acreditava que era possível persuadir essa pequena e média burguesia a mudar de campo. “Devemos desarmá-la politicamente também pelas explicações de nossa propaganda, (...) o que é indispensável não só para desmobilizar as forças da contra-revolução, mas também para ganhar forças, prevendo a reconstrução, que incumbirá à revolução. Para isto, o proletariado não poderá prescindir da *intelligentsia* burguesa”.

Dois anos mais tarde, Clara voltava ao que distinguia a situação na Alemanha da situação na Rússia. Achava que Bela Kun,

* Clara Zetkin designa assim uma série de partidos de centro-esquerda e de centro-direita.

delegado da Internacional junto ao KPD, bem como muitos membros do Comitê Executivo, não entendiam “que a força de um partido revolucionário varia em função do tamanho, da idade e das tradições históricas do proletariado de cada país”. E Clara chega a contestar que a tática que permitiu aos revolucionários russos vencer pudesse ser transferida aos países ocidentais, o que implica, ainda que ela não o explicita, questionar a própria concepção de partido de Lenin: “Nos países onde existe um proletariado recente, constituindo apenas uma camada pequena e estreita, sem tradição histórica, uma minoria bem disciplinada, solidamente unida quanto à ideologia e à organização, pode arrastar relativamente muito depressa e com certa facilidade as massas proletárias. É totalmente diferente nos países onde existe, há muito tempo, um proletariado numeroso, com a cabeça ainda entulhada de concepções burguesas e com formação política e tradição já antigas”.

Se, em abril de 1919, Clara solicitava a opinião de Lenin, em abril de 1921, ela acusava. De fato, nesse ínterim, ocorreram os acontecimentos conhecidos como “ação de março” que, em sua opinião, foi um enorme erro tático, causando grave prejuízo ao KPD, no dia seguinte à sua fusão.

A fusão com a esquerda do USPD, em dezembro de 1920, não diminuiu as divergências no seio da direção do Partido Comunista Unificado Alemão [VKPD]. Em janeiro de 1921, a direção dirigiu uma “Carta Aberta” às outras formações operárias para lhes propor a organização conjunta de ações contra “a ofensiva do capital monopolista” e pela “defesa dos direitos democráticos e sociais”. Mas, no próprio seio da direção, uma fração importante não acreditava nas possibilidades dessa união operária e canalizou suas esperanças para uma “ofensiva revolucionária”. Ora, a maioria do Comitê Executivo da Internacional

acreditava que a retomada das lutas na Alemanha melhoraria a situação – difícil – da Rússia soviética. E seu delegado na Alemanha, Bela Kun, ganhou, para o seu ponto de vista, a maioria da direção do KPD.

Por estar em desacordo com essa tática, Clara demitiu-se da direção do KPD, junto com vários de seus amigos. Paul Levi, Ernest Däumig (os dois, presidentes do partido), Adolf Hoffmann, Otto Brass. De nada adiantou. Em 17 de março, o Comitê Central decide preparar, imediatamente, ações sob a palavra de ordem “Abaixo o governo!”

Foi na Alemanha central, na região do Halle-Mansfeld, reduto do VKPD (que obteve aí mais de 30% dos votos nas últimas eleições) que ocorreu o golpe. Parece que o poder central, informado da operação, concentrou tropas no local e provocou ele mesmo o enfrentamento. Provocação ou não*, os combates, no decorrer dos quais se celebrizou Max Hoelz, terminaram com uma derrota fragorosa, tendo ficado sem efeito todas as tentativas para estender a luta armada, assim como todos os apelos à greve geral.

À “ação de março”, chamada de golpe, Clara opõe a estratégia definida na “Carta Aberta”. Segundo ela, a “ação de março” aprofundou ainda mais o fosso que separava as diversas facções do proletariado alemão. Relata as manifestações de ódio contra os comunistas por parte dos trabalhadores, em Halle particularmente. “Por hora, o partido, enquanto força política, está excluído, condenado”, escreve ela em 14 de abril.

* A crer no que Clara relata de sua conversa com Bela Kun, cerca de uma semana antes de desencadear-se a operação, “B. era de opinião que as massas se mobilizariam se a contra-revolução se mostrasse agressiva. Devíamos levar a contra-revolução, por provocações, a desencadear as hostilidades” (Carta a Lenin de 14 de abril de 1921).

O clima na direção do partido era horrível. Ela mesma foi vítima de calúnias e de insultos. Alguns anos antes, já havia sido acusada de oportunismo por ter “acreditado na ação parlamentar”. As advertências que recebeu do Comitê Executivo, por ter se demitido da direção do KPD, deram-lhe a oportunidade para definir sua concepção quanto às relações da Internacional com os partidos comunistas. Este episódio é, escreve,

“... típico da atitude completamente falsa do Comitê Executivo com relação aos partidos e aos acontecimentos na Europa ocidental. Este bravo Comitê Executivo confunde direção política com advertências dignas de um professor primário. Esquece que, quanto mais os partidos comunistas crescem, mais têm o dever de agir, e mais é necessário deixar-lhes liberdade de ação baseada nas condições concretas, desde que respeitem as diretrizes internacionais no plano da estratégia e da tática. Uma relação justa entre essas duas exigências não se imporá sempre sem atritos. (...) A autoridade do Comitê Executivo deve ser fortificada e reforçada. Entretanto, isso não será obtido por excomunhões e insultos, mas pela confiança que as seções nacionais terão na discrição e no vigor da direção internacional. Ora, essa confiança é impossível sem uma crítica aberta e rigorosa dos erros e das deficiências do Comitê Executivo”.

Clara assume algumas críticas de Jean Longuet, em Tours, o qual dizia, citando um militante: “A adesão (à Internacional) deve ser iniciativa de um partido com consciência de sua força e de seu valor, conservando sua individualidade, sem imitar, de forma inesperada e árdua, o movimento bolchevique”.

A reprovação do Comitê Executivo a Clara, por ter se demitido da direção do KPD, irritara-a profundamente. “Minha hon-

ra se baseia em meu trabalho e em minha luta pela revolução. Não depende das críticas do Comitê Executivo, assim como não poderia depender de seus elogios”. Ela pleiteava o direito à crítica.

“Disciplina e solidariedade internacionais não são sinônimos de obediência cega, de aplausos automáticos, de renúncia a um julgamento pessoal. Quanto mais um militante tem consciência de seu dever revolucionário, menos se considera como um assalariado que, de um dia para o outro, sob pressão, deixa de ter personalidade e perde toda faculdade de avaliação. Eis as idéias que guiam minha atitude”.

O revés da “ação de março” não fez com que seus articuladores mudassem de idéia. Paul Frölich, Wilhelm Koenen e August Thalheimer, delegados no congresso da Terceira Internacional (junho-julho de 1921) esperavam fazer triunfar, ali, seu ponto de vista, não hesitando em atacar pessoalmente seus adversários, entre eles Clara Zetkin.

Numa longa carta a Lenin, de 6 de maio de 1921, Paul Frölich declarava sem rodeios que, segundo ele, “fundamentalmente, considerando suas convicções, Clara Zetkin não é comunista”. Em março, o conflito com ela tornou-se tão acirrado “que deveríamos proceder à exclusão da companheira Clara e de seus seguidores, se a vontade determinada do Comitê Executivo não nos tivesse impedido”.

Finalmente, o Comitê Executivo – de acordo com os conselhos de Lenin – convidou, ao lado dos vinte e sete delegados oficiais do KPD, entre os quais August Thalheimer, Fritz Heckert, Paul Frölich, Wilhelm Koenen, quatro representantes da oposição que partilhavam o ponto de vista de Clara. Ela mesma devia participar do congresso, na qualidade de responsável pelo secretariado feminino internacional.

Quando Clara desembarcou em Riga, a 6 de junho de 1921 – seu filho Maxim a acompanhou e é ele quem relata – foi presa e revistada. Obrigaram-na, mesmo, a se despir. Sob os protestos de Maxim, libertaram-na e ela pôde prosseguir viagem. Em Moscou, Alexandra Kolontai e Angelica Balabanov esperavam-na na estação.

As condições de vida em Moscou eram muito difíceis. Sua primeira refeição foi uma sopa, na qual nadavam algumas batatas. O próprio congresso deu a impressão a Maxim de se desenrolar na maior confusão: um pouco na posição de Fabrício, em Waterloo, ele só via encontros secretos, intrigas, maquinações, minicomplos entre as diversas tendências: mesmo as comunicações telefônicas eram vigiadas, assegura ele.

A “briga de foice” entre a delegação majoritária do KPD e a oposição prosseguiu, igualmente feroz, nos bastidores do congresso. No dia 10 de junho, a delegação oficial dirigiu ao Comitê Executivo uma resolução, adotada por unanimidade, “ênfatizando com vigor que toda concessão à pessoa de Clara Zetkin comprometia gravemente a capacidade de ação e a disciplina do movimento comunista na Alemanha. A delegação alemã espera que o Comitê Executivo e a delegação russa não tenham contemplações sentimentais para com a personalidade de Clara Zetkin”. Conclusão: era necessário tratar Clara Zetkin como Paul Levi, que foi expulso do partido.

Clara evidentemente não ficou inativa. Teve uma conversa de duas horas com Trotski, encontrou a Sra. Rosmer. No fim da conferência feminina, pela qual era responsável, Lenin, acompanhado de Kamenev, veio vê-la, na noite de 15 para 16 de junho, e discutiu com ela até uma e meia da manhã. Em seu diário, Maxim Zetkin anota: “Lenin reuniu toda a documentação possível sobre as questões alemã e internacional. Declarou que en-

dossa totalmente o ponto de vista de minha mãe”. Efetivamente, o congresso, concordando com a opinião de Lenin, condenou a teoria da ofensiva que havia levado à “ação de março”, enfatizou a necessidade de avaliar realisticamente cada situação particular e de ter como preocupação central o trabalho junto às massas. Inquieto por ver os dirigentes comunistas alemães se digladiando, Lenin empenhou-se em realizar um acordo: efetivamente, um “tratado de paz” foi assinado entre a maioria e a oposição no dia 9 de julho de 1921, em Moscou.

Clara voltou a Berlim no começo de agosto e, mal desceu do trem, já participava de uma reunião das instâncias dirigentes do partido. O que ouviu, o que viu, deixou-a apavorada. “A direção”, escreveu ela a Zinoviev, em 6 de agosto, “é, no plano da organização e no plano político, uma massa incoerente, confusa, onde nenhum membro sabe o que quer, o que pode e deve fazer”. Clara julgava sem indulgência, inclusive os companheiros dos quais apreciava a “boa vontade”: Stoecker, Koenen, Pieck. Criticou com vigor a corrente Maslow-Urbahn (curiosamente Ruth Fischer não foi mencionada), a qual acusa de querer seguir a política do KAPD excluindo todos os suspeitos de “centrismo”, mas nem por isso poupa a ala direita (Brandler). Em resumo, as “asneiras de direita” alimentam as “asneiras de esquerda” e vice-versa.

Ao mesmo tempo, acusa a direção da Internacional de intervir (por intermédio de Radek, sucessor de Bela Kun junto ao KPD) nos embates internos do partido alemão e de desfigurar descaradamente seu próprio ponto de vista. O que ele fizera num longo artigo publicado no *A Bandeira Vermelha*, em 14 e 15 de julho.

A preocupação permanente de Clara – vamos encontrá-la numa nova carta, de 18 de dezembro, a Zinoviev (da qual enviou uma cópia a Lenin) – era manter a unidade do partido,

condenando as atitudes da esquerda e da direita, mas, sobretudo, tentando conseguir que esta unidade se baseasse em uma análise política séria e serena. Se bem que Friesland (aliás, Ernst Reuter*), tenha defendido posições próximas às de Paul Levi (o que levou à sua demissão do posto de secretário-geral do KPD), ela pensava que era preciso evitar sua saída ou sua exclusão do partido. “É um bom organizador (...) e tem mais senso político, mais conhecimentos e formação teórica que a maior parte dos membros do Comitê Central”.

Nesta situação aparentemente sem saída, quando as inimizades pessoais reforçavam e exasperavam as divergências políticas, o único recurso era a arbitragem de Lenin, única autoridade reconhecida pelos campos em litígio. Por isso, Clara insiste para que Lenin envie uma mensagem ao partido alemão, que decidiu realizar seu congresso no dia 22 de agosto.

Lenin aceita, redige com pressa (em russo, por falta de tempo para traduzi-lo) um texto de uma quinzena de páginas, no qual analisa a evolução do KPD desde sua fundação e explica as razões da atitude esquerdista da atual direção (por ódio, justificado, do SPD, que deixou assassinar-se tantos proletários e seus dirigentes).

Quanto a todos os pontos em discussão, salvo um, Lenin adota a mesma posição de Clara, que ele defendia expressamente contra os ataques de Radek. “O artigo de Radek vai totalmente

* Ernst Reuter, socialdemocrata, foi feito prisioneiro durante a guerra na frente russa. Depois da Revolução de Outubro, aderiu ao comunismo, exerceu as funções de Comissário da República alemã do Volga. Tendo voltado à Alemanha, foi eleito para a direção do KPD e promovido em 1921 a secretário-geral. Expulso em janeiro de 1922, aderiu ao SPD. Prefeito de Magdeburgo em 1931, deputado do Reichstag em 1932, emigrou para a Turquia, onde ficou até 1946. Voltando a Berlim, foi eleito prefeito em 1947, mas não pôde exercer suas funções, devido ao veto soviético, senão depois da divisão da cidade, em 1948.

contra a resolução adotada, por unanimidade, no terceiro congresso da Internacional”.

Depois de lembrar a tática elaborada pelo congresso: “conquistar a maioria dos trabalhadores nos sindicatos e fora deles”, Lenin pede ao congresso do KPD para acabar com suas lutas internas.

Clara podia se dar por satisfeita. A carta de Lenin, que lhe dava razão contra a maioria da direção do partido, foi lida no congresso do KPD e publicada no *A Bandeira Vermelha* de 22 e 23 de agosto de 1921.

O único ponto de divergência entre eles referia-se ao passado, não ao presente. Para Lenin, a fundação do KPD ocorreu tarde demais. Os espartaquistas deveriam ter se separado mais cedo dos majoritários e dos centristas (Lenin tinha aversão a Kautski). Clara, pelo contrário, criticando em janeiro de 1921 a cisão ocorrida no PSI, acrescentava: “Este erro foi maior ainda que o nosso na Alemanha, quando constituímos um partido, em dezembro de 1918”. E invocava o apoio de Jogiches “que pensou como eu até a morte”, acrescentando: “O desenvolvimento posterior do partido nos deu razão”.

A luta obstinada, violenta, de Clara contra a linha considerada errada da direção do KPD, graças ao apoio de Lenin, finalmente havia triunfado. Seu discurso no congresso de Iena do KPD foi seguido, segundo o processo, por uma tempestade de aplausos. É verdade que Clara fizera inúmeras concessões a seus adversários de ontem.

Começou por afirmar – aquilo de que nenhum comunista aparentemente duvidava naquele momento – que “o capitalismo está objetivamente condenado à agonia, mesmo que possa haver melhoras durante essa agonia”. Depois de ter insistido sobre a necessidade de reunir as massas, assumindo ousadamente a

defesa de suas reivindicações, criticou suas próprias posições. Contrariamente ao que havia pensado e escrito antes, a “ação de março” não tinha apenas aspectos negativos: foi uma revolta dos trabalhadores contra a estagnação, a passividade que havia se apoderado da classe operária alemã. Era “uma reação sadia” contra a velha crença socialdemocrata que só a luta travada por meios legais era admissível, uma reação “contra a renúncia à luta revolucionária”. É possível indagar, entretanto, se não havia contradição em aprovar uma ação considerada, até pouco tempo, intempestiva, incentivada por uma palavra de ordem falsa: “Abaixo o governo” e que havia se encerrado com um revés sangrento.

O congresso de Iena de forma alguma pôs fim às discórdias internas do KPD. Uma parte dos membros da oposição de ontem, com a qual Clara fizera causa comum, não seguiu seu exemplo e se recusou a aceitar as resoluções do congresso. Em 10 de janeiro de 1922, o Partido Comunista Russo enviou uma carta ao KPD para felicitá-lo “por ter adotado a linha da frente unida e reconhecido e superado seus erros passados”. Se alguns opositores de antes, “tendo à frente Clara, haviam cumprido todas as suas obrigações, prestando assim ao partido serviços inesquecíveis”, em compensação, alguns desses opositores, afirmava o partido russo, haviam violado seus compromissos e procuravam implodir a direção do partido. O KPD seguiu sem mais tardar a “recomendação” que levava as assinaturas de Lenin, Trotski, Zinoviev, Radek, Bukharin. Em 23 de janeiro, o Comitê Central decidiu pela expulsão de Otto Brass, Heinrich Malzahn, Paul Franken e Ernst Reuter.

Ora, em sua carta de 6 de agosto de 1921, Clara havia defendido esses expulsos com a mesma veemência com que atacara a tendência Maslow (majoritário), cujos chefes eram acusados “de todos os erros e fraquezas políticas do KAPD sem ter as vir-

tudes subjetivas dos dirigentes desse partido”. Como a tomada de posição do partido russo e as expulsões que se seguiram haviam reforçado a posição dos majoritários, podia-se garantir que Clara não teria uma tarefa fácil junto à direção comunista.

O episódio de março de 1921 e suas conseqüências convidam a algumas reflexões. Primeiro, a propósito da atitude de Clara. Se não é possível duvidar de sua sinceridade, forçoso é constatar que havia certa contradição em exigir, em 18 de junho, a condenação “clara da ação de março tanto por seu caráter de golpe quanto por suas conseqüências nefastas” e afirmar, dois meses mais tarde, que a mesma ação constituía um progresso, um passo à frente para o partido. Quem pensaria em censurá-la por reconhecer um erro? Mas, se houve erro de sua parte, isso não significaria que não havia analisado suficientemente a “ação de março” antes de enunciar o julgamento? Por outro lado, o que aconteceu com as “conseqüências nefastas”? Parece-nos que os efetivos do partido não diminuíram após a “ação de março” tanto quanto ela imaginara.

Em seguida, tanto o terceiro congresso quanto a carta do partido russo, de janeiro de 1922, mostram que Moscou “impunha sua lei”. Era o partido russo que decidia a linha política dos partidos filiados à Internacional. Ora, em 14 de abril de 1921, Clara reivindicava para os partidos comunistas uma “liberdade de movimentos baseada em situações concretas”. Evidentemente, não se caminhava no sentido de uma maior liberdade das seções, mas no sentido de uma ingerência, cada vez mais exigente, da Internacional.

O KPD não apenas aceitou esse estado de coisas, como favoreceu essa evolução. Em 1921-1922, entretanto, podia-se discutir com o Comitê Executivo. E Clara, como se viu, não se privou disso, bombardeando-o com cartas bastante críticas. Mas

a orientação que se delineava e que vai levar a melhor no decorrer dos anos seguintes reduzirá, pouco a pouco, Clara a uma relativa impotência. Sobretudo a partir do momento – próximo – em que não poderá mais, graças à amizade de Lenin, influir nas decisões da Internacional comunista como havia feito na primavera de 1921.

XX – ELOGIADA EM MOSCOU, DESPREZADA EM BERLIM

A PARTIR DE 1920, A SITUAÇÃO de Clara Zetkin, no meio do movimento operário torna-se paradoxal. A despeito de seus choques com o Comitê Executivo da Internacional, ela será, não somente coberta de honras na Rússia soviética, mas também, inúmeras vezes, associada aos trabalhos do partido bolchevique.

Para compreender como adquiriu tão depressa na Rússia um prestígio que não se igualou nem se aproximou ao de nenhum outro comunista ocidental, basta relatar a acolhida que lhe foi reservada, quando de sua primeira viagem.

De Riga, chegou a Petrogrado de trem. Primeira parada na estação de Gatchina, em 21 de setembro, às 21 horas. A imprensa local anunciou sua vinda: uma multidão a aguardava na plataforma. Pronunciou um breve discurso: uma hora mais tarde chegava a Petrogrado. Na estação do Báltico, uma verdadeira manifestação para recebê-la. Discursos, saudações, aplausos. No dia seguinte, as autoridades locais, dirigentes do partido

bolchevique, levaram-na a visitar empresas. Em todo lugar, as operárias e os operários festejavam-na. Na noite de 22, partida para Moscou. O *Pravda* do dia 23 consagra grandes manchetes a Clara, retratando o combate dessa revolucionária. Na estação de Nikolaiev (chamada mais tarde estação de Leningrado), centenas de manifestantes acolhem-na com bandeiras e cartazes. Na primeira fila, os dirigentes do partido. Sempre que possível, Clara faz discursos, que são traduzidos. “Seu exemplo nos entusiasma. Vim para aprender”. O partido bolchevique realizava justamente sua nona conferência. Clara foi levada para lá. Lenin abraçou-a. Elegem-na para o *presidium*.

Nas colunas do *Pravda*, ela saúda as operárias russas: “A grande obra da revolução é também obra de vocês”. Alguns dias mais tarde, 3 de outubro, novo artigo de Clara no *Pravda*. “Sua vitória será a nossa vitória, porque a aliança da Rússia soviética com a Alemanha dos Sovietes tornará invencíveis os dois Estados proletários e facilitará a instauração de uma economia e de uma cultura novas”.

Depois, foi a Ivano-Vossnessensk, a “Manchester Vermelha”, a nordeste de Moscou. Mais uma vez, sua vinda foi anunciada em todos os jornais. Visita fábricas. Discursos para as operárias da indústria têxtil. A imprensa relata com detalhes essas cerimônias e discursos. Os jornais soviéticos tanto mais reproduziam suas declarações quanto mais ela transbordava de entusiasmo sincero pela ação dos soviéticos.

Assim, desde aquele ano, Clara, cujas provas de solidariedade à revolução a aos revolucionários tinham sido popularizadas na Rússia em 1918, tornou-se para os leitores e leitoras

* Alusão à cidade industrial inglesa. (N. da T.)

da imprensa soviética uma personalidade conhecida, familiar. Quem conhecia um Frossard ou um Cachin, que visitaram a Rússia soviética na mesma época? Ninguém, fora os dirigentes do partido bolchevique. Em breve, ao contrário, em Moscou como na Geórgia ou no Azerbaijão, Clara será saudada como a revolucionária ocidental de maior prestígio... e a amiga mais fiel da Rússia revolucionária e de Lenin. Há um pouco de verdade nessa afirmação do jornal socialdemocrata *Avante*, segundo o qual Clara era “uma peça no tabuleiro político dos bolcheviques, uma personagem que se mostrava aos operários russos em ocasiões solenes”.

Eis porque, sem dúvida, confiaram-lhe rapidamente uma quantidade tão grande de responsabilidades. As funções que assumiu eram tão numerosas quanto diversificadas.

A mais importante, sem dúvida, foi a de membro executivo da Internacional, função que exerceu até morrer. Mas enquanto os outros membros desse Comitê – que em princípio era o órgão dirigente do movimento comunista no mundo inteiro – eram designados por seus respectivos partidos, Clara participava a título individual, em função de seus méritos pessoais. Daí esse paradoxo nunca visto: haverá ocasiões em que esta comunista alemã vai votar contra as posições de seu próprio partido, defendidas pelo representante do KPD no Comitê Executivo.

E não se tratava de uma figurante. Não hesitava – mesmo que fosse a única a fazê-lo abertamente – em criticar a política seguida pela Internacional. Assim, na quinta plenária do Comitê Executivo em 1925, declarava:

“Penso que devemos avaliar se isto (graves derrotas) tem relação com erros que cometemos; talvez nossa linha não esteja suficientemente clara, suficientemente nítida, suficientemente

determinada. Perguntemo-nos se não se criou a possibilidade de desvios e de uma aplicação titubeante e incompleta”.*

O Comitê Executivo confiou-lhe a tarefa de elaborar e de apresentar relatórios sobre o fascismo (junho de 1923), sobre o movimento sindical (janeiro de 1924). A partir do terceiro congresso da Internacional (em junho de 1921), Clara participa de todos os congressos posteriores. Ativamente. Quer dizer, em todos eles, toma a palavra para expor o estado do movimento das mulheres comunistas, do qual era responsável, mas também para falar das “perspectivas da revolução mundial”, em novembro de 1922, ou do problema dos intelectuais no quinto congresso, em julho de 1924, quando foi eleita para a comissão encarregada de redigir o programa da Internacional.

Ao mesmo tempo, continuava a realizar missões para o *Komintern*: assim, participou em março de 1923, em Frankfurt, de uma conferência que reuniu organizações operárias de inúmeros países; no ano anterior, em junho, fizera parte da delegação do *Komintern* que discutia uma eventual fusão das três internacionais existentes na época, depois, do “Comitê dos Nove”, encarregado de coordenar suas ações comuns (comitê cuja existência foi breve devido às divergências existentes entre as três Internacionais). Em 1924, redigiu e publicou duas brochuras sobre a atividade do *Komintern*, uma das quais se chamava *Da Internacional do discurso à Internacional da ação*.

Mais surpreendentes foram as funções que foi chamada a exercer na Rússia soviética. Em março de 1921, foi derrotada a revolta dos marinheiros do Cronstadt, apoiada sem dúvida pe-

* Zinoviev, diretamente visado, replicou: “Estamos convencidos de que todas as decisões fundamentais da quinta plenária estão corretas e que não é o caso de revê-las”.

los socialistas revolucionários que tinham, em julho de 1918, assassinado o primeiro embaixador alemão em Moscou. Depois do Cronstadt, os dirigentes desse partido foram presos e levados a um tribunal. Sem dúvida para dar ao estrangeiro a impressão de que não se tratava de um desses pseudoprocessos sem surpresas, cujos acusados já estão previamente condenados, pediram a Clara que participasse (julho de 1922). Ela transformou o assunto em livro, que foi publicado sob o título *Nós acusamos*.

Rappoport conta que, antes mesmo do anúncio do veredito, inúmeros comícios ocorreram em Moscou pedindo a condenação à morte dos acusados. Acrescenta que era grande a cólera popular contra os socialistas revolucionários “entre os quais muitos, em conluio com os brancos, haviam feito inúmeras vítimas no meio do povo”. A sentença de morte, uma vez pronunciada, seria necessário executá-la? “Leon Trotski”, continua Rappoport, que foi convidado pelo Comitê Executivo da Internacional, “pronunciou-se a favor. Tomei a palavra contra, dizendo que eram adversários políticos vencidos. Somente Clara Zetkin me apoiou”. E acrescentou que se essa opinião prevaleceu, possivelmente foi devido ao apoio de Lenin.

Em 7 de novembro de 1923, Clara foi uma das oradoras que, na Praça Vermelha, tomou a palavra por ocasião das cerimônias comemorativas da Revolução de Outubro. Foi eleita deputada de honra para os Sovietes de Moscou, de Petrogrado, de Baku etc. Davam seu nome a escolas, a empresas. Em maio de 1924, participa do décimo terceiro congresso do partido bolchevique e preside a comissão encarregada de refletir sobre os meios de conquistar para o comunismo operárias e camponesas.

No fim do verão de 1924, houve uma tentativa de golpe numa região do Norte do Cáucaso – apoiada, como se dizia em Moscou, por grupos mencheviques. Acompanhada de seu fi-

lho Maxim e de sua nora, Clara dirigiu-se ao local no final de setembro. Foi sucessivamente a Tiflis, na Geórgia, a Baku, no Azerbaijão, à Ossécia do Norte, aos próprios locais dos incidentes. Em toda a parte usou a palavra, defendendo evidentemente o poder revolucionário, falando também do KPD e da situação na Alemanha. Dirige-se sobretudo às mulheres. Nas regiões em que o islamismo era a religião dominante, as mulçumanas haviam criado clubes onde se reuniam as mulheres que lutavam por sua emancipação. Era ali que recebiam Clara. Uma foto mostra-a no clube de Baku: seus cabelos brancos sobressaem no meio daquelas cabeleiras castanhas. No grupo, algumas mulheres usam ainda o véu, a maior parte não; três ou quatro usavam chapéus, à moda ocidental. Essas mulheres lhe asseguram, conta Clara, “que não se deixariam desviar da defesa da revolução soviética pelas palavras de ordem “democráticas” propostas pela Segunda Internacional”. Tudo isso ela fica sabendo pela intérprete, que pode ter alterado o que diziam suas interlocutoras...

* * *

Festejada na Rússia soviética, Clara tinha muito mais dificuldade para se impor em seu próprio partido, o KPD. Certamente, o congresso de Iena condenou a “ação de março”. Mas, ao mesmo tempo em que perdera vários de seus amigos políticos (Levi, Friesland (Reuter), Brass, Malzahn, Franken), expulsos em 1921-1922, e que alguns de seus antigos adversários (Thalheimer, Frölich) apoiassem a política de união, a ala “ultra-esquerda”, que só acreditava na ação revolucionária torna-se poderosa. O líder dessa tendência, Arkadi Maslow, aumentara sua influência, logo apoiado por Ruth Fischer, que havia se tornado sua companhei-

ra e da qual Clara dirá, maldosamente, que “sua atitude política dependia da mudança de suas relações sexuais”.

A crise de 1923, com sua inflação enlouquecida, a ocupação do Ruhr pelas tropas francesas, criou na Alemanha uma situação que os comunistas qualificaram de pré-revolucionária. Numerosas greves se sucederam. Em outubro, a Saxônia e a Turíngia elegeram governos compostos de socialistas de esquerda e de comunistas. Encorajado pela Internacional, o KDP preparava um levante desarticulado no último momento, quando os conselhos de empresas, no dia 21 de outubro, recusaram-se a lançar a palavra de ordem de greve geral.

Uma vez decretado o estado de exceção, o *Reichswehr* interveio e depôs os governos da Saxônia e da Turíngia, e interditou o KPD (23 de novembro).

Em 10 de março de 1923, no discurso que pronunciou no *Reichstag*, depois da declaração oficial do chanceler Cuno, Clara chamou os socialdemocratas a constituírem, com os comunistas, a frente unida do proletariado revolucionário. Entrementes, a crise havia se agravado. Em 6 de outubro, de Moscou, Clara escreveu “a Alemanha está às vésperas de provações decisivas, análogas às que a Rússia conheceu”.

Estaria enganada? Estaria influenciada por certos artigos publicados no *A Bandeira Vermelha*? Pelo entusiasmo voluntarista de alguns líderes comunistas? Hoje, a grande maioria dos historiadores pensa que era ilusório crer, no outono de 1923, na possibilidade de uma revolução vitoriosa na Alemanha. Outrossim, a “frente unida do proletariado revolucionário” era frágil e seguramente não majoritária.

Clara chegou a Moscou no começo de junho, antes de todos esses acontecimentos, para participar da sessão ampliada do Comitê Executivo da Internacional. Tinha problemas em uma perna, a

ponto de não poder andar. Como devia apresentar um relatório sobre o fascismo e, como não cogitava em faltar a suas obrigações, entrou na sala onde se reunia o Comitê, sentada numa poltrona carregada por dois homens. Essa entrada original valeu-lhe aplausos de todos os presentes. Ao que retruca Clara: “Acham vocês, companheiros, que é um grande mérito ser velha e enferma?” No fim de junho, enviaram-na ao Cáucaso para se tratar. Ela seguia com o interesse que se pode imaginar os acontecimentos na Alemanha. Impaciente para voltar, retornou a Moscou em 15 de setembro. Mas a direção do KPD insistiu para que permanecesse na Rússia: a situação na Alemanha era perigosa demais para ela.

Depois do levante abortado do fim de outubro, era preciso achar um responsável. Para Zinoviev, foi Brandler, que presidia então os destinos do KPD. Enquanto a polícia o procurava na Alemanha, ele chegava a Moscou, convocado pela Internacional. O Comitê Executivo, em sua sessão de 8 a 11 de janeiro de 1924, discutiu a situação na Alemanha. Na ocasião, Clara defendeu a palavra de ordem de “governo operário” (que se tentara na Saxônia e na Turíngia). Para ela, esse era o meio de realizar a unidade de ação da classe operária, considerando-o como uma etapa no caminho da revolução socialista.

Mas o jogo já estava feito. No nono congresso do KPD, em abril de 1924, Brandler e Thalheimer foram derrotados. Clara pagou com seu lugar na direção do partido o apoio à política que defendiam. No congresso seguinte, em 1925, nem mesmo foi eleita para o Comitê Central.

A partir de 1924, a direção do KPD estava nas mãos da “ultra-esquerda”, representada por Ruth Fischer e Maslow. Em maio, Ruth Fischer foi eleita deputada ao *Reichstag*. Durante a sessão inaugural, qualificou o Parlamento de “teatro de comédia”, os deputados de “marionetes do capitalismo”, acrescentando: “nós,

comunistas, estamos prontos a cometer atos de alta traição”. Pode-se facilmente imaginar os sentimentos que essas expressões, essa linguagem tão provocadora causaram em Clara, ela que se sentava nos mesmos bancos que Ruth Fischer.

No conflito que opunha as duas mulheres, foi aparentemente Ruth Fischer que levou a melhor naquele momento. Estava na direção do KPD e, no quinto congresso do *Komintern* foi indicada para suplente do Comitê Executivo.

A carta que Charles Rappoport dirigiu a Clara, em 20 de maio de 1924, na qual comentava as escolhas do *Komintern*, exprime sem dúvida o que ela própria sentia:

“Fiquei transtornado ao saber da suprema ingratidão, ou, antes, da incompreensão da juventude atual. Sofro com ela junto consigo, mas me consolo não deixando de agir no sentido de toda nossa vida e da Terceira (Internacional). Os erros de tática passam, mas a causa fica (...). Vivemos um período totalmente diferente e conservamos outras maneiras de pensar, de sentir e de agir”.

Clara sofria com o que considerava ocasiões perdidas. Em junho de 1924, escreveu a Wilhelm Pieck: “Ah! Se tivéssemos um partido que praticasse conscientemente uma *Realpolitik* [política real] revolucionária”. Expressão que traduz bem o que Clara esperava de seu partido.

Durante todo esse período, sua posição era amplamente minoritária, mas não se deixava dobrar. No quinto congresso da Internacional, de 17 de junho a 8 de julho, defendeu, contra os delegados do KPD, a política de frente unida e a unidade sindical no plano internacional.

No fim de junho de 1925, Clara soube que se cogitava, no décimo congresso do KPD, que aconteceria em julho, reintegrá-

la à direção desse partido. Expôs suas condições: que fossem eleitos, ao mesmo tempo que ela, Ernest Meier, dirigente espartaquista, defensor ele também da política de frente unida, Jacob Walcher, Schoenbeck e Enderle (esses últimos sindicalistas). Sobretudo, insiste em obter a “garantia de total liberdade de discussão sobre as questões litigiosas”, lembrando que essa disposição figurava nos estatutos da Internacional. Solicita que mais responsabilidades sejam confiadas “a companheiros que possuam uma sólida formação marxista: Paul Frölich, August Thalheimer”.

A direção ultra-esquerdista não cogitava, de forma alguma, fazer entrar na direção essas pessoas, consideradas, segundo o jargão da época, “direitistas”. O décimo congresso tornou a hegemonia dos “ultra-esquerdistas” ainda mais confortável.

A solicitação de Clara, convidando a direção a assegurar a colaboração de Thalheimer e Frölich, ilustra bem as flutuações, as mudanças que ocorrem durante toda a República de Weimar, na direção do KPD.

Clara conhecia de longa data August Thalheimer. Ela havia militado como ela na socialdemocracia de Wurtemberg, fez também parte do movimento espartaquista; como ela, foi eleito para a direção do KPD até 1923. Paul Frölich era bem menos próximo de Clara. Os dois, em 1921, faziam-lhe cerrada oposição.

Surpreendente mudança. Em 1925, Frölich, Thalheimer e Clara estão politicamente muito próximos. A ponto de Clara confiar a Frölich a tarefa de publicar as obras completas de Rosa Luxemburgo.

Quem mudou? Frölich e Thalheimer acalmaram-se? Mais provavelmente, compreenderam que, depois do malogro da “ação de março” e, mais ainda, depois do levante frustrado de outubro de 1923, a única chance de vencer era convencer uma fração

importante dos socialdemocratas e numerosos sem-partido a lutar ao lado dos comunistas.

* * *

Durante os primeiros anos do pós-guerra, Clara viajou muito. Só no ano de 1922, esteve três vezes na União Soviética: em março, de junho a setembro e da metade de outubro à metade de dezembro. Quase todas essas viagens foram uma provação, não somente física. A cada passagem de fronteiras, corria risco de prisão. Fosse pelas autoridades alemãs, fosse pela polícia lituana, se passasse por Riga.

Em 5 de junho de 1921, quando foi para a Rússia participar do terceiro congresso da Internacional, a polícia alemã a deteve na fronteira com a Prússia oriental. Revistou suas bagagens à procura de documentos comprometedores sobre os combates de março na Alemanha central. Tiveram de liberá-la: estava protegida pela imunidade parlamentar.

A polícia política lituana era ainda mais agressiva. Na volta do quarto congresso, em 4 de dezembro de 1922, Clara foi novamente presa em Riga. Um oficial letão a faz descer do trem. Dois funcionários alemães, dos quais um *Geheimrat* [conselheiro do governo], que se encontravam no mesmo vagão, entrevistaram, perguntando o motivo da prisão. Resposta: “É comunista”. Depois, o oficial se enervou, dirigindo-se em termos grosseiros a todos os alemães presentes, e quis prender o *Geheimrat*; seus homens se recusam a obedecer. Ao fim de alguns dias, Clara pôde prosseguir sua viagem. Entretanto, o embaixador alemão na Letônia, encarregado do assunto, enviou um protesto ao ministro dos Negócios Estrangeiros da Letônia, enfatizando que, no ano precedente, Clara já foi vítima de “processos arbitrários” por parte da polícia.

Voltando a Sillenbuch, Clara, por sua vez, dirige-se ao ministro alemão dos Negócios Estrangeiros para se queixar do tratamento recebido; exige desculpas, sanções para o oficial responsável e a restituição da literatura apreendida.

XXI – FEMINISMO E SOLIDARIEDADE REVOLUCIONÁRIA

O CAMPO DE SUAS ATIVIDADES se ampliava consideravelmente, mas a emancipação das mulheres permanecia, para Clara Zetkin, um problema central.

Em 1920, Lenin encarregou-a de elaborar, juntamente com algumas dirigentes soviéticas, diretrizes para o trabalho com as mulheres. Se a situação social das mulheres nos países ocidentais não mudou fundamentalmente com a guerra, o mesmo não ocorreu na Rússia soviética, se considerarmos as declarações de Lenin para Clara. Lá se manifestava “uma vontade sincera de instaurar a igualdade”. Escolas e institutos foram abertos para as mulheres, as quais o poder soviético se esforçava por integrar à economia, à administração, aos órgãos legislativos e ao governo. Ao mesmo tempo, o poder soviético desejava aliviar suas tarefas, criando “restaurantes comunitários, lavanderias, creches, jardins da infância”. Assim, “a mulher será libertada da antiga escravidão doméstica e não dependerá mais do homem”.

Lenin era, entretanto, suficientemente realista para admitir que “tudo o que foi feito não representa muito em relação às necessidades da massa de mulheres que trabalham”.

Clara sugere, então, a convocação de um congresso feminino internacional para o qual seriam convidadas mulheres de todos os meios, assim como as principais organizações feministas: “as pacifistas inglesas com ares de ‘lady’ e as fogosas feministas francesas, as piedosas cristãs com a benção do Papa e as que juram por Lutero”, acrescenta Lenin, que aprova a idéia de Clara. Finalmente, o congresso acabou não ocorrendo (devido principalmente à oposição das comunistas alemãs).

Foi confiada a Clara a direção de uma secretaria feminina internacional, instalada em Berlim e que estava encarregada de animar os movimentos das mulheres comunistas nos países ocidentais. Além disso, foi fundada uma revista, *A Internacional Comunista das Mulheres*, publicada em Stuttgart, com Clara responsável pela redação. O primeiro número saiu do prelo em abril de 1921.

É nessa revista que Clara presta extensas contas sobre a II Conferência Internacional das Mulheres Comunistas, que reuniu em Moscou, em julho de 1921, oitenta e duas delegadas vindas de vinte e oito países.

Em seu artigo, ela destaca, em primeiro lugar, a diferença entre essa conferência e as anteriores à guerra. A Segunda Internacional não tinha grande interesse nessas reuniões. Cada uma, diz Clara, era precedida de uma pequena guerra, silenciosa, mas tenaz. Na melhor das hipóteses, as instâncias internacionais adotavam, com relação às mulheres socialdemocratas, a tática do “deixar fazer, deixar passar”. Ao contrário, a Terceira Internacional compreendeu que, “sem a participação alegre e consciente das mulheres, não é possível luta, vitória ou trabalho criador”.

O que chamou sua atenção, também, foi a participação das mulheres soviéticas nessa conferência. Todas as delegadas estrangeiras estavam ávidas por ouvir o relato concreto das experiências realizadas no país da revolução, no que se refere aos direitos das mulheres. Além das delegadas, centenas de soviéticas vieram assistir aos trabalhos da conferência. Todas as sessões eram públicas. E simples ouvintes não hesitavam em intervir na discussão.

Outra diferença com as conferências de antes da guerra: os direitos das mulheres não estiveram no centro dos debates. Todas as comunistas acreditavam, em 1921, que a revolução, na Rússia, era apenas o primeiro ato. Daí a pergunta central: “Que se deve, que se pode fazer para que a massa das mulheres participe da grande luta dos trabalhadores do mundo inteiro contra o sistema capitalista?”

No encerramento da conferência, as delegadas saíram, em marcha do Kremlim, acompanhadas por uma multidão de moscovitas, indo depositar flores nos túmulos de duas militantes enterradas junto ao muro exterior, uma das quais Inês Armand, a amiga de Lenin, que acabava de ser levada pelo cólera.

Foi Clara a encarregada de prestar contas ao terceiro congresso da Internacional Comunista, alguns dias mais tarde, dos trabalhos e das conclusões dessa conferência feminina.

Esse início era promissor. No entanto, o movimento feminino comunista enfrentaria, no decorrer dos anos seguintes, uma série de dificuldades que todo o entusiasmo, toda a obstinação de Clara não lograram vencer.

Assim como o SPD, o KPD tampouco atribuía importância especial à propaganda entre as mulheres. O KPD era um partido de homens, dirigido pelos homens. Mesmo quando Ruth

Fischer tornou-se uma figura de proa da *Zentrale* [Comitê Central]. A revolução é, antes de mais nada, assunto de homens.

Em conseqüência, o trabalho com as mulheres continua sendo assunto para as mulheres comunistas e, para o partido, em Berlim como nos Estados do *Reich*, uma questão relativamente secundária. E depois da morte de Lenin, a situação não mudou no Comitê Executivo da Internacional. Estavam totalmente dispostos a ouvir exposições sobre a necessidade de ganhar as mulheres para a causa revolucionária, mas tinham menos pressa quando se tratava de liberar recursos, de organizar o trabalho. Clara estava, desde há muito, convencida de que, considerando-se o atraso político das mulheres, era preciso, para dirigir-se a elas, organizações específicas, métodos e propaganda diferentes das que se utilizavam para os trabalhadores. Ora, os partidos comunistas, quer o dissessem abertamente ou o deixassem subentendido, temiam sempre que uma organização feminina especial se separasse, pouco a pouco, do partido, escapando de seu controle.

Enfim, entre Clara e a direção do KPD ou do *Komintern* existiram, em vários períodos, diferenças de estratégia particularmente sensíveis quando se tratava do trabalho com as mulheres.

Clara pleiteia sempre um agrupamento que seja o mais amplo possível. Quer ganhar não apenas as operárias, mas as empregadas, as camponesas, as funcionárias, as intelectuais. Propõe dirigir-se às mulheres socialdemocratas, renunciando às inactivas, para poder ser ouvida.

Ora, em 1921, assim como em 1924, ou depois da virada sectária de 1928, a direção do KPD estava mais preocupada em combater as socialdemocratas do que em ganhá-las. Maria Reese escreve a Clara em 1932: “Nossa seção feminina (junto à direção do partido) é uma catástrofe”.

Quanto à Internacional, também quer exercer sobre todos os órgãos que dela dependem um estreito controle. Em 1925, a secretaria feminina instalada em Berlim é “repatriada” para Moscou, enquanto a revista *A Internacional Comunista das Mulheres*, considerada muito dispendiosa, deixa de ser publicada. Aliás, o jornal que Clara fundou em 1919, *A Comunista*, escapa de suas mãos. Sua redação foi confiada, depois do congresso de unificação USPD-KPD, em dezembro de 1920, à seção feminina do novo partido.

Em março-abril de 1926, na sexta plenária do Comitê Executivo, a maioria opõe à constituição “de organizações das mulheres proletárias o princípio fundamental da política marxista-leninista de que não deve haver organizações separadas de mulheres comunistas”. Teme-se que tais organizações “favoreçam o renascimento do feminismo e de formas de agitação socialdemocratas”.

Contra esta orientação, na quarta Conferência Internacional das Mulheres Comunistas, Clara faz um apelo às delegadas para que discutam a organização das mulheres comunistas “sem preconceitos e sem medo de desvios oportunistas ou feministas”. É significativo que essa conferência feminina internacional tenha sido a última convocada pela Terceira Internacional.

De fato, com o passar dos anos, a Internacional tendia a tomar suas decisões com relação à propaganda junto às mulheres sem consultar Clara, sempre formalmente responsável pela secretaria feminina. Esta se vê obrigada a protestar contra tais métodos.

Entretanto, a construção do socialismo na Rússia soviética vai modificar consideravelmente, para Clara, o tema de seus discursos dirigidos às mulheres. Agora que existe um país no qual o capitalismo foi abolido, no qual pode-se, pois, realizar a emancipação das mulheres, o objetivo prioritário é tornar mais conhe-

cidas as realizações da Rússia soviética no que se refere ao *status* das mulheres, a fim de que as mulheres dos países ocidentais, ao mesmo tempo, defendam o país da revolução vitoriosa e engrossem, em seu próprio país, as fileiras revolucionárias. Quando se dirige às mulheres soviéticas, Clara insiste em lembrar-lhes tudo o que a revolução lhes trouxe e em incitá-las a tomar parte mais ativa na obra de construção.

Para convencer, é preciso ser concreto. Daí a vontade permanente de Clara de se informar, de apreender a realidade, de verificar o verdadeiro grau da emancipação das mulheres. Para homenageá-la, por ocasião de seu septuagésimo aniversário, a Academia Comunista de Moscou criou uma nova seção, encarregada de estudar a teoria e a prática do trabalho junto às mulheres. Clara elabora então, para esboçar um estudo sociológico da situação das mulheres soviéticas, três questionários: um se refere aos conflitos no seio dos casais (divórcios, pensões alimentícias, guarda dos filhos); outro, à aplicação das leis (verificar se efetivamente deixou de existir a discriminação de que eram vítimas as mulheres); o terceiro era destinado a esclarecer as condições nas quais trabalhadoras foram despedidas e como os tribunais competentes receberam e trataram eventuais queixas.

Infelizmente, nenhum documento acessível demonstra que esses questionários tenham sido distribuídos e, *a fortiori*, analisados.

Em se tratando da situação social das mulheres, Clara, em seu discurso na Academia Comunista, insiste nas especificidades femininas: primeiramente, suas características biológicas que, por exemplo, em se tratando da maternidade, “nenhuma igualdade social” poderia modificar, e cujas condições podem ser, no máximo, melhoradas.

Em seguida, Clara examina a situação da mulher na produção. Naturalmente, opõe a exploração capitalista às vantagens de que gozam no Estado soviético: jornada de sete horas, disposições em favor das mulheres grávidas, das mães etc.

Surge, entretanto, uma dificuldade. Como julgar os efeitos da “racionalização” que aparecem tanto na União soviética quanto nos países industrializados? Que atitude adotar frente ao trabalho noturno, que Clara considera claramente prejudicial ao organismo feminismo? Ora, o trabalho noturno das mulheres é “proibido total ou parcialmente na maioria dos grandes Estados capitalistas”, enquanto acaba de ser introduzido na Rússia soviética. Clara explica, sem dúvida, que, nos países capitalistas pesa sobre as mulheres o peso da dupla jornada: “Em geral, ao lado do trabalho na fábrica, ela deve suportar o peso do trabalho doméstico e deve se ocupar dos filhos”, enquanto que, na União soviética, “uma série de instituições sociais aliviam, em grande parte, a dona de casa e a mãe dessas tarefas”. Insiste para que não se faça “da necessidade, virtude”, mas, nem por isso, deixa de chegar a esta fórmula bastante jesuítica, ou seja, que, na economia soviética, “podem ser, durante um período, uma necessidade constrangedora muitas disposições contra as quais lutamos energicamente nos países capitalistas”.*

Em sua exposição, Clara insiste na necessidade da transformação radical das relações entre o homem e a mulher. “A mulher não deve mais ser propriedade do homem, seja qual for o disfarce ideológico utilizado”. Essa transformação é a condição *sine qua non* de sua emancipação enquanto ser humano. Enfim,

* Verifica-se hoje a atualidade dessa discussão no momento em que, nos países industrialmente avançados, reintroduz-se, para as mulheres, a autorização legal para o trabalho noturno.

a mulher deve deixar de ser uma criatura passiva, devendo participar plenamente da vida social e política.

Ora, Clara insiste que essas observações valem tanto para as mulheres dos países capitalistas quanto para as mulheres soviéticas. Considera uma das tarefas mais importantes da seção a de contribuir para mudar completamente a ideologia dos trabalhadores sobre essas questões.

Essas observações constituem uma espécie de contraponto à glorificação das medidas tomadas na União Soviética em benefício das mulheres. Evidentemente, os textos legislativos são uma coisa, a vida cotidiana das mulheres soviéticas, outra. Mesmo observando a emergência de “novas formas de vida sexual, de vida conjugal, de novos métodos de educação das crianças”, Clara acrescenta que tudo isso ainda está em processo.

Em sua correspondência particular, Clara insiste ainda nas dificuldades das mulheres soviéticas. Em 1928, escreve a Costia: “Apesar de todas as leis, da ação do partido, dos sindicatos, dos órgãos dos Sovietes e dos serviços públicos, as mulheres têm muita dificuldade em impor o reconhecimento de sua igualdade de direito. Os princípios só lentamente se transformam em prática. O analfabetismo e o atraso das mulheres não deixam de exercer sua influência”.

Desde logo Clara se interessou particularmente pela emancipação das “Mulheres do Oriente”, como se dizia na época, isto é, as mulheres muçulmanas da Rússia, depois União Soviética. Para elas, o comunismo, ao proclamar a igualdade dos dois sexos, significava uma prodigiosa mudança em seu modo de vida.

Quando relata, na *A Internacional Comunista das Mulheres*, a segunda Conferência Mundial das Mulheres Comunistas (Moscou, junho de 1921), consagra um parágrafo inteiro à delegação das “Mulheres do Oriente”.

“Não é possível descrever o clima da assembléia quando apareceu a delegação. Uma profunda emoção, uma onda de ardente entusiasmo tomou conta da conferência. Tínhamos a impressão de que, com essas mulheres vindas de países distantes – muitas delas usavam seus véus – eram os contos de nossa infância que vinham a nós. Não era um conto, mas a realidade: essas escravas entre as escravas, essas mulheres dos povos do Oriente despertam, buscam o caminho que as conduzirá, de uma servidão secular e de uma exploração capitalista moderna, à libertação e à condição de seres humanos integrais”.

Em 1923 e em 1924, por ocasião de seu tratamento no Cáucaso, Clara encontrou mulheres muçulmanas que iniciavam a difícil passagem para uma nova existência. Em seu livro *Im befreiten Kaukasus* [A libertação no Cáucaso], publicado em 1926, relata suas descobertas e impressões.

“É com paixão que querem fazer valer seus novos direitos. Mas o desejo da maioria dessas muçulmanas choca-se ainda com o poder de preconceitos de uma outra época. Tremem de medo e recuam quando se trata de participar plenamente da vida pública ao lado dos homens, reivindicando, instruindo-se, construindo”.

As muçulmanas acolhem-na no “Clube de Tiflis” cantando a “Internacional”. “Elas cantam a ‘Internacional’ no estado de alma de um cristão recebendo a eucaristia, perturbado pela convicção de que entra em comunhão com Jesus Cristo, seu senhor”. Formulação surpreendente para uma marxista. Que este fervor a entusiasma, compreende-se. Pode-se estranhar, apenas, a ausência de qualquer reflexão crítica.

Depois, várias participantes relatam sua vida “de antes da revolução”. “O pai nos vendia como um carneirinho, mal atin-

gíamos os dez ou doze anos. O marido exigia de nós ternura e amor, mesmo quando nos causava aversão. Quando queria, batia-nos com bastão ou chicote. Devíamos servi-lo noite e dia, como escravas. (Depois da revolução), nós mesmas escolhemos nosso marido, que não tem mais o direito de nos tratar como se fosse nosso mestre e senhor. (...) Se tivermos queixas dele, de um vizinho, de um responsável, comparecemos ao tribunal popular. Que nos dá razão, se tivermos razão”.

Extraordinária ingenuidade dessas declarações, que as observações de Clara citadas mais acima vêm contradizer. Clara não sabia a língua georgiana. O que relata vem evidentemente de seus intérpretes que talvez tenham embelezado um pouco as narrativas dessas muçulmanas recentemente emancipadas.

Outro espetáculo em Batum, no mar Negro, onde foi organizado um grande encontro. Muitas mulheres na sala, e entre elas muitas usam véu. Na tribuna, são homens que se sucedem. De repente, uma mulher velada se levanta, avança, sobe no estrado. Dão-lhe a palavra. Bruscamente, arranca o véu. Na platéia gritam, de surpresa e de indignação, de aprovação também. “Era a primeira vez”, conta Clara, “que em Batum uma muçulmana se mostrava em público sem véu... O efeito foi enorme, indescritível. Outras mulheres arrancaram o véu que escondia seu rosto. Cada um percebia que o ato dessa companheira era uma rebelião aberta contra os costumes e os dogmas que sujeitam a mulher oriental”.

No ano seguinte, Clara desce o Volga em um barco denominado “Kolontai”. Pára em Astrakhan, depois na capital do Daghestão, no mar Cáspio. Dois anos antes, havia sido convidada por uma delegação de mulheres desse país. Tratam-na como a embaixadora de um Estado importante. Festejam-na, conduzem-na a um vilarejo, a qualquer lugar. Toda a imprensa do Daghestão relata sua vinda, cita suas palavras, reproduz suas fa-

las. O responsável pelo partido saúda-a como “a melhor amiga da classe operária”, assegurando que não existe “uma operária, um operário, um camponês do Daghestão que não conheça o nome de Clara Zetkin”.

Ainda em 1928, apesar de seu estado de saúde, Clara propõe-se a ir ao Oriente soviético e estudar *in loco* a verdadeira situação das muçulmanas, seu grau de emancipação. Não quer apenas visitar as grandes cidades, mas percorrer o campo, conversar com as camponesas. E, em 1930, outra vez, responde à amiga Heleen Ankersmit, que lhe sugeria escrever suas memórias:

“Minha história pode ser escrita mais tarde. O mais importante atualmente é o despertar das mulheres do Oriente, depois que a Rússia soviética preparou o terreno para a libertação verdadeira, a libertação total da mulher. Quero viver este despertar”.

* * *

Clara insiste para que “se evite transportar servilmente as experiências soviéticas para os países capitalistas”.

Em várias ocasiões observa que as mulheres sempre hesitam em aderir a um partido político, principalmente ao partido comunista. Por isso, seu pleito constante por organizações mais amplas, menos marcadas politicamente, que pudessem reunir, ao lado das comunistas, socialdemocratas e mulheres sem partido. Por isso também suas objeções quando da criação, pelo KPD, do *Frauen und Mädchenbund* [União de Mulheres e de Moças] (seção feminina da organização paramilitar *Roter Frontkämpferbund* [União dos Lutadores da Frente Vermelha]), em 1925. Não ousa recusar a presidência, apesar de se opor ao uso do uniforme, ao estilo militar da organização, “que não corresponde à mentalidade feminina”. Aceitará, entretanto, redigir para as participan-

tes um opúsculo denominado *A libertação da proletária do jugo capitalista* e insiste em que sejam educadas “para pensar por si mesmas”. Como não consegue impor seus pontos de vista, cogita, em 1928, pedir demissão da presidência.

Em troca, participa sem reticências da campanha lançada, em 1931, pelo KPD pela abolição do famoso parágrafo 218 (que punia o aborto com a prisão) e contra a encíclica papal *Casti Connubii*. Em um artigo publicado pela *A Bandeira Vermelha*, em 16 de abril, dirigia-se às mulheres socialdemocratas, pedindo-lhes que não ficassem aquém das posições tomadas sobre esses assuntos pelos movimentos feministas. O SPD pronunciou-se, primeiro, por um simples abrandamento das penas previstas pelo código; solicitou depois a modificação do parágrafo, sem chegar no entanto a pleitear sua supressão.

Se se quisesse tentar um balanço da ação “feminista” de Clara na Alemanha, entre 1919 e 1933, seria preciso constatar seu relativo malogro. Sua política de união enfrentou, sempre ou quase sempre, a incompreensão, senão a resistência da direção comunista.

Aliás, em geral, na República de Weimar, nenhum partido político fez da questão feminina um tema prioritário. Os socialdemocratas deixam para as mulheres os problemas “de assistência social” no sentido amplo do termo. Os comunistas querem transformá-las em revolucionárias, sem se preocupar muito com seus problemas específicos. O resultado foi que os comunistas alemães não conseguiram ganhar uma parte considerável do eleitorado feminino. Clara não obteve, na República de Weimar, os êxitos que havia obtido durante o Império.

Em troca, Clara conseguiu (ou pelo menos contribuiu) mobilizar massas de mulheres e de homens para uma outra causa: a solidariedade.

As destruições da guerra civil, às quais se somou, em 1921, uma terrível estiagem, levaram diversas regiões da União Soviética a uma fome espantosa. Cinco milhões de pessoas morreram de fome, segundo as mais modestas estimativas.

Em Berlim, foi fundado, em 1921, um comitê de luta contra a fome na Rússia, o qual deu origem depois ao Socorro Operário Internacional [SOI]. Este foi presidido por Clara, com Willi Münzenberg como secretário-geral.

No contexto dessa obra humanitária, Clara conseguiu fazer triunfar suas concepções: congregar da forma mais ampla possível, reunir os intelectuais, escritores e artistas. No Comitê de ajuda à Rússia soviética encontravam-se Henri Barbusse e Käthe Kollwitz, Anatole France, Albert Einstein e Andersen Nexö, entre outros. O SOI pretendia-se uma organização não partidária. Nem por isso, tal como a concebeu Clara, era neutra.

Depois de ajudar a Rússia soviética, o SOI empenhou-se em ajudar, em todos os países, os operários em luta, sustentando materialmente os grevistas, acolhendo seus filhos, auxiliando suas famílias.

Também no seio dessa organização, Clara teve de lutar contra os sectários, contra os que, em 1921, afirmavam que os comunistas sozinhos poderiam ajudar a Rússia a superar a fome, posição particularmente absurda quando se considera o tamanho da catástrofe.

Sob a direção prática de Münzenberg, o SOI, que contava com centenas de milhares de filiados (individuais e coletivos) e reunia fundos consideráveis, tornou-se um verdadeiro consórcio econômico, que dispunha, além disso, de numerosos canais de informação. Em 1931 – e é o que nos interessa aqui – Münzenberg lançou um jornal destinado às mulheres, *O Caminho da Mulher*. Jornal bem diferente do *A Igualdade* e do *A Co-*

munista. Moderno em sua apresentação e redação, esse jornal tentava fugir às críticas feitas ao *A Igualdade* ou ao *A Internacional Comunista das Mulheres*: ilustrado, de agradável leitura, oferecia receitas culinárias e moldes para costura, publicando também, às vezes, um editorial de Clara Zetkin. E esta não lhe recusou seu apoio.

O *Komintern* logo organizou uma associação encarregada de ajudar os revolucionários perseguidos no mundo inteiro por suas idéias ou ações: o Socorro Vermelho Internacional [SVI]. Com a morte de seu primeiro presidente, Julian Marchlewski, que havia lutado na guerra ao lado de Clara, na ala esquerda da socialdemocracia alemã, foi a ela que pediram para assumir a direção do SVI. Clara, referindo-se ao SVI, disse que constituía “o serviço de saúde internacional dos grupos que lutam pela libertação das classes exploradas e dos povos oprimidos”.

Entre as campanhas nas quais Clara tomou parte ativamente, destaca-se a tentativa de salvar da cadeira elétrica Sacco e Vanzetti (que fracassou) e outra – vitoriosa pelo menos em parte* – em favor dos jovens negros de Scottsboro, acusados – parece que injustamente – de violar duas prostitutas brancas. O emocionante apelo de Clara denunciava o racismo de que eram vítimas na ocasião esses jovens negros estadunidenses: “Vocês todos cuja consciência fala ainda uma linguagem humana, cujo coração ainda é humano (...) levantem-se para salvar esses oito jovens, cujo único erro é ter nascido com a pele negra”.

Em 1925 e 1927, Clara fez duas turnês pela Alemanha, durante as quais instou seus numerosos ouvintes a participar do trabalho do SVI, que organizou, periodicamente, semanas de

* Sua condenação a morte foi comutada em prisão. Quatro deles foram libertados em 1937; o último, somente em 1950.

solidariedade patrocinadas por ela. Em 1927, seu septuagésimo aniversário foi a ocasião para o SVI organizar uma semana de recrutamento em honra de sua presidenta. “A longa vida de luta, a estrutura intelectual” de Clara, diz o texto de lançamento, não estimulam apenas os comunistas, mas, também, “exercem uma grande influência nos trabalhadores socialdemocratas e nos sem partido”. Têm, assim, “um poder de recrutamento a que os operários socialdemocratas não poderiam fugir”.

No entanto, mesmo no SVI o sectarismo se manifestava. Por ocasião da campanha do KPD contra os direitistas em 1928-1929, a direção do KPD quis também depurar os órgãos dirigentes da seção alemã do SVI, onde trabalhavam companheiros que “pensavam erradamente” e mesmo companheiros expulsos do Partido. O secretário-geral do SVI alemão se opôs às exclusões solicitadas. Clara, que tinha amigos entre os comunistas expulsos – tais como Felix Schmidt – lembrou em vão que o SVI era uma associação não partidária e que transpor para o SVI as lutas de tendências do KPD só poderia prejudicar os interesses das duas organizações. De nada valeu.

Por não ter cedido, o presidente da seção alemã, Jakob Schlör, foi expulso, fundando uma organização de solidariedade paralela. O pintor Vogeler, outro amigo de Clara, foi por sua vez afastado da direção da seção alemã, por ter se solidarizado com Schlör. E quando este último, no fim de 1930, propôs a fusão da organização que dirigia com o SVI, apesar da insistência de Clara, a direção da seção alemã recusou-se terminantemente.*

Clara continuou, até sua morte, participando ativamente da obra de solidariedade. Sua participação foi dupla. Jornalística,

* Esta foi a razão do esfriamento da amizade entre Clara e Helena Stassova (representante do *Komintern* na direção da seção alemã do SVI) que defendia a linha sectária do *Komintern* e do KPD.

primeiro. Quer estivesse doente, fraca ou quase inválida, quer estivesse em Archangelsk, em um quarto de hotel em Moscou, ou em sua casa de Birkenwerder, Clara escreveu sem cessar. Era uma sucessão de artigos, apelos, brochuras, cartas de saudação para congressos, reuniões às quais não podia comparecer. Não há uma campanha, uma semana de recrutamento sem que solicitem dela um texto, às vezes uma brochura.

Clara responde com boa vontade a esses pedidos, tanto mais que acredita que o que mais falta faz é a formação dos militantes. Até sua morte, estava persuadida de que a “situação objetiva” é propícia. Seria fácil e um pouco cruel pôr lado a lado as frases nas quais Clara, de 1919 a 1933, afirma que o capitalismo agoniza. E, de outro lado, seu desespero ao constatar a inexplicável, terrível passividade das massas alemãs em 1919, assim como diante do crescimento do fascismo em 1932. Se estão passivas, pensa Clara, é porque estão mal informadas e mal formadas, não conhecem a história do movimento operário, assim como não avaliam com precisão as possibilidades de ação existentes hoje.

A segunda maneira de ajudar o SVI e o SOI foi para Clara pagar com sua própria pessoa, pôr seu prestígio a seu serviço. O oitavo congresso mundial do SOI, que aconteceu em Berlim, em outubro de 1931, vale como exemplo. O congresso foi precedido de uma conferência internacional das mulheres dessa organização. Os médicos tinham formalmente desaconselhado Clara de participar. Estava tão fraca que foi preciso transportá-la em uma cadeira até a tribuna. Seu aparecimento foi saudado por uma “interminável onda de entusiasmo”. Pronunciou apenas algumas palavras, dizendo que não pôde resistir ao impulso de seu coração: queria sentir-se, ao menos por alguns momentos, unida e ao lado dessas mulheres de nacionalidades tão diversas. Mesma

ovação quando apareceu na tribuna durante o próprio congresso, no dia da abertura e na seção de encerramento.

A imprensa do KPD e do SOI relatou com detalhes a vinda de Clara, a acolhida da platéia. *O Caminho da Mulher* ilustrou essas cenas com numerosas fotos. Vários jornais publicaram extratos da saudação de Clara à conferência feminina que uma de suas companheiras precisou ler, pois Clara estava fraca demais para fazê-lo.

Essa mulher de cabelos brancos que vemos nas tribunas dá, às vezes, a impressão de ser uma santa leiga. As multidões admiram sua indiscutível sinceridade e sua integridade moral. Foi usada, deixou-se usar: manipular, nunca.

XXII – OPOSITORA DE STALIN, DA INTERNACIONAL, DO KPD

OS ÚLTIMOS ANOS DE CLARA ZETKIN são, seguramente, os mais dramáticos de sua vida. Não por causa dos sofrimentos físicos que marcam essa velhice que ela amaldiçoa na medida em que limita suas atividades, mas, sobretudo, porque vai se ver novamente, e muito seriamente em conflito, na União Soviética, com a direção do partido bolchevique e com a Internacional e, na Alemanha, com a direção do KPD.

No entanto, em 1925, a evolução do KPD parecia dar-lhe algumas razões para ter esperanças. No décimo congresso constatou-se que o partido perdera influência junto aos sindicatos. Os resultados obtidos por seu candidato (Ernst Thälmann) nas eleições presidenciais (março-abril de 1925) foram medíocres: 1,9 milhões votos, ou seja, 800 mil menos do que obtivera nas eleições gerais de dezembro de 1924. (Em relação às eleições de maio de 1924, a queda era de quase 50%).

Clara teria feito melhor do que Thälmann? Nada é menos

certo. Pode-se, no entanto, formular a questão, visto que, em 1923, a direção do KPD decidiu propor o nome de Clara para as eleições presidenciais. Em 1924, voltou atrás e designou Thälmann que, no ínterim, tornara-se o homem de confiança do *Komintern*.

Por que a Internacional, que havia defendido antes os “ultra-esquerdistas”, teria modificado sua atitude? De um lado, em função das profundas mudanças ocorridas na Alemanha. Depois da crise de 1923, a situação tornou-se quase normal. O problema das reparações estava provisoriamente resolvido, com a adoção do plano Dawes; o marco voltava a ser uma moeda forte, a produção se recuperava, em suma, o capitalismo alemão conhecia o que se chamou de uma “relativa estabilidade”. Evidentemente, as perspectivas de uma revolução se afastavam. Era, pois, necessário mudar de política.

De outro lado, a orientação política do KPD era conseqüência, também, da luta que travavam, em Moscou, Stalin e Zinoviev. Foi Zinoviev, como responsável pela Internacional, que manteve Ruth Fischer e a linha ultra-esquerdista. O fracasso dessa política era também um fracasso de Zinoviev, que seria punido em Moscou. De fato, foi obrigado a mudar a direção do partido alemão.

A manobra não foi fácil, pois a maioria de que dispunha Ruth Fischer no Comitê Central recusou-se, num primeiro momento, a ceder às pressões do *Komintern*. O Comitê Executivo – especialmente Bukharin, que mantinha relações muito boas com Clara e não tardaria em substituir Zinoviev na direção da Internacional – condenou a política adotada pela direção do KPD. A discussão foi áspera. No final de longos debates, Thälmann e Dengel, rompendo com Ruth Fischer, que também fazia parte da delegação, apoiaram o ponto de vista de Bukharin.

O Comitê Executivo da Internacional decidiu então enviar uma Carta Aberta a todos os membros do KPD. Em 1º de setembro de 1925, o *A Bandeira Vermelha* publicava o texto dessa carta. As principais críticas referiam-se à incompreensão da direção em matéria de trabalho sindical, ausência de vida democrática no seio do partido, o que resultou na impossibilidade de uma discussão livre, a subestimação da propaganda, do trabalho de convencimento, em benefício de medidas “administrativas”. Criticava-se também o grupo Fischer-Maslow, por intrigar contra Moscou e o *Komintern*.

Afastada da direção do KPD, Ruth Fischer foi convocada por Moscou. Em junho de 1926, deixava Moscou, contra a opinião do *Komintern*. Em 20 de agosto, o *A Bandeira Vermelha* anunciava que “Ruth Fischer e Maslow estavam expulsos do partido”.

As concepções que Clara havia defendido contra a orientação esquerdista e os métodos do grupo Fischer-Maslow pareciam, pois, ter triunfado. Desde 1919, ela estava convencida de que preparar a revolução na Alemanha era obra de muito fôlego. Era necessário começar por atrair as massas, os sindicalizados, iludidos pela propaganda socialdemocrata; ganhar ainda as classes médias, os intelectuais de idéias comunistas, convencendo-os de que também eram vítimas do capitalismo e de que o socialismo era a solução, única, para suas dificuldades.

Em 1926 e 1927, por razões de saúde, Clara permaneceu muito mais tempo na União soviética do que na Alemanha. Entretanto, as notícias que recebia de seu país eram tranquilizadoras. Seu amigo Wilhelm Pieck, um dos raros dirigentes do KPD com quem usava o “tu” (o que foi proposto por ele, evidentemente: se ela não pensou nisso antes, disse, “foi porque considerava o uso do “tu” uma moda no partido, e, em toda a sua vida, nunca seguira a moda”). Pieck recebe, pois, responsa-

bilidades mais importantes na direção do KPD. Em Essen, em março de 1927, o décimo primeiro congresso do partido elegeu Ernst Meier e Pieck para o secretariado político.

No fim do mês de agosto de 1927, Clara voltou à Alemanha. Mal chegou a Berlim, e já se informava cuidadosamente sobre a situação no partido. Para tanto, teve uma conversa de duas horas com Thälmann, encontrou Ernst Meier, participou das reuniões do secretariado político e da direção.

Sua avaliação foi lamentável. A situação é muito favorável para os comunistas, mas são os socialistas que se beneficiam dela, dada a incapacidade da direção, que “não tem confiança em si própria, nem em sua política”. Esta é insegura, hesitante e gira em torno do “bem que eu gostaria, mas não posso”.

A razão essencial, escreve Clara a Bukharin, em carta de 11 de outubro, é que “a maioria dos membros da direção carece de conhecimentos, (...) de formação teórica, de capacidade e de instinto políticos, de talento para expor e convencer e, por último, mas não menos importante, de firmeza de caráter”.

Em lugar de trabalho coletivo, intrigas, formação de grupelhos tropeçando uns nos outros. O julgamento de Clara sobre Thälmann, presidente do partido, é inexorável. “Não tem nenhum conhecimento, carece de formação teórica”. Os que o cercam encorajam-no a se autoenganar; sua cegueira beira à loucura de grandeza”. Deixa-se iludir pelos “delatores, cortesãos, propagadores de boatos, intrigantes da mais baixa espécie”. A ponto de ser capaz de mudar de idéia e de se contradizer de um dia para o outro. Segue o relato detalhado da discussão no seio do partido a propósito da volta de Thalheimer (que continuava detido em Moscou). Depois de muitas peripécias, o secretariado político se manifestou a favor de sua volta, mas Clara temia que esta decisão fosse “sabotada”.

Ela se declara favorável a uma “direção coletiva baseada na concentração de forças” e destaca as qualidades de Meier e de militantes sindicais como Jacob Walcher.

Clara não demorou a compreender que as divisões no seio da direção do KPD refletiam os novos enfrentamentos no seio do partido bolchevique. No décimo quinto congresso deste partido, no fim de 1927, Stalin, depois de ter se livrado de Zinoviev e de Trotski, acusou os “direitistas”. Era o começo da luta contra Bukharin. Em fevereiro de 1928, o Comitê Executivo da Internacional reuniu-se em Moscou. Stalin – que apenas raramente assistia a essas sessões – tomou a palavra para explicar que os direitistas, também no KPD, representam o perigo principal.

No decorrer da sessão, a delegação alemã solicita uma reunião com a delegação do partido bolchevique, a fim de “resolver definitivamente” o caso de Brandler – Thalheimer (considerados direitistas). No final do encontro, as duas delegações adotam uma resolução (redigida por Stalin durante a discussão) a qual insiste em que, no movimento operário alemão, é o desvio de direita que representa o principal perigo. “Fica excluída qualquer tolerância com o perigo de direita”. Thälmann e Remmele, confortáveis na direção do KPD, têm o poder de designar, sempre que necessário, novos responsáveis para ocupar as funções mais importantes. Eles encarregar-se-ão também da lista dos candidatos às eleições legislativas (previstas para o mês de maio), lista da qual Brandler e Thalheimer foram expulsos. Decide-se ainda a reorganização imediata da seção encarregada, na direção do KPD, das questões sindicais (cujos titulares partilhavam as idéias de Clara).

Clara foi mantida à parte da reunião entre os dois partidos. Sabendo do que ocorria, confia sua perplexidade a seu filho caçula. Em 13 de março de 1928, escreve a Costia:

“Eu me pergunto: que fazer? Enviar uma declaração contra a resolução à delegação russa e ao Comitê Central, em Berlim? Ou submeter a questão ao Comitê Executivo da Internacional, que certamente confirmará a resolução? Ou, ao contrário, deixar as coisas seguirem seu curso até que ocorra uma limpeza vinda da base? Esse documento vai certamente suscitar protestos e resistências, o que poderia também acelerar o processo de limpeza. (...) Essa reorientação da atitude do Comitê Central do KPD é o preço pago (...) por camuflar as oposições no seio da direção do partido bolchevique, do qual muito se fala aqui, mas que é sistematicamente contestado. Tomski-Rikov contra Stalin, Bukharin no meio.* Ah! meu Costia, como esta situação me aflige e me atormenta!”

Como Clara previu, o Comitê Executivo ratificou a resolução de fevereiro. Ela foi a única a votar contra. Três semanas mais tarde, em 4 de abril, Clara transmitia sua opinião a Wilhelm Pieck (que não fazia parte da delegação alemã que, em Moscou, havia assinado o texto em questão).

“Meu velho amigo (...), preciso esvaziar meu coração, que a ‘nova etapa’ na evolução do partido enche de preocupação e de aflição. Uma vez mais esta etapa é posta muito esquematicamente sob a palavra de ordem: contra os ‘direitistas’, contra os ‘brandleristas’. A discussão entre as delegações alemã e russa era um golpe bem preparado: simples cenário para um acordo acertado de antemão. A resolução terá efeitos desastrosos que já começam a amadurecer.

* Data sem dúvida dessa época sua aversão a Stalin e a suas manobras. “Ela detestava (Stalin) no fim de sua vida (fez-me confidências em 1927-1928)”, escreve Charles Rappoport em *Uma vida revolucionária 1883-1940*.

Ela revê a linha da Carta do Comitê Executivo (trata-se da Carta Aberta de setembro de 1925) e do congresso de Essen e traz o partido de volta à época dos Fischer-Maslow-Scholem. E isso em uma situação muito favorável para o partido, supondo-se que a direção saiba percebê-lo e esteja apoiada pela confiança de seus membros. O que não é o caso enquanto o partido for dirigido por um grupelho incapaz, sem idéias claras, e não pela articulação unida das melhores forças”.

Clara afirma que o que escrevem Brandler, Jacob Walcher e Max Köhler mereceria discussão. Deplora a ausência de programa eleitoral. “O que o secretariado político esboçou é uma colcha de retalhos mal feita, não um programa que se possa utilizar”. Analisa, em seguida, as candidaturas às eleições para o *Reichstag* e prova que a direção escolheu uma série de incapazes e de ignorantes.

“Ah! meu querido Wilhelm, é difícil não ceder à amargura (a propósito do acordo). Onde está a unidade de organização e outros princípios da Internacional Comunista, se questões importantes não são discutidas e decididas em sessões plenárias, mas ‘acertadas’ em acordos entre os diversos partidos? Tais conchavos não poderiam nos obrigar. Eu consideraria um insulto ao trabalho de toda a minha vida alguém poder pensar que estou de acordo com esta resolução e que a aprovo. Você sabe até que ponto me contive. Mas não dizer o que penso deste acordo seria um crime contra o partido. Daí minha declaração.”

Como aventara na carta a seu filho, Clara escrevera ao Comitê Central do KPD para explicitar suas posições. Diz a Pieck “que pode polemizar contra este texto” “e pede-lhe” para

defendê-la daqueles que desconfiam que ela poderia ter aprovado a resolução”.*

No sexto congresso da Internacional (julho – setembro de 1928), Stalin lançou seus fiéis contra Bukharin, que fizera o relatório de introdução. Clara confia a Marcel Cachin que lamenta que Bukharin não responda às críticas. Ele decepciona seus amigos quando aplaude o discurso de Thälmann, que, no entanto, atacara seu relatório.

O congresso não se limitou a confirmar a mudança de estratégia inaugurada pelo acordo de fevereiro entre os partidos russo e alemão. Mais importante foi a elaboração, no decorrer do congresso, de uma análise inteiramente nova da situação internacional. O “segundo período”, o da estabilização relativa, uma vez terminado, entrava-se em um “terceiro período”, o do agravamento da crise geral do capitalismo, enquanto a União Soviética se empenhava na construção de uma economia socialista.

As conseqüências dessa análise, particularmente para a Alemanha, eram a volta da condenação do reformismo que, diz Thälmann, “transformava-se em socialfacismo”, transformação “estritamente relacionada com o incremento dos preparativos de guerra pela burguesia”. A socialdemocracia, “esta organização de combate contra o proletariado revolucionário, prepara-se desde já para se unir à burguesia no terreno ideológico e militar”.

Entretentes, o KPD foi profundamente abalado pelo assunto Wittorf. Em 26 de setembro, o Comitê Central demi-

* Esta carta foi publicada em 16 de julho de 1929 pelo jornal socialista *A Noite*. Ignora-se como chegou à redação do jornal. Clara solicita ao Comitê Central do KPD que realize uma pesquisa, a qual não deu nenhum resultado.

tiu Thälmann de suas funções, acusando-o de encobrir os desvios de dinheiro de um dirigente comunista de Hamburgo (Wittorf). Stalin convocou imediatamente, a Moscou, uma delegação do KPD. Em 6 de outubro, o Comitê Executivo do *Komintern* reuniu-se. Bukharin, Clara, Humbert-Droz estavam ausentes de Moscou. Stalin obteve sem dificuldade a reabilitação de Thälmann e a condenação do Comitê Central do KPD.

Com Thälmann de novo no comando, começou a caça aos opositores. Heinz Neumann assumiu a direção do *A Bandeira Vermelha*. O KPD era agora dirigido pelo triunvirato Thälmann, Remmele, Neumann.

Em 8 de dezembro, Clara dirigiu uma longa carta ao secretariado político do partido russo. Lembrava a política de “acúmulo de forças” decidida no congresso de Essen. As primeiras tentativas de aplicá-la haviam sido bruscamente reduzidas a nada. “A consequência era a constituição de facções, a guerra de tendências, a burocratização da vida do partido, em lugar de uma politização ideológica”. Em lugar de reduzir a influência da socialdemocracia sobre as massas, a direção do KPD escolheu excluir Brandler, Thalheimer.

“*A Bandeira Vermelha* os insulta. Nenhuma discussão ideológica, *slogans* superficiais. Afastam-se os melhores elementos, os que possuem uma longa experiência e contato com as massas. A solução: unir essas forças preciosas para o partido, permitindo uma discussão livre, até o próximo congresso; e anular as medidas contra os que não partilham as opiniões da direção”.

Clara Zetkin pleiteia o “afastamento imediato de Heinz Neumann, cuja carreira no partido é a de um indivíduo sem

princípios e sem caráter”.^{*} Evidentemente, acrescentava Clara, os opositores deviam interromper a publicação de seus boletins. “Só tomando essas decisões a Internacional reforçará sua autoridade”.

A decisão definitiva dependia do *Komintern*. O Comitê Executivo se reuniu em 19 de dezembro. Stalin estava presente. Declarou que não podia tolerar mais as atividades dos “direitistas” e dos “conciliadores” no seio do KPD; exigiu a aplicação de uma disciplina revolucionária de ferro e pleiteou uma luta sem concessões aos perigos do “socialdemocratismo” no partido. Humbert-Droz, Serra (A. Tasca) e Clara se opuseram a Stalin. Bukharin tentou impedir as exclusões. Retomando a argumentação desenvolvida na carta de 8 de dezembro, Clara propôs transferir todas as decisões para depois do congresso do KPD (previsto para junho de 1929), garantindo a todos uma total liberdade de discussão. Até lá as sanções deveriam ser levantadas. Em troca, era necessário afastar da direção do KPD “Heinz Neumann, esse agente provocador especialista em exclusões e cisões”.

No final do debate, Clara lamentava que não se tivesse produzido contra os direitos nem “argumentação de fundo, nem provas sérias. Em vez disso, recorreu-se às injúrias”. Concluiu com uma espécie de apologia, lembrando a história da velha que se tornou célebre por ter lançado um pedaço de madeira na fogueira em que Jean Hus era queimado. “Só que não tenho a menor intenção de desempenhar o papel dessa velha e de jogar lenha

^{*} Na conferência nacional do KPD (3 e 4 de novembro), Neumann fez um relatório sobre “a situação na União Soviética e no partido soviético”, no qual aprovava sem reservas a política de Stalin. Em uma carta a Maria Reese, de 4 de junho de 1932, mais uma vez, sem citá-lo, Clara acusa Neumann, “esse indivíduo sem caráter e sem consciência, esse aventureiro perigoso, de quem desconfio no mais alto grau”, de intrigar contra Thälmann.

para que os heréticos sejam mais bem queimados”. O Comitê Executivo não cedeu a seus argumentos. Clara votou contra a exclusão de seus amigos. Sozinha.

Os expulsos decidiram então formar uma organização distinta, que nasceu em Berlim, em 29 de dezembro de 1928, com o nome de “Partido Comunista da Alemanha. Oposição (KPDO)”. Mais uma vez, Clara viu-se diante de uma escolha trágica. Iria, como em 1921, quando Lenin a havia persuadido a voltar a fazer parte da direção do partido, comportar-se como uma comunista disciplinada e romper com os opositores, ou deixaria que suas convicções e seus amigos passassem à frente da disciplina?

Desta vez, recusou-se a romper com os expulsos e manteve com eles uma correspondência amigável. Entretanto, o KPDO não conseguiu agrupar um número significativo de militantes. Fosse qual fosse o valor de seus dirigentes, a organização viu-se logo reduzida à situação de seita.

Nos meses seguintes, a política sectária da direção do KPD se afirmou. O partido favoreceu a formação de uma organização sindical distinta (RGO), acentuou, depois dos confrontos sangrentos do 1º de maio de 1929, em Berlim, sua campanha contra os “socialfascistas” e afastou os últimos “conciliadores” das poucas funções dirigentes que ocupavam. No congresso do partido, em junho de 1929, Clara não foi reeleita para o Comitê Central.

A resolução adotada pelo Congresso afirmava que “a socialdemocracia preparava a ditadura fascista” e que o KPD devia, mais incisiva e abertamente do que antes, afirmar seus objetivos: “derrubada da burguesia, tomada do poder revolucionário pelo proletariado, instauração da república soviética socialista”.

Essa evolução dos partidos comunistas soviético e alemão mergulhava Clara em dolorosas incertezas. Confiou a Rosa Grimm, em 23 de dezembro de 1928: “Eu pensava que a morte de Lenin representava para mim o apogeu de provas dolorosas; mas isso não acaba”. Acrescentava, entretanto: “Não se pode gemer, nem baixar os braços”.

Um ano mais tarde, nota que a imprensa comunista “cala-se sobre as *Lembranças* (de Lenin, que havia acabado de publicar) como sobre tudo o que escrevi”. Depois, fala de uma amiga que acredita em tudo o que publicam as instâncias do partido, “enquanto está solidamente ancorado em um ceticismo revolucionário, sobretudo a propósito de questões que não podem ser resolvidas *a priori*, em torno de uma mesa, mas que só a prática pode resolver. A doença mais terrível que me corrói é a dificuldade que encontro em responder à questão: “Onde está a verdade? A que me obriga minha fidelidade à revolução proletária? Devo me calar ou falar?”

Chama de “farça vergonhosa” certas iniciativas do KPD, particularmente a manifestação de pretensos desempregados: “Na realidade, quase não havia desempregados. A maioria dos manifestantes eram membros do partido levando vida normal e que gritavam em coro ‘temos fome!’”

Clara também perdeu a esperança na ação do Komintern, como mostra a carta que enviou a Humbert-Droz, até então membro, como ela própria, do Comitê Executivo, e que deixara Moscou em 25 de março de 1929.

“Vou me sentir totalmente isolada e deslocada nesse órgão (o Comitê Executivo) que, de organismo político vivo que era, transformou-se em um mecanismo morto: engole ordens em idioma russo de um lado, e cospe do outro em diferentes línguas; esse mecanismo refaz o sentido e o conteúdo de alcance

mundial da Revolução Russa, transformando-os em regras de um jogo para membros de clubes de Pickwick.* É de enlouquecer, se minha confiança na marcha da história e na força da revolução não fossem tão inabaláveis”.

Nem por isso deixa de constatar que a Internacional “carece assustadoramente de homens de caráter” e que atravessa um período “de escuridão noturna”. Conclusão: “Apertar os dentes e lutar, lutar, trabalhar”.

Clara continua acompanhando de perto o que acontece na Alemanha e na União Soviética. Em 26 de setembro de 1929, escreve a Pianitzki afirmando que a evolução da Internacional e do KPD é “catastrófica. A ‘linha’ (essas aspas indicam a orientação política imposta por Stalin) anula tudo o que nos ensinou a teoria de Marx e que a prática de Lenin confirmou, demonstrando sua correção histórica”. O KPD se isola das massas. Os artigos que os dirigentes alemães publicam em jornais da Internacional e no *Pravda* são mentiras grosseiras, o que qualquer um que saiba alemão pode demonstrar. Será que acreditam poder com isso levantar a moral dos proletários soviéticos? Quanto ao proletariado alemão, considera a Internacional e o poder soviético responsáveis “por todas as loucuras e todos os crimes da direção do KPD”.

Clara se propõe a fazer chegar a Pianitzki um memorando sobre o assunto. Mas é preciso que este lhe forneça um endereço seguro. Impossível transmitir a correspondência pelo Comitê Central do partido alemão, “pois não existe ali ninguém em quem eu confie”.

* Alusão ao romance de Charles Dickens em que ele descreve de maneira grotesca os preceitos de boas maneiras da burguesia inglesa.

Em agosto, ela soube que Hermann Duncker havia sido incumbido de editar um manuscrito de Rosa Luxemburgo, a *Introdução à economia política*; no entanto, até então, era Paul Frölich [era uma das lideranças do KPDO] o editor das obras completas de Rosa, pelas quais ela era responsável. Escreve a Bukharin: “O fundo da questão é que tentam afastar Paul F(rölich)... *Jamais* estarei de acordo com tal medida”. Se até então Clara não expôs publicamente suas divergências, teve o cuidado de pôr todos os seus amigos a par de suas posições.

Quanto aos dirigentes do partido, se eles não têm Clara no coração, não podiam renunciar a se beneficiar do prestígio de que ela ainda gozava. Em agosto de 1930, incluíram seu nome, com destaque, na lista comunista de candidatos às eleições no *Land* de Württemberg. Ela aceitou, mas, em sua carta, pondera: “Vocês conhecem minha posição crítica em relação a numerosos aspectos da vida do partido”. A direção gostaria de publicar sua carta de anuência sem esta frase. Recusa de Clara: “Não tornem a tarefa difícil para mim utilizando meu nome como garantia da perfeição do partido e da inutilidade das críticas dirigidas contra ele. Estou com vocês enquanto comunista, não como crítica convertida e arrependida”.

Foi a época em que Clara tornou-se amiga de Maria Reese, deputada socialdemocrata que aderiu ao KPD em novembro de 1929. Maria Reese era amiga de Ernst Torgler, presidente do grupo parlamentar comunista do *Reichstag*. Editava um jornal chamado *Frente Unida Vermelha* com o qual Clara vai colaborar, ao mesmo tempo em que dá conselhos à redatora. Enquanto o partido continuava a denunciar os “socialfascistas”, Clara publicava um necrológio de Margarethe Wengels, sua companheira de luta de antes da guerra, que havia permanecido socialdemocrata.

Em 6 de janeiro de 1931, felicita Maria Reese por ter sabido, em seu editorial, evitar o tom dogmático que afasta os leitores e aprova sua maneira de dirigir-se aos não-comunistas. Em troca, critica um artigo deste primeiro número do *Frente Unida Vermelha* sobre a greve dos metalúrgicos berlinenses: “Está escrito no espírito da RGO o que significa: cisão dos sindicatos”. Compreende-se que tenha desaprovado a participação (teleguiada por Stalin) dos comunistas alemães no *referendum* de 9 de agosto de 1931, organizado pela direita e pelos nacional-socialistas, contra o governo socialdemocrata da Prússia.

Entretanto, nos últimos anos da República de Weimar, apesar de sua política sectária, o KPD não deixa de ganhar votos em função do que se poderia chamar de uma “astúcia da história”. Quando, em 1928, o sexto congresso da Internacional concluiu que a crise geral do capitalismo ia exacerbar-se, essa afirmação não se baseava em uma análise séria da situação econômica. Falsa em 1928, a predição do sexto congresso tornou-se correta quando explodiu a crise econômica mundial, no outono de 1929. O enorme aumento do desemprego na Alemanha radicalizou uma parte da população e o KPD vai se beneficiar, embora menos que os nacional-socialistas, desses votos de protesto. Daí a posição desconfortável de Clara: a política que ela denuncia parece ter êxito, apesar da incapacidade dos dirigentes do partido.

Hostil à direção até o fim, até o fim permanecerá devotada ao partido. Quando este cogita em lhe solicitar que inaugure a nova sessão do *Reichstag*, num momento em que está quase cega e impotente, responde: “Não levem em consideração o estado de minha saúde”.

Se se tornou tão próxima de Maria Reese e de Torgler, foi porque partilhavam suas idéias. Ela insiste, em uma carta de 27 de dezembro de 1932, em que é possível ganhar as classes mé-

dias “graças a uma teoria e a uma prática comunistas autênticas”. Até então o KPD não soube ensinar o ABC do comunismo a essas classes médias. Os fracassos são devidos, em parte, aos dirigentes. “Limitam-se a repetir, como papagaios, fórmulas abstratas, em lugar de estudar os dados históricos para verificar se suas fórmulas coincidem com a situação social concreta”. A luta travada por Torgler no *Reichstag* a faz feliz. Ele tem idéias corretas, sua tática é inteligente: seria preciso que pudesse falar às massas.

As massas eram, como outrora para Rosa Luxemburgo, a suprema esperança, o pensamento supremo. Ora, no fim de sua vida, mesmo as massas a decepcionaram. Em 1932, escreveu a Maria Reese que “o resultado das eleições legislativas (marcadas por um enorme sucesso nacional-socialista, ainda que os comunistas tenham obtido votos e cadeiras) reflete, infelizmente, o nível assustadoramente baixo do sentimento de classe entre os proletários. As massas não compreendem seu dever de fazer história, em lugar de deixar que seja feita por seu inimigo de classe. As razões objetivas do fenômeno não são claras, nem visíveis, mas, com certeza, os erros subjetivos o são”. Pleiteia, em vão, um “debate de fundo sobre os erros e as insuficiências do partido”.

Três semanas depois da chegada de Hitler ao poder, Costia que, explicitamente, concorda com a análise de sua mãe, constata, em 22 de fevereiro: “A situação é revolucionária, o aparelho disciplinado e, no entanto, a passividade é total”.

Mas, Clara, que jamais se questionou seriamente quanto às causas dessa passividade, nunca se deixa abater por muito tempo pelo pessimismo. Seu último recurso é o mesmo que o de Rosa Luxemburgo: a “toupeira” da história. “Não tenho nada de gratificante para lhe contar, mas sou uma otimista incorrigível. Existe

uma lógica das coisas, uma necessidade de ferro da história que virá à tona e triunfará, mesmo se os homens e sua razão falhem em sua tarefa”.

Depois da morte de Lenin, as primeiras divergências no seio do partido russo não abalaram sua confiança. Condenou severamente Trotski, Zinoviev e Kamenev, que “agem como loucos ou criminosos”. Censurava-os por terem qualificado os membros do Comitê Central de “lacaio do futuro Bonaparte”, mas sobretudo contestava a teoria de Trotski, segundo a qual a realização do socialismo na União Soviética não seria possível se a revolução não triunfasse nos demais países. Quando foram expulsos, lembrou seus méritos, mas aprovou a medida: “é o fim de um episódio amargo, mas de forma alguma o começo de uma catástrofe destruidora”.

Em janeiro de 1930, diz a Pianitzki que não quer julgar os assuntos russos porque não tem nenhuma confiança nos relatórios dos partidos presentes. Não está absolutamente convencida de que o plano quinquenal poderá ser ultrapassado em 200% “para utilizar a fórmula utilizada oficialmente”.

Quando se monta a campanha contra a oposição de direita, Clara se inquieta, tanto mais por ter visto com que brutalidade Stalin agiu em 1928 contra os “direitistas” do KPD: “A campanha contra Rikov, Tomski e, sobretudo, Bukharin me faz pensar, particularmente nesta tendência em aproximar estes antiestalinistas dos ‘prejudiciais’.” A esses complôs de palácio, opõe sempre “a obra poderosa da revolução criadora”.

Clara era amiga de Bukharin. Tudo permite pensar que este a manteve a par das intrigas de Stalin. Mas Clara impôs-se a maior discrição. Tanto que sua hostilidade para com Stalin deve ser lida, por assim dizer, no negativo, no que não foi dito em certos textos. Chama a atenção que, enquanto cita Lenin tão

freqüentemente, não faz quase nunca referência a Stalin, não lhe atribui nunca méritos especiais, não acrescenta a seu nome adjetivos elogiosos.

Em uma carta de 27 de dezembro de 1932 para Maria Reese, Clara se insurge contra a mania de “referirem-se incessantemente ao companheiro Stalin”, exige que “não se inclinem diante das modas ou dos deuses de um dia”, pedindo que se demonstre caráter. Maria Reese afirma que “somente Clara Zetkin ousava, em Moscou, enfrentar Stalin”.

No discurso pronunciado em 1932 para agradecer ao Estado e ao partido soviético que a haviam condecorado, Stalin é citado apenas uma vez; Lenin e Marx, três vezes. Quando, em sua carta à viúva de Lenin, por ocasião do aniversário da morte de seu marido, Clara insiste nas qualidades humanas de Lenin, “esse homem fundamentalmente bom”, e destaca o quanto “seu imenso talento, sua maturidade, sua formação teórica e seu caráter desinteressado teriam particular importância, agora, principalmente, para a construção do socialismo”, não se pode deixar de notar que essas qualidades de Lenin são precisamente as que faltam a Stalin.

Da mesma maneira, quando, no fim de sua carta, Clara diz a Krupskaja, “para mim, é você a fiel executora testamentária de Lenin”, esta afirmação põe em evidência a oposição à vontade manifesta de Stalin de ser o herdeiro e seguidor do prestigioso revolucionário.*

Em 1930, sem dúvida também não é por acaso que Clara dirige a Riazanov, por ocasião de seu sexagésimo aniversário, uma

* Em sua biografia, publicada em 1938, pode-se ler: “Stalin é o precioso continuador da obra de Lenin ou, como se diz no partido, Stalin é o Lenin de hoje”. (Esta frase foi escrita por próprio Stalin).

carta na qual faz-lhe inúmeros elogios, felicitando-o pela publicação das obras completas de Marx e Engels.*

O conflito com Stalin se acentuou quando este publicou, em 1931, um artigo que aproximava as teorias de Rosa Luxemburgo, batizadas de “luxemburguismo”, ao “menchevismo”, o que teve como efeito quase imediato, ao mesmo tempo, interromper a publicação das obras da amiga de Clara, que esta supervisionava, e desqualificar totalmente (e por muito tempo) a obra e a ação de Rosa Luxemburgo aos olhos dos comunistas ortodoxos.

Foi em vão que Clara tentou lutar contra a corrente. Suas cartas a Bukharin e Warski, nas quais insistia para que julgassem Rosa Luxemburgo a partir de suas obras, não tiveram efeito algum. A partir do momento em que Stalin decidiu, desde aquela época, qualquer discussão objetiva tornava-se impossível. Uma carta de Wilhelm Pieck a Thälmann, de 11 de janeiro de 1932, opondo-se a uma avaliação esquemática e sectária da obra de Rosa Luxemburgo, tampouco obteve resultados práticos.**

Em suas memórias, Maria Reese conta como, quando Clara evocava esses fatos, “lágrimas corriam irresistivelmente por suas faces” (...) Ela dedicava a Stalin um ódio apaixonado, considerando-o responsável pelo fato de, de seus ideais, só restar um monte de escombros. “O socialismo”, não deixava de declarar, “significa felicidade para a humanidade e não tirania e fome”. Teria acrescentado: “Os camponeses sofrem uma fome espantosa. Não é possível que coisa semelhante ocorra na Alemanha”.

* Riazanov, assim como Pianitzki e Bukharin, serão vítimas, alguns anos mais tarde, dos processos estalinistas.

** Wilhelm Pieck escreveu de Moscou. Não é impossível que uma intervenção de Clara o tenha levado a tomar essa iniciativa.

Pode-se imaginar o drama moral que viveu Clara nos últimos anos de sua vida, as dolorosas interrogações que perseguiram seu espírito. Essa mulher, que lutou toda a sua vida por um socialismo que deveria trazer a liberdade para o gênero humano, uma vida melhor para os oprimidos, a emancipação para as mulheres, via esse socialismo conspurcado e deturpado por aqueles que o comandavam tanto na URSS quanto na Alemanha, enquanto o fascismo tomava o poder em Berlim e a ameaça da guerra mundial surgia de novo.

Teria aflorado nela, então, uma dúvida? Talvez. Terá ela, por isso, cogitado que havia se equivocado, ao escolher, em 1890 e depois, em 1919, o caminho seguido até aquele momento? Provavelmente não. Tanto quanto jamais lhe ocorreu criticar publicamente a orientação dada ao comunismo, nem expor as desgraças dos camponeses russos. Fazer coro com os inimigos da União Soviética, que eram poderosos e agressivos, teria sido, a seus olhos, uma traição. Constatando lucidamente os erros dos revolucionários russos e alemães, ela continuava a ter fé nessa divindade abstrata, a “Revolução”, cuja vinda e vitória não deixava de aguardar.

E isso explica, sem dúvida, porque Stalin não se livrou dela, como havia feito com seus adversários no seio do partido soviético.

Primeiro, porque a hostilidade entre Clara e Stalin não se tornou patente senão a partir de fevereiro de 1928. Até então, Clara aprovou e defendeu a linha política de Stalin contra os que – Zinoviev e Trotski – consideravam impossível a construção do socialismo em um só país, a União Soviética. Quando Stalin começou a atacar os bolcheviques cujas idéias Clara partilhava, Tomski e Rikov, depois Bukharin, Clara não desempenhou nenhum papel nesses confrontos, pois não podia intervir nas di-

vergências internas do partido soviético. Na Alemanha, Stalin conseguiu instalar na direção do KPD um sólido triunvirato contra o qual uma Clara, que a doença havia retido na URSS, não podia muito. Sua oposição a Stalin e à política do KPD permanece “privada”, quase secreta.

Assim, por que tirar do Comitê Executivo da Internacional uma mulher cujo prestígio é maior do que o perigo que representa? Sua oposição às decisões do *Komintern* é inócua, permanecendo um assunto interno, conhecido apenas por uma dúzia de comunistas.*

Em seus comparecimentos públicos, em seus artigos, Clara continuou a exaltar os êxitos da Rússia soviética, a denunciar a ameaça representada pelos imperialistas. Não era, para Stalin, o essencial?

Pode-se, entretanto, pensar que, se fosse mais jovem, ela teria, alguns anos mais tarde, a sorte de Bukharin, talvez de Margarete Buber-Neumann.

* Charles Rappoport confirma “que Stalin não gostava dela”, mas que, também, ela não tinha mais possibilidade de agir. “Morreu quase isolada do movimento que havia contribuído para criar”.

XXIII – SOBRE O FASCISMO

A ATITUDE DO MOVIMENTO OPERÁRIO alemão com relação ao fascismo é um dado capital da História da República de Weimar. Nem o SPD, nem o KPD, nem os sindicatos dimensionaram corretamente o nacional-socialismo e, portanto, não tentaram analisá-lo seriamente. Conseqüentemente, não compreenderam a tempo o perigo que representava, para eles mesmos e para a Alemanha. Ora, foi essa incompreensão e os conseqüentes erros de estratégia que explicam por que o movimento operário alemão, cujas forças eram, todo o tempo, numericamente iguais ou superiores às dos nazistas*, não conseguiu opor-se ao crescimento e à chegada ao poder do fascismo alemão.

* Lembremos que, nas últimas eleições livres, em 6 de novembro de 1932, o SPD obteve 7,248 milhões de votos, o KPD 5,980 milhões (no total, 13,228 milhões de votos) e o NSDAP, que perdeu 2 milhões de votos em relação às eleições de julho de 1932, 11,737 milhões. É bem verdade que o nacional-socialismo recebeu importantes apoios.

Bem cedo a Internacional e o KPD aproximaram a socialdemocracia do fascismo, praticamente assimilando uma ao outro. Desde o quinto congresso da Internacional. Em 1926, na sessão seguinte do Comitê Executivo do *Komintern*, Clara Zetkin criticará essas fórmulas simplificadoras. Clara, que eu saiba, jamais empregou a expressão socialfascismo.

Ora, a partir do sexto congresso da Internacional, a socialdemocracia alemã assimilou o fascismo, afastando-se da doutrina, tanto da Internacional quanto da direção do KPD.

Em setembro de 1929, podia-se ler num jornal comunista da Renânia esta definição do fascismo: “O fascismo, sob todas as suas formas – seja enquanto socialfascismo e inserido no Estado burguês, seja enquanto movimento da cruz gamada – é um dos meios mais importantes do capital financeiro para preparar uma nova guerra imperialista”.

Assim, estava excluída toda cooperação, toda aliança com a socialdemocracia contra o perigo fascista. O que explicitava o *A Bandeira Vermelha* nestes termos: “Contra os socialistas policialescos, contra os lacaios do fascismo, só pode haver para nós um combate – até o fim. Ninguém, no KPD, acredita ser possível vencer o fascismo aliando-se ao socialfascismo”.

Quanto a Clara, não renunciou a fazer os socialistas participarem, pelo menos alguns socialistas, do combate comum. Recomenda-se “uma firmeza inabalável quanto aos princípios”, insiste também na “maleabilidade na tática”.

Se o KPD fez tardiamente algumas tímidas tentativas (em 1932) para formar uma frente com alguns socialdemocratas, em nada modificou sua análise. Mesmo depois da chegada de Hitler ao poder, essa avaliação foi mantida. A socialdemocracia permaneceu o adversário que era necessário abater.

Outra tática contra a qual Clara advertiu, sem êxito: os

comunistas tentavam vencer os nazistas em seu próprio terreno, o nacionalismo. Em 24 de agosto de 1930, o KPD publicou um programa “de libertação nacional e social do povo alemão”, no qual pretende ser “o único partido eficaz contra o plano Young e contra a paz dos adversários de Versalhes”. Lembre-se de que no *Reichstag*, dez anos antes, Clara se insurgiu contra as conseqüências do *Diktat*. Não recuou desta posição. Mas, em dezembro de 1932, explica a Maria Reese que é um erro “substituir a luta contra o capitalismo pela luta contra Versalhes”. Ao fazê-lo, estabelecemos “uma comunhão de pontos de vista com os nazistas que só pode lançar confusão entre os trabalhadores”.

Seu filho Costia retoma exatamente a mesma argumentação às vésperas da chegada ao poder dos nacional-socialistas. Critica o KPD por organizar manifestações por ocasião do décimo aniversário da entrada das tropas francesas no Ruhr. Com tais palavras de ordem “não se mobiliza ninguém e não será possível vencer os nazistas”.

Nem o KPD nem o SPD tentaram uma sociologia do fascismo. Um e outro pensavam e escreviam, até 1933, e mesmo depois, que o nacional-socialismo não é senão uma variante do capitalismo. Segundo a definição de Dimitrov, “a ditadura terrorista escancarada dos elementos mais reacionários, mais chauvinistas, mais imperialistas do capital financeiro”. Desta ótica, Hitler era um simples agente do capitalismo, uma marionete manobrada por banqueiros e industriais. Semelhante concepção não permitia compreender nem as especificidades nem o êxito da ideologia nacional-socialista junto a um número cada vez maior de alemães.

Muito antes de seu triunfo na Alemanha, Clara tentou analisar o fenômeno fascista. Em junho de 1923, submeteu ao Co-

mitê Executivo da Internacional suas reflexões sobre a questão. Ainda hoje sua análise não deixa de ter interesse.

Primeira constatação: não existe estudo convincente sobre o fascismo. Não temos sobre ele, diz ela, senão “uma imagem extremamente confusa”. O único elemento desse movimento que até agora foi considerado é o terror brutal que busca impor.

Segunda constatação: “O fascismo não se apóia em uma pequena casta, mas em amplas camadas sociais que abrangem até mesmo uma parte do proletariado”. Assim, enfrentá-lo na rua, como preconizava Heinz Neumann, não basta. “É preciso vencê-lo também política e ideologicamente”.

Em seguida, Clara demoliu a interpretação – que atribui aos socialistas reformistas – que faz do fascismo uma reação ao comunismo e à revolução soviética. Sua tese: o fascismo é a consequência do abalo e do declínio da economia capitalista e um sintoma da decomposição do Estado burguês”.

A guerra teve como conseqüências “a proletarização de amplas camadas da pequena e média burguesia, a situação desesperada dos pequenos camponeses e a negra miséria dos intelectuais”.*

Toda essa gente está “à procura de novas possibilidades de vida, de um emprego estável e de uma posição social garantida”. A eles somam-se oficiais e suboficiais sem emprego. A maioria das observações de Clara, formuladas em 1923, aplicam-se perfeitamente ao movimento nacional-socialista e à situação da Alemanha no começo dos anos de 1930. Basta substituir “as conseqüências da guerra” pelas da crise econômica.

* A noção de intelectuais inclui, para Clara, os engenheiros, os técnicos de nível superior, os membros das profissões liberais, os altos funcionários, os artistas e os escritores.

Os fascistas são, de um lado, homens e mulheres decepcionados com a ausência de renovação social depois do grande massacre de 1914-1918. E aqui intervém a responsabilidade dos comunistas. Diante do malogro da revolução, as pessoas “perdem a confiança no proletariado enquanto classe capaz de transformar a sociedade”.

O que a revolução não conseguiu esses homens e mulheres pensaram que seria obra dos elementos mais capazes, mais enérgicos, mais intrépidos de todas as classes, que era preciso reunir em uma comunidade.* Para os fascistas, essa comunidade é a nação. (...) O instrumento que deve lhes permitir realizar o ideal fascista é o Estado. Um Estado forte e autoritário, que seria, ao mesmo tempo, sua criatura e seu dócil instrumento”.

Desta análise deduz-se que há no fascismo elementos “susceptíveis de se tornarem extremamente desconfortáveis para a sociedade burguesa”. Mas, até aqui, os elementos revolucionários do fascismo foram ultrapassados e algemados pelos elementos reacionários”. Foi um pouco o que se passou na Alemanha em 30 de junho de 1934, quando foram eliminadas as divisões de assalto. Muitos eram, na massa dos SS, os que esperavam uma “segunda revolução” e que achavam que Hitler se comprometia demais com banqueiros e industriais.

Clara pensava que, “sob a pressão das massas, os dirigentes fascistas são obrigados a ‘namorar’ o proletariado revolucionário”. Foi o que fez Goebbels, em Berlim, em novembro de 1932, por ocasião da greve dos transportes berlinenses. Era o que faziam os ideólogos nazistas, quando se diziam os anticapitalistas mais conseqüentes etc. Clara resume as duas características constan-

* Para os nacional-socialistas, a *Volksgemeinschaft* [Comunidade do Povo] é de fato uma noção central de sua ideologia.

tes do fascismo: “um programa pseudo-revolucionário que, muito habilmente, se apóia nas correntes de opinião, nos interesses e nas reivindicações das massas sociais mais amplas e, ao mesmo tempo, usa o terror”.

Segue uma análise detalhada da chegada ao poder de Mussolini. Clara menciona duas medidas que Hitler reproduzirá em 1933. Depois de ter obtido do Parlamento um voto de confiança, os fascistas lhe dão férias por quatro anos. Por outro lado, transformam suas tropas de choque em auxiliares da polícia.

Clara estava convencida de que o fascismo poderia ser vencido por uma propaganda convincente. Os comunistas não deveriam dirigir-se apenas aos trabalhadores manuais, mas assumir também os interesses dos trabalhadores intelectuais. O KPD “deve estar na vanguarda de todas as camadas sociais que, por seus interesses e seu desejo de atingir um nível cultural mais elevado, entram cada vez mais em confronto com o capitalismo”.

Para tanto, é preciso falar-lhes uma linguagem que corresponda a sua mentalidade e que se articule com as preocupações dessas diversas categorias sociais. Assim, nada de linguagem rígida, nada de fórmulas abstratas e passes de mágica, que servem para qualquer ocasião e não convencem ninguém.

Não basta defender seus interesses econômicos. É preciso fazer que recuperem a esperança de que é possível construir um mundo melhor, trazendo-lhes “todo o nobre conteúdo do comunismo enquanto concepção do mundo”.

Sempre otimista, confiando exageradamente nas massas e no processo histórico, Clara afirmava que o fascismo cairia inevitavelmente. Escrevia – no que se enganava – que “os antagonismos de classe são mais fortes que todas as ideologias que as negam e se impõem apesar do fascismo, talvez graças a ele e contra ele”. Mas era bastante realista para pensar que a derrocada do fascis-

mo “pode ser ainda retardada por muito tempo”. Na Alemanha, não caiu senão depois de doze longos anos de terror. E sua queda não foi resultado dos antagonismos de classe.

Se foi na Itália que o fascismo conseguiu chegar ao poder, na Alemanha, naquele ano de 1923, ele obtinha seus primeiros êxitos. Antes mesmo de fazer seu relatório para a Internacional, Clara, em abril de 1923, previu, em uma conferência dos conselhos de empresa da Renânia e Westphalia quanto ao perigo que ele representava. “Não se trata apenas das modestas conquistas de sua luta longa e tenaz, mas de sua vida, simplesmente. O combate contra o fascismo tem a ver com a autodefesa”. E conclamava, pois, “os homens e mulheres de todas as profissões, de todas as correntes políticas e sindicais, de todas as crenças religiosas e sociais a se unir para este combate”.

O fracasso do golpe nacional-socialista de Munique no início de novembro e a estabilidade reencontrada da economia alemã reduziriam muito, durante alguns anos, a audiência do partido de Hitler. Mas, a partir de 1929, este obtém novos êxitos e, nas eleições de 1930, com seus 6,41 milhões de votos, torna-se bruscamente o segundo partido no *Reichstag*, depois da socialdemocracia.

Foi então que os nazistas propagaram o *slogan* do “bolchevismo cultural”. Em uma carta de 15 de março de 1931 à Krupskaja e às irmãs de Lenin, Clara, que permanecia então em Birkenwerder, perto de Berlim, solicita a suas correspondentes documentos “confiáveis” sobre o desenvolvimento do ensino na União Soviética, particularmente no seio das minorias nacionais, que ilustrem “a grandiosa obra cultural” realizada na URSS. Ela considera que essa documentação é indispensável para instrumentalizar melhor os companheiros alemães. Não basta mostrar “a hipocrisia da cul-

tura burguesa”, é preciso poder afirmar: “Vejam e aprendam: eis o bolchevismo cultural na prática”.

No fim de 1931, Clara Zetkin voltou à Rússia. Em sua carta a Wilhelm Pieck, de março de 1932, insiste sobre a derrota que significa, para o KPD, o fato de não ter “conseguido enfrentar a enorme onda nazista” e retoma em parte sua análise do fascismo redigida nove anos antes.

“Não poderíamos nos consolar argumentando que o eleitorado do fascismo é constituído, principalmente, de pessoas pertencentes à pequena e média burguesia. Não nos esqueçamos de que nós também necessitamos urgentemente dessas massas como aliadas em nossa luta. De outro lado, é incontestável que, entre os que seguem Hitler, há também muitos elementos proletários que se sentem enganados, tanto pelo SPD quanto pelo KPD. As divisões de assalto nazistas, precisamente, são compostas, em boa parte, por proletários desempregados”.

A crise que golpeia tão rudemente os trabalhadores alemães é um terreno favorável à propaganda comunista. “Infelizmente, (o KPD) passou até aqui muito mal no exame que diz respeito a esta tarefa” (que consiste em convencer as vítimas da crise).

Sem descanso, Clara, contra o sectarismo do KPD, pleiteia uma ampla frente dos antifascistas. Já em 1923, declarara: “Se os operários não se unem, independentemente dos partidos e dos sindicatos, é impossível para o proletariado defender-se com êxito do fascismo”.

Em junho de 1932, de Moscou, em uma mensagem dirigida à Conferência antifascista organizada em Berlim pelo KPD, Clara reafirmou sua tese. A frente antifascista “deve, além do proletariado, englobar todos os trabalhadores, da datilógrafa ao professor universitário”.

As eleições de 31 de julho de 1932 haviam representado um triunfo para os nazistas. Em dois anos, passaram de 107 para 230 cadeiras, tendo obtido 13.745.800 votos. Clara, embora não tendo participado da campanha eleitoral, foi, mais uma vez, eleita na lista comunista apresentada em Württemberg. Com seus setenta e cinco anos era a mais velha do *Reichstag*.

Quando o Comitê Central perguntou-lhe se aceitaria inaugurar a próxima sessão do Parlamento, respondeu que “iria, viva ou morta”.

Em 1932, a Alemanha estava ainda mergulhada em uma verdadeira guerra civil. Todos os domingos os enfrentamentos entre SS e grupos de esquerda faziam dezenas de vítimas. O KPD recebeu uma carta anônima dirigida a Clara. “Se tiver a ousadia de inaugurar a sessão do *Reichstag*, será arrancada da tribuna pelas orelhas e jogada fora da sala a pontapés. É o tratamento que convém à maldita raça vermelha”. O bilhete estava assinado por “um nacional-socialista”.

O KPD tinha alguma razão para temer pela segurança da mais velha deputada do *Reichstag*. A imprensa nazista, assim como a dos partidos de direita, considerava impensável, e até indigno, que uma “judia comunista” [*Observatório do Povo*, de 21 de agosto], “uma moscovita”, uma mulher “culpada de alta traição” [*Observatório do Povo*, de 31 de agosto], inaugurasse a sessão do Parlamento. O *Jornal de Frankfurt* falava “de abusos vergonhosos das prerrogativas da idade”; quanto ao *Ataque*, o jornal de Goebbels, tratava Clara de “sacripanta”.

Ela deixou Moscou em 25 de agosto, acompanhada de seu filho Maxim. Por prudência, este decidiu que Clara não chegaria a Berlim de trem. Desceu em Küstrin. Um automóvel a esperava, para levá-la à capital. Hospedaram-na em casa de verdadeiros amigos. Maxim Zetkin relata: “Tínhamos passaportes

totalmente regulares. No entanto, obrigavam-nos a uma vida de clandestinos. Ninguém devia saber nossa identidade nem nosso domicílio.”

Clara estava muito fraca, sujeita a desmaios e quase cega. Em 30 de agosto, em um *Reichstag* repleto onde predominavam os deputados nazistas, de uniforme SA e SS, dois deputados comunistas ajudaram aquela velha senhora a subir à tribuna: ela pronunciou, com voz dificilmente audível no início, mas que se firmou pouco a pouco, tornando-se apaixonada, um discurso em que não hesitou em falar “do terror exercido pelos fascistas e da covardia do liberalismo burguês”, mas também “da passividade de uma grande parte dos trabalhadores”.

À Alemanha mergulhada na crise opunha o exemplo do Estado soviético, que confirmava, segundo ela, “que os trabalhadores têm a maturidade necessária para construir uma nova ordem econômica ao abrigo dessas crises desastrosas, porque foi suprimida a causa do modo de produção anárquico, a propriedade privada dos meios de produção”.

Mas o coroamento de seu discurso foi sem dúvida o apelo patético a que se constituísse “uma frente unida de todos os trabalhadores para rechaçar o fascismo, conservando desse modo as organizações dos escravos da exploração. (...) Frente a essa imperiosa necessidade histórica, todas as opiniões políticas, sindicais, religiosas, ideológicas que nos causam dificuldades e que nos desunem devem passar ao segundo plano”.

Fiel a sua luta feminista, Clara insistia em que “os milhões de mulheres que carregam ainda as cadeias da escravidão de seu sexo” não fiquem fora desta frente unida, assim como a juventude e os intelectuais.

Um jornal de direita, no dia seguinte, descrevendo a sessão, assinalava: “Amigos e inimigos ouviam esta representante do

pensamento bolchevique. Acredita no que diz, o que obriga a tolerá-la, mesmo sendo suas convicções inaceitáveis”.

Terminado seu discurso, Clara, titubeante, desceu da tribuna e Maxim a levou. Algumas semanas mais tarde, voltava a Moscou.

O grupo parlamentar comunista, sem dúvida por iniciativa de Ernst Torgler, divulgou em edição especial o “Apelo da velha militante da luta de classes ao proletariado berlinense”.

Sabe-se que este apelo não foi ouvido: o “proletariado berlinense” e alemão permaneceu dividido, facilitando assim a vitória desse fascismo que Clara analisou melhor, sem dúvida, do que qualquer outro comunista.

Pode-se, entretanto, indagar se a Clara de 1932 não havia esquecido a análise da sociedade alemã que fazia em 1919, quando expunha a Lenin o poder da burguesia alemã, grande, média e pequena. Ao pensar que a situação objetiva era revolucionária e que apenas estava atrasada a tomada de consciência das massas trabalhadoras, não estaria subestimando as possibilidades do Estado alemão e da burguesia alemã e, em particular, o apoio que grandes fazendeiros e os meios industriais e financeiros forneciam ao movimento nacional-socialista? A visão (ou melhor, o sonho) de um socialismo vitorioso não seria o véu que a impedia de avaliar com exatidão as forças dominantes na sociedade alemã?

O Socorro Vermelho Internacional decidiu organizar, de 17 a 25 de junho de 1933, uma “semana”, destinada a mobilizar seus adeptos no mundo inteiro, enquanto Willi Münzenberg preparava em Paris o famoso *Livre Brun* [Livro Marrom]. Solicitada, Clara escreveu um texto intitulado “Ajudai a luta heróica dos operários alemães contra o terrorismo sangrento do fascismo hitlerista”. Foi seu último artigo. Nem Clara, nem qualquer outro líder comunista tinha noção do tamanho da derrota do movimento operário alemão.

XXIV – CREPÚSCULO DE UMA VIDA

DOS DEZ ÚLTIMOS ANOS DA VIDA de Clara Zetkin, podem-se mostrar duas imagens, aparentemente contraditórias. Primeira, a de uma mulher de saúde frágil, quase impotente, que vai de tratamento a tratamento, entremeando suas estadias às margens do mar Negro ou do mar Báltico com longas permanências em uma casa de repouso perto de Moscou. Segunda, a de uma militante intrépida que não recusa nenhuma batalha, nenhuma ocasião de afirmar suas convicções, quer o adversário se chame Stalin, Thälmann ou Hitler.

As duas imagens são verdadeiras. A partir de 1923, Clara ficou freqüentemente presa em seu quarto ou em seu leito pela doença mas, no entanto, jamais deixou de escrever, com a preocupação sempre presente de explicar e convencer.

De que padecia? Sua visão diminuía sem cessar: já havia sofrido três operações sucessivas antes da guerra. Foi operada novamente em abril de 1926. Depois de 1931, ficou quase cega.

Uma comissão médica que a examinou em 1924 concluiu: “Esgotamento nervoso. Coração e rins em mau estado”.

São sobretudo as perturbações na circulação que a obrigam a ficar de cama, agravadas por crises de paludismo. Sem dúvida, contraíra a malária durante uma de suas estadias no Cáucaso.

Foi para lá – para Kislovodski, a uma centena de quilômetros ao norte da Geórgia – que os médicos a enviaram, em junho de 1923, depois que apresentou seu relatório sobre o fascismo. Como uma de suas pernas não estava mais irrigada normalmente, os médicos haviam cogitado em amputá-la, desistindo posteriormente, visto que a circulação sanguínea, bem ou mal, se restabelecera. Em julho de 1924, depois do quinto congresso do *Komintern*, os médicos decidiram enviá-la novamente para tratamento no Norte do Cáucaso.

“Eu tinha ordem estrita”, diz ela, “de não fazer nada. Repouso absoluto. O mundo cheio de lutas e combates devia desaparecer para mim atrás das montanhas que cercam o vale, algumas cobertas de mata até o cume, outras formadas de massas de rochas nuas, com vertentes abruptas. Eu ficava em um lugarzinho isolado, no meio de magníficas florestas de carvalhos, de freixos e outras árvores, que crescem nos jardins e nos pátios, até diante das varandas e das janelas das casas. Quem quiser fugir do barulho e da agitação das cidades pode desfrutar aqui de uma calma deliciosa, no meio de benéficas fontes de água mineral”.

Em 24 de novembro de 1925, voltou à Alemanha. No dia 27, pronunciou no *Reichstag* um longo discurso contra o pacto de Locarno. Nesse tratado, a Alemanha se comprometia a respeitar suas fronteiras ocidentais, mas se recusa a incluir as fronteiras orientais no acordo. Para Clara, a paz assinada não era senão

uma “paz provisória”. E, como há cinco anos antes, ela afirma que o futuro da Alemanha depende de um acordo de interesses, no plano político e econômico, com a União Soviética.

Clara iniciou então uma turnê de conferências que a levou às principais cidades da Alemanha: Hamburgo, Colônia, Stuttgart, Leipzig, Chemnitz, Essen. Ela exalta os progressos da Rússia soviética que, contrariamente às profecias de muitos jornais, não havia se desmantelado economicamente. Tenta unir todas as vítimas da exploração capitalista e da racionalização industrial. Seu discurso é dirigido principalmente às mulheres.

Em 1926, novo agravamento de seu estado de saúde. Em Moscou, os médicos consideram que uma operação poderia conservar uma parte de sua visão. Esta foi realizada em 20 de abril. A convalescença foi lenta e dolorosa.

O ano 1927 foi o ano do reconhecimento da apoteose de Clara. Fez setenta anos em julho. Junto a Wilhelm Pieck, insiste – em vão – para que se renuncie a “todo esse barulho”, por ocasião de seu próximo aniversário. “Desprezo a hipocrisia que vem à luz nessas festas e também os elogios. Vejo ao meu redor todos os que, nesses últimos anos, me injuriaram, caluniaram, suspeitaram de mim e, pior, descartaram-me, limitando assim minhas possibilidades de ação”.

Felizmente, não eram apenas seus adversários políticos que hipocritamente a festejavam. Seus amigos e amigas de longa data publicaram artigos na *Correspondência Internacional*, onde lembravam seus méritos e, sobretudo, suas lutas.

A homenagem de August Thalheimer tem interesse maior, na medida em que explicita, explica e defende as posições políticas de Clara.

Ele lembra que “não está tão distante a época em que era moda, entre nós, começar a história do partido em 1924 e ali-

nhar Clara Zetkin, com Rosa Luxemburgo e Franz Mehring, entre os acessórios”. Explica porque as novas gerações tendem “a priorizar o que os separa da socialdemocracia e do movimento operário”. Ora, para conduzir “os operários socialdemocratas ao caminho do comunismo”, é indispensável compreender a socialdemocracia” e ter uma “idéia de sua grandeza e de sua complexidade”. Ora, “Clara Zetkin reuniu em si, incorporou os dois períodos do movimento operário alemão e internacional, o período socialdemocrata e o período comunista”.

Considerar esses precursores como “velhos quadros” é ignorar “que não se pode destruir as pontes, depois que se passou por elas”. August Thalheimer espera que o KPD não demore em folhear o *A Igualdade* “para escolher os melhores e mais importantes trabalhos de Clara Zetkin”. Para terminar, insiste em sua cultura e seu internacionalismo.

“A filosofia e a literatura clássica alemãs não eram, para Clara Zetkin, terreno desconhecido nem bagagem inútil. (...) Se ela dispunha de raízes internacionais densas e mais profundas do que as da média dos dirigentes da socialdemocracia alemã, era também profundamente enraizada na cultura nacional alemã.”

No *L'Humanité* de 10 de julho de 1927, Charles Rappoport insistiu nas qualidades de coração de Clara:

“Os antimarxistas vulgares acreditam ingenuamente, ou fingem acreditar, (...) que o marxismo exclui toda a sensibilidade, toda a ternura, todas as deliciosas qualidades que dão tanto encanto ao coração feminino. Nossa Clara, conhecida e venerada pela elite proletária do mundo inteiro, é a prova viva da estupidez desse preconceito. (...) A ciência (...) não elimina as aspirações mais generosas e mais nobres: ao contrário, fortifica-as e consolida-as, poupando-as dos caprichos e das mudan-

ças de humor, assim como dos acidentes dolorosos de nossa vida pessoal. Foi este o caso de Clara Zetkin.”

Como de costume, as diversas instâncias da Internacional tinham, por sua vez, celebrado os méritos de Clara. A seção feminina do Comitê Central do Partido Comunista Soviético tinha, entre outras coisas, proposto conceder três bolsas, uma a uma operária, outra a uma camponesa, a terceira a uma “mulher do Oriente”, para que continuassem seus estudos; ou melhor, uma viagem de estudos ao estrangeiro seria oferecida a uma operária, a uma camponesa e a uma “mulher do Oriente” que tivessem terminado brilhantemente seus estudos superiores.

Depois das cerimônias, Clara voltou à Alemanha, em agosto de 1927. Uma fotografia onde se vê como foi acolhida na estação Lehrter em Berlim, dá uma idéia de sua popularidade. Acompanhada de mais de uma centena de simpatizantes, caminha no meio de um corredor de pessoas que um *schupo* [policial], em primeiro plano, contém. Wilhelm Pieck dá-lhe o braço. Imediatamente depois dela, duas grandes bandeiras vermelhas. Seguem-na muitas mulheres. Na multidão, muitas cabeças descobertas, alguns bonés; ela mesma tem os cabelos presos em uma espécie de gorro.

A partir de então, as viagens cansam-na. E quando Clara volta à Alemanha, sua presença é necessária em Berlim, devido ao Parlamento e às reuniões da direção do partido. Assim, decidiu, não sem nostalgia, vender sua casa de Sillenbuch, perto de Stuttgart. Costia foi incumbido da operação. Ela pensa em se instalar na periferia de Berlim, acabando por adquirir uma casa em Birkenwerder (onde está reunida, hoje, uma parte de seus arquivos). Mas, ali, era impossível manter os cachorros aos quais era tão apegada.

No Natal de 1927, estava de novo em Moscou. Passou as festas com Maxim e sua mulher. Ouvem Mozart e Grieg, “ape-

sar dos pinheiros, um verdadeiro Natal não é possível aqui”, escreve ela a seu filho mais moço. Sem dúvida, não há um verdadeiro Natal senão no país do *Tannenbaum* [árvore de Natal].

Clara mantém uma assídua correspondência com Costia. Tampouco esquece Hanna, a primeira mulher de Maxim, que permaneceu na Alemanha, nem o pequeno Wolfi, filho dessa união, que acabava de completar seis anos.* Clara lhes envia dinheiro regularmente.

Manifesta uma grande ternura a seus dois filhos, mantém-nos sempre a par de seus problemas pessoais, mas também políticos.** Em julho de 1928, da casa de repouso de Archangelsk, perto de Moscou, onde permaneceria, a partir de então, por longos e freqüentes períodos, Clara enviou a seu filho, que mais tarde viria por sua vez à União Soviética, cinco exemplares de uma mesma carta, que deveria ser encaminhada por vias seguras a cinco destinatários: uma delas estava dirigida a Bukharin, a outra a Humbert-Droz.

Em 28 de março de 1928, devia preparar o pronunciamento que faria na Academia das Ciências Sociais de Moscou. Clara não gostava nada dessas solenidades. “Maldita palestra”, escreve a Costia, “sinto todas as dores do parto e, ainda por cima, estou estressada”.

Os médicos lhe recomendam uma nova temporada em uma estação de tratamento em Kislovodski, em setembro. “Sigo meu regime”, escreve, “apesar de meu ceticismo em relação à medici-

* Alistado na Wehrmacht, foi morto durante a guerra, na frente Leste, enquanto seu pai, que permaneceu na URSS, cuidava dos feridos do Exército Vermelho.

** Maxim foi um médico de reconhecida competência. Voltou à Alemanha Oriental depois da guerra, vindo a exercer altas funções no Ministério da Saúde. Costia emigrou para a França em 1933, depois para o Canadá, onde se radicou. Morreu em 1990.

na. Há quatro dias tomo, como alimentação, apenas quatro copos de leite por dia. Mila (a segunda mulher de Maxim) lava o meu corpo em água fria às 6 horas da manhã; às 6:30 horas, vem a massagista; depois, levam-me para o jardim, onde fico o dia todo. Proibição de ler, escrever e pensar. Maxim e Mila vêm, às vezes, ler para mim”.

Estava também proibida de escrever, salvo cartas para Costia. Esta foi datada de 19. Nova carta em 24 de setembro. “Perdi dois quilos. No momento, devo permanecer deitada”. De sua espreguiçadeira, vê ao longe o cume do Elbrouz. Vez ou outra, recebe a visita de uma delegação de mulheres muçulmanas. Os Bukharin também vieram vê-la. Acho-o “pálido, nervoso, fatigado”. Em 4 de outubro, conta a Costia que Bukharin e Maxim partiram para o Cáucaso, para caçar, durante três dias. Seu pulso está mais regular. “Ontem, subi os treze degraus de minha escada, sem que meu pulso disparasse”.

Sua última permanência longa na Alemanha ocorreu no fim dos anos de 1920. Em 1929, foi participar dos debates parlamentares e, no ano seguinte, da campanha eleitoral. Foi reeleita, tendo os comunistas obtido 77 cadeiras, ganhando 1,3 milhões de votos com relação às eleições precedentes.

Clara instalou-se em Birkenwerder. Mas, uma vez mais, suas forças a abandonavam. “Sinto-me completamente arrasada”, escreve em novembro de 1930. “Necessitaria de forças mil vezes superiores para gritar àqueles que o capital explora e esmaga: coragem, confiança em vocês mesmos, tenham vontade de agir. As condições objetivas de sua libertação estão maduras. Provem sua própria maturidade agindo! E sou uma enferma impotente”. Tal foi sua mensagem de Natal a seu irmão Arthur. No entanto, sua saúde se restabeleceu pouco a pouco. Em agosto de 1931, planeja uma estadia às margens do mar Báltico. Se este tratamento lhe fi-

zer bem, partirá para Moscou no fim do outono. Os projetos que faz naquele momento surpreendem. Quer ir à Armênia, ao Azerbaijão, ao Uzbequistão, ao Kazaquistão e ao Turquestão para reunir aí “uma documentação autêntica e impressões pessoais, pois é nesses países que melhor se vê o choque entre o antigo e o novo, estudando a situação social e psicológica das mulheres.”

Infelizmente, quando chega a Moscou, em janeiro de 1932, não é para a Armênia que vai, mas para um quarto do hotel Metrópole, onde permanecerá por mais de seis meses. Em 4 de junho de 1932, escreve a Maria Reese: “Estou fraca demais para fazer a viagem até a casa de repouso. Em alguns dias sinto-me incapaz de mexer um dedo e até de falar”.

Eis como passava, então, seus dias. Levantava-se muito cedo, por volta das cinco horas da manhã. Permanecia em sua cama e escrevia, com uma letra inábil e de grandes traços. Depois, vestiam-na. Almoço frugal. Liam-lhe os artigos mais importantes dos jornais da manhã. Depois do almoço, quando tinha forças, passeio de meia hora. Depois, escrevia cartas ou ditava artigos.

E esta mulher não hesitou em ir a Berlim para inaugurar a sessão do *Reichstag!* Quando voltou a Archangelsk, seu estado não melhorara. “Os médicos proíbem todas as visitas. Fico deitada durante semanas, sem me mexer; todos os meus sentidos estão adormecidos. Atualmente, posso descer até o parque, mas lá fico estendida durante a maior parte do dia”.

Foi sem dúvida nessa época que Aragon a encontrou, pois, depois de lembrar o discurso que ela havia feito na Basiléia, em 1912, escreveu: “O autor deste livro viu, vinte anos mais tarde, Clara Zetkin quase morrendo. Ainda então em Moscou, esgotada pela doença e pela idade, descarnada e sem fôlego no fim de frases que pareciam vir como flechas do passado que ela representava, mas ainda então conservava seus olhos imensos e magníficos”.

Ainda então ela trabalhava. Esse era o milagre. Quando sai de suas modorras, redige ou dita artigos e apelos. Disse de si mesma em 1919: “O trabalho é para mim o *Lethé* (esquecimento – alusão à dor que sentia em consequência da partida de seu marido). É o que são para outros a aguardante ou o champanhe”.

Durante o verão de 1932, no hotel Metrópole, em Moscou, a enfermeira que cuida dela e que não consegue convencê-la, telefona a Gertrud Alexander, a velha amiga de Clara, para que a convença a interromper seu trabalho. “Não me faça perder o fio das idéias”, diz-lhe Clara, quando chega Gertrud Alexander. Em 1931 ela redige uma biografia de Karl Liebknecht. Em 1932, redige *O legado de Lenin às mulheres de todo o mundo* e *As guerras imperialistas contra os trabalhadores e os trabalhadores contra as guerras imperialistas*.

Clara era então uma espécie de monumento, figura emblemática da revolução que todo militante estrangeiro que passava por Moscou ou Berlim tentava ver. Dispomos de uma série de fotos:

Clara de pé, apoiada em uma bengala, vestida com um longo vestido branco, uma gravata vermelha no pescoço. Crianças e adolescentes, meninos e meninas cercam-na; acaba de ser escolhida “pioneira de honra” de alguma seção dos pioneiros soviéticos;

1927: Vorochilov prega em seu vestido preto uma condecoração. Clara acaba de receber a “Ordem da Bandeira Vermelha”;

1928: Moscou. Henri Barbusse beija uma sorridente Clara;

1930: Berlim. Um Maxim em *knickerbockers*^{*}, com um gran-

* Calças masculinas de origem inglesa, amarradas pouco abaixo do joelho e que se usavam com meias compridas. (N. da T.)

de boné, acompanha, a caminho do *Reichstag*, uma Clara de óculos escuros e que caminha apoiando-se em uma bengala;

1931: Birkenwerder. Clara sentada em uma cadeira de jardim, vestida em um robe, discute com Theodor Neubauer (dirigente comunista alemão).

Os últimos “cartões postais” são os mais comoventes. Num, vê-se Clara, de costas, sentada em uma espreguiçadeira, as pernas cobertas com uma manta, lendo o que parece ser uma carta que ela mantém bem perto dos olhos. O segundo mostra uma Clara com a cabeça apoiada em almofadas, onde mal se distinguem os cabelos brancos, óculos escuros no nariz, lábios cerrados, Wilhelm Florin a seu lado. O último é datado de 1933. Clara, os cabelos presos em um lenço amarrado na nuca, eternos óculos escuros, costas apoiadas em grandes almofadas, manta nos joelhos, debruça-se para frente e dita a uma secretária que datilografa. A seu lado está sentada sua amiga Krupskaja, a viúva de Lenin.

Em outubro de 1932, a União dos Escritores Soviéticos oferecia uma recepção em honra de Henri Barbusse. De repente, abre-se a porta. Clara avança penosamente, apoiando-se em sua bengala. Festejam-na. E, mal retomou o fôlego, pede a palavra e fala, em francês, por certo, da importância da literatura, do papel do escritor na revolução, dos autores franceses progressistas.

Em 8 de março de 1933, Clara tomou a palavra em público pela última vez. Foi em Archangelsk, por ocasião do “Dia Internacional da Mulher”. Acabava de receber a “Ordem de Lenin”.

Clara Zetkin faleceu no dia 20 de junho de 1933. No dia 18, no parque de Archangelsk, começou a ditar um artigo, mas foi obrigada a interromper. No dia seguinte, sentiu-se incapaz de continuar seu ditado. No entanto, queria ainda fazer um apelo aos operários socialistas. Leram-lhe o que dizia a imprensa sobre

os acontecimentos na Alemanha. Ao anoitecer, foi tomada de febre alta. Faltava-lhe o fôlego, mas não era a primeira vez e os que a cercavam não se inquietaram demasiadamente. Falava de Rosa Luxemburgo. Por volta das duas horas da manhã, deixou de respirar.

Na sala das colunas da Casa dos Sindicatos, onde seu caixão foi colocado, 400 mil moscovitas vieram reverenciá-la. Fizeram-lhe um enterro grandioso. Foi Fritz Heckert, cuja ação divisionista no plano sindical ela combatera, quem pronunciou a oração fúnebre. Depois dele Molotov, depois Krupskaia e oradores dos partidos comunistas do mundo inteiro, operários russos também. Parecia não ter fim a celebração de seus méritos. Todas as instâncias da Internacional enviaram condolências. Em uma foto, vê-se Stalin e Molotov carregando nos ombros o caixão de Clara Zetkin. Foi enterrada junto ao muro do Kremlin, onde repousam os mais célebres dirigentes comunistas.

XXV – ELEMENTOS PARA UM RETRATO

AO FINAL DESTA BIOGRAFIA, qual é a imagem desta mulher que se impõe ao leitor?

Uma imagem, ou várias imagens? Não chega a surpreender que aquelas e aqueles que a encontraram, quer a tenham amado ou combatido, tenham esboçado dela um retrato diferente. Mas, diante desses julgamentos contrastantes, qual é o retrato mais verídico ou, pelo menos, mais verossímil?

Quanto a certos aspectos de sua personalidade, o acordo é quase total. Era uma mulher sincera, voluntariosa, apaixonada. Quando julga os dirigentes do KPD, as críticas mais recorrentes são a falta de formação e de caráter.

Formação se adquire. O que supõe, simplesmente, trabalho e vontade. Mostramos de passagem seu ardor no trabalho. Eis o que lhe responde Rosa Luxemburgo de sua prisão em 1917, pois Clara havia se queixado de que tinha a impressão de não fazer nada, de “vegetar”.

“Por causa de tua loucura pelo trabalho, durante dias e noites, ao longo dos anos, desde que te conheço, acumulaste um déficit de repouso e de relaxamento impossível de preencher pelos anos em que apenas ‘vegetas’. (...) Nem em Berlim, nem em Stuttgart, nunca pude separar-te de tuas eternas reuniões, de teus originais e de tuas correções, para viver contigo um pouco humanamente”.

Trabalho de informação e, sobretudo, de convencimento. August Thalheimer escreveu: “Na trindade, como se dizia, Rosa Luxemburgo era a inteligência teórica e criadora. Franz Mehring o grande publicista e inteligência histórica; Clara Zetkin, a força que trabalhava diretamente junto às massas”. A expressão não é muito clara, mas expressa sem dúvida este desejo, esta paixão de convencer que, durante toda a sua vida, habitou Clara Zetkin. Era uma boa jornalista, provavelmente porque era boa pedagoga. E era uma boa oradora, porque era uma mulher de coração.

Falando de sua eloquência, diz Rappoport, que se dirigia, antes de mais nada, aos sentimentos, iluminados entretanto pela doutrina. Era mais apaixonada que racional”. Mas, no ínterim, os cânones da eloquência se modificaram. Pode-se não apreciar essa abundância de adjetivos, esse *pathos* [paixão, em grego], essa sentimentalidade sempre presente. Sua linguagem é cheia de imagens, própria para tocar suas auditoras porque conhece bem, partilha suas preocupações. Ela convence, dirá um jornalista, porque acredita no que diz.

August Thalheimer fala de “seu temperamento de fogo, seu temperamento rebelde, seu coração que sente profundamente os sofrimentos dos infelizes”. E Franz Mehring, por ocasião de seu sexagésimo aniversário, nota “a imbricação nela indissociável de bondade e paixão. Seu ódio aos opressores coincide com seu amor pelos oprimidos”. Quando ela viu pela última vez Maria Reese,

algumas semanas antes de morrer, teria pego sua mão dizendo-lhe: “Promete-me, querida Maria, trabalhar sempre pela causa dos operários alemães”.

Escreveu sempre para um público popular. Em 1928, quando trabalhava num texto sobre o início do movimento feminista proletário, lembrou-se de ter escrito, em 1906, um artigo sobre esse assunto, para uma publicação de grande tiragem, um almanaque, o *Illustrierter Weltkalender* [calendário anual ilustrado] e explicou sua opção: preferira expor para as grandes massas este capítulo desconhecido do movimento de emancipação das mulheres proletárias e da história da socialdemocracia, do que redigir um texto que respondesse a critérios científicos, destinado a um pequeno número de pessoas informadas”.

Helene Stöcker, figura de proa do movimento pacifista alemão, faria sobre Clara, que conhecia de longa data, este julgamento: “Esta coragem, este devotamento a uma causa, este caráter de uma integridade absoluta, esta humanidade calorosa, só podem nos encher de respeito”.

As condições em que conheceu e ganhou a simpatia de Maria Reese (que se chamava então Meier e não era casada) têm mais do que um valor simbólico. Era dezembro de 1920. Clara Zetkin e Maria Meier encontram-se no trem. Entre a jovem e a senhora de cabelos brancos começa uma conversa. Maria, que se situa no espaço socialdemocrata, abre seu coração, expressa a que ponto se questiona sobre os males da Alemanha, expõe seu desejo de agir para o bem de seu povo. Clara, por sua vez, explica o que espera do futuro, fala sobre os erros e os crimes cometidos durante a guerra e a revolução. Entre as duas mulheres, que não se conheciam duas horas antes, estabelece-se uma confiança total, uma espécie de convivência, durante essa longa conversa... sem que Clara possa revelar sua identidade a sua interlocutora. De

fato, havia ido clandestinamente à zona ocupada pelo exército francês para realizar uma reunião. No dia seguinte, a imprensa fala disso, chegando a publicar uma foto da oradora: foi assim que Maria Meier descobriu com quem viajara.

Maria lhe escreve logo. Voltando do congresso de Tours, Clara encontra sua carta e responde, em 5 de janeiro de 1921:

“Agradeço-lhe sinceramente pelos bons sentimentos que expressa. Em minhas relações pessoais, o que considero, em primeiro lugar, não é a filiação política, mas o ser humano. Quando confiou em mim tão plenamente, sem a menor reserva, senti necessidade de apresentar-me. Tinha quase a impressão de cometer uma desonestidade, deixando-a expor sua vida, permitindo-me ter uma visão profunda de suas lutas e aspirações, sem retribuir sua confiança. Mas era impossível: você compreende porque estava obrigada a calar-me”. E, ainda: “Ficarei feliz de poder conversar longamente com você, de mulher para mulher (literalmente, de ser humano para ser humano: *als Mensch zu Mensch*) não como militante política”.

De sua humanidade, de sua ternura, de seu amor pelas crianças já demos, de passagem, alguns exemplos.

Mas, e quanto a suas relações com as outras mulheres? Ela precisava de amizade. E permaneceu quase sempre fiel a seus amigos e a suas amigas: Rosa, Mehring, Minna Cauer, Mathilde Jacob, Gertrud Alexander, a família Geck, Käte Duncker, Maria Reese etc. Em troca, aborreceu-se com Lili Braun e Luise Zietz e, em sua ira, usou a propósito delas palavras injuriosas.

Por que conservou sua amizade com Margarethe Wengels e insultou Luise Zietz (antes de se reconciliar com ela alguns anos mais tarde)? Sem dúvida, porque teve a impressão de ser traída. O que apreciava, acima de tudo, era a retidão do pensamento e

dos sentimentos. Suas relações com Lili Braun ficaram prejudicadas no dia em que constatou que não era possível confiar nela.

Evitemos, no entanto, atribuir a Clara mais qualidades do que possuía. Era sujeita a tiradas, a arroubos – que depois se acalmavam – quando havia divergências políticas, o que se pode perceber pela fórmula empregada nas cartas. Para escrever a Alexandra Kolontai, Clara passa de “querida”, “querida companheira Kolontai” ao banal e distante “muito estimada companheira Kolontai”. Quando conhece Helena Stassova, sua cara e muito íntima amiga, escreve-lhe: “que se sente poderosamente atraída por ela” e, tomando consciência de que sua linguagem pode causar estranheza, faz humor a seu próprio respeito: “Vão rir de uma velha de setenta anos que faz declarações dignas de uma juvenzinha”. Oito anos mais tarde, as duas mulheres divergem sobre um problema relacionado ao Socorro Vermelho. A amizade sem dúvida permanece. No entanto, agora é menos calorosa. “A amiga muito íntima” voltou a ser uma “cara companheira”.

Quando se lêem os julgamentos sobre Clara daquelas (ou daqueles) que não a estimavam, Lili Braun, por exemplo, encontra-se muitas vezes a mesma crítica: Clara seria uma pessoa ríspida, autoritária, dogmática, segura de si. Ora, quanto a isso, tudo indica que houve um surpreendente mal-entendido.

Ninguém pretende negar que Clara tenha sido uma mulher de convicções, que tenha acreditado muito firmemente na solidez, na verdade do método marxista, que tenha defendido enfaticamente seus pontos de vista contra as mais altas autoridades. Ao mesmo tempo, contra todos os dogmáticos, pleiteia sempre o diálogo, a liberdade de discussão, o estudo minucioso das circunstâncias, a compreensão do adversário político que se trata de ganhar e não de aniquilar. E, sobretudo, em cada momento difícil, no momento de fazer uma escolha política que compro-

mete o futuro, ei-la que hesita, que se interroga, que procura ajuda e apoio junto aos amigos. Dois meses antes do fim trágico de Rosa, em plena revolução alemã, Clara se abria com ela: “Sabes como desconfio de meu próprio julgamento. E aqui tenho pessoas gentis, cujas opiniões e concepções podem dar-me idéias, mas ninguém cujo julgamento possa ser determinante para fazer-me compreender a situação atual e orientar-me”.

Em 1918, como em 1928, ela se interroga penosamente. Escreve a Costia, fala com Hubert-Droz, em março de 1929: “Os conflitos íntimos a propósito da velha pergunta de Pôncio Pilatos ‘Onde está a verdade? Que fazer?’, esgotam-me, literalmente”. No fundo, Clara Zetkin, ainda que tivesse uma posição firme, procurou quase sempre um mentor, um guia. Engels, Kautski primeiro, Bebel e Rosa Luxemburgo depois, enfim, Lenin.

Hesitante às vezes, mas sempre sincera consigo mesma. No terceiro congresso da Internacional, em 1921, quando todos os presentes lhe rendem homenagens, por ocasião de sexagésimo quarto aniversário, defende-se: “Sempre me limitei a obedecer à minha natureza e não mereço elogios. Servi à revolução porque uma necessidade interna me obrigava a servir à causa da revolução”.

Recusava a hipocrisia das comemorações oficiais, tinha necessidade de contatos humanos, ficava feliz na tribuna, ficava feliz ao falar, porque atribuía uma enorme importância – talvez excessiva – à palavra e à escrita para levar seus auditores ou seus leitores a agir. Ela conhecia bem esse traço de sua própria personalidade. Quando voltou à Alemanha, em agosto de 1927, escreveu a Wilhelm Pieck: “Nem em Hamburgo, nem em Berlim, deve-se saber de minha chegada. Nada de recepção solene e, principalmente, nada de manifestação: de forma nenhuma, porque não estou fisicamente em condições de suportá-los. Se não, é provável que seja levada a tomar a palavra, o que devo evitar”.

Um último elemento: sua juventude, a juventude de seus sentimentos, que Jean Longuet, em 1920, em Tours, percebeu quando se inclinou “diante de uma das mais puras e das mais nobres figuras do socialismo internacional”, acrescentando que Clara tinha o fogo de uma jovem militante.

Se ser jovem é fazer a militância tanto com vinte quanto com setenta anos, por uma causa que se acredita justa – a emancipação das mulheres (e dos homens) – Clara Zetkin permaneceu jovem até a sua morte.

TÍTULOS PUBLICADOS PELA EDITORA EXPRESSÃO POPULAR

VIDA E OBRA:

Rosa Luxemburgo – vida e obra (*Isabel Maria Loureiro*)

O Pensamento de Che Guevara (*Michael Löwy*)

Paulo Freire – vida e obra (*Grupo de Estudos / UFPR*)

Antonio Gramsci – vida e obra de um comunista revolucionário
(*Mário Maestri e Luigi Candreva*)

Anton Makarenko – vida e obra – a pedagogia na revolução
(*Cecília da Silveria Luedmann*)

Lenin – coração e mente (*Tarso F. Genro e Adelmo Genro Filho*)

CLÁSSICOS

Sobre a prática e sobre a contradição (*Mao Tsé-tung*)

Reforma ou revolução? (*Rosa Luxemburgo*)

Fundamentos da escola do trabalho (*M. M. Pistrak*)

O papel do indivíduo na História (*G. V. Plekhanov*)

Clássicos sobre a revolução brasileira (*C. Prado/F. Fernandes*)

A nova mulher e a moral sexual (*Alexandra Kolontay*)

A hora obscura – testemunhos da repressão política (*J. Fucik, H. Alleg, V. Serge*)

Marx e o socialismo (*César Benjamin – org.*)

REALIDADE BRASILEIRA

Soberania sim, ALCA não! (*Campanha Nacional contra a ALCA*)

História e natureza das Ligas Camponesas (*J. Pedro Stedile - org.*)

A ação política do MST (*Bruno K. Comparato*)

História das idéias socialistas no Brasil (*Leandro Konder*)

ROMANCE – FICÇÃO...

Contos (*Jack London*)

Fontamara (*I. Silone*)

Week-end na Guatemala (*M. Astúrias*)

A mãe (*Máximo Gorki*)

Os mortos permanecem jovens (*Anna Seghers*)

Assim foi temperado o aço (*Nikolai Ostrovski*)

AMÉRICA LATINA

Dissidentes ou mercenários (*Hernando C. Ospina e K. Declerq*)

PERSPECTIVAS

O Século 21 – Erosão, transformação tecnológica e concentração corporativa no século 21 (*Pat Roy Mooney*)

Desafios da luta pelo socialismo (*Plínio Arruda Sampaio – org.*)

Sementes – patrimônio do povo a serviço da humanidade (*Horacio Martins de Carvalho – org.*)

CADERNOS DE EXPRESSÃO POPULAR

As tarefas revolucionárias da juventude (*Lenin, Fidel, Frei Betto*)

As três fontes (*Lenin*)

A História me absolverá (*Fidel Castro*)

Novas publicações e pedidos:
REEMBOLSO POSTAL
vendas@expressaopopular.com.br
www.expressaopopular.com.br/
Telefax: (0—11) 3105-9500

